

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROPAR - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA

LÍVIA FERNANDA RIBEIRO NUNES

DEMETRIO RIBEIRO
EDGAR A. GRAEFF
EDVALDO P. PAIVA
ENILDA RIBEIRO
NELSON SOUZA

OS 5 PROFESSORES COMUNISTAS

Porto Alegre
2016

LÍVIA FERNANDA RIBEIRO NUNES

DEMETRIO RIBEIRO

EDGAR A. GRAEFF

EDVALDO P. PAIVA

ENILDA RIBEIRO

NELSON SOUZA

OS 5 PROFESSORES COMUNISTAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura na área de concentração de Teoria História e Crítica da Arquitetura.

Orientador: Prof. Dr. Fernando de Freitas Fuão

Porto Alegre
2016

DEDICATÓRIA

Para Maria Aparecida, Orlando, Maria do Carmo e João.

ESPELHOS

Os espelhos estão cheios de gente.

Os invisíveis nos vêem.

Os esquecidos nos lembram.

Quando nos vemos, os vemos.

Quando nos vamos, eles se vão?

Este texto foi escrito para que não partam.

Nestas páginas unem-se o passado e o presente.

Renascem os mortos, os anônimos têm nome:

os homens que ergueram os palácios e os templos de seus amos;

as mulheres, ignoradas por aqueles que ignoram o que temem;

o sul e o oriente do mundo, desprezados por aqueles que

desprezam o que ignoram;

os muitos mundos que o mundo contém e esconde;

os pensadores e os que sentem;

os curiosos, condenados por perguntar, e os rebeldes e

os perdedores e os lindos loucos que foram e são o

sal da terra.

Eduardo Galeano

RESUMO

Esta dissertação consiste no estudo de um grupo de 5 professores comunistas gaúchos, composto por Demetrio Ribeiro Neto, Edgar Albuquerque Graeff, Edvaldo Ruy Pereira Paiva, Enilda Ribeiro e Nelson Souza, membros do Partido Comunista Brasileiro (PCB), docentes expurgados da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) pela ditadura civil-militar, em 1964, e reunidos, principalmente, pelo desejo de mudança. Atraídos por semelhanças intelectuais, profissionais e de conduta, e por dessemelhanças que, no outro, encontram seu complemento, estes profissionais uniram-se em prol de um desejo de emancipação, a eles comum, tornando o caráter de grupo indispensável ao alcance dos seus objetivos.

Como intelectuais progressistas ligados organicamente à classe proletária, os 5 se autoatribuíram o compromisso de atuar ao lado do povo, mesmo no âmbito da profissão, contribuindo para a desalienação e para a construção de um projeto ideológico de cidade e sociedade. Por meio de um longo processo de estímulo ao pensamento, a qual se caracterizou por revolucionário, uma vez que pretendia mudanças irreversíveis e qualitativas, incitaram aos colegas de profissão e alunos a conhecerem a realidade social do país e, nela, intervirem de forma crítica.

Orientados pelas resoluções políticas do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e regulamentados por seus Estatutos, os 5 professores comunistas da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul tiveram nas questões políticas propostas pelo Partido, como o anti-imperialismo, o latifúndio e a cultura nacional, tema da reflexão teórica sobre os fenômenos arquitetônicos. Por meio da docência, da militância em entidades de classe, da escrita, e como técnicos da arquitetura e do urbanismo fizeram cumprir a função social a eles conferida pelo PCB.

PALAVRAS-CHAVE: Demetrio Ribeiro, Edgar Graeff, Edvaldo Pereira Paiva, Enilda Ribeiro, Nelson Souza, Faculdade de Arquitetura, UFRGS, Porto Alegre.

ABSTRACT

This dissertation consists of the study of a group of 5 Gaucho communist teachers, composed of Demetrio Ribeiro Neto, Edgar Albuquerque Graeff, Edvaldo Ruy Pereira Paiva, Enilda Ribeiro and Nelson Souza, members of the Brazilian Communist Party (PCB), expurgated teachers of the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS) by the civil-military dictatorship, in 1964, and reunited, mainly, by the desire of change. Attracted by intellectual, professional and behavioral similarities, and by dissimilarities that, in the other, they find their complement, these professionals have united in favor of a desire for emancipation, common to them, making group character indispensable to reach their objectives.

As progressive intellectuals organically linked to the proletarian class, the 5 self-commit the commitment to act alongside the people, even not within the scope of the profession, contributing to the desalienation and construction of an ideological project of City and Society. Through a long process of stimulus to thought, a characteristic that characterized by a revolutionary, since simulating irreversible and qualitative changes, encouraged classmates and students to get to know the social reality of the country and to intervene critically in it.

Guided by political resolutions of the Brazilian Communist Party (PCB) and regulated by its statutes, the five communist professors of the Architecture College of the Federal University of Rio Grande do Sul are concerned with political issues by the Party, such as anti-imperialism, latifundia and the National Culture, theme of the theoretical reflection on the architectural phenomena. Through teaching, militancy in class entities, writing and as technicians of architecture and urbanism did fulfill the social function conferred on them by the PCB.

KEY WORDS: Demetrio Ribeiro, Edgar Graeff, Edvaldo Pereira Paiva, Enilda Ribeiro, Nelson Souza, Architecture College, UFRGS, Porto Alegre.

SUMÁRIO

ÍNDICE ILUSTRAÇÃO, TABELAS E CRONOLOGIAS	VII
LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS	IX
1. INTRODUÇÃO.....	10
2. ESPECTROS, UTOPIA E DISJUNÇÃO DO TEMPO	31
3. O GRUPO DO RIO GRANDE DO SUL	43
4. COMUNISMO, IDEOLOGIA E PROFISSÃO	86
5. A TEMÁTICA COMUNISTA	127
6. A HERANÇA PROGRESSISTA.....	161
DESFECHO	205
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	210
LISTA DE APÊNDICE.....	228
LISTA DE ANEXOS	239

ÍNDICE ILUSTRAÇÃO, TABELAS E CRONOLOGIAS

CRONOLOGIA 1	66
CRONOLOGIA 2	67
CRONOLOGIA 3	72
CRONOLOGIA 4	73
CRONOLOGIA 5	77
CRONOLOGIA 6	78
CRONOLOGIA 7	81
CRONOLOGIA 8	85
CRONOLOGIA 9	164
IMAGEM 1	17
IMAGEM 2	17
IMAGEM 3	59
IMAGEM 4	61
IMAGEM 5	65
IMAGEM 6	65
IMAGEM 7	68
IMAGEM 8	71
IMAGEM 9	71
IMAGEM 10	74
IMAGEM 11	75
IMAGEM 12	79
IMAGEM 13	82
IMAGEM 14	84
IMAGEM 15	93
IMAGEM 16	96
IMAGEM 17	99
IMAGEM 18	101
IMAGEM 19	106
IMAGEM 20	120
IMAGEM 21	141
IMAGEM 22	142

IMAGEM 23	153
IMAGEM 24	157
IMAGEM 25	158
IMAGEM 26	170
IMAGEM 27	172
IMAGEM 28	172
IMAGEM 29	172
IMAGEM 30	174
IMAGEM 31	177
IMAGEM 32	192
IMAGEM 33	192
IMAGEM 34	194
IMAGEM 35	195
IMAGEM 36	200
IMAGEM 37	207
TABELA 1	50
TABELA 2	54
TABELA 3	55
TABELA 4	89
TABELA 5	111
TABELA 6	112
TABELA 7	113
TABELA 8	113
TABELA 9	113
TABELA 10	181
TABELA 11	189

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AI-5: Ato Institucional nº 5;
AIT: Associação Internacional dos Trabalhadores;
ANL: Aliança Nacional Libertadora;
APA: Associação Profissional dos Arquitetos de Porto Alegre;
BNH: Banco Nacional de Habitação;
CAU/BR: Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil;
CEIS: Comissão Especial de Investigação Sumária;
CEUA: Centro dos Estudantes Universitários de Arquitetura;
CGI: Comissão Geral de Investigação;
CGT: Comando Geral dos Trabalhadores;
CIF: Comercial, Industrial e Financeiro;
COMECON: Council for Mutual Economic Assistance, ou Conselho para Assistência Econômica Mútua;
DA: Diretório Acadêmico;
Dafa: Diretório Acadêmico da Faculdade de Arquitetura;
DEE: Diretório Estadual de Estudantes;
DOPS: Departamento de Ordem Política e Social;
DNE: Diretório Nacional dos Estudantes;
EE: Escola de Engenharia;
ENBA: Escola Nacional de Belas Artes;
EUA: Estados Unidos da América;
FA: Faculdade de Arquitetura;
FAU: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo;
FIARI: Federação Internacional da Arte Revolucionária Independente;
FUMPB: Festivais Universitários da Música Popular Brasileira;
GFAU: Grêmio Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (Santos, SP);
IAB: Instituto de Arquitetos do Brasil;
IAB/RS: Instituto de Arquitetos do Brasil/Departamento do Rio Grande do Sul;
IAB/RJ: Instituto de Arquitetos do Brasil/Departamento do Rio de Janeiro;
IBA: Instituto de Belas Artes;
IPM: Inquérito Policial-Militar;
JK: Juscelino Kubitschek;
MEC: Ministério da Educação e Cultura;
OTAN: Organização do Tratado do Atlântico Norte;
PCB: Partido Comunista do Brasil ou Partido Comunista Brasileiro;
PCUS: Partido Comunista da União Soviética;
PND: Plano Nacional de Desenvolvimento;
PT: Partido dos Trabalhadores
PTB: Partido Trabalhista Brasileiro;
PUFA: “Por uma Faculdade de Arquitetura”;
SAERGS: Sindicato dos Arquitetos no Estado do Rio Grande do Sul;
SERFAU: Serviço Federal de Habitação e Urbanismo;
UB: Universidade do Brasil;
UEE: União Estadual dos Estudantes;
UFRGS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul;
UFRJ: Universidade Federal do Rio de Janeiro;
UNE: União Nacional dos Estudantes;
UMG: Universidade de Minas Gerais;
URGS: Universidade do Rio Grande do Sul;
URSS: União das Repúblicas Socialistas Soviéticas;
USAID: United States Agency for International Development;
USP: Universidade de São Paulo.

INTRODUÇÃO

*Há aqueles que lutam um dia; e por isso são muito bons;
Há aqueles que lutam muitos dias; e por isso são muito bons;
Há aqueles que lutam anos; e são melhores ainda;
Porém há aqueles que lutam toda a vida; esses são os imprescindíveis.*
(Os que lutam. Bertolt Brecht.)

Como algo indispensável à concretização da sonhada liberdade (ação nascida entre a consciência da realidade humana e o convicto desejo de mudanças), muitas lutas foram travadas nos anos precedentes e posteriores a 1964, quando um golpe contra a democracia brasileira evidenciou o conflito ideológico, há muitos anos existente, entre simpatizantes das correntes de esquerda e direita. Nesta disputa travada de forma intelectual entre parte da sociedade brasileira, por vezes, as aspirações ideológicas extrapolaram o plano político e tiveram na produção artística tema para as discussões.

O debate sobre arquitetura e política que, para alguns arquitetos e urbanistas, se estabelecia mediante conflito, sendo a esta relação legado o aparente distanciamento, a outros ocupou posição central no pensamento, afirmando-se como aspectos mutualmente integrados. O deslocamento do conceito de Arquitetura ligado à utilidade, à harmonia das formas e à manifestação da beleza sensível para a articulação de formas, ideias, percepções, relações de espaço-tempo, necessidades utilitárias e interesses, redimensionou sua finalidade. Concebida além das dimensões físicas, a Arquitetura ganhou medidas políticas, sendo refletida no entrelaçamento aos conflitos de classe e dando visibilidade aos invisíveis, num rearranjo de intenções, sentidos e relações. A luta pela transformação da sociedade se tornou meta na qual os artistas se converteram em “educadores dos homens”¹ e a obra se materializou na posição ideológica daquele que a elaborava.

O questionamento sobre como se colocar, sobretudo enquanto profissional, a serviço de mudanças estruturais da sociedade efetuou-se no Brasil, segundo a historiadora Aracy Amaral, em três períodos claramente definidos e associados a momentos de efervescência político-social, entre os anos de 1930 e 1970². Esta indagação dos profissionais ligados à arte sobre a

¹ O termo “educadores dos homens” faz referência a explicação de Andréi Zhdanov, no texto O Papel Social da Arte Progressista, sobre a denominação de Stálin aos escritores como “os engenheiros da alma humana”. Segundo Zhdanov, a designação estava relacionada a “enorme responsabilidade dos escritores soviéticos na educação dos homens, da juventude, em sua vigilância para não permitir produtos literários defeituosos”. (ZHDANOV, Andréi. O Papel Social da Arte Progressista. Revista Princípios, edição 8, mai. 1984, p. 46-52. Disponível em: < <https://www.marxists.org/portugues/zhdanov/ano/mes/papel.htm>>)

² AMARAL, Aracy A. (1984) Arte para quê?: a preocupação social na arte brasileira, 1930-1970. [3º ed.]. – São Paulo: Studio Nobel, 2003, p. 275-308.)

função social presente em sua produção, entre os quais arquitetos e urbanistas, em certas ocasiões, estimulou a militância política. O primeiro período, entre o início dos anos 1930 e o final de 1935, efetivou-se sob influência da Revolução Soviética e agitações sociais provenientes do início do governo Vargas; um segundo, delimitado entre meados da Segunda Guerra Mundial até por volta de 1956, foi apresentado por Aracy, tendo como precedente o entusiasmo com a participação no conflito mundial e em meio ao confronto intelectual entre adeptos do Realismo e os de tendência abstracionista. Esta situação tornou a ocorrer num terceiro momento, equivalente à década de 1960, quando o debate ideológico entre adeptos das concepções de esquerda e de direita, promovido de forma indesejável pela Ditadura, fez com que muitos profissionais fossem, mais uma vez, despertados à necessidade de explorar o ofício com o pensamento na coletividade. A autonomia da arte, da ciência, da filosofia, da técnica, da ética, entre outros, presentes nas promessas emancipatórias desenvolvidas na modernidade, eram reivindicadas por esses profissionais, que as utilizavam como estratégia ao repensar sobre a maneira como suas carreiras haviam sido conduzidas e o propósito de suas atuações.

Entre os três momentos citados, no segundo e no terceiro, a preocupação com a sociedade tornou-se mais evidente na atividade arquitetônica e urbanística desenvolvida no Brasil. A perpetuação da Arquitetura moderna³, com suas novas técnicas construtivas e proximidade de latifundiários e burgueses, contrastava com a realidade brasileira, em que inúmeras famílias não possuíam terras ou viviam em barracos nas favelas e mocambos. O despertar do senso crítico de alguns profissionais a esta contradição os encaminhou, a partir de meados da Segunda Guerra Mundial, ao exercício de uma atividade em contribuição ao sistema social do país⁴. Mesmo com a mudança de motivação e finalidade da prática, na década de 1960, os ideais de coletividade permaneceram ativos, e foram utilizados como estratégia de projeto e temática para a reflexão teórica.

Nos anos de 1940 e 1950 (2º período), os sintomas de progresso social estimularam o desenvolvimento de uma atividade arquitetônica e urbana com o reflexo do grande otimismo o qual o país vivenciava. O povo brasileiro se enchia de esperança com as mudanças estruturais

³ Aracy Amaral apresenta o desenvolvimento da arquitetura moderna no Brasil e “sua vinculação com as técnicas mais atuais de construção” como hipótese para o surgimento dos profissionais identificados com a prática revolucionária. (AMARAL, Aracy A. (1984) *Arte para quê?: a preocupação social na arte brasileira, 1930-1970*. [3º ed.]. – São Paulo: Studio Nobel, 2003, p. 278.)

⁴ Segundo João Batista Vilanova Artigas, a preocupação com a “casa popular”, bem como o estudo de todos seus aspectos, se desenvolveu após a Primeira Guerra Mundial com a formação da República Socialista (ARTIGAS, João Batista Vilanova apud AMARAL, Aracy A. (1984) *Arte para quê?: a preocupação social na arte brasileira, 1930-1970*. [3º ed.]. – São Paulo: Studio Nobel, 2003, p. 294.) No entanto, no Brasil, esta preocupação tornou-se mais evidente após a Segunda Guerra Mundial.

proporcionadas por Getúlio Vargas, entre os quais, o encaminhamento de um país rural para um país urbano industrial. Resistentes, lutavam pela conquista da terra, pela soberania do petróleo, em busca da almejada nacionalidade e do acesso à habitação. Estes acontecimentos, ao anunciarem novos tempos, apontavam indícios de que uma nova Arquitetura seria possível de ser feita, levando os profissionais, sobretudo os progressistas, a se prepararem para o momento.

Segundo o arquiteto Sérgio Ferro⁵, toda a Arquitetura moderna atuante e responsável, então desenvolvida, considerava, em sua proposta, o progresso esperado e as necessidades coletivas da sociedade às quais se destinava. As promessas de transformações futuras, que viriam a ser interrompidas pelo Golpe Militar de 1964, colocavam os projetos arquitetônicos à disposição do meio, tendo em vista contribuir para a solução das carências do povo e dos problemas da realidade brasileira. O momento era, sobretudo, de expansão do pensamento progressista, principalmente entre os intelectuais, cujo acesso aos instrumentos de difusão de ideias pautadas na preocupação social, como revistas, jornais, livros e a própria participação em partidos políticos, facilitava a divulgação dos valores humanos, coletivos e populares comuns à época. Por trás deste processo, se encontrava, em parte, o Partido Comunista do Brasil (PCB), que se popularizava e aumentava em seus quadros o número de escritores, jornalistas, professores universitários, entre outros profissionais empenhados em um processo de modificação do pensamento.

Em meados da década de 1960, no entanto, a situação da arquitetura foi alterada. O período era de mudança na conformação das cidades, e, com elas, o modelo de arquiteto e

⁵ Sérgio Ferro, em companhia dos também arquitetos, Flávio Império e Rodrigo Lefèvre, otimistas às transformações futuras e cientes do papel social a ser cumprido, elaboraram novo programa de atuação para a arquitetura moderna brasileira. Com o objetivo de solucionar o problema habitacional, os então jovens arquitetos progressistas aplicaram a nova metodologia de atuação em residências que a eles serviram de ensaio à morada popular. O pensamento na população de baixa renda era, sobretudo, motivação aos arquitetos, cuja crítica política e ética, de inspiração no mestre Artigas, os diferenciava dos demais colegas de profissão. Enquanto os arquitetos Sérgio, Flávio e Rodrigo buscavam inspiração no povo, seus companheiros de ofício, segundo nos narra o arquiteto Pedro Arantes, optavam por projetos mais independentes e com poder de crítica. Com a experiência construtiva, posteriormente nomeada por Sérgio Ferro de Arquitetura Nova, o grupo buscou se livrar da influência estrangeira e burguesa comum à arquitetura da época. Contrariando o gosto, os interesses e a necessidade dos burgueses e latifundiários, classe à qual os projetos se destinavam, as obras foram compostas por elementos comuns a construção popular, como o tijolo, a vigota e o caibro. Sérgio, Flávio e Rodrigo possuíam como um dos seus objetivos se aproximar da realidade brasileira. No ano de 1963, duas importantes casas foram projetadas por Sérgio Ferro: a Casa Boris Fausto, localizada no bairro Butantã-SP e a Casa Bernardo Issler, em Cotia-SP. Ambas consideradas as principais “casas-ensaios” do grupo e nas quais foram testadas, respectivamente, a utilização de componentes industrializados e a abóbada única, cobrindo toda a casa. A visão progressista, a preocupação com o povo, com a cultura brasileira e com a produção da arquitetura, que será objeto de reflexão de Ferro através de crítica ao canteiro e ao desenho, fez do grupo Arquitetura Nova comprovação de que uma nova sociedade seria possível. (ARANTES, Pedro Fiori. *Arquitetura Nova: Sérgio Ferro, Flávio Império e Rodrigo Lefèvre*. – São Paulo: Ed. 34, 2002, p. 51.)

urbanista que se encontrava no país. Até a criação de Brasília, por exemplo, predominava o ofício liberal. Com autonomia, estes profissionais possuíam o mínimo necessário de suporte técnico e administrativo, e sobreviviam no aguardo de demandas vindas de clientes, empresários, entidades públicas e privadas. O profissional se mantinha distante da estrutura de produção do país e, de forma isolada, conduzia seus projetos. A construção de Brasília, em paralelo ao desenvolvimento industrial e do país, bem como a criação de organizações para o desenvolvimento regional, transformou a conjuntura e colocou como necessidade o trabalho em diferentes áreas de atuação⁶. O perfil do arquiteto se expandia e, como resposta à nova complexidade dos projetos, o ofício em equipes interprofissionais passou a ser estimulado. Com os arquitetos dedicando-se às atividades em repartições públicas, a contribuição para o desenvolvimento do país tornava-se parte da ocupação, mesmo que de forma limitada. Travados pela falta de legislações que restringissem a autoria do projeto para arquitetos e urbanistas, enquanto planejadores e responsáveis por uma expressão da cultura nacional, estes profissionais eram impossibilitados de zelar por sua função⁷. A administração da construção, atividade até então exercida por engenheiros, somava-se às modalidades já apresentadas, afirmando ainda mais a necessidade em reformular o entendimento sobre o exercício profissional.

O pós-1964 teve o debate realizado pelos arquitetos autodeclarados progressistas marcado pelas divergências de opiniões em relação ao alcance do programa político efetivado pela Ditadura Militar à Arquitetura brasileira. Enquanto a certos arquitetos, como Sérgio Ferro, a arquitetura pós-Golpe apresentou “propostas para um desenvolvimento suposto provável”⁸, para o arquiteto Vilanova Artigas, seu mestre e amigo, o pós-1964 representou “uma falsa

⁶ A partir da década de 60 as oportunidades profissionais ampliaram-se com a criação do Banco Nacional da Habitação - BNH, em 1964, o Serviço Federal de Habitação e Urbanismo - SERFAU, em 1966, com a criação dos primeiros Planos Nacionais de Desenvolvimento - PNDs, em 1972-1974 e 1974-1979.

⁷ Segundo o Decreto Federal nº 23.569, de 11 dez 1933, Art. 28 e 30, o estudo, o projeto, a direção, a fiscalização e a construção de edifícios, com todas as suas obras complementares, bem como o projeto, a direção e a fiscalização dos serviços de urbanismo, eram competências compartilhadas entre arquitetos, engenheiros e engenheiros-arquitetos, não sendo obrigatória a participação dos profissionais da arquitetura e do urbanismo nestes processos. Disponível em:

<<http://normativos.confea.org.br/ementas/visualiza.asp?idEmenta=3&idTiposEmentas=2&Numero=&AnoIni=1933&AnoFim=1933&PalavraChave=&buscarem=conteudo>> Acesso em: 02/02/2017.

Apenas com a resolução nº 51, de 12 de julho de 2013, “as atividades, atribuições e campos de atuação privativos dos arquitetos e urbanistas e os que são compartilhados entre estes e os profissionais legalmente habilitados em outras profissões” foram regulamentados pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil (CAU/BR). Disponível em:

<<http://www.caubr.gov.br/wp-content/uploads/2012/07/RES51-2013ATRIB-PRIVATIVAS20-RPO-1.pdf>> Acesso em: 02/02/2017.

⁸ FERRO, Sérgio. Arquitetura Nova. Cadernos de estudos/DAFA, Porto Alegre, nº29, maio 1968, p. 3.

crise”⁹ em relação à Arquitetura. De acordo com Ferro, a decomposição estrutural do país, em nome do Imperialismo e da Ditadura, interrompeu as propostas arquitetônicas desenvolvidas nas décadas de 1940 e 1950. Com sua finalidade deformada, os projetos tornaram-se distintos e, até mesmo, opostos ao seu propósito inicial. Seu caráter coletivo, seu ideal de liberdade e justiça foram reformulados e aplicados em residências burguesas e em diversos programas distantes da lógica social e a favor do Novo Regime. No planejamento, segundo nos conta Ferro, o que antes era “pregação de racionalidade no caos brasileiro vira receita que resolve qualquer desarranjo evidente”¹⁰. A contradição em fazer arquitetura para a elite brasileira, mas que refletisse os ideais de coletividade, com racionalidade e economia de materiais, não fazia sentido. A alienação, anteriormente denunciada, tornava-se parte do processo que, cada vez mais, se distanciava dos seus propósitos originais e fixavam-se numa nova linguagem fetichizada.

Para Artigas, no entanto, o Golpe Militar não havia representado uma ruptura com a arquitetura que vinha sendo produzida e muito menos se encontrava em crise. De maneira contrária ao defendido por Ferro, Artigas acreditava que a Arquitetura vivenciava uma nova fase em superação à anterior, funcionalista e moderna, e, assim como a história da humanidade, evoluía a partir das experiências adquiridas. Ao considerar que “a arquitetura reivindica para si uma liberdade sem limites no que tange ao uso formal”¹¹, tinha em mente a neutralidade da ciência e da técnica diante dos valores da sociedade. Esta posição, que tirava da arte, neste caso da Arquitetura, a responsabilidade perante aos acontecimentos políticos e econômicos do país, também era defendida por um setor do Partido Comunista Brasileiro no momento em questão¹². Na opinião de Vilanova, não sendo a arquitetura responsável pelos males causados à sociedade, a crise política na qual o país se encontrava não necessariamente estaria ocasionando crise à Arquitetura.

Independente do impacto dos ideais coletivistas na atividade arquitetônica e urbanística desenvolvida no Brasil após o Golpe Militar de 1964 é certo que a participação de alguns profissionais, em especial os progressistas, desde meados da década de 1940 até fins da década de 1960, efetivou-se mediante preocupação com questões sociais. Nestes dois períodos, o surgimento de profissionais sensíveis à necessidade de se construir uma consciência coletiva

⁹ ARTIGAS, João Batista Vilanova. Uma falsa crise. Acrópole, ano 27, nº 319, jul. 1965, p. 21. Disponível em: <<http://www.acropole.fau.usp.br/edicao/319>>

¹⁰ FERRO, Sérgio. Arquitetura Nova. Cadernos de estudos/DAFA, Porto Alegre, nº29, maio 1968, p. 6-7.

¹¹ Idem.

¹² ARANTES, Pedro Fiori. Arquitetura Nova: Sérgio Ferro, Flávio Império e Rodrigo Lefèvre. – São Paulo: Ed. 34, 2002, p.112.

foi posto como essencial na resolução e no enfrentamento aos problemas brasileiros. Arquitetos que, simultaneamente, questionaram a própria perpetuação de seu ofício em meio às contradições da sociedade. Dessa maneira, cientes quanto à influência de suas ações políticas e profissionais, mesmo que em graus diversificados, um grupo dedicado à arquitetura e ao urbanismo no Rio Grande do Sul, formado por Demetrio Ribeiro, Edgar Graeff, Edvaldo Pereira Paiva, Enilda Ribeiro e Nelson Souza, assumiu importante e engajado papel na reformulação do pensamento arquitetônico (VER IMAGEM 1 e 2).

Nacionalmente destacados pela forma com que, por intermédio da intelectualidade e constante luta, interviam na sociedade, estes profissionais, em sintonia com a dinâmica política, social e econômica do país, tornaram-se conhecidos pelo engajamento profissional num projeto ideológico de cidade e sociedade que pretendia revolucionar a realidade brasileira. A análise dos problemas da arquitetura e do urbanismo, como a falta de habitação e sua internacionalização, tornou-se o caminho pelo qual os 5 exerceram sua crítica à sociedade.

Atuando por meio de entidades ou por meio de instrumentos difusores de ideias, como revistas e jornais, estes intelectuais empenharam-se em revolucionar o pensamento e a sociedade. Engajaram-se na percepção da existência, no questionamento dos fatos estabelecidos, na compreensão da vida, agindo e pensando em prol de um grupo ao qual não pertenciam, mas optaram por servir como mentores. Ao não aceitarem os fatos como eram postos e impostos, e, ao agirem publicamente de forma crítica, tornaram-se reconhecidos pela constante luta, engajamento este que, assim como descrito por Bertolt Brecht na abertura deste texto, fez-se “imprescindível” ao êxito das mudanças.

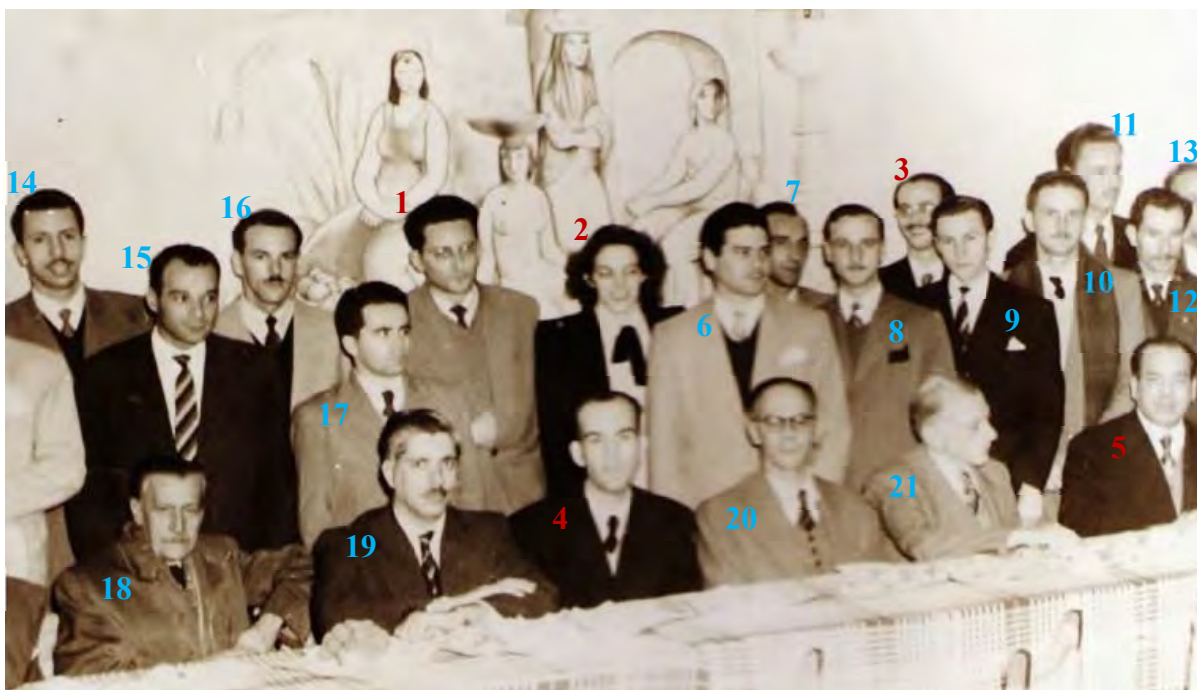


IMAGEM 2

Seminário Grandes Composições com o Arquiteto Maurício Cravotto, julho de 1948. Segundo o Professor Doutor em História da Arte Círio Simon, aparecem na foto: 1-Demetrio Ribeiro (prof. Composições de Arquitetura), 2- Enilda Ribeiro (3ª série Arq.), 3- Edgar Graeff (prof. de Composições de Arquitetura), 4-Edvaldo Pereira Paiva (prof. de Urbanismo), 5- Maurício Cravotto. Também estão presentes na foto: 6- Jaime Luna dos Santos, 7- Alfredo Labutte, 8- Moacyr Zamora, 9- Luis Lampert Gaertner, 10- Fernando Petersen Lunardi, 11- Jair Amaury Koebe, 12- Paulo Valandro, 13- Tasso Olimpico Pufall, 14- Jorge Siro de Vives, 15- Mário José Corrêa, 16- Sérgio Corrêa, 17- Nelly Peixoto Martins, 18- Benito Castañeda, 19- Luis Ubatuba de Farias, 20- Eugênio Steinhoff e 21- Tasso Bolívar Dias Correa (diretor do IBA-RS).

Fonte: SIMON, 2010. Disponível em:

<<http://profciriosimon.blogspot.com.br/2010/08/arte-em-porto-alegre-apos-1945-0802.html>>



IMAGEM 1

1-Nelson Souza e 2-Edgar Graeff.

Fonte: GOLDMAN, 2003, p. 34.

Em junho de 2013, quando milhares de pessoas, acompanhando tendência reproduzida em outros países, foram às ruas contestar o aumento nas tarifas de ônibus, nós, brasileiros, vivenciamos importante momento de renascimento da utopia; instante em que o pensamento e a ideia proveram-se de expectativas e sonhos, tendo o aparente devaneio se pautado no reconhecimento do possível e na perspectiva do realizável. A possibilidade de viver sem a utopia, sem a idealização do que se apresentava como ideal, não encontrava espaço numa sociedade homogênea e segregacionista, em que o meu lugar e o lugar do outro se apresentavam fixos e exclusivos. Nestes espaços delimitados por fronteiras, em que o encontro praticamente não existia, o lugar neutro – a utopia – tornava-se objeto de busca e de *Direito à Cidade*¹³.

O reconhecimento de que o momento então presente estava “fora dos eixos, desalinhado, desajeitado”¹⁴, mas que poderia ser melhor, colocou em questionamento, no ano de 2013, a ideia de passividade comum à vida cotidiana, conduzindo milhares de brasileiros desejosos de um futuro diferente ao movimento. A esperança, enquanto princípio utópico, ativada, entre outros, pela presença de espíritos revolucionários do passado, fomentava o desejo em transformar os problemas existentes, por meio do trabalho e da ação, em um futuro mais humano e justo. O gesto de olhar para o passado e buscar na memória o encontro de sua identidade, tão essencial aos tempos de crise¹⁵, transformava o desgaste e o pessimismo da sociedade em esperança de um novo futuro. A revolta com o sistema capitalista submisso à lógica da mercadoria era denunciada pelo forte murmúrio da multidão, no qual o ato político e de resistência, de forma equivocada, acabou por ser estigmatizado pelo senso comum como prática de rebeldia. Mas não no sentido de inconformidade, de oposição à autoridade estabelecida, de resistência, força e crença num ideal de bem-estar coletivo, como a gênese do movimento foi estabelecida; pelo contrário, no sentido mais negativo e tedioso que a palavra violência possa receber.

As manifestações contrárias ao aumento da passagem que foram levantadas em vários estados brasileiros colocaram em pauta a despreocupação com o valor de uso¹⁶ da cidade por

¹³ O termo Direito à Cidade foi concebido por Henri Lefebvre na obra *Le droit à la ville*, publicado no ano de 1968. (LEFEBVRE, Henri. (1968) *O direito à Cidade*. FRIAS, Rubens Eduardo. [Trad.] – São Paulo: Centauro, 2001.)

¹⁴ Menção ao livro *Espectros de Marx*, escrito por Jacques Derrida. (DERRIDA, Jacques. (1993) *Espectros de Marx: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova internacional*. SKINNER, Anamaria. [Trad.] – Rio de Janeiro: Relume – Dumará, 1994.)

¹⁵ *Idem*.

¹⁶ Como valor de uso consideramos as qualidades que as cidades possuem para satisfazer as reais necessidades dos moradores locais.

parte das autoridades, propiciando um sentimento generalizado de apropriação mais igualitária dos espaços. Sem considerar a realidade como algo acabado e, dessa forma, vendo na existência possibilidades de alcançar as mudanças desejadas, inúmeros cidadãos saíram às ruas contestando a precariedade dos serviços públicos, muitos dos quais essenciais à sobrevivência humana. O zumbido da multidão em protesto, entre outros, por moradia e saúde, trazia subentendida a reivindicação pelo direito à política e à manifestação. O *Direito à Cidade*, descrito por Lefebvre como garantia à apropriação da cidade pelo cidadão, entrava em discussão, mesmo que, em alguns casos, mostrando-se banalizada e confundindo-se a reformas pontuais.

A presença de espectros entre a multidão, sentidos na aceitação das heranças de certos pensadores, entre os quais, de Karl Marx, na inspiradora resistência de Zumbi e Dandara, no ruído dos antepassados ecoados pela memória de inúmeros cidadãos engajados na construção de cidades e sociedades mais justas e humanas, como Demetrio, Graeff, Paiva, Enilda e Nelson, tornavam-se não apenas necessárias, mas “obrigatórias”¹⁷. Obrigação sem qualquer relação com autoritarismo, necessidade moral ou falta de liberdade, mas como compromisso aos que não estão mais presentes, aos invisíveis que à sociedade dedicaram a sua vida; como forma de impulso e referência à transformação do ser humano em sujeito da sua própria existência, garantindo ao cidadão a apropriação da cidade. A própria ambiguidade presente no questionamento à liberdade democrática e à conjuração ao fantasma do Regime Militar, solicitando a sua aparição, prática recorrente no Brasil a partir dos eventos de junho de 2013, nos alerta sobre a importância do despertar político, desde que feito de maneira consciente e sob a herança crítica e questionadora de certos espectros.

Passados 31 anos do fim do Golpe Militar de 1964, o país evidencia mais um período de ameaça à democracia, tendo na política sua estratégia de ataque. Os recorrentes escândalos públicos, denunciados e comprovados após os anos 2000, como o Mensalão (2005), a Máfia dos Fiscais (1998 e 2008), a Máfia dos Sanguessugas ou da Ambulância (2006), o Caso Furnas (2008), a Máfia dos Transportes (2011), o Petrolão (2014) e inúmeros outros casos de corrupção, ativaram, no ano de 2016, a indignação popular que, guiada por partidos políticos de direita e pela elite brasileira, colocaram em dúvida a legitimidade de um governo eleito democraticamente. A manobra política utilizada como estratégia para efetivação de um golpe na sociedade brasileira realizada pelo processo de impeachment da então Presidenta Dilma

¹⁷ Optou-se por referir-se a Demetrio, Enilda e Nelson pelo primeiro nome e a Graeff e Paiva pelo sobrenome, pois desta maneira foram reconhecidos na Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Rousseff e simbolizado pela posse de um governante sem eleições (Michel Temer, então vice-presidente), nos desperta a aparição do espectro da Ditadura. Este, até então conjurado pela sociedade brasileira e com o fim proclamado e decretado pela retomada democrática, em 1985, ressurgiu, comprovando a afirmação derridiana de que o espectro é sempre um retornante. O temor à perda de direitos sociais, seja por meio da repressão truculenta às manifestações seja pela redução das atribuições do Estado para com a população, denunciam a presença desse espectro, que nos visita e tenta retomar o estado de luto da sociedade. Mantendo suas lembranças vivas em parte da população, esse desaparecido [que não podemos afirmar a morte] permanece enquanto ameaça à liberdade de pensamento, de expressão e igualdade humana, podendo reaparecer a qualquer momento, mesmo que disfarçado de democracia. Embora com nítidas diferenças quanto ao mecanismo de implantação (militares e civis, em 1964 – parlamentares, judiciários e mídia, em 2016) e justificativa ao ato (ameaça comunista, em 1964 – crime de responsabilidade/denúncias de corrupção, em 2016), ambos possuem, na violação à soberania popular, fundamento à denúncia de golpe.

A companhia dos fantasmas que, em 2013, contribuiu ao renascimento da Utopia e foi capaz de colocar essa pesquisa em movimento, permanece, em 2016, evidenciando a importância da reflexão sem relações com modelos a serem seguidos, mas como maneiras de se fazerem descobertas. Não se trata de “aplicar, replicar ou reaplicar”¹⁸ teoremas consagrados, como os de Karl Marx, mas de utilizá-los para entender os dias de hoje. Vivemos um momento em que o *Direito à Cidade* retorna ao centro das discussões, tanto pelos partidos de esquerda quanto pelos partidos de direita, seguindo, na maioria dos casos, modelos e conceitos fixos, e ignorando a dialética entre teoria e prática. O *Direito à Cidade*, incluído no processo de difusão das relações de produção e fantasiado de um falso humanismo, esconde a perpetuação da desigualdade e, conseqüentemente, dos conflitos de classe. No direito à cidade, atualmente promovido pelo capital, a participação, vista quase como exigência social, parâmetro à alienação e ao fomento a títulos quanto ao posicionamento político, torna-se ilusória, em certos casos, festiva, como no próprio episódio de junho de 2013, afastando-se completamente da práxis marxista.

A assimilação da cidade como local (meio e cenário) em que as complexas interações ocorrem, relações estas feitas por indivíduos que compõem tal sociedade e que, ao interagirem, modificam o cotidiano, seu modo de viver e, conseqüentemente, a vida urbana, nos fornecem

¹⁸ DERRIDA, Jacques. (1993) Espectros de Marx: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova internacional. SKINNER, Anamaria. [Trad.] – Rio de Janeiro: Relume – Dumará, 1994.

entendimento sobre as limitações do papel do arquiteto enquanto conformador do *habitar*¹⁹. Porém, salientam sua importância como um dos agentes atuantes neste processo.

Tal qual Demetrio, Graeff, Paiva, Enilda e Nelson que, em períodos de efervescência política, colocaram a profissão a serviço da sociedade, percebemos a década de 2010 como mais um momento em que as temáticas relacionadas à profissão são utilizadas como objeto de enfrentamento ao sistema capitalista e em amparo aos interesses populares. A fim de contribuir para a sociedade, torna-se cada vez mais comum a atuação de arquitetos e urbanistas (profissionais e estudantes) em movimentos em defesa dos espaços públicos e do patrimônio construído, como o Ocupa Cais Mauá e o Cais Mauá de Todos, a Serenata Iluminada e o Largo Vivo, em favor de cidades com transportes públicos mais eficientes e trânsito mais humanos, como o Bloco de Luta pelo Transporte Público e a Massa Crítica, todos no município de Porto Alegre. Muitas das questões refletidas e que se tornaram temáticas ao engajamento dos 5 professores comunistas permanecem na sociedade contemporânea como problemas a serem discutidos e enfrentados, como o Banco Nacional de Habitação (BNH), atualmente substituído pelo programa Minha Casa Minha Vida, a Lei de Zoneamento e o Planejamento Participativo. Dessa forma, fica evidente que o atual desalinhamento e desajuste do mundo, mais uma vez na história, torna necessário o repensar profissional, entre os quais de arquitetos e urbanistas, estudiosos capazes de se engajarem e contribuir para a construção de um novo futuro.

É neste sentido que o conhecimento da herança intelectual deixada por Demetrio Ribeiro, Edgar Graeff, Edvaldo Pereira Paiva, Enilda Ribeiro e Nelson Souza, os cinco professores comunistas da Faculdade de Arquitetura/UFRGS, cuja trajetória política impactara significativamente à profissão e à docência, se faz de grande importância neste momento de incertezas políticas e de retorno às utopias. Resgate este que, paralelo ao questionamento sobre a influência das resoluções políticas do Partido Comunista Brasileiro (PCB) sobre a profissão de arquiteto e urbanista, se anuncia como principal objetivo deste trabalho.

O grupo de arquitetos e urbanistas engajados na construção de uma sociedade mais justa, não apenas colocou sua profissão a serviço do habitat e do abrigo necessário à sobrevivência humana, mas a dedicou ao direito a habitar, entendido não apenas como moradia, mas como *Direito à Cidade* no sentido político. Ato este que, ao colocar-se contrário à tendência de homogeneização do capital, foi considerado revolucionário.

¹⁹ O termo “habitar” foi apresentado segundo o conceito de Lefebvre, com significado além do habitat (morar enquanto função, proteção, abrigo). Se relaciona a vida urbana e ao direito à cidade. (LEFEBVRE, Henri. (1968) O direito à Cidade. FRIAS, Rubens Eduardo. [Trad.] – São Paulo: Centauro, 2001.)

Pensar o novo papel do arquiteto e urbanista na sociedade existente, com suas contradições e limitações impostas pelo capital, e tendo por princípio a união entre o passado, o presente e o futuro, aqui representado por espectros e pela Utopia, configura-se de grande urgência frente à constante perda de direitos. Assim como certos pensadores, que se esforçam e se posicionam na direção de um novo humanismo, na direção de uma nova *práxis* e de um novo homem, esta dissertação apresenta como uma de suas finalidades contribuir a formação de um novo arquiteto que, mesmo atuando no sistema capitalista, seja crítico e questionador a profissão, consciente de suas limitações e posição como intelectual neste contraditório sistema.

METODOLOGIA

As pesquisas para esta dissertação se desenvolveram em dois fundamentais momentos, ambos, de certa forma, caracterizados pela aplicação de seus conhecimentos. Enquanto o primeiro teve por interesse a busca por entendimentos mais universais, porém limitados à temática arquitetura e política, e com intuito de avançar na definição do conteúdo a ser estudado, o segundo fixou-se em interesses específicos e com objetivo de encontrar respostas às hipóteses levantadas.

Em um primeiro momento, “ditadura”, “marxismo” e “arquitetura”, sobretudo a relação existente entre as três palavras-chave, tornaram-se temas ao levantamento bibliográfico, proporcionando maior familiaridade com as variáveis temáticas que se pretendia a compreensão. Os livros de Elio Gaspari – A Ditadura Envergonhada, A Ditadura Escancarada, A Ditadura Derrotada e A Ditadura Encurralada – foram essenciais a apreensão do conturbado panorama histórico que se desenrolou no Brasil, nas décadas de 1960 a 1980, e a qual se pretendia, a princípio, periodizar os estudos. A leitura sobre o Golpe de 1964, envolvendo seu início e posterior desmantelamento, encaminhou as pesquisas ao aprendizado sobre a repressão universitária, bem como, os expurgos de professores com afinidades aos ideais de esquerda, tornando a problemática mais explícita.

Os livros Universidade e Repressão: os expurgos na UFRGS, organizado por docentes²⁰ da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e As Universidades e o Regime Militar: cultura política brasileira e modernização autoritária, de Rodrigo P. Sá Motta, em conjunto com a

²⁰ Organizadores: Ligia Averbuck, Maria Assunta Campilongo, Lorena Holzmann, Luiz Alberto Oliveira Ribeiro de Miranda, José Vicente Tavares dos Santos e Aron Taitelbaum.

dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em História da PUC por Jaime Valim Mansan, Os Expurgos na UFRGS: afastamentos sumários de professores no contexto da ditadura civil-militar (1964 e 1969), foram essenciais para o conhecimento de Demetrio Ribeiro, Edgar Graeff, Enilda Ribeiro, Edvaldo Pereira Paiva e Nelson Souza, os 5 professores comunistas a serem estudados, potencializando a construção da hipótese sobre a importante aproximação entre arquitetura e política.

Em paralelo, a teoria marxista, por meio dos livros O Manifesto Comunista, A ideologia Alemã, A origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado, O Capital: crítica da economia política, Para a questão da habitação, entre outros, de Karl Marx e/ou Friedrich Engels, bem como livros, artigos e textos em periódicos de Rosa Luxemburgo, Antonio Gramsci, Lênin, entre outros pensadores marxistas, contribuiu a reconstituição histórica, fornecendo conceitos à compreensão do Golpe de 1964, sobretudo no referente à polarização ideológica entre capitalistas e socialistas. Estes escritos atuaram como importantes instrumentos de questionamento e críticas, salientando a importância da prática sob a luz da teoria.

A fim de tornar completo o estudo inicial, principalmente, buscando não se desconectar da área de pesquisa, o último dos três conceitos-chave, a arquitetura, foi explorado por meio da consulta em acervos. Sabia-se, a priori, que o assunto “arquitetura e política” seria tratado no estado do Rio Grande do Sul. O estudo de um grupo de arquitetos e urbanistas expurgados da UFRGS, em 1964, já se mostrava como um dos possíveis caminhos a se atingir a delimitação do problema, restando ainda a comprovação documental desta relação. Sendo assim, o acervo do Diretório dos Estudantes de Arquitetura da UFRGS (DAFA), localizado na Faculdade na qual os 5 professores atuaram enquanto docentes, mostrava-se como importante encaminhamento à conclusão da etapa exploratória. Em novembro de 2014, iniciaram-se as pesquisas no acervo do DAFA e do Diretório Central de Estudantes da UFRGS (DCE), materiais estes que não se encontravam organizados e catalogados, além das inúmeras tentativas de acesso ao patrimônio documental do Instituto de Arquitetos do Brasil, departamento do Rio Grande do Sul (IAB/RS), não permitidas pela instituição. Segundo o IAB/RS, a desorganização do material, então armazenado em uma das salas do Solar do Conde de Porto Alegre, atual sede, impedia o acesso.

No acervo do DAFA, a pesquisa que inicialmente apresentou como propósito o conhecimento abrangente do cenário arquitetônico e acadêmico de Porto Alegre, à medida que foi sendo explorado, proporcionou a definição do tema a ser estudado e tornou-se parte do corpo documental primário desta dissertação. Sendo assim, concluída a primeira etapa de pesquisa,

entrou-se no segundo momento, caracterizado, sobretudo, pela construção do conhecimento fundamental, buscando respostas aos problemas, neste momento, já levantados.

Foram analisados os materiais do acervo do DAFA referentes aos anos de 1960 a 1978, atualmente separadas em cinco caixas (nº1: 1960, 1966, 1967, 1968 e 1969, nº2: 1971 e 1972, nº3: 1973 e 1974, nº4: 1975 e 1976, nº5: 1977 e nº6: 1978) e escolhidos por contemplarem o núcleo temporal da dissertação. O conjunto de material consiste em cópias de documentos enviados e recebidos pelo Diretório, como, por exemplo, a órgãos da Universidade, a diretoria da Faculdade, ao DCE, entre outros; textos para a discussão entre os discentes e docentes, em sua maioria sobre ensino, situação da arquitetura, encontros e simpósios de estudantes; portarias, decretos, notas e matérias com predomínio de assuntos políticos; reportagens sobre os três Festivais Universitários da Música Popular Brasileira – FUMPB, realizados nos anos de 1968, 1969 e 1983; jornais, revistas e publicações do DAFA, do DCE e de outros diretórios da UFRGS e demais universidades (VER APÊNDICE 1). O conteúdo presente no material abrigado pelo DAFA possuía ênfase, de forma geral, nas questões políticas da sociedade, da arquitetura e do urbanismo, bem como no desejo manifesto pela reforma curricular.

O questionamento sobre o papel social exercido por Demetrio, Graeff, Paiva, Enilda e Nelson, enquanto intelectuais militantes do Partido Comunista Brasileiro e, conseqüentemente, sob a luz do pensamento de esquerda, e a influência dos ideais progressistas difundidos pelos 5 nas entidades nas quais estavam envolvidos, apresentavam-se como problemas à espera de solução.

A revisão literária, realizada por meio do Portal Capes²¹, Portal Scielo²², Sabi UFRGS²³ e revista Acrópole²⁴, referente às fontes secundárias, apontavam lacunas nas poucas publicações sobre o assunto. Contudo, as fontes primárias, origem explicativa do objeto de estudo e meio pelo qual se tornava possível resgatar a memória, isto é, estar na companhia dos “fantasmas”, mostravam-se abundantes em sua quantidade e qualidade, no caso de Demetrio, Graeff e Paiva. O estudo e análise dos artigos e livros publicados pelos 5 professores comunistas traziam não apenas a recuperação e a preservação do conhecimento produzido no passado, o que tornou possível a escrita ser realizada, mas surgia como estratégia para aprender pensar a Arquitetura e o Urbanismo de forma diferenciada. O gesto de se calar diante do papel e permitir que os espectros falassem, sendo estes os próprios interlocutores da mensagem, explicita o desejo de

²¹ < <http://www.periodicos.capes.gov.br/>>

²² < <http://www.scielo.org/php/index.php>>

²³<<http://sabi.ufrgs.br/F?RN=138952358>>

²⁴ < <http://www.acropole.fau.usp.br/>>

comunhão, de estar em sintonia com o modo de pensar, agir e sentir dos espectros, uma vez que estes ainda estão presentes, mesmo que não visíveis.

Dessa forma, foram levantados os textos dos 5 professores comunistas a partir de meados da década de 1940, compreendendo o início do segundo período (demarcado pela historiadora Aracy Amaral) de indagação dos profissionais da arte, entre os quais arquitetos e urbanistas, sobre a função social de sua produção. A pesquisa se estendeu até 2003, ano de falecimento de Demetrio Ribeiro. A opção pela leitura e análise de artigos após a década de 1970 está relacionada ao longo período de redemocratização do país que, ainda na década de 1990, vivia obsidiado pelo fantasma do Regime Militar. Após 1979, com a anistia política, a crítica à produção arquitetônica e urbanística, sob o jugo da democracia, ganhou respaldo técnico e possibilitou aos intelectuais, entre os quais os arquitetos e urbanistas, não apenas o pensamento e questionamento da sociedade, mas a teorização e divulgação de suas reflexões. A possibilidade de debater as inúmeras temáticas, até então proibidas, somado às mudanças relativas ao habitat e à esperança em um futuro diferente, transformavam a revisão da arquitetura produzida como fundamento à atuação no presente e à conquista, no porvir, de uma nova consciência urbana. A opção por entender as análises, no caso de Demetrio Ribeiro, até o ano de 2003, justifica-se pela fase de reavaliação de sua conduta como arquiteto urbanista e militante do PCB.

Enquanto Demetrio e Graeff se revelaram importantes teóricos da arquitetura e do urbanismo, com grande alcance dos seus textos aos profissionais da área, Edvaldo Paiva, mesmo sendo autor de inúmeros contos, ensaios, livros e artigos, possuía parte significativa de sua produção restrita à agentes da urbanística ligados aos órgãos públicos (planos diretores, Expediente Urbano). Entre os textos de Paiva, talvez a série publicada nos Cadernos de Estudos do CEUA (FAU/UFRGS) e na revista Horizonte, intitulados, respectivamente, A urbanística e a realidade brasileira²⁵ e A ciência urbanística e a realidade social brasileira²⁶, sejam os que mais estiveram ao alcance da sociedade brasileira. Durante as décadas de 1940 e 1950, tanto o Cadernos de Estudos do CEUA (1958 – 1969), veículo difusor do debate sobre a Arquitetura e o Urbanismo em Porto Alegre, quanto a revista Horizonte (1949-1956), periódico ligado ao Partido Comunista, publicaram os pensamentos de Pereira Paiva, ampliando o alcance de seus

²⁵ PAIVA, Edvaldo Pereira. A Urbanística e a realidade brasileira. Cadernos de Estudos – CEUA, Porto Alegre, nº2, 1959.

²⁶ Revista Horizonte Ano III – Nº 3 – Nov.-Dez. 1953; Ano IV – Nº 26 – Jan.-Fev. 1954; Ano IV – Nº 27 – Mar.-Abr. 1954; Ano IV – Nº 28 – Maio-Ago. 1954; Ano VI – Nº 30 – Jan.-Fev. 1954; Ano VI – Nº 31 – Nov. 1955.

textos a arquitetos, urbanistas, estudantes, intelectuais, artistas, trabalhadores do campo e operários.

Foram encontrados sete textos de Nelson Souza que, apesar de reduzidos em sua quantidade, forneceram respostas a conteúdos relacionadas ao Partido Comunista e aos problemas da arquitetura. Enilda Ribeiro foi autora de apenas dois ensaios, mas que, em conjunto com sua atuação no Partido Comunista, reveladas por meio da revista Horizonte, permitiram a compreensão e afirmação de importantes questões, como sua adesão ao Realismo Socialista. Mesmo com poucas produções teóricas, a presença de Enilda se faz relevante ao simbolizar a luta das mulheres na conquista de seu lugar na Arquitetura. Sua atuação profissional ao lado de Demetrio, por vezes oculta pela popularidade do arquiteto, deixa invisível sua produção arquitetônica e urbanística, sobretudo as executadas em parceria com Demetrio Ribeiro. Escondida atrás do título de esposa, Enilda tem sua herança intelectual, política e profissional, em especial sua militância em favor da igualdade de gêneros, esquecida.

O livro *Arquitetura UFRGS: 50 anos de histórias*²⁷ se fez essencial por meio do relato de ex-alunos e docentes da FA-UFRGS, contribuindo para a compreensão dos primeiros 50 anos da Faculdade de Arquitetura, dos quais 12, Demetrio, Graeff, Paiva, Enilda e Nelson, aturam como docentes.

Restava compreender os fatores de estímulo ao engajamento político dos 5 professores comunistas; motivos pelos quais, contrariando o comportamento de grande parcela dos profissionais, todos aturam de forma crítica e com esperança num futuro diferente do que o estabelecido no momento então presente. Os livros *Espectros de Marx*, de Jacques Derrida e o *Princípio da Esperança*, de Ernest Bloch, forneciam as bases a este entendimento. Enquanto Derrida alertava sobre a atuação da herança marxista no pensamento crítico e questionador dos 5, Bloch apontava a importância da intervenção prática na vida cotidiana.

As pesquisas avançavam e, com elas, meu desejo em compreender os motivos pelos quais a falta de habitação, produto necessário, segundo Engels, a forma burguesa da sociedade, a fronterização e discriminação urbana, a superação da oposição entre cidade e campo, temas discutidos pelos 5 professores não eram assuntos frequentemente discutidos nas salas de aula, nem mesmo objetos de defesa, enquanto arquitetos e urbanistas preocupados com a sociedade. Ainda na faculdade, a expectativa em utilizar o conhecimento acadêmico em prol da humanidade, sonho, de certa forma, ingênuo de quem esperava encontrar na academia a

²⁷ LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] *Arquitetura UFRGS: 50 anos de histórias*. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

liberdade ao questionamento e a crítica esvaia-se em meio aos “ismos” que acabaram por orientar minhas ações, já formada, ao relativismo, à incerteza e à angústia. Dessa forma, a dissertação de mestrado mostrava-se como importante oportunidade em transformar a inquietude em liberdade, tornando o caminho de descobertas científicas em acesso aos meus íntimos questionamentos. Desvendar o papel social de Demetrio, Graeff, Paiva, Enilda e Nelson, arquitetos e urbanistas unidos, sobretudo, pela tentativa de silenciamento por parte do Regime Militar, num processo que culminou com os expurgos em 1964, motivavam minhas pesquisas, transformando esse longo processo em expressão da minha visão de mundo.

Membros da esquerda comunista e com ideais parecidos quanto à conformação de sociedades e cidades, o grupo de arquitetos e urbanistas possuía na associação, no diálogo, na hospitalidade e no acolhimento ao outro à sustentação de seus ideais. A hospitalidade, a qual fala Jacques Derrida e é refletida na atualidade, no âmbito da Arquitetura, pelo arquiteto Fernando Fuão, apresenta-se [e já se apresentava, mesmo que não denominada desta forma] como conceito capaz de nos permitir compreender a necessidade dos 5 arquitetos e urbanistas a serem estudados conjuntamente. Como um convite, nos convoca ao pensamento, à avaliação e à condução da trajetória profissional a partir do abrigo e da aceitação, sob a ótica do outro e vislumbrando um por(vir) diferente do estabelecido. Este elo, que tem por princípio o “pensar a partir do outro, para que se possa restabelecer uma ética da arquitetura”²⁸, fortalece ao grupo e os incentiva a manter a luta, transformando o agora no caminho, isto é, no movimento a um novo futuro.

O gesto de abrir-se à opinião do outro, traço característico de Demetrio Ribeiro; de aceitar as falhas e de completar-se na companhia, como Edgar Graeff ao estabelecer conceitos científicos para a definição do fenômeno arquitetônico com base nos ensinamentos dos amigos Demetrio, Nelson e Enilda; de acolher ao diferente, simbolizado, por exemplo, no amparo à Paiva, único engenheiro do grupo dos 5 professores comunistas; ou, até mesmo, no ato de reciprocidade para a qual os três docentes recebem os estudantes Enilda Ribeiro e Nelson Souza coexistindo, como nos narra Fernando Fuão, “diversos tempos num mesmo tempo”²⁹; fortalecem as pautas defendidas, ampliando o alcance, a influência e os resultados das ações efetivadas.

²⁸ FUÃO, Fernando Freitas. As formas do acolhimento na arquitetura. In: SOLIS, Dirce Eleonora; FUÃO, Fernando Freitas. [Org.] DORFMAN, Beatriz; KIEFER, Marcelo; PAESE, Celma. Derrida e Arquitetura. – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014, p. 45.

²⁹ FUÃO, Fernando Freitas. As formas do acolhimento na arquitetura. In: SOLIS, Dirce Eleonora; FUÃO, Fernando Freitas. [Org.] DORFMAN, Beatriz; KIEFER, Marcelo; PAESE, Celma. Derrida e Arquitetura. – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014, p. 46.

A proposta de “re-pensar” a Arquitetura e o Urbanismo por intermédio de um grupo formado por 5 profissionais ligados à arquitetura e ao urbanismo salientam a importância desta investigação ser explorada tendo o próprio arquiteto como sujeito da pesquisa e não oculto por seu objeto de criação. A Arquitetura deixa de ser entendida apenas como atividade ou produto de uma atividade e passava a ser refletida como a atividade exercida por um arquiteto e um urbanista ou como produto de uma atividade na qual o arquiteto e urbanista é o gestor dos inúmeros fatores que a determinam (programa, limitações financeiras do contratante, materiais, instrumentos, legislação, terreno, costumes, entre outros). Sendo assim, o foco nesta dissertação é direcionado ao profissional que executa as atividades, priorizando o artista sobre a obra.

Sendo assim, definiu-se que os textos escritos pelos 5 professores comunistas e os documentos presentes no acervo do Diretório Acadêmico dos Estudantes de Arquitetura da UFRGS (DAFA/UFRGS), como as fontes primárias deste estudo; os livros e artigos dos demais autores foram considerados como fontes contextuais, uma vez que serviram de base para o entendimento do corpo principal. O núcleo temporal do trabalho foi fixado do ano de 1950, data estimada para a presença dos 5 professores como membros do PCB, a 1978, quando foi realizada a reforma universitária pelos militares. Para contextualizar a escrita, foram utilizados como “horizontes” temporais o período posterior a 1945, ano de início do segundo período definido por Aracy Amaral como de efervescência político-social, e o ano de 1985, quando a Ditadura civil-militar se encerrou no Brasil.

ESTRUTURA

Para a recuperação da trajetória de Demetrio, Graeff, Paiva, Enilda e Nelson, tendo em vista a militância comunista e a repercussão sobre a profissão e docência, organizou-se a dissertação em seis partes, apresentando, inicialmente, conceitos introdutórios como o de intelectuais engajados, espectros e esperança. Em sequência, foram apresentadas as relações entre comunismo e profissão, tratados por meio da teoria da arquitetura e do urbanismo e da docência.

Na primeira (Espectros, Utopia e Disjunção do Tempo), buscou-se a compreensão dos 5 professores comunistas como intelectuais que, na esperança de um porvir mais humano e justo, se utilizaram do momento presente para atuar criticamente na sociedade. Por meio dos livros Espectros de Marx, de autoria do filósofo Jacques Derrida, e O princípio da Esperança, de Ernst

Bloch, procurou-se construir a base teórica para o desenvolvimento da pesquisa. *Espectralidade* e *Esperança* surgem como elementos representativos da disjunção do tempo (passado, presente e futuro), estratégias para a reavaliação, e transformação do quadro de desarmonia e desalinhamento em que o mundo se encontrava.

A definição do título de Intelectual Engajado, atribuído aos 5 arquitetos e urbanistas nesta dissertação, foi apresentado a partir da fusão dos conceitos difundidos pelos filósofos Antonio Gramsci, Roland Corbisier e Marilena Chauí. A escolha de Gramsci relacionou-se a sua importância como teórico de esquerda no século XX e, sobretudo, por sua dedicação às reflexões sobre o papel da cultura e dos intelectuais como principais agentes na transformação da sociedade. Corbisier, apesar do conservadorismo presente no início de sua vida intelectual, no livro *Os intelectuais e a revolução*, a qual dedicou à memória de Lênin, teve seu pensamento alinhado ao Socialismo. Ao responder ao questionamento sobre o que são os intelectuais, Corbisier encontrou suas respostas na própria necessidade humana de perguntar e saber o que as coisas são. Sua dedicação ao estudo da realidade brasileira, o apoio às reformas de base do presidente João Goulart, a investigação de suas atividades por meio do inquérito policial-militar (IPM), seu papel como intelectual brasileiro no mesmo período que os 5 professores comunistas, entre outros, são traços de sua vida que o aproxima de Demetrio, Graeff, Paiva, Enilda e Nelson, tornando o seu conceito de intelectual importante de ser estudado. A definição apresentada por Marilena Chauí sobre a intelectualidade (filósofa brasileira influente no século XXI) foi escolhida pela contemporaneidade de sua significação, buscando aproximação temporal com a atualidade brasileira.

A segunda parte (O grupo do Rio Grande do Sul) foi dedicada à apresentação do grupo de professores comunistas, composto por Demetrio, Graeff, Paiva, Enilda e Nelson, destacando a importância de serem estudados de forma coletiva. O caráter de grupo é apresentado fortalecido pelo convívio profissional e político-ideológico, por meio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na qual os 5 foram docentes, do Partido Comunista Brasileiro, da militância no Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB), das relações de amizade e, especialmente, do expurgo em 1964. Procurou-se, também, entender a função a eles atribuída pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB) no debate político-intelectual e a atuação no processo de conhecimento da realidade brasileira e de estímulo ao pensamento.

A terceira parte (Comunismo, ideologia e profissão) foi dedicada ao estudo da história do Partido Comunista Brasileiro (PCB), buscando compreender, de maneira sintética, as resoluções políticas do Partido e os principais temas defendidos entre os anos de 1922 (data de

fundação do PCB) e 1985 (fim da Ditadura Militar). Procurou-se demonstrar a existência de um elo indissociável entre comunismo e profissão, favorecido, entre os quais, pelo impacto do Estatuto do PCB na condução da vida pública e privada dos militantes. Esta ligação foi, também, refletida por meio da presença ideológica nos projetos arquitetônicos e urbanísticos que, para Demetrio, Graeff, Paiva e Nelson, se estabelecia de forma inevitável.

Na quarta parte (A temática Comunista), se demonstrou que as temáticas políticas defendidas pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB), como cosmopolitismo, latifúndio e imperialismo, foram utilizadas pelos 5 professores comunistas como estratégia à investigação pela origem e pelo verdadeiro sentido da arquitetura.

Com o objetivo de propiciar a aceitação à herança dos 5, a quinta parte (A herança progressista) foi dedicada ao conhecimento da influência por eles exercida na Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FA-UFRGS). São apontados dois períodos na história política da Faculdade de Arquitetura – UFRGS – na qual a atuação dos 5 professores impactara diretamente nas relações existentes (antes do expurgo de 1964) ou serviram de influência, por meio do legado material e intelectual por eles deixado (após sofrerem expurgo em 1964).

A sexta parte (Desfecho) consiste na reflexão conclusiva das ideias apresentadas nos capítulos a partir da síntese dos principais argumentos utilizados.

1

**ESPECTROS, UTOPIA E
DISJUNÇÃO DO TEMPO**

TUDO MUDA

Tudo muda. De novo começar
podes, com o último alento.
O que acontece, porém, fica acontecido: e
a água que pões no vinho, não podes mais
separar.
O que acontece, fica acontecido: a água
que pões no vinho, não podes
mais separar. Porém,
tudo muda: com o último alento podes
de novo começar.

Bertold Brecht

The time is out of joint: o tempo está fora do eixo! O mundo está fora do eixo! No livro *Espectros de Marx*³⁰, o filósofo Jacques Derrida apodera-se da fala do príncipe Hamlet para questionar o tempo presente, *the time* – o agora, a nossa época e o nosso tempo – que está *out of joint*. De acordo com Derrida, “o mundo está fora dos eixos. Tudo, começando pelo tempo, parece desregulado, injusto ou desajustado. O mundo vai muito mal, desgasta-se à medida que se adianta em anos (...)”³¹. Compreendendo *the time* como o momento em que se está presente, ao nosso alcance e no qual se atua; instante que não partilha o seu próprio tempo e expressa o imediatamente numa sucessão de “agoras”, isto é, uma abertura responsável pela disjunção entre o passado e o futuro; Jacques Derrida desconstrói com a linearidade temporal e constrói a realidade com base no “agora”. Ao assumir a fala de Hamlet e afirmar que o tempo está fora dos eixos (*the time is out of joint*), o filósofo esclarece a momentaneidade do desgaste do mundo, e anuncia a possibilidade de um porvir mais alinhado e justo.

Esta disjunção do tempo, que conecta o momento presente ao passado e ao futuro, que é utilizada como estratégia à superação dos males, do desajuste, da injustiça e do desregulamento do mundo, e que, de maneira consequente, incentiva os cidadãos a agirem em prol de mudanças, foi refletida e significada por Derrida por meio dos espectros. Como pontes de ligação do instante presente com o passado e com o futuro, os espectros, as imagens incorpóreas que estão sempre retornando à sociedade e fazendo aparições, são utilizados pelo filósofo como estratégia de ativação das memórias e do despertar do senso crítico.

Para o filósofo da desconstrução, à medida que os anos passam e as sociedades se desgastam, isto é, “quanto mais o novo irrompe na crise revolucionária”³², mais o tempo presente [*the time*] dedica-se à procura de sua identidade; gesto este que implica no conhecimento do que foi transcorrido – evidente na invocação do antigo e no empréstimo às heranças dos espíritos do passado – e seu futuro. Logo, se a humanidade segue no tempo histórico de forma linear, o que está no presente possui como origem o que o precedeu e o que ainda está por vir possui sua razão de ser em “experiências” do passado, mesmo que o “agora” seja determinado pela construção da existência momentânea. Para Derrida, a identidade do

³⁰ Este livro tem por origem a conferência de abertura do simpósio internacional, realizado em 1993 na Universidade da Califórnia (Riverside), com o título “Whither marxism?”: “Para onde vai o marxismo. Este ocorreu em duas sessões (22 e 23 de abril) e foi proferrido pelo filósofo Jacques Derrida. (DERRIDA, Jacques. (1993) *Espectros de Marx: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova internacional*. SKINNER, Anamaria. [Trad.] – Rio de Janeiro: Relume – Dumará, 1994.)

³¹ DERRIDA, Jacques. (1993) *Espectros de Marx: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova internacional*. SKINNER, Anamaria. [Trad.] – Rio de Janeiro: Relume – Dumará, 1994, p. 108.

³² DERRIDA, Jacques. (1993) *Espectros de Marx: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova internacional*. SKINNER, Anamaria. [Trad.] – Rio de Janeiro: Relume – Dumará, 1994, p. 150.

presente só poderá ser esclarecida ao assumir responsabilidades (teórica, filosófica e política) perante o passado e suas “heranças”, entre os quais, de certos pensadores como Karl Marx, cuja lição, mesmo escrita no século XIX, posta-se de tamanha urgência a compreensão dos dias de hoje. Derrida acredita ser impossível pensar com justiça em qualquer forma de política, revolucionária ou não, em qualquer ética sem responsabilidade e respeito aos que “não estão presentes, que não estão mais ou ainda não estão presentes e vivos”³³. A necessidade de falar dos fantasmas, falar aos fantasmas e com eles é evidenciada nas reflexões do filósofo, que nos garante ser impraticável se livrar dessas heranças, uma vez que estão profundamente presentes na cultura do mundo e atravessando gerações³⁴.

Esta disjunção presenciada em Derrida e que fornece aos cidadãos uma outra percepção sobre o momento presente também foi expressa e descrita por Ernst Bloch no livro *O princípio da Esperança*³⁵. Para o filósofo, o momento presente [*the time* de Hamlet] também é entendido a partir da dialética entre o passado e o futuro; instante do “interrompido-irrompido”³⁶ em que se presencia, ao mesmo tempo, “uma incubação e uma antecipação do que ainda não veio a ser”³⁷. Sendo assim, em sociedades decadentes, em que *the time is out of joint*, as condições e contradições do passado e do presente tornam necessário o surgimento da utopia, entendida como esperança presente nos sonhos diurnos e que conduz os seres humanos a esperarem por uma vida melhor. Espera que, segundo Bloch, não é de rendimento, de temor, de conformismo nem mesmo de passividade, mas de paixão ao êxito.

Segundo Bloch, “enquanto o ser humano se encontrar em maus lençóis, a sua existência tanto privada quanto pública será perpassada por sonhos diurnos, por sonhos de uma vida melhor que a que lhe coube até aquele momento”³⁸. Este futuro, que não é idealista, não possui vínculos com o devaneio nem mesmo com a fantasia do sonho noturno, se baseia no sonho diurno, acordado e com vínculos na realidade. Os sonhos de dia, cuja origem são carências com as quais o sonhador, de forma consciente, almeja se desfazer, para Bloch, não são opressivos, uma vez que o próprio sonhador está no poder, dando partida à viagem e a suspendendo quando

³³ DERRIDA, Jacques. (1993) *Espectros de Marx: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova internacional*. SKINNER, Anamaria. [Trad.] – Rio de Janeiro: Relume – Dumará, 1994, p. 11-12.

³⁴ “Espíritos. É preciso contar com eles. Não se pode não dever, não se pode não poder contar com eles, que são mais de um: o mais de um”. (DERRIDA, Jacques. (1993) *Espectros de Marx: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova internacional*. SKINNER, Anamaria. [Trad.] – Rio de Janeiro: Relume – Dumará, 1994, p. 13.)

³⁵ BLOCH, Ernst. (1959) *O princípio da esperança*. SCHNEIDER, Nélio. [Trad.] - Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

³⁶ BLOCH, Ernst. (1959) *O princípio da esperança*. SCHNEIDER, Nélio. [Trad.] - Rio de Janeiro: Contraponto, 2005, p. 22.

³⁷ Idem.

³⁸ BLOCH, Ernst. (1959) *O princípio da esperança*. SCHNEIDER, Nélio. [Trad.] - Rio de Janeiro: Contraponto, 2005, p. 15.

quiser. O gesto de sonhar acordado, mesmo sendo em parte uma fuga da realidade é, também, o que não nos permite conformar com as precariedades da vida. Estar acordado propicia ao sonho certa lucidez, o que não se vê no sonho noturno. Ele provém da “expansão do si-mesmo e do mundo para a frente, é um querer-viver-melhor, muitas vezes, de fato um querer-saber-melhor”³⁹. A esperança da qual Bloch nos fala é uma categoria política e filosófica encontrada na insatisfação humana e que se perpetua no desejo. É a falta de habitação, a falta de direito a usufruir com plenitude da cidade, entre outros problemas comuns à nossa existência. Sendo assim, para Bloch, a esperança comprometida é o princípio que nos coloca a sonhar de dia e, de forma crítica, a construir uma estrada em direção ao porvir que almejávamos.

O entendimento de que o homem se conecta ao futuro procurando algo que para ele é inexistente, mas que poderá existir caso atue no momento presente, isto é, no *the time*, revela que esta utopia tratada por Bloch muito se diferencia dos utopistas do Renascimento e dos socialistas utópicos. A utopia em Bloch se fundamenta na realidade e em sonhos possíveis de serem alcançados, uma vez que carrega em seus princípios a militância e o engajamento em mudanças concretas. Segundo Bloch, tanto a mentalidade arcaico-mítica quanto a urbano-racionalista são idealistas, o que pressupõe a construção de um futuro com base na ideia e na passividade. O futuro em Bloch, isto é, a esperança que ele propõe, ao contrário, é ágil, ativa e nos coloca em movimento para um novo futuro. Assim, se, para Ernst Bloch, o passado torna-se visível no futuro e o futuro torna-se visível no passado, a ação no presente se faz na totalidade desses dois tempos.

Tanto para Jacques Derrida, na década de 1980, quanto para Ernst Bloch, na década de 1950, o momento presente encontrava-se fora dos eixos, porém, manifestava-se como possibilidade de um porvir socialmente diferente e melhor do que o existente. Para ambos, a transformação do irreal (futuro sonhado) no real (futuro concreto) apenas seria praticável mediante compreensão desta relação temporal e por meio de decisiva atuação e conhecimento do instante presente. Em momentos de crise, quando as contradições da sociedade são mais acirradas e o desejo de mudança torna-se visível na população [assim como no Brasil em junho de 2013 e, atualmente, no ano de 2016], a oportunidade de agir no *the time*, tendo por ferramentas o elo entre o passado e o futuro, atua como esperança na construção de uma sociedade mais humana. Sendo assim, se, para Jacques Derrida, o retorno à herança e o contato com o espírito do passado era imprescindível para a atuação e compreensão do presente, a

³⁹ BLOCH, Ernst. (1959) O princípio da esperança. SCHNEIDER, Nélío. [Trad.]. - Rio de Janeiro: Contraponto, 2005, p. 102.

utopia defendida por Bloch surgia como princípio que também estimulava os seres humanos a agirem no *the time*, porém por meio das aparições do “espírito do futuro”.

Dessa forma, a utopia e a herança do passado irrompem nesta dissertação como princípios que alimentam a esperança dos cidadãos, que estimulam o autoconhecimento e a prática que nos coloca, e colocou Demetrio, Graeff, Paiva, Enilda e Nelson, a lutar no *the time*.

A VISITAÇÃO DE MARX, GRAMSCI E A INTELLECTUALIDADE

Um espectro ronda a Europa – o espectro do comunismo.

Todas as potências da velha Europa unem-se numa Santa

Aliança para conjura-lo (...).

(Karl Marx e Friedrich Engels. 1848.)

Marx e Engels, na abertura do Manifesto Comunista, em 1848, informaram a presença de um espectro, o Espectro do Comunismo; ainda por vir, cuja ameaça à velha Europa colocou em questão uma grande conjuração contra personalidades da Internacional Comunista⁴⁰. Como um discurso dominador, em que a estratégia tem na repetição e ritualização seu sustento, em diversos momentos históricos, os países da Europa pregaram a morte de Marx, de seus discursos e teses com a intenção de não permitir seu retorno e/ou neutralizar seu caráter político. Ao mesmo tempo em que exaltavam o Capitalismo e o Liberalismo Econômico, em nome da liberdade, tentavam afastar qualquer chance de aparição do espectro do Comunismo. Segundo Derrida, a anunciação dos conjuradores recaía na repetição e no refrão. “Ao ritmo cadenciado de um passo, proclama: Marx está morto, o comunismo está morto, de fato morto, com suas esperanças, seu discurso, suas teorias e suas práticas: viva o capitalismo, viva o mercado, sobreviva o liberalismo econômico e político!”⁴¹. Esta conspiração se renovou na história da humanidade em todos os momentos em que as aparições dos espectros de Marx, na visão dos

⁴⁰ Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT): criada em 1864, cujo mentor e principal líder era Karl Marx. Integrando organizações operárias de toda a Europa, a AIT foi extinta em 1876, após intensas repressões e divergências internas. Em 1889 foi criada a II Internacional dos Trabalhadores e, em 1919 foi criada a III Internacional. (ABREU, Alzira Alves de. Dicionário histórico-biográfico da Primeira República. In: CPDOC, São Paulo, 2015. Disponível em:

<<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos3037/RadicalizacaoPolitica/InternacionalComunista>>)

⁴¹DERRIDA, Jacques. (1993) Espectros de Marx: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova internacional. SKINNER, Anamaria. [Trad.] – Rio de Janeiro: Relume – Dumará, 1994, p. 75-76.

conjuradores, colocaram em perigo a “democracia” capitalista, tal como em 1964, em meio à Ditadura civil-militar e, em 1980, com a propagação do Neoliberalismo.

Conforme escreveu Derrida, o “espectro é sempre um retornante”⁴², sendo impossível controlar suas aparições e “suas idas e vindas”⁴³. Com Marx, não seria diferente. Seu espectro ronda a Europa e os outros continentes em pleno século XXI, obsidiando a todos e todas, principalmente em momentos em que a crise desperta em parte da população seu caráter revolucionário. Seu espectro está preso no mundo físico e, mesmo sendo impossível vê-lo, em acontecimento o qual Derrida nomeia por *efeito de viseira*⁴⁴ (não vemos quem nos olha), ele nos observa e incita o retorno ao espírito crítico, então adormecido, e ao questionamento; nos desperta a esperança, quase messiânica, de novos tempos, de novo mundo e de um “novo” porvir. Segundo o filósofo Ernst Bloch, o Marxismo é a concepção que, por meio da aplicação prática de seus princípios, seria capaz de romper com as contradições da sociedade, permitindo a realização plena da utopia. Por intermédio da *práxis*, conceito básico da filosofia marxista e que compreende uma atividade teórico-prática em constante movimento, o homem seria capaz de criar e transformar a si mesmo e a sociedade humana. Sem acomodação, teoria e prática interagiriam numa constante relação de dependência na qual a teoria se modificaria a partir das experiências práticas, que, por sua vez, também se modificaria à medida que as concepções teóricas obtivessem mais conhecimentos da realidade.

Assim como em Bloch, o retorno a Marx por meio de seus espectros também foi promovido por Derrida, que o utilizou como estratégia para aplicar seu discurso desconstrutivista e, ao mesmo tempo, evidenciar o caráter crítico e questionador presente na aparição marxista. Para Derrida, torna-se sempre um erro não ler, reler e discutir inúmeros textos, dentre os quais, os marxistas, pois sem eles não há porvir. O filósofo da desconstrução entendia como falta de responsabilidade compreender o quadro negro⁴⁵, “pintado” pelo Neoliberalismo e no qual o mundo se encontra (desemprego, exclusão maciça dos cidadãos sem teto, guerra econômica, barreiras protecionistas, agravamento da dívida externa, indústria e comércio de armamentos, armamento atômico, guerras interétnicas, máfias e consórcios de

⁴² Derrida, em *Espectros de Marx*, informa que o “espectro é sempre um retornante. Não tem meios de controlar suas idas e vindas porque ele começa por retornar”. (DERRIDA, Jacques. (1993) *Espectros de Marx: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova internacional*. SKINNER, Anamaria. [Trad.] – Rio de Janeiro: Relume – Dumará, 1994, p. 27.)

⁴³ Idem.

⁴⁴ DERRIDA, Jacques. (1993) *Espectros de Marx: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova internacional*. SKINNER, Anamaria. [Trad.] – Rio de Janeiro: Relume – Dumará, 1994, p. 22.

⁴⁵ DERRIDA, Jacques. (1993) *Espectros de Marx: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova internacional*. SKINNER, Anamaria. [Trad.] – Rio de Janeiro: Relume – Dumará, 1994, p. 107-129.

drogas e o limite das instituições do direito internacional)⁴⁶, sem a herança de Marx; sem retornar aos seus textos e ao espírito do marxismo. Conforme atestou Derrida,

cada vez mais será um erro, uma falta de responsabilidade teórica, filosófica, política. (...) Não haverá futuro sem isto. Não sem Marx, não há futuro sem Marx, sem a memória e sem a herança de Marx: em todo caso, de um certo Marx, de seu gênio, de um ao menos de seus espíritos. Pois esta será nossa hipótese, ou antes, nosso parti-pris: há mais de um, deve haver mais de um.
(DERRIDA, 1994, p. 29-30.)

Como anuncia Derrida, muitos são os espectros de Marx; constatação que o faz grafar espectro no plural – “Espectros”. Ao fazer esta anúncio, tem em mente as inúmeras identidades as quais o filósofo-economista-jornalista-político Karl Marx assumiu [e ainda assume] no processo de evolução da humanidade, isto é, do século XIX aos dias de hoje. Se, em certas ocasiões, esteve associado à figura do pensador revolucionário, cuja alma deixou de existir em 1883⁴⁷, em inúmeras outras situações, após sua morte física, a presença de seu espectro e a importância de seus pensamentos o fez assumir a posição de mentor a eventos e pessoas, como a Revolução Russa, o stalinismo, o bolivarianismo e o próprio proletariado. Dessa maneira, seja por meio da “ideia crítica ou postura questionadora”⁴⁸; por uma certa “afirmação emancipadora e messiânica”⁴⁹ presentes em suas teses ou em decorrência das constantes associações à sua imagem, torna-se importante a Derrida e a esta dissertação que a sociedade assuma a herança de Marx, porém a transforme e a interprete criticamente o quanto for necessário, não vindo a associá-lo [Marx] a “falsos” eventos e pessoas. Para Derrida,

a herança não é jamais dada, é sempre uma tarefa. Permanece diante de nós, tão incontestavelmente que, antes mesmo de quere-la ou recusá-la, somos herdeiros, e herdeiros enlutados, como todos os herdeiros. (...) Somos herdeiros, o que não quer dizer que temos o que recebemos isto ou aquilo, que tal herança nos enriquece um dia com isto ou aquilo, mas que o ser disso quer somos é, primeiramente, herança, o queiramos, saibamos ou não.
(DERRIDA, 1994, p. 78-79.)

Do mesmo modo que o espectro do Comunismo rondava a Europa no século XIX, o espectro de Marx faz aparições na contemporaneidade, mesmo que neutralizadas pela

⁴⁶ DERRIDA, Jacques. (1993) Espectros de Marx: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova internacional. SKINNER, Anamaria. [Trad.] – Rio de Janeiro: Relume – Dumará, 1994, p. 112-115.

⁴⁷ Karl Marx nasceu em 1818 e faleceu em 1883.

⁴⁸ DERRIDA, Jacques. (1993) Espectros de Marx: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova internacional. SKINNER, Anamaria. [Trad.] – Rio de Janeiro: Relume – Dumará, 1994, p. 122.

⁴⁹ Idem.

despolitização em profundidade de sua referência⁵⁰. Se, nas universidades, na década de 1980, o retorno a Marx e a sua herança teórica (o marxismo) era “aceito”, seu estudo fixava-se [e ainda se fixa], segundo Derrida, no campo da filosofia de forma a não perpetuar sua importância política e, assim, evidenciando a sua decomposição. Sua forte presença histórica e enraizamento cultural, somada à atualidade de seus pensamentos, retiram a exigência de ser socialista e comunista para compreender a importância da herança de Marx na interpretação do mundo. Ao induzir, por meio de suas teorias, o pensamento crítico e questionador da realidade, traço característico dos intelectuais, torna-se, segundo Derrida, natural a rendição às inúmeras evidências.

Assim como Marx, o espectro de Gramsci também nos visita. “Uma visita atrás da outra, visto que ele volta para nos ver”⁵¹. Sem fronteiras que impeçam suas aparições, sua herança perpetua, tendo como limite apenas a injunção que “escolhe e decide no que herdas”⁵². Entre seu legado, a discussão sobre a intelectualidade resiste, tornando, em certos casos, os próprios intelectuais, semelhante aos espectros, elementos de ligação do instante presente com o passado e o futuro. Considerando a disjunção do tempo, o filósofo marxista informou que os intelectuais estão entre as categorias que, de forma natural, persistem anos e anos na história. Bem como em um luto infinito, em que, por meio da memória, se mantém a sobrevivência do morto, os intelectuais possuem a continuidade de sua existência determinada pelo monopólio de importantes serviços e corporações.

Ao discutir a intelectualidade, Gramsci descreveu em seus estudos⁵³ a existência de dois tipos de intelectuais os quais nomeou de *tradicionais* e *orgânicos*. A estes intelectuais com poder ininterrupto na história, como, por exemplo, os eclesiásticos, os militares e os professores, e que se percebem independentes em relação às classes sociais, Gramsci nomeou por *tradicionais*. Em contrapartida, aos intelectuais que agem em prol da classe à qual pertencem, os nomeou por *orgânicos*. Ao observar que todo grupo social ao pretender o domínio da sociedade tende a conquistar os intelectuais tradicionais para sua classe, ao mesmo tempo em que desenvolve seus intelectuais orgânicos, Gramsci evidenciou a capacidade de influência social dos intelectuais pela tradicionalidade.

⁵⁰ DERRIDA, Jacques. (1993) Espectros de Marx: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova internacional. SKINNER, Anamaria. [Trad.] – Rio de Janeiro: Relume – Dumará, 1994, p. 15-71.

⁵¹ DERRIDA, Jacques. (1993) Espectros de Marx: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova internacional. SKINNER, Anamaria. [Trad.] – Rio de Janeiro: Relume – Dumará, 1994, p. 138.

⁵² DERRIDA, Jacques. (1993) Espectros de Marx: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova internacional. SKINNER, Anamaria. [Trad.] – Rio de Janeiro: Relume – Dumará, 1994, p. 33.

⁵³ GRAMSCI, Antonio. (1948) Os Intelectuais e a Organização da Cultura. [4. Ed.] COUTINHO, Carlos Nelson. [Trad.] – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1982.

O filósofo italiano, ao trabalhar como redator na revista *Ordine Nuovo*, periódico socialista, se dedicou em suas publicações a traçar o perfil de um novo intelectual. Este não teria ligações exclusivas com sua maneira de falar e se expressar com desenvoltura, capaz de induzir os indivíduos alienados a falsas verdades, como de costume da tradicionalidade, mas na maneira de intervir na vida prática. De acordo com Gramsci,

o modo de ser do novo intelectual não pode mais consistir na eloquência, motor exterior e momentâneo dos afetos e das paixões, mas num imiscuir-se ativamente na vida prática, como construtor, organizador, 'persuasor permanente', já que não apenas orador puro — e superior, todavia, ao espírito matemático abstrato; da técnica-trabalho, eleva-se à técnica-ciência e à concepção humanista histórica, sem a qual se permanece 'especialista' e não se chega a 'dirigente' (especialista mais político). (GRAMSCI, 1982, p. 8.)

O conceito de *práxis* foi retomado por Gramsci e tornou-se estratégia filosófica para transformar a consciência dos cidadãos por meio da educação. Por meio da ação somada ao conhecimento teórico, ou seja, a *práxis*, a sociedade alcançaria a elevação cultural. Para isso, Gramsci indicou como necessária a reforma intelectual a partir da formação de um novo homem, cujas ações práticas contribuiriam à formação de um novo modelo de sociedade, conquistada a partir da revolução. Neste sentido, o que Gramsci propunha era a existência de uma consciente concepção de mundo a contrapor as ideias do senso comum e que fosse capaz de orientar os cidadãos quanto a sua importante participação na construção da história. Essa concepção proletária possuía, na união entre os intelectuais e a massa, isto é, entre teoria e prática, a construção de um pensamento crítico e consciente do mundo. Segundo Gramsci,

(...) a organicidade de pensamento e a solidez cultural só poderiam ocorrer se entre os intelectuais e os simples se verificasse a mesma unidade que deve existir entre teoria e prática, isto é, se os intelectuais tivessem sido organicamente os intelectuais daquelas massas, ou seja, se tivessem elaborado e tornado coerentes os princípios e os problemas que aquelas massas colocavam com a sua atividade prática, constituindo assim um bloco cultural e social. (GRAMSCI, 1999, p. 100.)

Seu objetivo era o esclarecimento das massas quanto a sua posição social de explorados e oprimidos pela ideologia burguesa dominante. A superação da “maneira de pensar precedente e do pensamento concreto existente (ou mundo cultural existente)”⁵⁴, segundo Gramsci,

⁵⁴ MARX, Karl. (1844) Crítica da filosofia do direito de Hegel. ENDERLE, Rubens; DEUS, Leonardo de. [Trad.] - São Paulo: Boitempo, 2010, p. 101.

ocorreria a partir da crítica à realidade, conduzindo a massa a uma “concepção de vida superior”⁵⁵. Ao ligarem-se organicamente a classe proletária, os intelectuais contribuiriam para a formação de novos intelectuais orgânicos, em que a atuação em seu próprio grupo levaria os trabalhadores à consciência de sua alienação, vindo a superá-la, num primeiro momento, no plano filosófico-teórico.

Herdeiro dos ensinamentos de Gramsci, o filósofo brasileiro Roland Corbisier, na década de 1980, retomou o tema da intelectualidade em seu livro *Os intelectuais e a revolução*⁵⁶. Neste, os intelectuais foram refletidos em desassociação da figura do indivíduo que pensa, da noção de hierarquia ou nível social, e da capacidade de aplicação e perpetuação de seus pensamentos. Para Corbisier, o intelectual não era somente aquele cujos pensamentos eram utilizados para modificar a natureza de forma direta, utilizando-se de suas teorias, ideologias, doutrinas e opiniões, mas aquele consciente e questionador da realidade, capaz de compreender e modificar a maneira de se produzir a existência. Dessa forma, para Corbisier, assim como em Gramsci, o intelectual seria o indivíduo dedicado a conhecer e explicar o mundo, utilizando desse conhecimento para transformar o meio.

No ano de 2005, a filósofa brasileira Marilena Chauí, em seu escrito “Intelectual engajado: uma figura em extinção?”⁵⁷, também apresentou importante reflexão sobre os intelectuais modernos. Chauí invocou a autonomia racional das artes e do saber como importante aposta do projeto histórico moderno na qual a liberdade vinha a assegurar a não submissão dos intelectuais às “tradicionais” instituições eclesiástica, estatal e acadêmico-universitária. Seguindo o princípio da emancipação, a qual emprestou de Boaventura dos Santos, a arte, o direito, a ciência, a filosofia, a técnica e a ética se desenvolveriam de forma autônoma, estando seu pensamento livre de regulamentações. Este feito conferiria o direito de crítica às instituições, fossem elas religiosas, políticas ou acadêmicas. Chauí acusou a autonomia racional de ter proporcionado, no século XIX, o surgimento do intelectual, cuja ação no espaço público era feita em defesa de causas universais e desrespeitando a ordem vigente. Segundo a filósofa, deste intelectual, no século XX, derivou o intelectual engajado. De acordo com Chauí,

⁵⁵ MARX, Karl. (1844) *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. ENDERLE, Rubens; DEUS, Leonardo de. [Trad.] - São Paulo: Boitempo, 2010, p. 103.

⁵⁶ CORBISIER, Roland. *Os intelectuais e a revolução*. - Rio de Janeiro: Avenir Editora Limitada, 1980.

⁵⁷ CHAUI, Marilena. *Intelectual engajado: uma figura em extinção?* In: Centro de Estudos Sociais Laboratório Associado Universidade de Coimbra. *Boaventura de Souza Santos*. 2008.

Disponível em: < http://www.ces.uc.pt/bss/documentos/intelectual_engajado.pdf > Acesso em: 23 agosto 2015.

essa tomada de posição contra a ordem vigente, contra a classe dominante é exatamente o que a noção de engajamento ou do intelectual como figura que intervém criticamente na esfera pública, é isso, essa tomada de posição que procura exprimir, trazendo consigo não só a transgressão da ordem (como afirma Bourdieu) e a crítica do existente (como pretende a Escola de Frankfurt), mas também a crítica da forma e do conteúdo da própria atividade das artes, ciências, técnicas, filosofia e direito. (CHAUI, 2005.)

Ao se colocar contrário à política da ordem vigente e vislumbrando a construção de uma outra sociedade, o intelectual engajado, na visão de Marilena, ao contrário dos demais, agiria à esquerda da falsa consciência. O descumprimento da autonomia racional na modernidade, por parte do Capitalismo, no entanto, ressignificou o pensamento, fazendo da censura sinônimo de “senso” e, da liberdade à crítica, a expressão do contrassenso. O modelo de intelectual no qual a modernidade perpetua, sem vínculos com a crítica comprometida e com influência proveniente de sua tradicionalidade, o tornou impossibilitado de assimilar a disjunção do tempo. A não compreensão do momento presente [*the time*] como possibilidade de atuação fez-se necessário, assim como o proposto por Gramsci, o surgimento de um novo intelectual.

Procurando desvencilhar-se da definição de pensador com poder ininterrupto na história, caracterizado pela habilidade de expressão e indução da sociedade a conceitos preestabelecidos, para o desenvolvimento da pesquisa, o significado de intelectual com engajamento surge a partir da fusão do intelectual *orgânico* de Gramsci, do intelectual de Roland Corbisier e do intelectual engajado de Marilena Chauí. Este título fará referência a todo indivíduo que, obsidiado por espectros e com esperança de uma vida melhor, não aceita a realidade como é posta e imposta, e, de maneira crítica, intervém no *the time*; aquele que não apenas vê e toma consciência, mas que interioriza o pensamento e a ele questiona (questiona os fatos estabelecidos e as ações delas derivadas). Um intelectual que pensa e age em prol do grupo ao qual pertence ou deseja pertencer; que assume sua posição contrária à ordem vigente e à classe dominante. Aquele que, mesmo sabendo da censura a sua crítica, a faz consciente da importância de não se calar.

Para o entendimento de Demetrio, Graeff, Paiva, Enilda e Nelson como intelectuais ligados organicamente à classe proletária torna-se necessário o conhecimento, a priori, da função a eles atribuída pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB) no debate político-intelectual brasileiro. Por esta razão, o próximo capítulo irá se dedicar à apresentação do grupo por meio de breves biografias das cinco personagens deste manuscrito.

2

O GRUPO DO
RIO GRANDE DO SUL

UM HOMEM É UM HOMEM

Assim se faz o homem:
dizendo sim e dizendo não,
batendo e apanhando,
unindo-se a uns aqui, a outros acolá.
Assim se faz o homem: transformando-se:
assim e forma em nós a sua imagem,
igual à nossa, no entanto diversa.

Bertolt Brecht

Em 1954, em pronunciamento público no IV Congresso de Arquitetos Brasileiros realizado em São Paulo, os arquitetos e urbanistas Demetrio Ribeiro, Nelson Souza e Enilda Ribeiro, em texto intitulado Situação da Arquitetura brasileira⁵⁸, discorreram sobre a necessária revisão autocrítica da Arquitetura moderna no país. Ao criticarem a falta de democratização e o isolamento da arquitetura, inacessível ao povo, os arquitetos gaúchos apontaram “os conhecimentos teóricos dos arquitetos sobre os problemas sócias, históricos e estéticos”⁵⁹ como elementos que desempenhariam “papel decisivo na evolução da arquitetura”⁶⁰. De forma similar, anos depois, no texto Arquitetura – fenômeno social⁶¹, o arquiteto Edgar A. Graeff fez críticas ao formalismo cosmopolita presente na Arquitetura moderna e revelou sua busca em “encontrar meios para realizar a obra de Arquitetura não como simples ‘espelhos da sociedade’, mas também como instrumento de ação progressista sobre a sociedade”⁶². O engenheiro e urbanista Edvaldo Pereira Paiva, seguindo tendência dos colegas progressistas, afirmou no texto A urbanística e a realidade brasileira⁶³ sobre a necessidade dos especialistas da urbanística auxiliarem o povo, em âmbito da profissão, na “sua luta por um porvir melhor”⁶⁴. Em comum, além do compromisso em colocar a profissão ao serviço de mudanças estruturais da sociedade e da esperança na democratização da arquitetura e do urbanismo, Demetrio Ribeiro, Edgar Graeff, Edvaldo Pereira Paiva, Enilda Ribeiro e Nelson Souza, personagens e protagonistas dessa dissertação, deixaram evidente em seus posicionamentos a influência do pensamento de esquerda.

A percepção de que as ideias, os princípios e o comportamento pessoal não compactuavam com os valores do grupo (burguesia) ao qual pertenciam, não existindo mais sentido nem mesmo encaixe na estrutura existente, os conduziu, cada um em momento específico⁶⁵, a indagação de sua própria conduta. Os valores pessoais adquiridos ao longo da

⁵⁸ XAVIER, Alberto. [Org.] Arquitetura moderna brasileira: depoimento de uma geração. – São Paulo: Pini. Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura. Fundação Vilanova Artigas, 1987.

⁵⁹ XAVIER, Alberto. [Org.] Arquitetura moderna brasileira: depoimento de uma geração. – São Paulo: Pini. Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura. Fundação Vilanova Artigas, 1987, p. 154.

⁶⁰ Idem.

⁶¹ GRAEFF, Edgar Albuquerque. Arquitetura e o Homem. – Belo Horizonte: EAU UMG, 1959.

⁶² GRAEFF, Edgar Albuquerque. Arquitetura e o Homem. – Belo Horizonte: EAU UMG, 1959, p. 33.

⁶³ PAIVA, Edvaldo Pereira. A Urbanística e a realidade brasileira. Cadernos de Estudos – CEUA, Porto Alegre, n^o2, 1959.

⁶⁴ PAIVA, Edvaldo Pereira. A Urbanística e a realidade brasileira. Cadernos de Estudos – CEUA, Porto Alegre, n^o2, 1959, p. 1.

⁶⁵ Fim dos anos de 1930, no caso de Paiva, desenrolar da década de 1940 para Demetrio e Graeff e de 1950, para Enilda e Nelson.

vida⁶⁶ e a consciência crítica em relação à sociedade transformaram a maneira como os 5 se identificavam no contexto social.

Demetrio Ribeiro, em suas reflexões sobre a infância, narrou como a vida no latifúndio fez brotar a semente de sua consciência social. Para o arquiteto, a vida em Alegrete⁶⁷ (dos dois meses aos sete anos de idade) foi responsável pela formação do seu ser. De acordo com Demetrio, “quando ainda não se diferencia o ver do que é visto, o ouvir do que é ouvido e o que está em torno de nós mesmo, a pátria é para a alma o que o ventre materno foi para o corpo. E os laços então tecidos nunca mais desaparecem”⁶⁸. Ao perdurarem as referências da infância, a “brutalidade do social do meio latifundiário”⁶⁹ deixou em sua mente “a semente da consciência social, ou pelo menos daquilo que, para José Martí⁷⁰, era ao orgulho viril de quem recebe como ofensa pessoal a humilhação dos fracos”⁷¹.

Foi na inspiração pelo combate ao nazifascismo, pela disputa ideológica entre Estados Unidos da América (EUA) e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS)⁷², que os

⁶⁶ Valores adquiridos a partir dos ambientes e relações sociais travadas no desenrolar da vida, seja no interior do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, no Rio de Janeiro ou até mesmo no exterior, como no caso de Demetrio que viveu na França e Uruguai e Paiva que morou no Uruguai.

⁶⁷ Município localizado no oeste do estado do Rio Grande do Sul, 506 quilômetros de distância da capital Porto Alegre.

⁶⁸ RIBEIRO, Demetrio. (1999) A doutrina de Augusto Comte e a sociedade atual. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. – Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005. p. 120.

⁶⁹ Idem.

⁷⁰ José Julián Martí Pérez, também conhecido como “El apóstol” foi um político, intelectual, jornalista, filósofo, poeta e maçom cubano, criador do Partido Revolucionário Cubano (PRC).

⁷¹ Idem.

⁷² Com o fim da II Guerra Mundial, a polarização do mundo, já evidente com a eclosão do primeiro conflito, tornava-se ainda mais declarada. As Nações, divididas segundo a lógica das riquezas, encontraram na diferenciação ideológica mais uma justificativa à fragmentação. A divisão do mundo em dois grandes blocos econômicos rivais, os capitalistas e socialistas, contribuíram a perpetuação do conflito por mais alguns anos, o diferenciando por sair do campo bélico e se acomodar no campo teórico. Esta disputa ideológica entre duas doutrinas, conhecida por Guerra Fria, apesar de justificar-se no campo abstrato, encontrava na concretude econômica sua verdadeira raiz. Sem declarações formais para o início, mas abertamente em disputa, Estados Unidos da América (capitalista) e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (socialista) disputaram o controle do mundo através de guerras periféricas e do desenvolvimento cultural e tecnológico. A política de expansão empregada por meio do Stalinismo na URSS e da doutrina Truman nos EUA possuía sua força medida por intermédio da propaganda, seja através da corrida espacial e armamentista, dos esportes, do cinema, das artes e da superação do país rival, demonstrando o poder da ideologia em questão. Pactos, como o de Varsóvia, feito pela URSS com leste europeu, e a OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte), entre os EUA e países capitalistas do ocidente, fizeram do medo à III guerra mundial motivo para pactuar ajuda mútua em caso de ataque. A divisão da Alemanha em ocidental capitalista e oriental socialista, levando a construção, no ano de 1961, de muro dividindo a cidade de Berlim, tornou-se símbolo desse conflito que não perdoava a presença de opositores políticos dentro de seu país, sendo estes perseguidos, torturados e mortos. Se aos EUA e à URSS a ideia de um conflito direto e armado e a nível nuclear os conduziu a não agressão, as interferências em outras nações, seja através de guerras como a das Coreias, do Vietnã, de independência na África, revoluções como a cubana e chinesa e até mesmo as ditaduras militares da América Latina, serviram para que a disputa ocorresse. Tanto o Plano Marshall, quanto o COMECON (Council for Mutual Economic Assistance, ou Conselho para Assistência Econômica Mútua), foram estratégias utilizadas para a intervenção em diversas Nações. Através de ajuda econômica, os países do leste europeu em conjunto com a URSS, lutavam contra as ideias capitalistas, cada vez mais difundidas. Assim como os americanos, através de

membros deste grupo encontraram no Comunismo a sua identidade social. O Partido Político se estabelecia como uma instituição – um organismo coletivo – capaz de conscientizar a massa e solidificar a vontade do povo, tornando irremediável o ingresso nesta entidade. Como contestadores da ordem vigente e colaboradores da transformação social, renunciaram a neutralidade dos fatos, tornando-se sujeitos da própria história.

Independente das particularidades na forma de militância, todos estiveram nitidamente empenhados na formação de uma nova concepção de mundo crítica ao senso comum. Ao perceberem as inúmeras contradições do sistema capitalista, Demetrio, Graeff, Paiva, Enilda e Nelson optaram pela ligação, de forma orgânica, a um grupo do qual economicamente não pertenciam (a classe proletária). Ao contrário de muitos arquitetos e urbanistas que não apresentavam consciência de sua participação política por meio do desempenho profissional, mas que, de forma intuitiva, acabavam por realizá-la com base na realidade social, este grupo de profissionais engajados possuía o desejo de militância em seus atos (VER TABELA 1).

Os 5 professores comunistas atuaram no segundo e terceiro período⁷³ de efervescência político-social no Brasil, questionando-se sobre a função social presente na produção arquitetônica e urbanística, então desenvolvida. Para eles, a indagação foi acompanhada pela militância política, tendo nas resoluções do partido ao qual pertenciam a orientação às reflexões e divulgação dos valores humanos, coletivos e populares comuns à época.

Ao entrarem para o Partido Comunista Brasileiro (PCB), assumiram a função de intelectuais, recebendo a responsabilidade de não acolherem a realidade, de questionarem os fatos estabelecidos e intervirem de forma crítica na sociedade. Os intelectuais, neste caso, surgiam como importantes contribuintes na “defesa da cultura nacional e de seu desenvolvimento, a preservação e ampliação das liberdades democráticas, a salvaguarda dos interesses éticos e profissionais”⁷⁴. A participação no debate político intelectual promovido pelo PCB os conduziu ao engajamento a um projeto ideológico de cidade e sociedade, cuja atuação se fez cumprir, principalmente, pela transmissão de conhecimento por intermédio da docência. Dedicaram-se à desalienação de colegas de profissão e estudantes de Arquitetura e Urbanismo

empréstimo a juros baixos, treinamento militar e outros, fizeram de muitos países fieis ao capitalismo, proibindo assim, que as ideias soviéticas se difundissem. Foi em meio a essa disputa ideológica, que na década de 1960, o Brasil sofreu grande golpe a sua democracia.

⁷³ Segundo período: meados da 2ª Guerra Mundial até por volta de 1956; terceiro período: década de 1960.

⁷⁴ PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL. Resolução Política do V Congresso PCB. 1960. In: Marxists, Internet Archive. Documentos. 2013. Disponível em:
< http://pcb.org.br/fdr/index.php?option=com_content&view=article&id=149:resolucao-politica-do-v-congresso-do-pcb&catid=1:historia-do-pcb >

por meio de um processo de mudança do pensamento o qual se convencionou chamar de revolucionário.

Este longo percurso, nesta dissertação nomeado por processo revolucionário do pensamento, equivaleria, na concepção marxista, a segunda das três etapas ao alcance do Socialismo, em que o princípio é a alienação total do cidadão tanto no plano da consciência quanto de sua realidade. Neste segundo momento, em que o trabalhador, a partir da reflexão, toma consciência de sua alienação, vindo a superá-la no plano filosófico-teórico (consciência) e seguidamente no plano da existência, a atuação dos intelectuais engajados, como no caso de Demetrio, Graeff, Paiva, Enilda e Nelson, tornava-se essencial. Apenas no terceiro momento, quando superada a alienação em sua plenitude teórica e prática, por meio da luta, isto é, da prática revolucionária, aos trabalhadores seria permitida a liberdade enquanto membro de uma classe oprimida e aos 5 a efetiva renúncia a supremacia profissional, encaminhando à constituição de uma cidade e sociedade menos contraditória.

Em meio a inúmeras indagações quanto à qualidade profissional de sua classe, bem como, à formação dos estudantes e à arquitetura produzida, alienada das transformações sociais, o engajamento surgiu como importante mecanismo à promoção do debate ideológico e profissional, mesmo sob alvo dos militares na década de 1960. Fortalecidos pelos ensinamentos da teoria marxista-leninista, por vezes stalinista⁷⁵ e acreditando na construção de uma sociedade mais humana e democrática, dedicaram-se à idealização de cidades mais habitáveis, justas e com acesso igualitário aos bens e serviços. Como imperativo aos cidadãos, arquitetos e urbanistas, o binômio entre conhecimento da realidade e participação juntos as massas surgia como estratégia ao entendimento dos problemas existentes e de seu encaminhamento a mudanças irreversíveis.

⁷⁵ Dos 5 professores comunistas, Demetrio Ribeiro, Nelson Souza e Edgar Graeff foram os únicos comprovadamente stalinistas. Nelson Souza publicou na revista Horizonte, nº1 de julho de 1953, críticas sobre o segundo volume das obras de Stálin, a qual considerou “um acontecimento de extraordinária significação na nossa vida cultural e política” (SOUZA, Nelson. O segundo volume das Obras de Stálin. Horizonte, Ano III, nº 1 – jul. 1953, p. 323.) No debate Sobre Arquitetura brasileira, realizado na mesma revista, Nelson também se posicionou favorável ao Realismo Socialista (SOUZA, Nelson. Sobre arquitetura. Horizonte, Ano I, nº7, jul. 1951, p. 207-208. e SOUZA, Nelson. Sobre arquitetura moderna. Horizonte, Ano II, nº 9, p. 245, out.-nov 1952.) Edgar Graeff e Demetrio Ribeiro, na revista Horizonte, nº4 de 1950, assinaram a “Mensagem dos intelectuais gaúchos à Stálin”, em apoio ao líder soviético. (Mensagem dos intelectuais gaúchos a Stálin. Horizonte, Porto Alegre, nº1, nº4, dez. 1950, p. 19.) A partir de 1956, quando foi realizado o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, o PCB reconheceu os erros cometidos por Stálin, posição também assumida por Demetrio.

TABELA - MILITÂNCIA POLÍTICA						
NOME	DEMETRIO RIBEIRO					
ENTIDADE	Partido Comunista Brasileiro (PCB)	Revista Horizonte e Tribuna Gaúcha	Candidato Deputado Estadual	Conselho Universitário	Conselho Plano Diretor de Porto Alegre	Associação de Docentes da UFRGS
DATA	Provável filiação em 1943 1945-1947 (dirigente)	1946-1947 (Tribuna Gaúcha) 1950-1954 (Horizonte)	1947	1952-1954 1962-1964 (representante FAU)	1957-1958	1963 (vice-presidente)
	Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB-RS)	Congresso Brasileiro de Arquitetos	Conselho Superior (IAB)	Associação Paraguaia de Arquitetos	Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB)	
	1968-1969 (presidente)	1969 (presidente)	1976-1977 (membro vitalício)	1977	1977-1979 (presidente)	
NOME	EDGAR ALBUQUERQUE GRAEFF					
ENTIDADE	Partido Comunista Brasileiro (PCB)	Conselho Universitário	Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB/RS)	Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB)	Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB)	
DATA	Provável filiação em 1945	1961-1962	1948 (1º secretário comissão diretora)	1968-1969 (conselho superior)	1972-1976 (prim. secretário) 1977-1979 (vice-presidente)	
NOME	EDVALDO PEREIRA PAIVA					
ENTIDADE	Partido Comunista Brasileiro (PCB)	Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB-RS)	Comissão Revisora do Plano Diretor	Comissão de Reforma Agrária		
DATA	Provável filiação na década de 30	1948	1948 (presidência)	1963		
NOME	ENILDA RIBEIRO					
ENTIDADE	Partido Comunista Brasileiro (PCB)	Comissão Transporte Coletivo	Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB/RS)	Sociedade de Engenharia do RS		
DATA	Provável filiação em 1951	1963	1980-1981 (presidente)	----		
NOME	NELSON SOUZA					
ENTIDADE	Partido Comunista Brasileiro (PCB)	Revista Horizonte	Partido dos Trabalhadores (PT)			
DATA	Provável filiação em 1951	1952 - 1956	1981			

TABELA 1
Militância Política.
Fonte: elaborado pela autora.

A fim de cumprir suas tarefas perante a sociedade, os 5 se utilizaram da escrita, da docência – tendo na Faculdade de Arquitetura da UFRGS o ponto de encontro e fortalecimento dos laços entre eles travados –, da atuação no Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB), e da reforma curricular e universitária. Objeto de constante crítica e debate entre eles, a precarização do ensino apresentava-se como um dos pilares a sustentar, em suas opiniões, a baixa qualidade arquitetônica. Com o ensino pautado em uma arquitetura elitista, um urbanismo a serviço do capital e total descompromisso com a falta de habitação, a reforma curricular nas faculdades de Arquitetura se apresentava como possível solução às mudanças no pensamento e à atuação do arquiteto.

Segundo Nelson Souza, num sistema capitalista, capaz de transformar todos os produtos em mercadoria, tanto o lote quanto a edificação não escapavam à regra. A cidade tornava-se local de concentração de força de trabalho, em que as produções eram feitas, e as mercadorias eram consumidas e trocadas. Lugar no qual um importante artefato, o edifício, era produzido e consumido. De acordo com Nelson,

*a transformação em mercadoria de todos os produtos num sistema baseado na apropriação capitalista dos meios de produção, conduz como 'força natural' e espontânea a estruturação das cidades e sua expansão, à base dos elementos passíveis de serem transformados em mercadoria: o loteamento da terra e a edificação isolada*⁷⁶. (SOUZA, 1979, p. 27-28.)

Sob influência das Reformas de Base preconizadas pelo governo de João Goulart e formuladas por equipe liderada pelo economista Celso Furtado, nos primeiros anos da década de 1960, Demétrio, Graeff, Paiva e outros colegas pretendiam ressignificar o conceito de arquitetura e, por meio do ensino, utilizá-lo como ferramenta para a justiça social. A crise que já se alastrava no governo de Jango⁷⁷, com o Golpe Militar, se agravou ainda mais e, por meio da censura, potencializou os danos à estrutura do pensamento, bem como, à sociedade. Aos intelectuais com inspiração marxista, a luta travada entorno da autonomia universitária era vista como tentativa de desvinculação do sistema vigente, validando o plano de Furtado em revolucionar a estrutura universitária existente.

Era necessário agir! Como um processo que, de maneira ininterrupta, intenciona mudanças qualitativas, quantitativas, irreversíveis e estruturais, os 5 professores comunistas ambicionavam revolucionar o modo de produção existente, mas, antes disso, o pensamento dos

⁷⁶ SOUZA, Nelson. A questão da democracia e a arquitetura moderna no Brasil. - Porto Alegre: Instituto de Arquitetos do Brasil/RS, 1979, p. 27-28.

⁷⁷ Jango: apelido de João Goulart, Presidente do Brasil de 1961 a abril de 1964.

arquitetos e estudantes. Esperançavam edifícios e cidades em que o valor de uso superasse o de troca; em que a habitação, elemento essencial ao ser humano, não fosse tratada como mercadoria, mas como item necessário à existência. O processo revolucionário do pensamento, como primeira etapa a emancipação final, por intermédio da reforma universitária e do debate profissional, encontrava mecanismos a sua concretização.

No Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB), entidade de classe presidida por Demetrio Ribeiro nas gestões de 1968/1969 (IAB/Nacional) e de 1977/1979 (IAB/RS), por Graeff, em 1968/1969 (IAB/Nacional), e Enilda na gestão de 1980/1981 (IAB/RS), atuaram em defesa do exercício profissional, o qual entendiam como essencial ao progresso e à melhoria nas condições de vida da sociedade. O IAB era visto como a entidade responsável pela defesa dos valores econômicos, sociais e culturais da profissão. O entendimento sobre a necessidade do progresso da Arquitetura e do Urbanismo não ocorrerem de forma isolada, mas em conjunto com o progresso geral da sociedade, unificava o debate em torno do progresso profissional e social.

Era momento de valorização das massas populares, de despertar da consciência e, sobretudo, de resistência e luta pelas atribuições profissionais. Demetrio, ao ser questionado sobre as responsabilidades do IAB em proporcionar melhores condições de vida para o país, utilizando para isto os arquitetos e urbanistas, evidenciou a habitação e urbanismo como dois grandes problemas da sociedade, e estes profissionais apresentavam conhecimento suficiente para contribuir para a solução. Em entrevista, Demetrio informou que,

em contato com a comunidade, com as outras profissões, a entidade dos arquitetos tem sua responsabilidade própria a assumir perante os problemas coletivos. A isso é que chamamos presença coletiva dos arquitetos na vida cultural nacional. Não se trata de uma presença de cunho promocional ou publicitário, mas de uma participação autêntica, baseada no conhecimento que temos, profissionalmente, de problemas cruciais do Brasil de hoje, como o da habitação, da organização urbana, da defesa dos valores históricos e naturais, etc. (RIBEIRO, 1976.⁷⁸)

Como técnicos da arquitetura e do urbanismo, utilizavam-se do projeto, sobretudo do programa da obra, etapa em que as necessidades e aspirações humanas eram traduzidas, como itens de utilidade à vida, assumindo compromisso com a coletividade.

⁷⁸ Como solucionar os impasses da profissão. Arquitetura/RS, Porto Alegre, n°4, jan. 1976. Entrevista Demetrio Ribeiro.

Sendo assim, sobre três diferentes pilares – ensino, entidades de classe e profissão – os 5, cada qual com seu nível de envolvimento e área de atuação, sustentaram a esperança em construir um futuro diferente do estabelecido, tendo como princípio o repensar profissional e o estabelecimento do papel social inerente à profissão. Mesmo com o golpe civil-militar, em 1964, seus pensamentos permaneceram ativos, auxiliando a reflexão e atuação dos profissionais ligados à arquitetura e ao urbanismo.

Entre os 31 textos escritos pelo arquiteto e urbanista Graeff e escolhidos para esta análise, como Condições históricas do aparecimento da arquitetura⁷⁹, Sobre a questão da Arquitetura moderna brasileira⁸⁰, Os fatores da arquitetura e suas relações⁸¹, A forma na arquitetura⁸², 15 foram publicados antes de 1964, 13 no período da Ditadura e 3 após 1985 (VER TABELA 2). Com Demetrio não foi diferente. Entre os 35 textos escritos pelo arquiteto e urbanista e escolhidos, como Situação da Arquitetura brasileira⁸³, O projeto na formação do arquiteto⁸⁴, Técnica e democracia na vida urbana⁸⁵, 6 foram publicados antes de 1964, 12 no período da ditadura e 16 após 1985⁸⁶ (VER TABELA 3). Apesar de reduzidas as publicações nos anos consecutivos ao de 1964 (1964-1967 no caso de Edgar Graeff e 1964-1977 no caso de Demetrio Ribeiro), percebemos que, passado o susto das perseguições, os arquitetos retomaram sua posição de intelectual no cenário social, agindo, principalmente, por meio das publicações e do Instituto de Arquitetos do Brasil.

⁷⁹ GRAEFF, Edgar Albuquerque. Condições históricas do aparecimento da arquitetura. Cadernos da Faculdade de Arquitetura, Porto Alegre, n°1, p. 1-7, set. 1955.

⁸⁰ GRAEFF, Edgar Albuquerque. Arquitetura e o Homem. – Belo Horizonte: EAU UMG, 1959, p. 3-27.

⁸¹ GRAEFF, Edgar Albuquerque. Os fatores da arquitetura e suas relações. Cadernos do DAFA, Porto Alegre, n° 1, 1961. 71 p.

⁸² GRAEFF, Edgar Albuquerque. Cidade Utopia. - Belo Horizonte: Vega, 1979, p. 83-88.

⁸³ RIBEIRO, Demetrio; SOUZA, Nelson; RIBEIRO, Enilda. (1956) Situação da Arquitetura Brasileira. In: XAVIER, Alberto. Depoimento de uma geração. - São Paulo: Pini, 1987. p. 150-154.

⁸⁴ RIBEIRO, Demetrio. O projeto na formação do arquiteto. Caderno de Estudos – CEUA, Porto Alegre, n°10, 1961.

⁸⁵ RIBEIRO, Demetrio. Técnica e democracia na vida urbana. Espaço. - São Paulo, v2, n° 2, mar. 1985.

⁸⁶ O texto “Um depoimento sobre a criação, por Tarso Corrêa, do ensino de arquitetura no Rio Grande do Sul” não apresenta data, porém foi publicado no ano de 2005, no livro Arquitetura UFRGS: 50 anos de histórias. (RIBEIRO, Demetrio. Um depoimento sobre a criação, por Tasso Corrêa, do ensino da arquitetura no Rio Grande do Sul. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Arquitetura UFRGS: 50 anos de histórias. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. p. 23-27.)

TABELA - PRODUÇÃO TEÓRICA		
ARQUITETO	TÍTULO TEXTO	DATA
EDGAR GRAEFF	Criação de uma Faculdade de Arquitetura	1949
	Aula Inaugural FA (união IBA e EE)	1952
	Condições históricas do aparecimento da arquitetura	1955
	Brasília : dois caminhos da arquitetura contemporânea	1957
	Sobre a questão da arquitetura moderna brasileira	1959
	Arquitetura, ideologia e outros temas	1959
	Dez anos de arquitetura	1959
	Um arquiteto em solidão	1959
	Palácio Legislativo: Monumento ao Povo	1959
	Arquitetura - Fenômeno Social	1959
	Arquitetura brasileira	1960
	Os fatores da arquitetura e suas relações	1961
	A formação teórica do arquiteto	1961
	Importância social e humana da arquitetura	1967
	Três categorias artísticas na Arquitetura	1967
	Os elementos estruturais de uma praça	1968
	A forma na Arquitetura	1969
	A superação da dependência cultural	1978
	Arquitetura Brasileira Após Brasília / DEPOIMENTOS	1978
	Praça dos três poderes	1979
	Teoria e Prática da teoria	1979
	A questão do espaço urbano	1979
	O lazer e a cidade nova	1979
	Ciência do espaço habitado e política	1979
	Sambódromo: um importante espaço de lazer popular	1984
	Oito vertentes e dois momentos de síntese da arquitetura brasileira : vertente brasileira	1985
	A luta por um ensino autônomo	1987
	Contribuição à reestruturação do ensino da Faculdade de Arquitetura Mackenzie	1992
	Arte e técnica na formação do arquiteto	1995
	Desenvolvimento dos programas arquitetônicos-Egito	sem data (anterior 1964)
A catedral e o sinal dos tempos	sem data (anterior 1964)	

TABELA 2
Produção Teórica Edgar Graeff.
Fonte: elaborado pela autora.

TABELA - PRODUÇÃO TEÓRICA		
ARQUITETO	NOME TEXTO	DATA
DEMÉTRIO RIBEIRO	DISCURSO: Discurso à primeira turma da Faculdade de Arquitetura da UFRGS	1952
	**Situação da Arquitetura Brasileira; (Parceria: Enilda Ribeiro e Nelson Souza)	1956
	Cidade universitária	1958
	A profissão do arquiteto	1959
	Conclusão do grupo de estudos da 8º região	1961
	O projeto na formação do arquiteto	1961
	Criatividade arquitetônica e subdesenvolvimento : relatório da secao brasileira da u.i.a. ao xii congresso mundial de arquitetos : síntese das discussões preliminares organizadas pelo Instituto de Arquitetos do Brasil sobre o tema congresso	1975
	As novas condições de trabalho do arquiteto	1977
	DISCURSO: Discurso à turma de 1977/I da Faculdade de Arquitetura da UFRGS	1977
	Qualidade de vida da cidade é limitada pelos desníveis de renda	1978
	As Reivindicações profissionais do Instituto de Arquitetos do Brasil	1979
	DISCURSO: Discurso de abertura do X Congresso Brasileiro de Arquitetos	1979
	Neste depoimento, um pouco da história de nossa arquitetura	1983
	Legislação profissional : uma contradição artificial	1984
	DISCURSO: Discurso ao XII Congresso Brasileiro de Arquiteitos "Villanova Artigas"	1985
	Recordações de Paiva	1985
	Técnica e democracia na vida urbana	1985
	Análise de cursos de graduação	1985
	O ensino da arquitetura e a realidade profissional;	1986
	A Arquitetura no período 45-60	1987
	Os arquitetos e o planejamento urbano	1987
	Urbanismo e favelamento	1988
	Inovações na política urbana	1988
	Perspectivas do IAB	1991
	O Planejamento Urbano no Rio Grande do Sul (um depoimento sobre as vicissitudes da idéia do plano diretor, de 1945 até hoje)	1992
	Contribuição à reestruturação do ensino da Faculdade de Arquitetura Mackenzie	1992
	A esquerda e as privatizações	1993
	Por que reler Proudhon;	1996
	O novo e a moda na formação dos arquitetos	1998
	A doutrina de Augusto comte e a sociedade atual	1999
Contribuição ao debate sobre o 2º PDDU no CEM	2000	
Reflexões sobre um gesto de amizade	2000	
Breve nota sobre o tema marxismo e ecologismo	2002	
A respeito do Plano Diretos de Porto Alegre	2003	
Um depoimento sobre a criação, por Tasso Corrêa, do ensino da arquitetura no Rio Grande do Sul	sem data	

TABELA 3
Produção Teórica Demetrio Ribeiro.
Fonte: elaborado pela autora.

Para Demetrio, Graeff, Paiva, Enilda e Nelson, a preocupação com o mundo, com o povo, com a Arquitetura e o Urbanismo de qualidade transcendia o mero formalismo. Como intelectuais comprometidos com um novo ideal de cidade e sociedade, e contrários ao desgaste do mundo, os 5, assim como o filósofo Jacques Derrida, viam no ato crítico, inerente aos intelectuais, estratégia para reavaliação do quadro de desarmonia (“o mundo vai mal”⁸⁷) e desalinhamento (“o mundo está fora dos eixos”⁸⁸) no qual o mundo se encontrava; viam, na herança e na memória (no encontro, na companhia ou no corporativismo dos fantasmas), isto é, no retorno ao conhecimento produzido no passado, estratégia para aprender “a viver de outro modo”⁸⁹ e a viver “mais justamente”⁹⁰.

Assombrados por inúmeros espectros, entre os quais o de Karl Marx, e repletos de esperança, a “mais humana de todas as emoções e acessível apenas a seres humanos”⁹¹, que *the time* surgiu para os 5 professores comunistas como possibilidade de estabelecer um novo futuro. Por meio da Utopia, o grupo de intelectuais, arquitetos e urbanistas se utilizou da expectativa de uma vida melhor como impulso para a luta por transformações sociais. Caracterizavam-se por serem arquitetos que contestavam a ideologia dominante, denunciavam seu caráter de classe e contribuíam para o meio. Recusavam-se a se tornarem alienados, a virarem “peça da engrenagem da máquina capitalista”⁹², assumindo, assim, sua própria humanidade⁹³. Arquitetos e urbanistas que optaram por não se subverterem, sendo subversivos apenas ao sistema. Estes arquitetos engajados, ao verem a cidade sendo construída para o capital, a ela não se sentiam inseridos, sobrando a eles duas opções: abandonavam a cidade ou procuravam revolucioná-la.

⁸⁷ DERRIDA, Jacques. (1993) Espectros de Marx: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova internacional. SKINNER, Anamaria. [Trad.] – Rio de Janeiro: Relume – Dumará, 1994, p. 15-71.

⁸⁸ Idem.

⁸⁹ DERRIDA, Jacques. (1993) Espectros de Marx: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova internacional. SKINNER, Anamaria. [Trad.] – Rio de Janeiro: Relume – Dumará, 1994, p. 11.

⁹⁰ Idem.

⁹¹ BLOCH, Ernst. (1959) O princípio da esperança. SCHNEIDER, Nélío. [Trad.] - Rio de Janeiro: Contraponto, 2005, p. 77.

⁹² CORBISIER, Roland. Os intelectuais e a revolução. - Rio de Janeiro: Avenir Editora Limitada, 1980.

⁹³ Parte da conceituação de Arquitetos com Engajamento foi concebida através da segunda hipótese traçada por Roland Corbisier sobre os cientistas e técnicos que, “não sendo capitalistas, não tendo interesse na manutenção do sistema, são subversivos em estado potencial”. (CORBISIER, Roland. Os intelectuais e a revolução. - Rio de Janeiro: Avenir Editora Limitada, 1980, p. 25 e 26.)

Unidos por variadas interações em torno da amizade, do profissionalismo, da militância e da ideologia, e conectados pelos sentimentos de respeito, afeição, orgulho e inspiração, Demetrio, Graeff, Paiva, Enilda e Nelson possuíam na associação o sustentáculo de seus ideais. Elo que os fortalecia enquanto intelectuais, que aumentava o alcance de influência de seus pensamentos e o mais importante, que os vinculava em ações comuns, gerando resultados mais efetivos e imediatos nas causas em que se dedicavam. Este agrupamento, se submetido à análise poética de sua gênese, poderia ser interpretado de forma semelhante ao processo da *collage*. Ao refletir na união de seus 5 membros dinâmica equivalente à apresentada pelo arquiteto Fernando Fuão ao tratar sobre a aproximação das figuras recortadas, determina-se o *encontro* e o *acolhimento* como importantes elementos na reflexão sobre a formação do grupo.

Dividida em três etapas, esta técnica artística – cuja trajetória possui início no corte-recorte, produzindo fragmentos, seguindo pelo encontro e acolhimento das figuras, se completando na cola, isto é, na união e no contato das partes – possui como importante qualidade a mudança de significado das figuras mediante mútuo acolhimento. Ressignificação que, no entanto, guarda como característica a singularidade de cada uma das partes. Nesta atividade, cujo encontro das figuras se estabelece no meio de dois extremos – no instante posterior ao recorte e anterior à colagem, “quando as figuras são testadas em suas aproximações e significados, antes que a cola as fixe, 'asfixie', definitivamente sobre o suporte-papel”⁹⁴ – a relação entre os fragmentos recortados apresenta como premissa “estar aberto e receptivo”⁹⁵. Momento de hospitalidade em que, além das figuras, aproximam-se e coexistem a “visão do outro, minha e dos demais”⁹⁶.

Apresentando semelhante “consciência” e desejo de mudança, porém marcados por suas individualidades (diferença de personalidades e pensamentos), Demetrio, Graeff, Paiva, Enilda e Nelson são percebidos, nesta dissertação, como elementos da *collage*. “Fragmentos, figuras, seres, corpos”⁹⁷ que, a partir do encontro, isto é, justapostos, fazem com que surja de suas teorias, reflexões e atuações uma nova significação. Assim como no processo de *collage*, o

⁹⁴ FUÃO, Fernando Freitas. As formas do acolhimento na arquitetura. In: SOLIS, Dirce Eleonora; FUÃO, Fernando Freitas. [Org.] DORFMAN, Beatriz; KIEFER, Marcelo; PAESE, Celma. Derrida e Arquitetura. – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014. p. 46.

⁹⁵ Idem.

⁹⁶ F FUÃO, Fernando Freitas. As formas do acolhimento na arquitetura. In: SOLIS, Dirce Eleonora; FUÃO, Fernando Freitas. [Org.] DORFMAN, Beatriz; KIEFER, Marcelo; PAESE, Celma. Derrida e Arquitetura. – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014. p. 47.

⁹⁷ Idem.

corte-recorte, ou seja, a escolha das figuras para compor o grupo, apresenta por pressuposto uma imagem, que, nesse caso, se estabelece idealizada pela proximidade em torno da profissão e das questões político-ideológicas. Na etapa seguinte, denominada por encontro, quando se realiza a abertura ao acolhimento e a hospitalidade, esses fragmentos se aproximam, tendo nas semelhanças e diferenças elementos da atração. No agrupamento, o encontro dos arquitetos e urbanistas também se consolida entre dois extremos, separados pelo limite entre os interesses próprios (em que as dessemelhanças procuram completar-se no outro, como quando o recorte busca, por meio de seu contorno, acomodar-se no diferente) e a consciência do coletivo, característica que sustenta e promove a mágica da atração. A diversidade de opiniões por eles apresentadas, sobretudo nas questões relacionadas à teoria arquitetônica e urbanística que, apesar de divergente em certos pontos, aproximava-se pela concepção político ideológica, favorecia ao debate, os encorajava e estimulava à luta, fornecendo mais credibilidade quanto às pautas defendidas. Contudo, foi na cola, no constante contato como docente da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na militância do Partido Comunista Brasileiro, atuando no Instituto de Arquitetos do Brasil e no expurgo dos cargos públicos, em 1964, por ocasião da ditadura civil-militar, que a mágica do acolhimento ocorreu, designando a Demetrio, Graeff, Paiva, Enilda e Nelson a qualidade de um grupo.



IMAGEM 3

Collage - As formas do acolhimento, autor: Fernando Fuão.

Fonte: FUÃO, 2014, p. 55.

Esse acolhimento, que, para Fuão, aparece “em todas as coisas no mundo”⁹⁸, apresenta-se como importante elemento, pois introduz a ideia de “incluir o outro, pensar a partir do outro, para que se possa restabelecer uma ética da arquitetura; abrir espaço, dar passagem à chegada do outro”⁹⁹, gesto que, ao refletir traços característicos da relação entre Demétrio, Graeff, Paiva, Enilda e Nelson, configura-se como importante elemento no estudo dos 5 professores comunistas. O ato de acolhimento, o qual se descreve, não apenas recebe o significado de incluir o outro, formando uma associação, mas, sobretudo, de estar na companhia do que é diferente; isto é, de inserir o outro nos pensamentos sobre a origem e o verdadeiro sentido da arquitetura, refletindo a partir de diferentes visões.

Assim como afirma Fernando Fuão sobre a *collage*, podemos dizer que o agrupamento dos 5 acomoda “as diferenças conservando-as enquanto diferenças, colando-as, mas lançando-as para um sentido além do previsto originalmente para as figuras”¹⁰⁰. Sendo assim, o estudo dos 5 arquitetos e urbanistas, enquanto grupo, se estabelece de forma indispensável, uma vez que, individualmente, o alcance de sua produção teórica e prática se mostra limitado. O conjunto, por outro lado, se expande a diversas temáticas, abarca diversas lutas, diversifica o debate e, assim como num partido político, se fortalece na coletividade.

A fim de conhecer a trajetória de vida das cinco partes que compõem este grupo, serão apresentadas, a seguir, breves biografias das personagens deste manuscrito.

⁹⁸ FUÃO, Fernando Freitas. As formas do acolhimento na arquitetura. In: SOLIS, Dirce Eleonora; FUÃO, Fernando Freitas. [Org.] DORFMAN, Beatriz; KIEFER, Marcelo; PAESE, Celma. Derrida e Arquitetura. – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014. p. 43.

⁹⁹ Idem.

¹⁰⁰ FUÃO, Fernando Freitas. As formas do acolhimento na arquitetura. In: SOLIS, Dirce Eleonora; FUÃO, Fernando Freitas. [Org.] DORFMAN, Beatriz; KIEFER, Marcelo; PAESE, Celma. Derrida e Arquitetura. – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014. p. 45.



IMAGEM 4 - Demetrio Ribeiro.

Disponível em: <<http://www.oexplorador.com.br/demetrio-ribeiro-arquiteto-e-urbanista-ex-presidente-do-iab-rs-e-do-iab-nacional/>>

DEMETRIO RIBEIRO NETO

“Visão humanística do mundo, alicerçada numa sólida cultura”.
(Arquiteto Arnaldo Knijnik¹⁰¹.)

“Homem de valores sólidos, esteados num profundo sentimento de solidariedade e senso de justiça para com o ser humano. Este foi o traço incontestado do cidadão-arquiteto que sempre acreditou na função social da Arquitetura e da Cidade”.
(Arquiteta Isabel Marocco Milanez¹⁰².)

“E sobretudo, conheci melhor a inteligência, o bom senso, o equilíbrio, a sensibilidade política e a discrição do Demetrio: era, sem dúvida, um líder”.
(Arquiteta Elena Graeff¹⁰³.)

“Notoriamente culto, o conferencista por diversas vezes, sua eloquência foi um dos traços mais significativos da sua personalidade”.
(Arquiteto Emil Bered¹⁰⁴.)

“Entretanto, três atributos caracterizam a personalidade de Demetrio: consciência, acentuado senso crítico de justiça e dignidade”.
(Jornalista João Baptista Aveline¹⁰⁵.)

¹⁰¹Arquiteto Arnaldo Knijnik. (LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. – Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005. p. 204.)

¹⁰²Arquiteta Isabel Marocco Milanez. (LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. – Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005. p. 221.)

¹⁰³Arquiteta Elena Graeff. (LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. – Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005. p. 209.)

¹⁰⁴Arquiteto Emil Bered. (LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. – Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005. p. 211.)

¹⁰⁵Jornalista João Baptista Aveline. (LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. – Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005. p.216.)

Demetrio Ribeiro¹⁰⁶, arquiteto e urbanista nascido em Porto Alegre (1916-2003), cuja militância política e conhecimento cultural muito contribuiu para a formação de alunos e colegas de profissão, atuou como professor universitário do curso de Arquitetura no Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul de 1946 a 1948, quando cooperou com a fundação no ano de 1945, e, posteriormente, com a Faculdade de Arquitetura/UFRGS¹⁰⁷. Profissional respeitado, dedicou-se a diversos projetos de Arquitetura e Urbanismo, sempre com a preocupação em conformar uma sociedade mais justa e confiante nos preceitos do materialismo histórico dialético. Entre as diversas características apontadas por colegas de profissão, amigos e ex-alunos em depoimento¹⁰⁸ sobre o convívio com Demetrio Ribeiro, sem dúvida, justiça social, humanidade, inteligência e cultura foram os mais destacados. “Demetrio, o arquiteto, o educador e o político”¹⁰⁹, como o definiu Edmilson Carvalho, “sempre revelou um sentimento profundo e uma consciência inabalável de que um outro mundo é possível”¹¹⁰, declarou Nelson Souza.

Possuiu sua vida marcada pelo comprometimento teórico e prático em diversas entidades, entre as quais a Associação Paraguaia de Arquitetos, o Conselho do Plano Diretor de Porto Alegre e a Associação de Docentes da UFRGS. Em sua atuação no Instituto de Arquitetos do Brasil, entidade profissional de grande apoio à formação de arquitetos com responsabilidade social, presidiu tanto o departamento do Rio Grande do Sul (1967-1969) quanto o departamento Nacional (1977-1979), tendo ao seu lado o amigo de luta, debates e ideologia Edgar Graeff. Membro do Partido Comunista Brasileiro (PCB) desde 1943¹¹¹, Demetrio atuou na política do país, assumindo cargo de dirigente do Partido Comunista do Rio Grande do Sul, entre os anos de 1945 e 1947, importante período de legalidade. Como comentou em entrevista concedida a o jornalista Ademar Vargas de Freitas,

atuava no Movimento da Paz, aquela coisa... Fui conhecido nesse meio tempo como portador dessas idéias, mas depois da ilegalidade não tive desempenhos orgânicos, como se diz. Só tive cargos de direção naquelas dois anos de legalidade, fui secretário de educação e propaganda num comitê regional, mas não misturava a atuação política com a Universidade. (RIBEIRO, 2001. In: LICHT, CAFRUNI, 2005, p. 143.)

¹⁰⁶Demetrio era filho do brasileiro Basileu Ribeiro e da francesa Madeleine Thomas Tailiade Ribeiro, neto do republicano Demétrio Nunes Ribeiro. Viveu os primeiros cinco anos de idade na estância do avô, em Alegrete, RS. Mudou-se com a família para França aos sete anos de idade e retornou a Porto Alegre em 1935, com 18 anos, a fim de prestar o Serviço Militar. Posteriormente, mudou-se para Montevidéu, no Uruguai, onde diplomou-se em arquitetura, no ano de 1943, regressando para Porto Alegre no mesmo ano. Em seu primeiro matrimônio tornou-se pai de três filhos, Demétrio Allonso Ribeiro, Madeleine Ribeiro Taurinos e Mathilde Ribeiro Mendes.

¹⁰⁷A cooperação de Demetrio Ribeiro à construção do curso de Arquitetura do IBA foi narrada pelo arquiteto Francisco Riopardense de Macedo no texto “A criação da Faculdade de Arquitetura”. (LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Arquitetura UFRGS: 50 anos de histórias. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002, p. 29-38.)

¹⁰⁸LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. – Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005.

¹⁰⁹Arquiteto Edmilson Carvalho. (LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. – Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005, p. 208.)

¹¹⁰Arquiteto Nelson Souza. (LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. – Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005, p. 223.)

¹¹¹Na entrevista concedida ao jornalista Ademar Vargas de Freitas, com publicação no Jornal da Universidade, UFRGS, ano IV, n° 37 (janeiro/fevereiro 2001), foi informado que Demetrio se filiou ao Partido Comunista do Brasil no Rio de Janeiro, quando lá residia para validar seu diploma de arquiteto. (LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. – Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005, p. 143). Em entrevista concedida aos professores Luís Augusto Fischer e Eduardo Wolf ao Jornal Zero Hora, caderno Cultural (28/07/2003), Demetrio revelou que suas ligações políticas com o Partido Comunista tiveram início em Montevidéu, através de amigos com tendência soviética. Porém, veio a se filiar após revalidar o diploma, quando Soveral de Souza, um amigo de Alegrete, o convidou a participar do Partido. (LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. – Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005, p. 157.)

Confiante na conformação de uma sociedade verdadeiramente socialista, Demetrio, pela militância no Partido Comunista e seguindo o Estatuto do Partido, jurou lealdade e completa dedicação aos interesses da classe operária e do povo¹¹².

“Movido por múltiplas doses de paixão política”¹¹³, dedicou-se ao processo revolucionário do pensamento, contribuindo à desalienação de alunos e companheiros de profissão, gesto este, segundo ele próprio nos conta, cauteloso ao necessário afastamento entre atuação política e ensino universitário¹¹⁴. Se, para Demetrio, seu pronunciamento se mostrava apartidário, seus ideais e seu comportamento passavam longe do apolítico e se materializavam na formulação de suas teorias para o habitar humano, e na influência ética e ideológica dos que com ele convíviam. Conforme atestou o arquiteto Clovis Ilgenfritz,

o professor Demetrio não só formava profissionais da arquitetura e do urbanismo, muito mais do que isto, formava cidadãos. Com sua aparente timidez, abria os espaços para o diálogo, instigava os jovens estudantes às questões político-sociais, ao conhecimento da realidade e ao compromisso ético, ideológico, dando conteúdo humanista a quem com ele teve o privilégio de conviver dentro e fora da sala de aula. (...) Demetrio provocava, junto com outros professores – em especial, sua companheira, a professora Enilda – uma verdadeira revolução nas mentes de cada um de nós. A justiça social, a vida digna para todos, a libertação dos povos do jugo dos ‘imperialistas’ marcou de forma positiva várias gerações de estudantes e outros setores da sociedade. (...) Sua luta libertária marcou gerações. (SILVA, 2005. In: LICHT, CAFRUNI, 2005, p. 206.)

As principais tarefas defendidas pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB), como a luta contra os imperialistas e os latifundiários, mesmo sua família sendo proprietária de grandes terras¹¹⁵, foram temas assumidos enquanto militante comunista e, assim como Graeff, na estrutura de seu pensamento arquitetônico.

Se a vida em diversos países, o convívio com avô positivista e abolicionista, que de certa forma o influenciou a ter Comte como guru¹¹⁶, o estudo da teoria marxista, a paixão por poesias e pela cultura brasileira, a ponto de se autointitular “maníaco-folclórico-positivista”¹¹⁷, fizeram de Demetrio um intelectual erudito, sua humildade e convicção na democracia fizeram do dissenso trampolim a sua visão de mundo. Sem ostentar sua intelectualidade e atento às opiniões contrárias à sua, o arquiteto via no debate, isto é, na pluralidade de opiniões, meios ao

¹¹² PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL. Estatutos do Partido Comunista do Brasil. Direito e deveres dos membros do partido. Capítulo II. Art. 8. 1945. 16p. In: Marxists, Internet Archive. Documentos. 2012. Disponível em: < <https://www.marxists.org/portugues/tematica/1945/11/estatuto-pcb.htm> > Acesso em: março 2015.

¹¹³ Arquiteto Antônio Carlos Campelo Costa. (LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. – Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005, p. 203.)

¹¹⁴ Entrevista Jornal da Universidade. (LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. – Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005, p. 143.)

¹¹⁵ Demetrio, em entrevista concedida aos professores Luís Augusto Fischer e Eduardo Wolf ao Jornal Zero Hora, caderno Cultural (28/07/2003), fez referência a seu pai como fazendeiro. No texto Reflexões sobre um gesto de amizade, ao relembrar sua vida no Alegrete, fez referência ao latifúndio da família. (BONI, Flavia Licht; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. 2005.) No projeto de lei (PROC. N. 2149/04, P.L.L. N. 088/04) para alterar o nome da Praça 1003, localizada no Bairro Coronel Aparício Borges, entre a Avenida Coronel Aparício Borges e a Rua Bernardo Guimarães, em Porto Alegre, para “Praça arquiteto Demetrio Ribeiro”, Demetrio foi apontado como dono e filho de dono de terras. Segundo Raul Carrion, em citação ao artigo de Antônio Salles, publicado no jornal Adverso, as terras de Demetrio davam pouco lucro, “quem sabe até mesmo prejuízo”. As terras de Demetrio eram mantidas como “uma espécie de reserva ecológica”.

¹¹⁶ Demetrio, em e-mail enviado no dia 23/05/2002, chama August Comte de guru. (LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. – Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005, p.178.)

¹¹⁷ Em e-mail enviado no dia 17/09/2001 Demetrio se intitula “maníaco-folclórico-positivista”. (LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. – Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005, p. 172.)

aprimoramento de seus pensamentos e à conscientização¹¹⁸.

Em 1964, quando a Ditadura implantou a “caça aos subversivos”, conduzindo aos processos de expurgos no Brasil¹¹⁹, Demetrio Ribeiro, além de ministrar as disciplinas de Composições de Arquitetura (1946–1964) e de Grandes Composições de Arquitetura (1952-1964) na Faculdade de Arquitetura/UFRGS, era membro do Conselho Universitário desta mesma entidade (representando a congregação da Faculdade de Arquitetura) e fazia parte do Conselho Administrativo do curso. Segundo o arquiteto, “sua presença nos órgãos universitários, na defesa de posições que eram identificadas com a esquerda e, talvez, por uma história (...) de ter sido militante notório do Partido Comunista, teriam motivado sua cassação após o Golpe Militar”¹²⁰.

De 1964 a 1980, período em que fora mantido afastado da Universidade, dedicou-se ao exercício da profissão de arquiteto e urbanista, elaborando o plano-piloto para o Centro Esportivo na Avenida Beira-Rio de Porto Alegre, no ano de 1966, o anteprojeto de um Hotel em Alegrete, em 1974, o Plano de urbanização do Parque Turístico da Laje de Pedra em Canela, no ano de 1975. Em parceria com Edgar Graeff, Edvaldo P. Paiva, Enilda Ribeiro, Francisco Riopardense de Macedo e outros, elaborou os planos diretores de Caxias do Sul, de 1970 a 1972, o de Panambi, em 1976, o de Rondinha, em 1968, o de Boa Vista do Buricá, em 1970, o de Esteio, em 1970, Criciúma, em 1972, Chapecó, em 1973, Erechim, em 1974 e Canela de 1976 a 1977

121

Após a anistia política (1979), Demetrio retornou à FA/UFRGS (1980) e encontrou o curso com sua estrutura reformada. A figura do catedrático havia desaparecido, dando lugar aos departamentos, que elegiam seu chefe. A política, que aparentava ter permanecido entre os estudantes (fato estimado por Demetrio, após ter recebido, ao lado de Ivan Mizoguchi, quase 70% dos votos em uma consulta direta para a escolha do diretor da Faculdade), de forma controversa, diminuía sua participação na formação dos discentes. Este fato, na opinião do arquiteto, se comprovou com a eleição para o Diretório Acadêmico (DAFA) da Chapa Sã, trocadilho com Chapação, cujos lemas eram: “Chega de política”, “chega de papo político”, “Pela legalização da maconha”¹²²; e pelas inúmeras tentativas de organizar debates, recebidas com desinteresse e omissão por parte dos estudantes. Demetrio Ribeiro permaneceu na faculdade até 1988, recebendo o título, no dia 13 de novembro de 1990, de Professor Emérito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹¹⁸A “aceitação a ideias contrárias à sua” foi uma das características que mais marcaram a figura de Demetrio, aspecto presente em inúmeros depoimentos de seus colegas. (LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. – Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005.)

¹¹⁹ Demetrio e os companheiros Carlos Maximiliano Fayet, Edvaldo Pereira Paiva, Enilda Ribeiro, Francisco Riopardense de Macedo, Nelson Souza, dentre outros, foram interrogados no quartel general do III Exército, localizado na rua dos Andradas, centro de Porto Alegre, entre os dias 26 de maio e 4 de junho de 1964. A convocação dos professores da Faculdade de Arquitetura foi realizada pelo diretor e prof. João Baptista Pianca. (MANSAN, Jaime Valim. A Comissão Especial de Investigação Sumária da UFRGS (1964). In: Estudos Ibero-Americanos, Porto Alegre, v. 38, n° 1, p. 100-118, jan./jun. 2012, p. 114.)

¹²⁰LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. – Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005, p. 131 e 132.

¹²¹MARQUES, Sergio Moacir. Fayet, Araújo & Moojen: arquitetura moderna brasileira no sul - 1950 / 1970. 2012. Tese (Doutorado em Arquitetura) - UFRGS, Porto Alegre, 2012, p. 27.

¹²² LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. – Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005, p.135.



IMAGEM 5

Croqui Demetrio Ribeiro - Aatoria: Carlos R. de Azevedo Moura.

FONTE: BONI, Flavia Licht; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. – Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005.



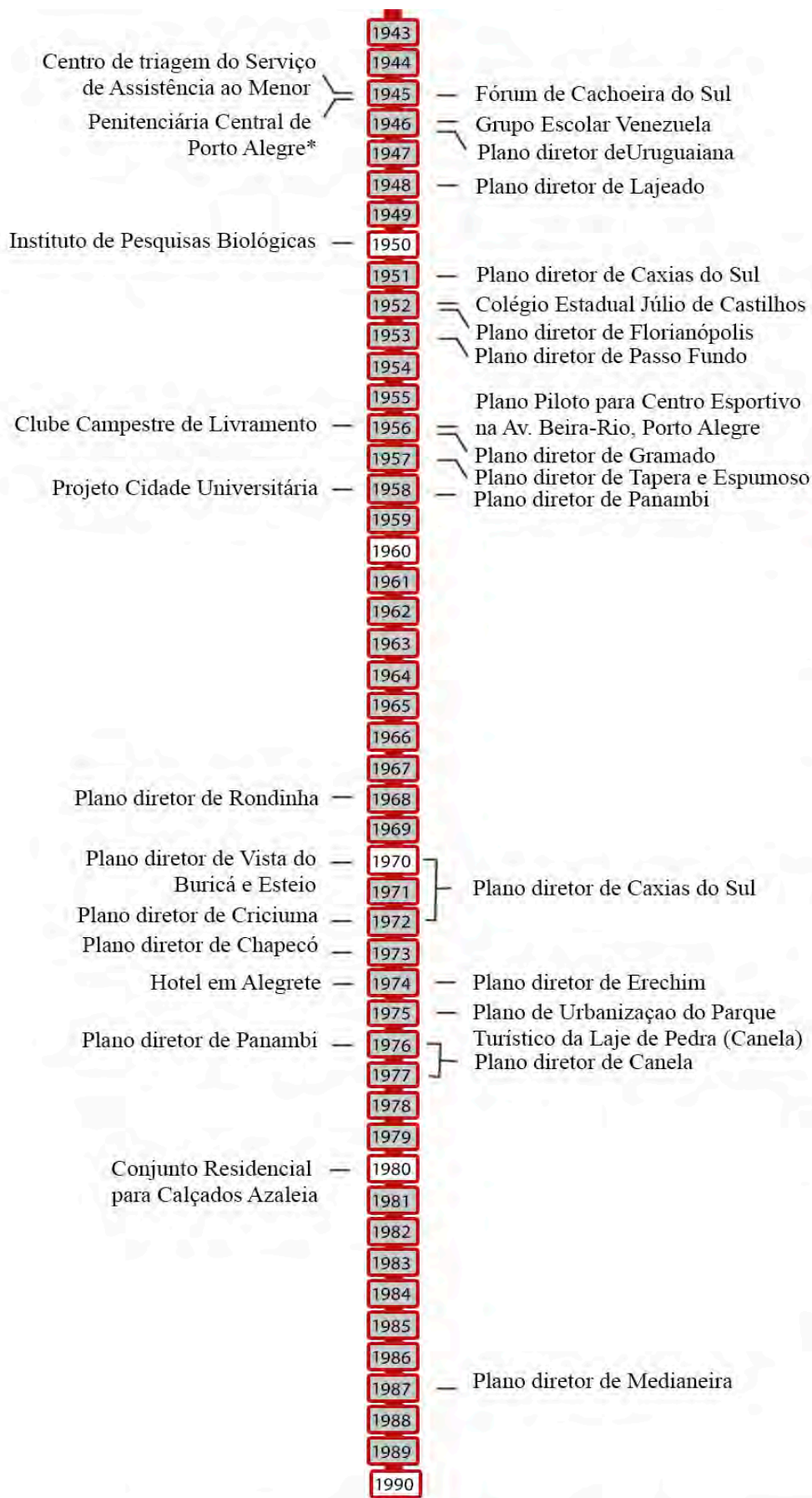
IMAGEM 6

Exposição de trabalho - IAB/RS, 1977 - foto: Luís Abreu.

Foram identificados, da esquerda para direita, José Albano Volkmer, Ivan Mizoguchi e Demetrio Ribeiro

FONTE: Arquitetura.RS, nº 4, abril-mail de 1977





CRONOLOGIA PROJETOS E PLANOS - DEMETRIO RIBEIRO

**Na década de 1970 Demetrio Ribeiro fez parte da Arquiplan - Arquitetura e Planejamento



IMAGEM 7 - Edgar Graeff.

FONTE: IAB/RJ. II Inquérito Nacional de Arquitetura / Depoimentos. Rio de Janeiro: IAB/RJ, 1982, Pág. 53.

EDGAR ALBUQUERQUE GRAEFF

Edgar Graeff, arquiteto nascido na cidade de Carazinho/RS (1921-1990), formado no Rio Janeiro pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Brasil, no ano de 1947, cuja amizade com Oscar Niemeyer, comunista confesso¹²³, são atribuídas suas influências arquitetônicas. Ao retornar a Porto Alegre, no ano de 1948, a fim de ministrar aulas no Curso de Arquitetura da Escola de Belas Artes (IBA)¹²⁴, a forte presença do pensamento de esquerda daqueles que viriam a se tornar seus amigos – Demetrio e Paiva – contribuíram para a transformação do que era desejo de mudança em engajamento. Descrito por Enilda Ribeiro como animador político, consciente da realidade brasileira e orador com facilidade, Graeff notabilizou sua história de vida, entre os quais, pelo engajamento no Partido Comunista Brasileiro (PCB), na paixão pela docência e no Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB), no qual exerceu cargo de vice-presidente na direção Nacional, de 1977 a 1979. De acordo com Enilda,

[...] o Graeff era uma pessoa que morava no Rio. Estudou na Faculdade de Arquitetura até com o Niemeyer, até era da turma do Niemeyer, mas veio ser professor da Faculdade quando fundaram a Faculdade aqui, nos idos de 1945, 46, quando eu entrei. [...] O Graeff [...] era bastante animador político, ele era bastante politizado, com consciência das coisas brasileiras, discursava que era uma beleza e sabia colocar as coisas. [...] (Entrevista Enilda Ribeiro a Jaime Valim Mansan, 2009.)

¹²³ Os longos períodos de clandestinidade do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e consequentes perseguições aos seus membros fizeram com que comunistas escondessem sua participação no Partido, estando o ato de confissão pública restrito a alguns membros, como Oscar Niemeyer.

¹²⁴ Edgar Graeff ministrou aulas no Curso de Arquitetura do Instituto de Belas-Artes da UFRGS de 1948 a 1951. (AVERBUCK, Lígia; CAMPILONGO, Maria Assunta; HOLZMANN, Lorena; MIRANDA, Luiz Alberto Oliveira Ribeiro de; SANTOS, José Vicente Tavares dos; TAITELBAUM, Aron. (1979) Universidade e repressão: os expurgos na UFRGS. [2. Ed.] – Porto Alegre: L&PM, 2008.)

Aclamado por Demetrio Ribeiro como “um homem de cultura engajado nas lutas de seu tempo”¹²⁵ e implacável questionador “dos valores da sociedade capitalista do consumo”, Edgar Graeff procurou, de forma “inquieta e nunca satisfeita”¹²⁶, desvendar a “verdadeira natureza da arquitetura”¹²⁷.

Em sua longa jornada intelectual, buscando entendimento sobre a origem e o verdadeiro sentido da arquitetura, fez de seus valores éticos estratégia de reflexão e do desassossego com a vida estopim ao engajamento. Como um homem curioso e crítico às ideias pré-estabelecidas, utilizou-se das mesmas premissas para compreender o espaço habitado e formular suas teorias. Ao refletir sobre habitação, cidade e sociedade, não apenas utilizou-se da disjunção do tempo – apresentando seu conceito (presente), identificando a origem dos problemas (passado) e direcionando o caminho (futuro) – mas elaborou sua hipótese no entrelaçamento das atividades com o espaço e o tempo¹²⁸. A Arquitetura não era vista como mero reflexo da sociedade, mas como instrumento de modificação da existência¹²⁹.

Professor e intelectual comprometido com o processo revolucionário do pensamento, incitou alunos e colegas de profissão a compreenderem o sentido da existência humana e, sobretudo, as condições que levaram o homem ao estado de servidão no qual se encontrava. A atualidade de seus pensamentos, que aos mais desavisados gera espanto, se enquadra perfeitamente nos dias de hoje e se posicionam, em muitas condições, com um passo à frente dos mais admirados teóricos. A antecipação a debates pertinentes aos anos 2000, como o déficit habitacional e os programas habitacionais, a participação popular e a reforma urbana, fazem de seus textos essenciais ao estudo de profissionais e estudantes na atualidade brasileira.

Edgar Graeff, que havia ministrado aulas no IBA, de 1948 a 1951, e de Pequenas Composições, na Faculdade de Arquitetura-UFRGS, de 1952 a 1962, era professor associado da FAU-UNB, em 1964, quando o Golpe contra a democracia brasileira foi deflagrado, o afastando do cargo de docente por nove anos. Fazia parte de um grupo de intelectuais considerados inovadores à época e que foram persuadidos a migrar para o Centro-oeste brasileiro, a fim de criar um inovador Centro de irradiação de cultura. Convidado a contribuir ao lado de Oscar Niemeyer e Alcides Rocha Miranda para a idealização do curso de Arquitetura e Urbanismo da UNB, Graeff encarregou-se, junto com Ítalo Campofiorito e Glauco Campelo, de sua formulação pedagógica. O curso criado em 1962, mesmo ano de fundação da Universidade de Brasília, assim como proposto por Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira, pretendia um ensino voltado para os problemas nacionais¹³⁰.

Graeff, em 1962, fazia parte do quadro de catedráticos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o que o fez receber o título de professor associado da Universidade de Brasília. Dessa forma, quando o expurgo ocorreu, em 1964, o arquiteto foi punido pelas duas entidades.

¹²⁵ A citação foi feita por Demetrio Ribeiro, em 1979, para o Prefácio do livro “Cidade Utopia”, escrito por Edgar Graeff. (GRAEFF, Edgar de Albuquerque. Cidade utopia. 1979.)

¹²⁶ Idem.

¹²⁷ Idem.

¹²⁸ Edgar Graeff tratou sobre a relação entre espaço e tempo no texto O lazer e a cidade Nova. O arquiteto defendia a tese de que “o tempo em arquitetura não podia ser identificado apenas com o tempo de ver e percorrer as dimensões do espaço – o tempo teria de ser entendido como o tempo de exercer atividades no espaço arquitetônico”. (GRAEFF, Edgar Albuquerque. Cidade Utopia. - Belo Horizonte: Vega, 1979, p. 110.)

¹²⁹ Graeff, no texto Arquitetura – fenômeno social, dissertou sobre a arquitetura como instrumento de ação sobre a sociedade. (GRAEFF, Edgar Albuquerque. Arquitetura e o Homem. – Belo Horizonte: EAU UMG, 1959, p. 31). O tema “arquitetura como reflexo da sociedade” também foi tratado no texto A formação teórica do arquiteto. (GRAEFF, Edgar Albuquerque. A formação teórica do arquiteto. Cadernos de Estudos – CEUA, Porto Alegre, nº 10, 1961.)

¹³⁰ PUHL, Liege Sieben. Arte Total, Ensino Total – Alcides Rocha Miranda, a UNB e o Instituto Central de Artes. 2016.

Na UFRGS, foi investigado pela Comissão Especial de Investigação Sumária, sendo aposentado por esta instituição. Em Brasília, foi um dos professores procurados na primeira invasão à Universidade, na manhã do dia 9 de abril de 1964, por tropas do exército e policiais. Graeff, mais 12 professores¹³¹ e alguns dirigentes dos Diretórios Estudantis foram embarcados num ônibus e conduzidos ao Teatro Nacional, em que ficaram presos por 14 dias. Segundo informações publicadas no Jornal do Brasil do dia 24/04/1964, Graeff foi liberado no dia 23/04/1964 com o auxílio do Reitor da UNB, junto com outros três professores, Ramiro Porto Alegre Moniz, Ítalo Campofiorito e Terseu Abrão¹³².

De acordo com o relatório da Comissão Anísio Teixeira de Memória e Verdade, segundo depoimento do professor José Carlos Coutinho (prestado no 4 de junho de 2013), Edgar Graeff, que era coordenador do Curso de Arquitetura e professor de Teoria da Arquitetura, foi demitido da UNB no dia 9 de maio, sem qualquer justificativa, junto aos companheiros Francisco Heron de Alencar, José Zanini Caldas, José Albertino Rosário Rodrigues, Eustáquio Toledo Filho, Rui Mauro de Araújo Marini, Lincoln Ribeiro, Jairo Simões e Perseu Abramo¹³³. Além de perder o emprego como professor, Graeff, que fazia pós-graduação, teve o curso interrompido¹³⁴.

Edgar Graeff retornou a esta instituição em 1980, após a anistia política, permanecendo até 1982. Entre 1969 e 1970, com a promulgação do AI-5, em 1968, período mais duro do Regime Militar, exilou-se em Argel, Capital da Argélia, contribuindo para a construção do curso de Arquitetura local. Ao retornar ao Brasil, ministrou aulas, entre 1973 a 1986, na FAU-PUC Goiânia, vindo a colaborar com a construção do curso.

¹³¹ Eustáquio Toledo, José Caldas Zanini, Ítalo Campofiorito, Nelson Rossi, José Paulo Pertence, Lincoln Ribeiro, Perseu Abramo, José Albertino Rodrigues, Hélio Pontes, Ramiro de Porto Alegre, Glênio Bianchetti e o ex-professor José Guilherme Vilela. (Relatório da Comissão Anísio Teixeira de Memória e Verdade da Universidade de Brasília. Brasília: FAC-UnB, 2016, p. 67-68.)

¹³² Liberdade. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 24 fev. 1964, p. 9.

¹³³ Relatório da Comissão Anísio Teixeira de Memória e Verdade da Universidade de Brasília. Brasília: FAC-UnB, 2016, p. 61.

¹³⁴ Relatório da Comissão Anísio Teixeira de Memória e Verdade da Universidade de Brasília. Brasília: FAC-UnB, 2016, p. 81.



IMAGEM 8

Imagem de capa do livro Cidade Utopia.

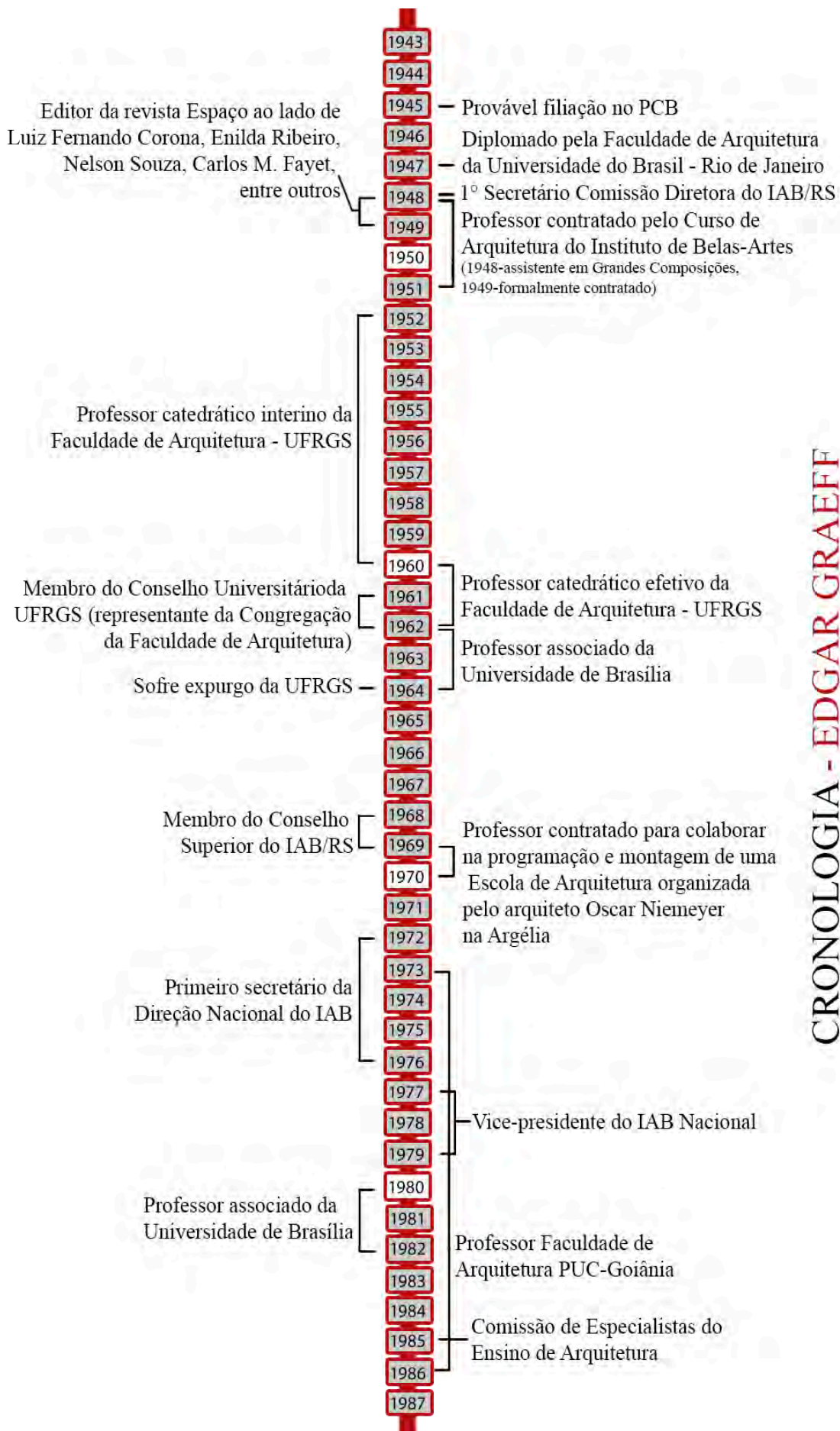
FONTE: GRAEFF, Edgar. Cidade Utopia. - Belo Horizonte: Vega, 1979.



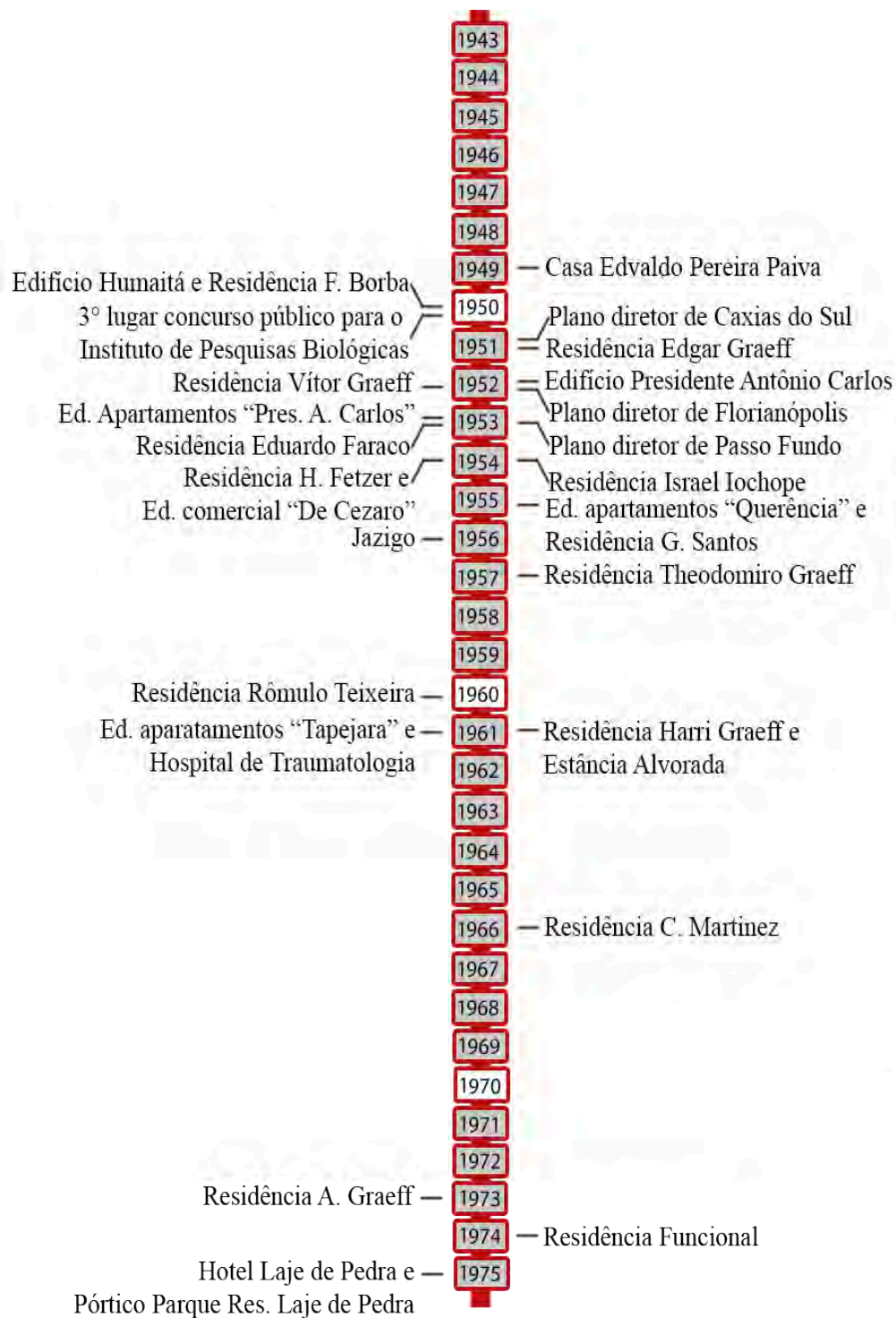
IMAGEM 9

Carlos Fayet e Edgar Graeff.

Disponível em: GOLDMAN, Carlos Henrique. A casas moderna em Porto Alegre: Projetos residenciais de Edgar Albuquerque Graeff 1949 – 1961. – Porto Alegre, 2003.



CRONOLOGIA - EDGAR GRAEFF



CRONOLOGIA PROJETOS E PLANOS - EDGAR GRAEFF



IMAGEM 10 - Edvaldo Pereira Paiva.

Disponível em: <http://diariogaucha.clicrbs.com.br/rs/dia-a-dia/noticia/2016/10/saiba-quem-sao-as-pessoas-que-dao-nome-a-importantes-avenidas-da-capital-7513923.html&h=410&w=640&tbnid=1YHViv1ZG7vn6M&tbnh=180&tbnw=281&usq=__J7Z8f5jY1yZe3q8RF0SUP-FRILGk=&docid=h58CzywVQf7qmM>

EDVALDO RUY PEREIRA PAIVA

Nascido na cidade de Porto Alegre (1911-1981), Edvaldo Ruy¹³⁵ Pereira Paiva viveu sua infância no interior do estado (Erechim e Passo Fundo), retornando à cidade de nascimento em 1927 para frequentar um curso particular de Matemática. Graduado em Engenharia Civil em 1935¹³⁶ pela Universidade do Rio Grande do Sul, durante toda a sua carreira profissional, dedicou-se ao urbanismo, assumindo cargos na Prefeitura de Porto Alegre, confeccionando Planos Diretores, e como docente em cursos de Arquitetura e Urbanismo. Seu primeiro trabalho na Prefeitura ocorreu em 1932, ainda na condição de estudante, quando se tornou auxiliar de topógrafo a convite de seu professor e engenheiro Lélis Espartel. Em 1935, após se formar, ocupou o quadro de engenheiro auxiliar na seção de cadastro. Depois de realizar o Plano de Avenidas, em 1937/1938, mudou-se para Montevidéu, no ano de 1941, a pedido do Prefeito Loureiro da Silva, em que realizou o curso de Urbanismo na Universidad de La Republica¹³⁷. Paiva retornou a Porto Alegre e, em 1944, apresentou, em conjunto com Demetrio Ribeiro, “em sessão solene no salão nobre da prefeitura”¹³⁸, o pré-plano para a cidade. Em 1959, chefiou a equipe que elaborou o 1º Plano Diretor de Porto Alegre.

¹³⁵ Segundo relato verbal do professor Dr. João Farias Rovati, o nome Ruy não existia na certidão de nascimento de Edvaldo Pereira Paiva. Este foi agregado com o passar do tempo.

¹³⁶ Em 1930, Edvaldo P. Paiva prestou vestibular e se inscreveu para cursar o primeiro ano do curso de engenharia.

¹³⁷ A data referente a ida de Edvaldo Pereira Paiva à Montevidéu foi informada verbalmente pelo professor Dr. João Farias Rovati.

¹³⁸ A presença de Demetrio Ribeiro na apresentação do pré-plano foi narrada por Pereira Paiva em sua autobiografia publicada pelo IAB/RS. No entanto, segundo relato verbal do professor Dr. João Farias Rovati, o texto em questão foi ditado por Paiva, em seu leito de morte, para a esposa que o escreveu em espanhol, sendo este posteriormente traduzido para o português. A idade avançada de Pereira Paiva, somado as mudanças com a tradução do texto, deixam dúvidas quanto a veracidade das informações.

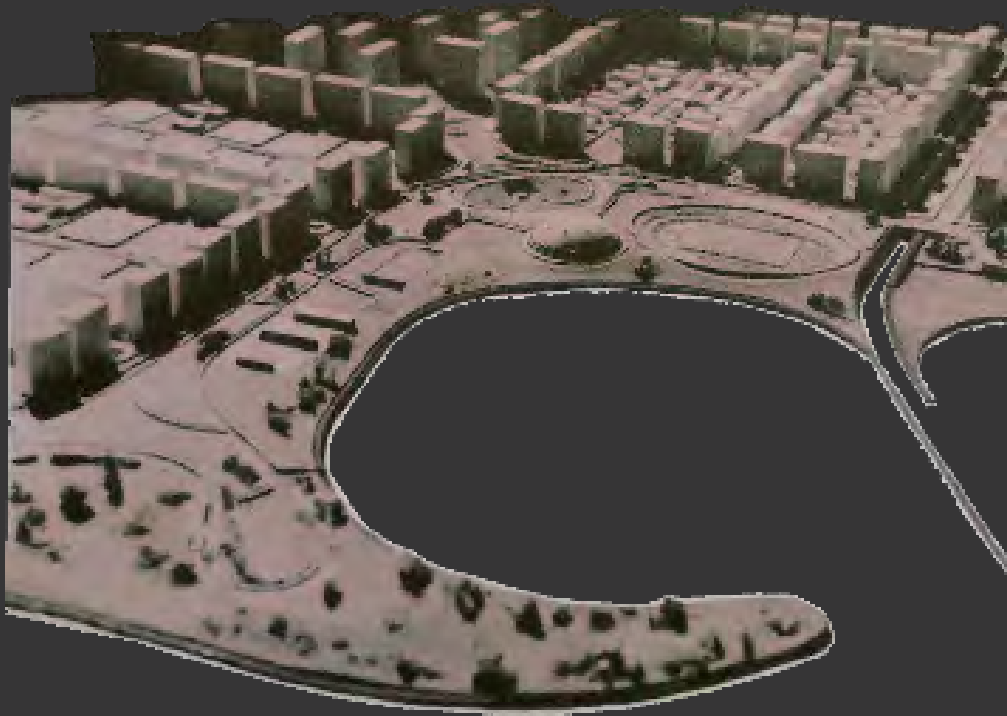


IMAGEM 11 - Capa “Edvaldo Pereira Paiva. Um urbanista”.

FONTE: IAB/RS. Edvaldo Pereira Paiva. Um urbanista. – Porto Alegre: UFRGS/IAB-RS, 1985.

Na série de textos publicados de 1953 a 1955 pela revista *Horizonte*¹³⁹ e, posteriormente, em 1959, pelos *Cadernos de Estudos do CEUA*, Paiva demonstrou seu compromisso em atuar ao lado do povo e “desmascarar mais eficientemente as manobras demagógicas feitas no campo da urbanística, tão apropriado para tal fim, pelos sectores interessados em iludir o povo com promessas reformistas”¹⁴⁰. Como quem rompia com a naturalidade do mundo e acreditava em suas transformações, fez da democratização da arquitetura e do urbanismo temas a sua luta. A análise da realidade foi posta como premissa às suas reflexões e o materialismo histórico dialético¹⁴¹ como método as suas investigações. Assim como a seus companheiros, teve nas resoluções presente no programa político do Partido Comunista Brasileiro (PCB) uma maneira de analisar a sociedade e formular ações, principalmente no campo do urbanismo.

Definido por Edgar Graeff como uma “espécie de subversivo às claras, a contestar o conservadorismo anacrônico, a burocracia emperrada, as rotinas esclerosadas e o reacionarismo político”¹⁴², aspecto este somado à contribuição pública no desenvolvimento do município de Porto Alegre e do país, ao engenheiro-urbanista, o título de intelectual-urbanista engajado se estabelece de maneira adequada.

Paiva foi professor catedrático da disciplina de Urbanismo e Arquitetura Paisagística no

¹³⁹ O texto *A ciência urbanística e a realidade social brasileira*, publicado pela revista *Horizonte*, foi dividido em 5 partes (Parte 1: Ano III, nº 2; Parte II: Ano III, nº 3; Parte III: Ano IV, nº 26; Parte IV: Ano IV, nº 27; Parte V: Ano IV, nº 28.) O mesmo texto foi publicado pelos *Cadernos de Estudos do CEUA*, nº 2 e nº 4, com o título *A urbanística e a realidade brasileira*.

¹⁴⁰ PAIVA, Edvaldo Pereira. *A Urbanística e a realidade brasileira*. *Cadernos de Estudos – CEUA*, Porto Alegre, nº 2, 1959, p. 1.

¹⁴¹ A paixão pelo Urbanismo e pela ideologia do materialismo histórico foram narradas por Demétrio Ribeiro ao recordar e escrever sobre Edvaldo Pereira Paiva no Livro *Edvaldo Pereira Paiva. Um urbanista*. (RIBEIRO, Demétrio. *Recordações de Paiva*. In: INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL/RS. [Org.] Edvaldo Pereira Paiva. *Um urbanista*. – Porto Alegre: UFRGS/IAB-RS, 1985, p. 21.)

¹⁴² GRAEFF, Edgar Albuquerque. *Mestre Paiva - Memorial*. In: INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL/RS. [Org.] Edvaldo Pereira Paiva. *Um urbanista*. – Porto Alegre: UFRGS/IAB-RS, 1985. p. 30-31.

curso de Arquitetura do Instituto de Belas Artes (IBA) de 1946 a 1951, curso que ajudou a criar ao lado de Demetrio Ribeiro, e professor catedrático de Planejamento Urbano da Faculdade de Arquitetura da UFRGS, posição assumida em 1956.

Assim como os companheiros Demetrio, Graeff, Enilda e Nelson, era professor na Faculdade de Arquitetura da UFRGS, quando o Golpe Militar o aposentou de seu cargo. O engenheiro e urbanista, no entanto, se encontrava em Brasília, ocupando o cargo de presidente da Comissão de Reforma Agrária do Palácio do Planalto, desde 1963, e lecionando no curso de Urbanismo da FAU-UNB, quando teve sua vida investigada e foi acusado de subverter a nova ordem estabelecida.

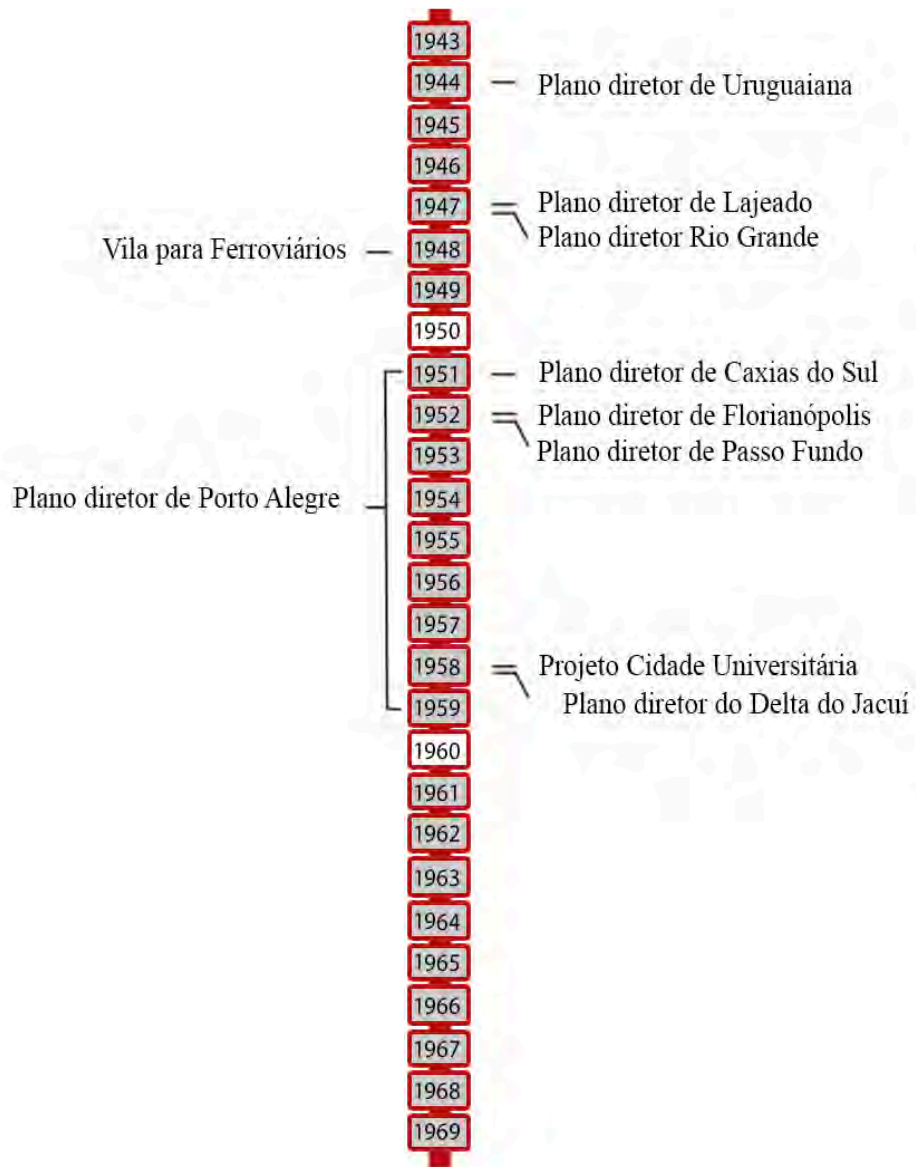
Sua atuação no Partido Comunista Brasileiro, somada à proximidade a Leonel Brizola¹⁴³, se estabelecem como possíveis causas de seu expurgo¹⁴⁴. Obrigado a refugiar-se no Uruguai, no ano de 1965, recebeu o convite do arquiteto Carlos Gomez Gavazzo para trabalhar na Faculdade de Arquitetura. Este ingressou no Instituto de Urbanismo da Faculdade de Arquitetura de Montevidéu, tornando-se, em 1965, diretor do Departamento de Investigações desta instituição, permanecendo até o ano de 1971¹⁴⁵. Paiva, mesmo com a Anistia em 1979, não retornou ao Brasil, vindo a falecer em Montevidéu em 30 de abril de 1981.

¹⁴³ Leonel Brizola se identificou com os ideais de esquerda de Paiva e o transformou em membro da Comissão Consultiva de Administração de seu governo como prefeito de Porto Alegre, em 1958 e, posteriormente, como assessor técnico do governo do estado (1959 a 1963).

¹⁴⁴ Paiva e os companheiros Carlos Maximiliano Fayet, Demetrio Ribeiro, Enilda Ribeiro, Francisco Riopardense de Macedo, Nelson Souza, dentre outros, foram interrogados no quartel general do III exército, localizado na rua dos Andradas, centro de Porto Alegre, entre os dias 26 de maio e 4 de junho de 1964. A convocação dos professores da Faculdade de Arquitetura foi realizada pelo diretor prof. João Baptista Pianca. (MANSAN, Jaime Valim. A Comissão Especial de Investigação Sumária da UFRGS (1964). In: Estudos Ibero-Americanos, Porto Alegre, v. 38, nº 1, p. 100-118, jan./jun. 2012, p. 114.)

¹⁴⁵ INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL/RS. [Org.] Edvaldo Pereira Paiva. Um urbanista. – Porto Alegre: UFRGS/IAB-RS, 1985, p. 18.





CRONOLOGIA PROJETOS E PLANOS - PEREIRA PAIVA



IMAGEM 12 - Enilda Ribeiro.

FONTE: Arquivo do AGIA-UFRGS.

Disponível em: <<http://profciriosimon.blogspot.com.br/2010/08/arte-em-porto-alegre-apos-1945-0802.html>>

ENILDA RIBEIRO

Enilda Ribeiro (1923-2010), arquiteta formada pela Escola de Belas Artes do Rio Grande do Sul, em 1950, e em Urbanismo, no ano de 1955, teve sua trajetória marcada pelas inúmeras funções assumidas, pela produção de projetos de qualidade (estética e técnica) e, sobretudo, pela regulamentação profissional sem diferenciações entre homens e mulheres. Por meio de sua atuação como professora na Faculdade de Arquitetura (FA-UFRGS), como militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB), e como arquiteta e urbanista dedicou sua vida na luta em prol dos mais humildes, e pela construção de uma sociedade mais justa e humana. Desafiou a desigualdade de gênero na profissão, sendo a primeira mulher a presidir o Instituto de Arquitetos do Brasil, departamento do Rio Grande do Sul – IAB/RS (1980-1981) – e a obter registro junto ao CREA-RS¹⁴⁶. Ao lado de seus companheiros Nelson, Paiva, Graeff e Demetrio, engajou-se em um novo projeto de cidade, em que homens e mulheres, independente da classe, pudessem usufruir de espaços e habitações de qualidade, em que o direito de ir, vir, dizer, pensar e acreditar de muitos não encontrasse na censura de poucos entraves ao seu desenvolvimento. Com voz ativa, sem medo do destino e com crença num mundo melhor, Enilda enfrentou Ditadura Militar e engajou-se no que se tornaria um dos principais projetos de sua vida, o processo revolucionário do pensamento.

Em 1964, quando a Comissão Especial de Investigação Sumária iniciou a caça aos professores da UFRGS considerados subversivos¹⁴⁷, Enilda Ribeiro era Instrutora de Ensino

¹⁴⁶ CREA-RS renova Conselho e reafirma dirigentes. Conselho em Revista, ano IV, nº41, jan. 2008, p. 8.

¹⁴⁷ Enilda e os companheiros Carlos Maximiliano Fayet, Demetrio Ribeiro, Edvaldo Pereira Paiva, Francisco Riopardense de Macedo, Nelson Souza, dentre outros, foram interrogados no quartel general do III exército, localizado na rua dos Andradas, centro de Porto Alegre, entre os dias 26 de maio e 4 de junho de 1964. A convocação dos professores da Faculdade de Arquitetura foi realizada pelo diretor prof. João Baptista Pianca. (MANSAN, Jaime Valim. A Comissão Especial de Investigação Sumária da UFRGS (1964). In: Estudos Ibero-Americanos, Porto

Superior na Faculdade de Arquitetura, ministrando aulas de Pequenas Composições, cargo em que começou a ocupar no ano de 1953. Entre as justificativas à sua cassação, estava a participação como delegada do Rio Grande do Sul, na II Assembleia Nacional de Mulheres¹⁴⁸ realizada em Porto Alegre, de 9 a 11 de outubro, cujo objetivo era reunir mulheres em luta por “melhores condições de vida, unidade e paz”¹⁴⁹.

Trabalhando desde 1960 como urbanista na Divisão de Urbanismo da Prefeitura Municipal de Porto Alegre (PMPA), Enilda, assim como o colega Carlos Maximiliano Fayet, foi afastada de seu cargo, sendo a sua exoneração publicada no Boletim de Pessoal da Prefeitura, em 28 de setembro de 1964¹⁵⁰. Após ser aposentada da UFRGS e demitida de seu cargo na prefeitura, Enilda, em parceria com Demetrio Ribeiro e outros companheiros de profissão, dedicou-se a realizar projetos urbanos e planos diretores em diversos municípios do Estado, como Bento Gonçalves, Espumoso, Gramado, Marau, Novo Hamburgo, Panambi e Tapera¹⁵¹. No ano de 1963, integrou a Comissão de Transportes Coletivos, no município de Porto Alegre; entre os anos de 1976 e 1979, forneceu assessoramento urbanístico para a firma Proenge; em 1979, realizou o anteprojeto para as áreas verdes do Núcleo Urbanístico Novo Hamburgo, entre outros. Em 1979, quando a Anistia política tornou possível o reingresso dos professores à Universidade, Enilda renunciou à possibilidade de regressar à Faculdade de Arquitetura¹⁵².

Alegre, v. 38, n° 1, p. 100-118, jan./jun. 2012, p. 114.)

¹⁴⁸ O livro *Universidade e Repressão* informou a participação de Enilda Ribeiro na 11 (décima primeira) Assembleia Nacional de Mulheres. Porém, ocorreu em Porto Alegre a II (segunda) Assembleia Nacional de Mulheres. Esta informação pode ser comprovada em publicações do jornal *Imprensa Popular*, emissão do dia 13/09/1953. (AVERBUCK, Lígia; CAMPILONGO, Maria Assunta; HOLZMANN, Lorena; MIRANDA, Luiz Alberto Oliveira Ribeiro de; SANTOS, José Vicente Tavares dos; TAITELBAUM, Aron. (1979) *Universidade e repressão: os expurgos na UFRGS*. [2. Ed.] – Porto Alegre: L&PM, 2008, p. 44/*Por Melhores Condições de Vida, Unidade e Paz*. Convocada a II Assembléia Nacional de Mulheres para outubro próximo, em Porto Alegre. *Imprensa Popular*, p. 5, 13 set. 1953.)

¹⁴⁹ Em notícia publicada no jornal *Imprensa Popular* de 13/09/1953, as lutas por melhores condições de vida, unidade e paz são apresentadas como objetivo da II Assembleia Nacional de Mulheres *Por Melhores Condições de Vida, Unidade e Paz*. Convocada a II Assembléia Nacional de Mulheres para outubro próximo, em Porto Alegre. *Imprensa Popular*, p. 5, 13 set. 1953.)

¹⁵⁰ MANSAN, Jaime Valim. *Os expurgos na UFRGS: afastamentos sumários de professores no contexto da Ditadura Civil-Militar (1964 e 1969)*. 2009. 323 f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009, p.125.

¹⁵¹ MARQUES, Sergio Moacir. *Fayet, Araújo & Moojen: arquitetura moderna brasileira no sul - 1950 / 1970*. 2012, Tese (Doutorado em Arquitetura) - UFRGS, Porto Alegre, 2012, p. 30.

¹⁵² *Idem*.





IMAGEM 13 - Nelson Souza.

Disponível em: < <http://iabrs.org.br/web/Noticias/Noticia.aspx?id=4362>>

NELSON SOUZA

Nelson Souza, arquiteto e urbanista gaúcho, nasceu em Porto Alegre (1925-2014) e diplomado em arquitetura pelo Instituto de Belas Artes, em 1951. Diferente dos seus colegas, não exerceu cargo no Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB). Teórico habilidoso, participou da criação da revista *Ante-projeto* (versão gaúcha), em agosto de 1948, periódico rebatizado no volume seguinte por *ESPAÇO–Arquitetura*, com publicação durante o ano de 1948 e 1949. Foi diretor da revista *Horizonte*, de 1953 a 1956, importante periódico ligado ao PCB.

Marxista assumido, fez dos seus poucos escritos declaradas e corajosas manifestações de seu posicionamento ideológico. Ciente da contradição em ser comunista e arquiteto, evidenciou o caráter mercadológico da arquitetura, assumindo posição em defesa da habitação e cidade como direito social e humano. Em sua apresentação no Simpósio de Arquitetura, durante a 30ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência realizada em São Paulo, no ano de 1978, deixou parte de suas reflexões sobre a Arquitetura e o Urbanismo brasileiro materializados em duas publicações. Realizadas no ano de 1979 pelo Diretório Acadêmico da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – DAFA/UFRGS – e Instituto de Arquitetos do Brasil – IAB/RS, entidades relacionadas à arquitetura e ao urbanismo do Rio Grande do Sul, as publicações intitularam-se, respectivamente, *Arquitetura e Democracia*¹⁵³ e *A questão da Democracia e a Arquitetura moderna no Brasil*¹⁵⁴. Como os próprios títulos denunciam, o texto demonstra o posicionamento de Nelson Souza favorável à democratização da Arquitetura brasileira, uma vez que esta era, em sua visão, produto necessário à vida social e humana.

¹⁵³ SOUZA, Nelson. *Arquitetura e democracia*. Cadernos do DAFA, Porto Alegre, n° 3, 1979.

¹⁵⁴ SOUZA, Nelson. *A questão da democracia e a arquitetura moderna no Brasil*. - Porto Alegre: Instituto de Arquitetos do Brasil/RS, 1979.

Formulado a partir dos ensinamentos marxistas, o texto revela, em seu discurso, as aparições do espectro de Marx¹⁵⁵, cuja constante visitação ao arquiteto fez da narrativa a manifestação de um conjunto de ideias não apenas arquitetônicas e urbanísticas, mas filosóficas, econômicas, políticas e sociais. Ao explicitar peculiaridades do modo de produção capitalista, como as características do sistema econômico – que transforma os bens indispensáveis à vida e à força de trabalho em mercadoria (valor de troca) –, o conceito marxista de mais-valia, entre outros, Nelson objetivava a compreensão de que as necessidades essenciais de todo ser humano eram [e ainda são] apenas “oportunidades, pretexto, para investir capital, fazê-lo crescer, acumular, reinvestir”¹⁵⁶.

Nelson Souza era Professor responsável pela disciplina de Teoria da Arquitetura, na Faculdade de Arquitetura da UFRGS, quando, em 1964, o Golpe o aposentou do cargo que ocupava desde 1953¹⁵⁷. Inicialmente na posição de instrutor, Nelson assumiu a disciplina no ano de 1962, quando o professor, então responsável, Edgar Graeff se mudou para Brasília a fim de ministrar aulas na recém-criada FAU-UNB. Nelson, em 1964, também ocupava o cargo de arquiteto da Divisão de Obras da Reitoria da Universidade (1959-1964), vindo a ser demitido. Acusado pelos militares de ser assinante de um jornal da classe operária do Rio de Janeiro (denúncia da qual conseguiu se livrar), de pertencer a uma organização subversiva¹⁵⁸ e de proselitismo em sala de aula, Nelson, acompanhado do colega Marcos¹⁵⁹, se apresentou ao quartel do 3º Exército, onde foi interrogado. Em entrevista ao historiador Jaime Valim Mansan, em 2007, atribuiu a abertura do Inquérito à agitação dos estudantes que, na visão dos militares, era consequência da influência dos professores¹⁶⁰. Assim como os colegas, após o expurgo, Nelson dedicou-se ao exercício da profissão de arquiteto e urbanista e, diferente do companheiro Demetrio Ribeiro, não retornou ao cargo de docente após a anistia em 1979. No dia 08 de março de 1981, Nelson rompeu com o Partido Comunista e se filiou ao recém criado Partido dos Trabalhadores (PT)¹⁶¹.

¹⁵⁵Referência ao livro *Espectros de Marx*, de Jacques Derrida (DERRIDA, Jacques. (1993) *Espectros de Marx: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova internacional*. SKINNER, Anamaria. [Trad.] – Rio de Janeiro: Relume – Dumará, 1994.)

¹⁵⁶ SOUZA, Nelson. *A questão da democracia e a arquitetura moderna no Brasil*. - Porto Alegre: Instituto de Arquitetos do Brasil/RS, 1979, p. 7.

¹⁵⁷ Nelson e os companheiros Carlos Maximiliano Fayet, Demetrio Ribeiro, Edvaldo Pereira Paiva, Francisco Riopardense de Macedo, Enilda Ribeiro, entre outros, foram interrogados no quartel general do III exército, localizado na rua dos Andradas, centro de Porto Alegre, entre os dias 26 de maio e 4 de junho de 1964. A convocação dos professores da Faculdade de Arquitetura foi realizada pelo diretor prof. João Baptista Pianca. (MANSAN, Jaime Valim. *A Comissão Especial de Investigação Sumária da UFRGS (1964)*. In: *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 38, n° 1, jan.- jun.. 2012, p. 114.)

¹⁵⁸ MARKUN, Paulo. *Os arquitetos e a Ditadura*. In: CAU/BR. *Notícias*. 2014. Disponível em: <<http://www.caubr.gov.br/os-arquitetos-e-a-ditadura/>>

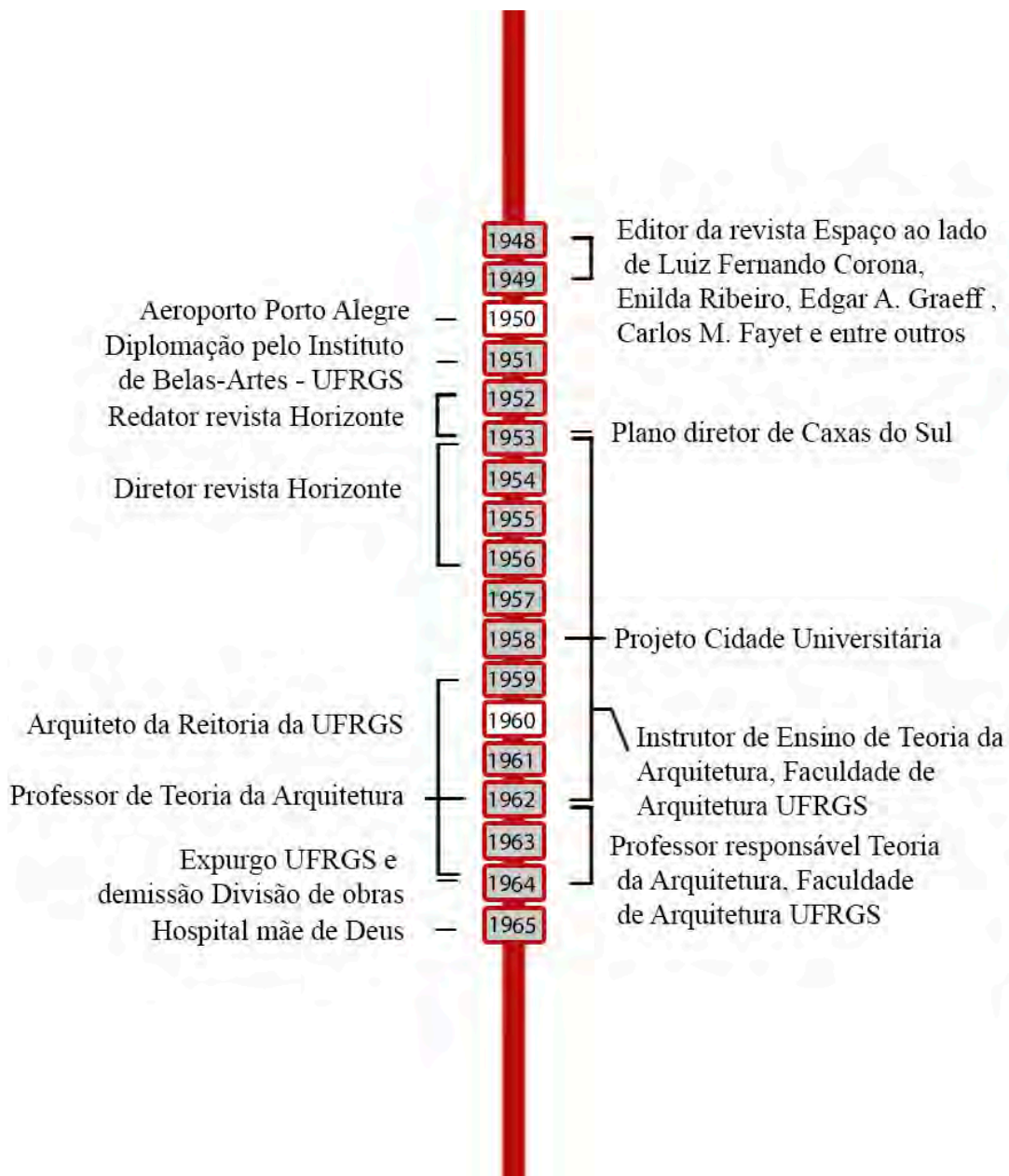
¹⁵⁹ Nelson provavelmente se referia a Marcos David Hekman, ex professor da Faculdade de Arquitetura, UFRGS.

¹⁶⁰ MANSAN, Jaime Valim. *Os expurgos na UFRGS: afastamentos sumários de professores no contexto da Ditadura Civil-Militar (1964 e 1969)*. 2009. 323 f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009, p. 107.

¹⁶¹ A filiação do Nelson Souza ao Partido dos Trabalhadores foi revelada por João Faria Rovati e confirmada através da relação de filiados do PT fornecida pelo Superior Tribunal Eleitoral. Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/partidos/filiacao-partidaria/relacao-de-filiados>> Acesso em: 17 fev. 2017.



IMAGEM 15 - Capa “A questão da Democracia e Arquitetura moderna Brasileira”.
FONTE: SOUZA, Nelson. A questão da democracia e a arquitetura e a arquitetura moderna no Brasil. - Porto Alegre: Instituto de Arquitetos do Brasil, 1979.



CRONOLOGIA - NELSON SOUZA



COMUNISMO, IDEOLOGIA
E PROFISSÃO

PERGUNTAS DE UM TRABALHADOR QUE LÊ

Quem construiu Tebas, a cidade das sete portas?
Nos livros estão nomes de reis; os reis carregaram pedras?
E Babilônia, tantas vezes destruída, quem a reconstruía sempre?
Em que casas da dourada Lima viviam aqueles que a edificaram?
No dia em que a Muralha da China ficou pronta,
para onde foram os pedreiros?
A grande Roma está cheia de arcos-do-triunfo:
quem os erigiu? Quem eram aqueles que foram vencidos pelos césares? Bizâncio, tão famosa, tinha somente palácios para seus moradores? Na legendária Atlântida, quando o mar a engoliu, os afogados continuaram a dar ordens a seus escravos.
O jovem Alexandre conquistou a Índia.
Sozinho?
César ocupou a Gália.
Não estava com ele nem mesmo um cozinheiro? Felipe da Espanha chorou quando sua frota naufragou. Foi o único a chorar?
Frederico Segundo venceu a guerra dos sete anos. Quem partilhou da vitória?
A cada página uma vitória.
Quem preparava os banquetes comemorativos? A cada dez anos um grande homem.
Quem pagava as despesas?
Tantas informações.
Tantas questões.

Bertolt Brecht

A história do Partido Comunista no Brasil, cujas raízes estão fixadas no interesse dos anarquistas¹⁶² brasileiros pelos ensinamentos de Karl Marx e Friedrich Engels, após a Revolução Russa de 1917, poderia ser narrada pela alternância temporal entre momentos de clandestinidade (ilegalidade) e exposição (legalidade). Períodos estes que ora tiveram sua luta acompanhada por perseguições, torturas, censura e prisões, ora combate travado por políticos comunistas eleitos democraticamente. A variação nas resoluções políticas do Partido, em acordo com a conjuntura internacional e nacional, isto é, ao utilizar o enfrentamento a certos temas como principais tarefas – fascismo, imperialismo, latifúndio –, soma-se como importante característica a simbolizar o transcorrer histórico do movimento comunista. Em determinados momentos, estas mudanças caracterizaram e estigmatizaram a organização, acarretando o distanciamento e desvio do objetivo final: romper com o Capitalismo e construir uma nação comunista. As disposições temáticas em conjunto com a inconstância na legalidade levaram o Partido a períodos de desestruturação, tornando corriqueiro e necessário o ato de autocrítica dos militantes, entre os quais os de Demetrio, Graeff, Paiva, Enilda e Nelson, e da conduta partidária.

A compreensão da história do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e os principais temas defendidos por seus membros entre os anos de 1922 (data de fundação do PCB) e 1985 (fim da Ditadura Militar) tornam-se necessários frente ao desafio em demonstrar a influência das resoluções políticas e estatutos do Partido Comunista Brasileiro nas reflexões sobre Arquitetura e Urbanismo realizadas pelos 5 professores comunistas (VER TABELA 04).

¹⁶² De acordo com pesquisas do CPDOC-FGV, lançada em 1997 com o título “A Era Vargas - 1º tempo - dos anos 20 a 1945”, quase todos os fundadores do PCB eram anarquistas antes de se converterem ao comunismo. (ABREU, Alzira Alves de. Dicionário histórico-biográfico da Primeira República. In: CPDOC, São Paulo, 2015.) Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/apresentacao>>.

TABELA - CRONOLOGIA PCB LEGALIDADE x ILEGALIDADE E CONGRESSOS	
DATA	ACONTECIMENTO
1918	Fundação Liga Comunista de Livramento (primeiro núcleo comunista no Rio Grande do Sul)
NOVEMBRO 1918	Fundação da União Maximalista em Porto Alegre (grupo de orientação marxista mais antigo no Brasil)
1919	Fundação da Liga Operária em Rio Grande
MARÇO 1922	Fundação do Partido Comunista do Brasil I Congresso do Partido Comunista
JUNHO 1922	Ilegalidade
1924	Fundação do Partido Comunista do Brasil em Porto Alegre
MAIO 1925	II Congresso do Partido Comunista
JANEIRO 1927	Retorno a legalidade
DEZ. 1928 - JAN. 1929	III Congresso do Partido Comunista
1935	Retorno a ilegalidade - Intentona Comunista
1943	Conferência da Mantiqueira
1945	Retorno a legalidade Reforma do Estatuto Intelectuais ingressam no Partido
1946	Guerra-Fria
1947	Retorno a ilegalidade
1948	Cassação dos Parlamentares do PCB
1950	Manifesto de agosto de 1950
DEZEMBRO 1954	IV Congresso do Partido Comunista Novo Estatuto
1956	Nikita Krushev denuncia Stalin
1957	Crise do Partido Comunista
1958	V Congresso do Partido Comunista
1961	Fundação do PC do B O Partido Comunista do Brasil passa a se chamar Partido Comunista
1967	VI Congresso do Partido Comunista Novo Estatuto
1968	"Passeata dos cem mil"
1977-1975	Prisão de inúmeros membros do Partido Comunista Brasileiro
1982	VII Congresso do Partido Comunista
1985	Retorno a legalidade

TABELA 4
Cronologia (1918-1985) Partido Comunista Brasileiro (PCB).
Fonte: elaborado pela autora.

Fundado¹⁶³ em março de 1922, em ocasião de um Congresso¹⁶⁴ realizado na cidade de Niterói, então capital do estado do Rio de Janeiro, o Partido Comunista do Brasil (PCB) possuía por objetivo promover a revolução proletária e conquistar o poder político. Somente dessa maneira seria capaz de realizar a passagem do sistema capitalista para o sistema socialista, colocando o país no rumo à implantação do Comunismo. Três meses após sua criação, em junho de 1922, o Partido iniciou sua saga na ilegalidade, levando alguns de seus membros a serem presos. O trabalho partidário, apesar de clandestino, se manteve continuamente ativo, variando, sobretudo, o nível de organização partidária. Dificultoso e arriscado, a atuação às escondidas foi estimulada pela Internacional Comunista, sendo este, inclusive, um dos 21 pontos a serem seguidos para o ingresso nesta associação. Segundo a *Komintern*, “nos países onde os comunistas, por conta do estado de sítio ou das leis de exceção, não possam atuar em total legalidade, é absolutamente indispensável combinar o trabalho legal e o clandestino”¹⁶⁵.

No caso do Comitê sediado na cidade de Porto Alegre, cuja origem se estabeleceu no ano de 1919 com o nascimento da União Maximalista, conformando-se como Partido Comunista no ano de 1924, apenas o retorno à legalidade, no ano de 1927, foi capaz de estruturá-lo, começando a funcionar de fato. Em resposta à regularidade, o Comitê gaúcho passou a intervir mais frequentemente no movimento operário e sindical do estado¹⁶⁶.

¹⁶³ Em 1918, na cidade de Livramento no Rio Grande do Sul, foi formado o primeiro núcleo comunista denominado Liga Comunista de Livramento. Neste mesmo ano nasceu em Porto Alegre a União Maximalista e, em 1919, no Rio Grande, a Liga Operária, ambas comunistas. Sem data conhecida, surgiu o Centro Comunista, em Passo Fundo. No início de 1919 foi fundado o Partido Comunista-anarquista no Rio de Janeiro e, no mês de junho do mesmo ano, o Partido Comunista do Brasil, na cidade de São Paulo. Por ocasião de divergências de pensamento e ações, anarquistas e comunistas romperam relações partidárias, fundando, no ano de 1921, o primeiro núcleo exclusivamente comunista do Brasil, nomeado por Grupo Comunista do Rio de Janeiro. Em 1921 a União Maximalista de Porto Alegre converteu-se em Grupo Comunista de Porto Alegre e, apenas no ano de 1924, em Partido Comunista do Brasil. Este, porém, passou a atuar de fato no ano de 1927. (PEIXOTO, Artur Duarte. Da organização à frente única: a repercussão da ação política do Partido Comunista do Brasil no movimento operário gaúcho. 2006. Dissertação (Mestrado em História) - UFRGS, Porto Alegre, 2006, p. 43-45, 49.)

¹⁶⁴ Por iniciativa do Grupo Comunista de Porto Alegre e do Rio de Janeiro, em março de 1922, realizou-se um Congresso a fim de fundar o Partido Comunista do Brasil. (PEIXOTO, Artur Duarte. Da organização à frente única: a repercussão da ação política do Partido Comunista do Brasil no movimento operário gaúcho. 2006. Dissertação (Mestrado em História) - UFRGS, Porto Alegre, 2006, p. 49).

¹⁶⁵ FISHUK, Erick. As 21 condições de admissão na Comintern. Fishuk, 2014. Disponível em: < <http://www.fishuk.cc/2014/08/condicoes.html#nota14> >

¹⁶⁶ PEIXOTO, Artur Duarte. Da organização à frente única: a repercussão da ação política do Partido Comunista do Brasil no movimento operário gaúcho. 2006. Dissertação (Mestrado em História) - UFRGS, Porto Alegre, 2006, p. 75.

Os primeiros anos de atuação do PCB, nos quais foram realizados três Congressos¹⁶⁷, marcaram-se pela tentativa em criar uma cultura socialista no país e um modo de organização proletário, capaz de permitir a luta¹⁶⁸. A partir de 1930, década de provável ligação de Edvaldo Pereira Paiva¹⁶⁹ ao PCB, vivenciou-se período de afirmação política em benefício da proletarização do partido, se considerados os cinco primeiros anos, e de retrocesso partidário, após o ano de 1935¹⁷⁰. De forma geral, presenciou-se a cisão entre trotskistas e stalinistas, os levantes contra o governo de Getúlio Vargas e importantes mudanças na linha política do Partido, que abrandou o extremismo revolucionário. Suas estratégias de luta foram alteradas e o Partido acabou por retornar à ilegalidade, condição que se prolongou por 10 anos¹⁷¹.

Nesta mesma década, o nazifascismo se expandiu pelo mundo e as ameaças de guerra, até então distantes, se tornaram reais. O VII Congresso Mundial da Internacional Comunista realizado na cidade de Moscou, no ano de 1935, abandonou a política ultraesquerdista, então defendida, e assumiu como estratégia a formação de Frentes Populares. Estas coligações entre forças contrárias ao poder de Hitler e Mussolini aceitavam, inclusive, setores da burguesia autointitulados “democratas”. A resolução foi seguida pelo PCB, então membro da *Komintern*¹⁷², cuja concretização do apoio se manifestou na formação da ANL – Aliança Nacional Libertadora (organização política com participação de socialistas, comunistas, católicos e democratas em luta contra o imperialismo, o latifúndio, o fascismo e a favor da democracia¹⁷³). Almejando a resolução de um problema que, naquele momento, se mostrava mais imediato, o Partido Comunista do Brasil se aliou à burguesia nacional, deixando de lado, pelo menos naquele instante, a luta contra a emancipação do sistema capitalista. Com a ilegalidade do Partido após fracasso da Intentona Comunista, em 1935, e o golpe do presidente

¹⁶⁷ 1922 - I Congresso, 1925 – II Congresso, 1928/1929 – III Congresso.

¹⁶⁸ COMITÊ CENTRAL DO PCB. Breve histórico do PCB. PCB, set. 2010. Disponível em: <<http://pcb.org.br/portal/docs/historia.pdf>> Acesso em: 21 fev. 2015.

¹⁶⁹ Em entrevista concedida aos professores Luís Augusto Fischer e Eduardo Wolf ao Jornal Zero Hora, caderno Cultural (28/07/2003), Demetrio falou sobre a participação de Edvaldo Pereira Paiva na Juventude Comunista, em Porto Alegre. (LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. – Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005, p. 156.) Uma célula da Juventude Comunista foi fundada em Porto Alegre no ano de 1927. (KAREPOVS, Dainis. A Nação e a Juventude Comunista do Brasil. In: Cadernos AEL, v17, n°29, 2010, p. 202). Disponível em: <http://www.al.sp.gov.br/repositorio/bibliotecaDigital/20750_arquivo.pdf>

¹⁷⁰ ABREU, Alzira Alves de. Dicionário histórico-biográfico da Primeira República. In: CPDOC, São Paulo, 2015, p. 7.

¹⁷¹ O partido retornou à ilegalidade no ano de 1935, tendo como causa a Intentona Comunista - série de revoltas ocorridas no Brasil contra o governo de Getúlio Vargas, objetivando implantar o controle do país pelo proletariado. Sob a liderança da ANL, organização fundada pelo PCB e a comando de Luís Carlos Prestes, a rebelião, também conhecida por Revolta Vermelha de 35 ou Levante Comunista, ocorreu em Natal, Rio Grande do Norte, Maranhão, Recife e Rio de Janeiro. As revoltas foram rapidamente impedidas pela Força de Segurança Nacional.

¹⁷² Também chamada de III Internacional Comunista.

¹⁷³ ABREU, Alzira Alves de. Dicionário histórico-biográfico da Primeira República. In: CPDOC, São Paulo, 2015, p. 9.

Getúlio Vargas, em 1937, instaurando o Estado Novo, as perseguições aos comunistas se intensificaram levando à prisão de inúmeros dirigentes.

No início dos anos de 1940, as divergências entre os membros do PCB que aceitavam a aliança com a burguesia e os contrários a esta resolução tornaram-se mais nítidas. A reorganização fazia-se imprescindível ao desenvolvimento do Partido, que iniciou sua reestruturação em agosto de 1943, em ocasião da II Conferência Nacional do PCB, conhecida como Conferência da Mantiqueira. Nessa ocasião, o Partido assumiu posição nacionalista em defesa da soberania nacional e aliou-se a Getúlio Vargas.

O ano de 1945, rompendo com a sequência de desestruturação, representou ao Partido Comunista do Brasil momento de grande euforia e esperança. Após 10 anos agindo nas sombras da política, período de perseguições e desarticulação do Partido, o retorno à legalidade¹⁷⁴ veio por iluminar as lutas, servindo de estímulo ao ingresso de militantes e favorecendo a eleição de 14 deputados. Foi o ano em que Demetrio Ribeiro se candidatou à Deputado Estadual pelo PCB e assumiu a direção do Comitê de Porto Alegre, na qual permaneceu até o fim da legalidade. Anistia conquistada, a libertação dos presos políticos colocou em cena o Cavaleiro da Esperança, cujo “amor à liberdade e à luta”¹⁷⁵ o convertia no símbolo da renovação partidária. Luís Carlos Prestes [o cavaleiro] saiu da prisão, viajou pelo Brasil e foi recebido em Porto Alegre, em setembro de 1945, com inúmeras atividades comemorativas, entre as quais um comício no qual Demetrio Ribeiro contribuiu com os preparativos¹⁷⁶. Segundo Demetrio, “naquele tempo, o Partido Comunista era legal e era um só. A grande figura era o Luís Carlos Prestes, todo mundo era entusiasmado com ele, que tinha passado nove anos na cadeia e saíra falando de paz e de mudança”¹⁷⁷.

¹⁷⁴ Após a permissão decretada por Getúlio Vargas para a fundação de Partidos Políticos (Decreto-Lei nº7.586, de 28 de maio de 1945), o PCB solicitou ao Tribunal Superior Eleitoral (setembro de 1945) seu registro. Com decisão acertada de forma “definitiva”, no dia 10 de novembro de 1945, o PCB voltou a legalidade. (ABREU, Alzira Alves de. Dicionário histórico-biográfico da Primeira República. In: CPDOC, São Paulo, 2015, p.12.)

¹⁷⁵ AMADO, Jorge. O cavaleiro da esperança: vida de Luís Carlos Prestes. - São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

¹⁷⁶ Demetrio Ribeiro fez parte da comissão de propaganda junto aos companheiros Vasco Prado, Luiza Ferrari Prado, Ernesto Sander, Carlos Alberto Petrucci, Eglê Malheiros, Osmar Pinto, Emilce Aveline e Mário Azambuja. (MARTINS, Marisângela. A esquerda de seu tempo. Escritores e o partido Comunista do Brasil (Porto Alegre 1927-1957). 2012. Tese (Doutorado em História) - UFRGS, Porto Alegre, 2012, p. 191.)

¹⁷⁷ SILVA, Clóvis Ilgenfritz da Silva. Lembranças de uma Bela Época. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. – Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005. p. 143.

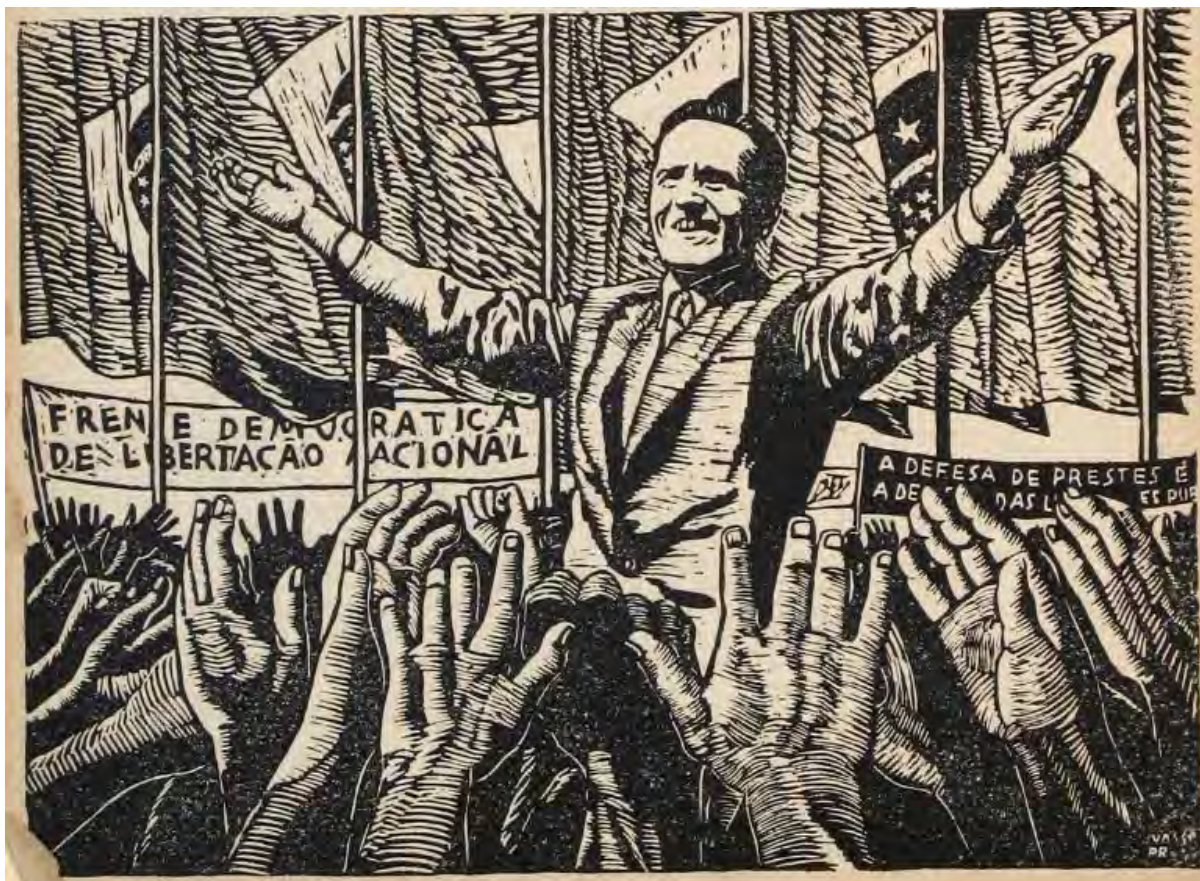


IMAGEM 15

Pelas liberdades democráticas para o povo, autor gravura: Vasco Prado.
Fonte: Horizonte, nº5, jan. 1951, capa.

Este também foi o momento em que o PCB acabou por assumir ideologia nacional-libertadora e atraiu para seu corpo de militantes grande número de escritores, jornalistas e professores universitários¹⁷⁸. Todos estes, ao optarem por atuar a favor de um grupo do qual não pertenciam, ou seja, a classe proletária, encontram, no partido político, o organismo capaz de lutar em nome da coletividade em que tanto almejavam. Em busca de sua verdadeira essência e razão de ser, o Comunismo se mostrava como meio capaz de proporcionar a reconciliação com a consciência.

A socióloga Alzira Alves de Abreu, ao tratar sobre o PCB no Dicionário histórico-biográfico da Primeira República¹⁷⁹, apresentou como justificativa ao rápido aumento da popularidade do Partido, no período de legalidade, “em parte ao prestígio de Luís Carlos Prestes e em parte ao prestígio da URSS, que tivera um papel fundamental na derrubada do

¹⁷⁸ ABREU, Alzira Alves de. Dicionário histórico-biográfico da Primeira República. In: CPDOC, São Paulo, 2015, p. 13.

¹⁷⁹ Idem.

nazifascismo”¹⁸⁰. Segundo Abreu, o PCB “no início da fase de redemocratização, em 1945, contava entre dois e cinco mil membros e, em 1946, de acordo com Leôncio Basbaum, atingiu 180 mil membros inscritos”¹⁸¹. No caso do Comitê de Porto Alegre, entre os anos de 1945-1947, foram encontrados registros pela historiadora Marisângela T. A. Martins¹⁸² de 581 membros, entre os quais Demetrio Ribeiro, então dirigente, e Edvaldo Pereira Paiva. Foram feitas menções a apenas 92 mulheres (quantia esta que demonstra tendência ao gênero masculino entre os filiados) e, dentre as quais, Enilda Ribeiro não aparece. Este fato corrobora a hipótese de que sua filiação apenas ocorreu na década de 1950, no mesmo período em que Nelson Souza. A partir do comentário de Demetrio Ribeiro sobre a contribuição de Edgar Graeff à identidade progressista do IBA, no qual era professor, estima-se que, já na década de 1940, fosse membro do Partido¹⁸³.

Neste mesmo ano (13/11/1945), o Estatuto do PCB, instrumento indispensável ao cumprimento do programa e resoluções partidárias, foi reformulado. Com características rígidas quanto aos deveres, mostrou-se de grande importância para a educação ideológica dos militantes e dirigentes, capaz de desenvolver a democracia interna, a disciplina, a unidade de seus membros, e a estimular a crítica e autocrítica do Partido. De acordo com o Estatuto de 1945, era considerado membro do Partido aquele que aceitasse “o seu programa, os seus estatutos e a sua disciplina”¹⁸⁴ e jurasse, perante assembleia, lealdade e dedicação à classe operária e ao povo. Assim juravam,

prometo a mais firme lealdade e completa dedicação aos sagrados interesses da classe operária e do povo. Prometo, assim, trabalhar ativamente pela defesa da democracia e da paz, pela derrota definitiva do fascismo, pelo desaparecimento de todas as formas de opressão nacional e de exploração do homem, até o estabelecimento do socialismo. Com este objetivo, juro

¹⁸⁰ Idem.

¹⁸¹ ABREU, Alzira Alves de. Dicionário histórico-biográfico da Primeira República. In: CPDOC, São Paulo, 2015, p. 13.

¹⁸² As pesquisas realizadas pela historiadora Marisângela, buscando contabilizar os militantes do Partido Comunista Brasileiro, em Porto Alegre, foram realizadas através dos periódicos Correio do Povo e Tribuna Gaúcha, veículos de divulgação das atividades e convocação dos membros do Partido, bem como os relatórios da Polícia Política do Rio Grande do Sul. (MARTINS, Marisângela. De Volta para o Presente: Uma história dos militantes comunistas de Porto Alegre e suas representações acerca da democracia (1945-1947). 2000. Dissertação (Mestrado em História) - UFRGS, Porto Alegre, 2000, p. 43.)

¹⁸³ RIBEIRO, Demetrio. Um depoimento sobre a criação, por Tasso Corrêa, do ensino da arquitetura no Rio Grande do Sul. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Arquitetura UFRGS: 50 anos de histórias. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. p. 24.

¹⁸⁴ PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL. Estatutos do Partido Comunista do Brasil. Direito e deveres dos membros do partido. Capítulo II, Dos membros do Partido, Art. 6. 1945. In: Marxists, Internet Archive. Documentos. 2012. Disponível em: < <https://www.marxists.org/portugues/tematica/1945/11/estatuto-pcb.htm>> Acesso em: março 2015.

solenemente permanecer fiel aos princípios do Partido Comunista do Brasil; lutar, dentro do máximo de minha capacidade, que procurarei aumentar sempre, pela sua unidade e pelo seu crescimento; trabalhar, incansavelmente, no cumprimento do seu programa. (PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL. Capítulo II. Art. 8.)

Salvo mediante autorização, a presença de membros inativos¹⁸⁵ não era permitida, sendo seu primeiro dever “enquadrar todos os atos de sua vida pública e privada dentro dos princípios e do programa do Partido, e ajustar estritamente sua conduta partidária à observância fiel de seus estatutos e regulamentos¹⁸⁶”. Assim como a incitação disciplinar, também era apontado como obrigatoriedade o pertencimento ao sindicato de sua profissão, os colocando, mediante o não cumprimento das regulamentações, sob ameaça de punição.

¹⁸⁵ PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL. Estatutos do Partido Comunista do Brasil. Direito e deveres dos membros do partido. Capítulo II. Dos membros do Partido, Art. 6, § 1. 1945. In: Marxists, Internet Archive. Documentos. 2012. Disponível em: < <https://www.marxists.org/portugues/tematica/1945/11/estatuto-pcb.htm>> Acesso em: março 2015.

¹⁸⁶ PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL. Estatutos do Partido Comunista do Brasil. Direito e deveres dos membros do partido. Capítulo III. Dos direitos e deveres dos membros do Partido, Art. 9. 1945. In: Marxists, Internet Archive. Documentos. 2012. Disponível em: < <https://www.marxists.org/portugues/tematica/1945/11/estatuto-pcb.htm>> Acesso em: março 2015.

www.marx.org/portugues

ESTATUTOS

do Partido Comunista

do Brasil

Direito e deveres dos
membros do Partido

Preço para todo o Brasil :

CR\$ 1,00

Data provável: 13 de novembro de 1945

IMAGEM 16

Capa Estatuto de 1945 – PCB.

Fonte: Marxists, 2012. Disponível em:

< <https://www.marxists.org/portugues/tematica/1945/11/estatuto-pcb.htm> >

Apesar de não sabermos ao certo a data de ingresso dos 5 professores no Partido Comunista do Brasil, muito em decorrência dos longos períodos de ilegalidade e desaparecimento de documentos, compreendemos que o Estatuto de 1945 representou forte influência nos militantes deste período e dos que os sucederam. Mesmo substituído posteriormente e retirando de seus parágrafos o caráter rígido na conduta dos militantes, como veremos a seguir, o comportamento (esfera pública e privada) dos seus membros permanecia em acordo com as resoluções do Partido e fiel ao povo brasileiro.

No período de atuação segundo a lei (1945-1947), o PCB dedicou-se à política de democratização do país. Sua principal tarefa foi alcançar a “União Nacional” que, por contar com o apoio de Getúlio Vargas, gerou inúmeras divergências e acabou não obtendo êxito. A eleição de Eurico Gaspar Dutra à presidência (1945-1951) e seu alinhamento ao Estados Unidos da América transformou a Guerra Fria em ameaça aos comunistas brasileiros. Acusações sobre o caráter internacionalista do Partido e de irregularidade no Estatuto fizeram com que, no ano de 1947, o registro do PCB fosse cancelado, dando início a mais um período de ilegalidade. Em janeiro de 1948, os mandatos dos deputados do PCB foram cassados e as acusações ao Partido de incentivos às greves e às agitações populares intensificadas¹⁸⁷. Como resposta à euforia popular, em abril de 1948, a desarticulação de um levante comunista foi noticiada pelo jornal A Manhã, levando, no caso de Porto Alegre, 123 células a serem invadidas e fechadas pela polícia. Entre os militantes detidos, estava Demetrio Ribeiro¹⁸⁸.

A falência da política de “União Nacional” somada à intensa repressão aos comunistas levou o PCB a mais um momento de questionamento e revisão de seu posicionamento. Assumindo conduta revolucionária, de certa forma extremista, em agosto de 1950, um novo programa partidário foi assinado por Luís Carlos Prestes, em nome do Comitê Central, acusando tanto o capital estrangeiro quanto os latifúndios de representarem entraves ao desenvolvimento do país. Aclamando ao povo brasileiro, patriotas e democratas, concidadãos e trabalhadores, o apelidado Manifesto de agosto incitava o povo à união e ação contra a “crescente colonização de nossa pátria”¹⁸⁹. Posicionando-se contrário à Guerra na Coreia, à

¹⁸⁷ MARTINS, Marisângela. A esquerda de seu tempo. Escritores e o partido Comunista do Brasil (Porto Alegre 1927-1957). 2012. Tese (Doutorado em História) - UFRGS, Porto Alegre, 2012, p. 171.

¹⁸⁸ Foram detidos no mesmo episódio que Demetrio Ribeiro os companheiros Deburgo de Deus Vieira, Fernando da Costa Melo, Gínia Machline, Julieta Batistioli, Manoel Jover Telles e Maria Linhares Crespo. (MARTINS, Marisângela. A esquerda de seu tempo. Escritores e o partido Comunista do Brasil (Porto Alegre 1927-1957). 2012. Tese (Doutorado em História) - UFRGS, Porto Alegre, 2012, p. 171.)

¹⁸⁹ PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL. Manifesto de agosto de 1950. Rio de Janeiro, 1950. 16 p. In: Fundação Dinarco Reis, 2016.

Disponível em: <http://pcb.org.br/fdr/index.php?option=com_content&view=article&id=89:o-manifesto-de-agosto&catid=1:historia-do-pcb> Acesso em: março 2015.

dominação imperialista, ao monopólio de nossas matérias-primas, como o petróleo, o ferro e o manganês, ao controle e à ocupação das bases militares aéreas e navais de nosso país, Prestes mudava o rumo do Partido e colocava novamente como pauta o sofrimento do povo brasileiro.

O problema da habitação apareceu em meio às críticas ao imperialismo como dificuldade restrita às massas populares, e ao embate necessário de ser travado. Segundo Prestes,

nas grandes cidades, a maioria da população é obrigada a viver amontoadas, quase ao relento, na promiscuidade imunda das favelas e cortiços, porque as casas são cada vez mais um privilégio dos ricos, como privilégios dos ricos já é igualmente a instrução, mesmo a primária mais elementar. (PRESTES, 1950, p. 5.)



IMAGEM 17

Ilustração para campanha de soltura de Elisa Branco.

Fonte: Do Manifesto de Agosto de 1950 ao IV Congresso. A nova Democracia, ano X, nº 83, nov. 2011.

Disponível em:

< <http://anovademocracia.com.br/no-83/3712-do-manifesto-de-agosto-de-1950-ao-iv-congresso> >

A leitura do manifesto deixa claro seu posicionamento favorável ao confisco das empresas imperialistas, dos grandes latifúndios, dos monopólios estrangeiros e nacionais; e à nacionalização dos bancos, dos serviços públicos, entre outros, tendo, na luta armada, a resposta para o proletário alcançar o poder¹⁹⁰. De acordo com o Cavaleiro da Esperança,

¹⁹⁰ Elisa Branco Batista foi militante do PCB, secretária do Comitê Municipal do PCB em Barretos, em 1945, fez parte da Federação das Mulheres de São Paulo e do Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz, vindo a tornar-

é este o caminho da independência e do progresso, da democracia e da paz. Precisamos libertar o país do jugo imperialista e por abaixo a ditadura de latifundiários e grandes capitalistas, substituir o governo da traição, da guerra e do terror contra o povo pelo governo efetivamente democrático e popular. Para isso, é indispensável liquidar as bases econômicas da reação, o que significa a confiscação das empresas imperialistas e dos grandes monopólios estrangeiros e nacionais, a nacionalização dos bancos, dos serviços públicos, das minas, das quedas d'água, e, igualmente, a confiscação das grandes propriedades latifundiárias que devem passar gratuitamente as mãos dos que nelas vivem e trabalham. (PRESTES, 1950, p. 8.)

se ícone da Campanha pela Paz Mundial. Seu protesto contra o envio de tropas brasileiras à Guerra da Coreia, em setembro de 1950, a levou a ser condenada por um Tribunal Militar a uma pena de 5 anos de prisão. Em prol de Elisa, que havia aberto uma faixa com os dizeres "Os soldados nossos filhos não irão para a Coreia" em meio as comemorações do Dia da Interdependência, um grande movimento popular por sua libertação foi organizado do lado de fora da prisão, pressionando o governo a realizar novo julgamento que veio absolve-la após um ano e oito meses de reclusão. Elisa recebeu o Prêmio Lênin da Paz, em dezembro de 1952 e voltou a ser presa em 1964 pelo DOPS, dessa vez sem acusações. A prisão voltaria a acontecer em 1971, vindo a ser liberada por falta de provas. (FUNDAÇÃO DINARCO REIS. Elisa Branco, heroína da paz. 2016. Disponível em: <https://pcb.org.br/fdr/index.php?option=com_content&view=article&id=145:elisa-branco-heroína-da-paz&catid=6:memoria-pcb>)

Problemas

REVISTA MENSAL DE CULTURA POLÍTICA

Diretor: DIÓGENES ARRUDA

IV CONGRESSO DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL



7 a 11 de Novembro de 1954

Dezembro de 1954

a

Fevereiro de 1955

64

Preço:

Cr\$ 10,00

IMAGEM 18

Capa Revista Problemas - IV Congresso do Partido Comunista.

Fonte: Problemas, n° 64, dez 1954/fev 1955, capa. Disponível em:
https://www.marxists.org/portugues/tematica/rev_prob/64/index.htm

Toda a autocrítica formulada pelo PCB no fim dos anos de 1940 e início dos anos de 1950 foi discutida no IV Congresso do Partido, em 1954, e se materializou num Novo Regimento. O Estatuto de 1954¹⁹¹ veio para corroborar com o “programa de salvação nacional”, sendo este a única solução que permitiria “ao povo brasileiro tomar os destinos da Pátria em suas próprias mãos e fazer do Brasil uma grande nação próspera, livre e independente”¹⁹². Guiado pelas doutrinas de Marx, Engels, Lênin e Stálin, o Estatuto de 1954 confirmou o caráter internacionalista do Partido e seu objetivo em construir um país socialista e uma sociedade comunista. Suas principais tarefas, reafirmando os pontos anteriormente defendidos no Manifesto de agosto, consistiam em unir forças contra os imperialistas e latifundiários, conquistando um Regime estruturado na democracia popular¹⁹³. Este Regimento apontava como dever de seus membros a participação ativa na vida política, o trabalho incansável no cumprimento das decisões do Partido, a participação ativa nos sindicatos e demais organizações de massa, dedicando-se sempre à defesa, instrução e organização do povo. A elevação do nível de conhecimento político e ideológico conformava-se como obrigação, na qual os militantes, assim como os 5 professores, se empenhavam.

Mesmo com a exigência do Partido na cooperação sindical por parte dos seus membros, Demetrio, Graeff, Enilda e Nelson não tiveram participação na Associação Profissional dos Arquitetos de Porto Alegre (APA), criada em 1969, nem mesmo no Sindicato dos Arquitetos no Estado do Rio Grande do Sul (SAERGS), com início em 1973. No entanto, o processo de instituição do APA foi liderado pelo IAB-Departamento do Rio Grande do Sul, momento em que a entidade era presidida por Demetrio Ribeiro, que veio a abrir a reunião de fundação¹⁹⁴.

Em fevereiro de 1956, mais uma vez, o destino “bateu à porta” e o Partido retomou seu momento de crise. Os crimes cometidos por Stálin, personalidade cultuada por grande parcela

¹⁹¹ PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL. IV Congresso do Partido Comunista do Brasil – PCB: Informe de Balanço do Comitê Central do PCB ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil. Parte III, item 6. Lutar Pela Assimilação e Cumprimento dos Estatutos do Partido. 1954. In: Marxists, Internet Archive. Documentos. 2006. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/prestes/1954/informe/cap03.htm#iii6>> Acesso em: março 2015.

¹⁹² PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL. Resolução Política do IV Congresso do Partido Comunista do Brasil. Sobre o Informe de Balanço do Comitê Central, apresentado pelo Camarada Luiz Carlos Prestes. 1954. In: Marxists, Internet Archive. Documentos. 2006. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/tematica/rev_prob/64/res_inf_prestes.htm> Acesso em: março 2015.

¹⁹³ Idem.

¹⁹⁴ Segundo o arquiteto Clovis Ilgenfritz da Silva, suplente na primeira diretoria da Associação Profissional de Arquitetos (APA) de Porto Alegre, de 1969 a 1972 e Presidente da APA de 1972 a 1973, “Demetrio Ribeiro presidiu a reunião porque ele era o mais velho. E porque era uma pessoa ilustre, era o nosso guru. Mas tinha ainda Miguel Pereira, Irineu Breitmann, Cláudio Araujo, Nelson Souza e outras pessoas importantes que já eram dirigentes do IAB e sempre nos apoiaram”. (MELLO, Bruno Cesar Euphrasio. [Org.] – Sindicatos no Rio Grande do Sul: memórias de quatro décadas (1973 – 2013). – Porto Alegre: Livraria do Arquiteto, 2014, p. 276; 282.)

dos comunistas, foram denunciados por Nikita Krushev¹⁹⁵ durante o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS). Dessa forma, em 1957, divergências e conflitos internos encaminharam o Partido ao colapso e ao rompimento de expressivo número de militantes, dirigentes e intelectuais¹⁹⁶. A situação começou a ser alterada em 1958, quando foi divulgada a Declaração de Março, documento no qual o PCB analisou a situação do país e apontou, de forma esperançosa, caminhos para a pacífica revolução brasileira. Segundo a declaração,

as modificações na arena internacional criam condições mais favoráveis para a luta pelo socialismo, tornam mais variados os caminhos da conquista do poder pela classe operária e as formas de construção da nova sociedade. A possibilidade de uma transição pacífica ao socialismo se tornou real numa série de países. (Declaração Sobre a Política do PCB, março 1958.)

Apesar da decepção à figura de Stálin, os êxitos econômicos e culturais dos países socialistas, especialmente da URSS, foram reconhecidos e apontados como influentes na “evolução política e social de todos os povos”¹⁹⁷. Influências estas que, mesmo apontando situação favorável à revolução, alertavam sobre a necessidade em solucionar questões mais imediatas ao povo brasileiro e que, de certa forma, encaminharia a emancipação capitalista.

Em setembro de 1960, foi realizado o V Congresso do PCB, e, novamente, a Resolução política do Partido foi alterada e adaptada à conjuntura. A nova orientação tornou-se nacionalista e acabou por modificar o nome do Partido em prol da legalidade. O Partido Comunista do Brasil passou a ser nomeado por Partido Comunista Brasileiro¹⁹⁸. Confirmando a orientação política dos últimos anos, o PCB manteve sua luta ao favor da “emancipação do país do domínio imperialista e a eliminação da estrutura agrária atrasada, assim como o estabelecimento de amplas liberdades democráticas e a melhoria das condições de vida das massas populares”¹⁹⁹.

O início dos anos 60 representou ao Partido Comunista Brasileiro momento de ampliação no quadro de militantes, sobretudo de intelectuais, e da atuação, por meio do governo de João

¹⁹⁵ Secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética (1953-1964).

¹⁹⁶ COMITÊ CENTRAL DO PCB. Breve histórico do PCB. PCB, set. 2010. Disponível em: <<http://pcb.org.br/portal/docs/historia.pdf>> Acesso em: 21 fev. 2015.

¹⁹⁷ Idem.

¹⁹⁸ Em fevereiro de 1962 o PC do B, partido formado por dissidentes do PCB e adeptos ao stalinismo, foi criado e passou a ser reconhecido como Partido Comunista do Brasil, nome utilizado pelo PCB no ato de sua fundação, em 1922.

¹⁹⁹ PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL. Resolução Política do V Congresso PCB. 1960. In: Marxists, Internet Archive. Documentos. 2013.

Disponível em: <http://pcb.org.br/fdr/index.php?option=com_content&view=article&id=149:resolucao-politica-do-v-congresso-do-pcb&catid=1:historia-do-pcb>

Goulart, em atividades que faziam parte de suas tarefas partidárias. Até o Golpe de 1964, quando os militares assumiram a direção do país, o PCB era o maior e o mais importante Partido de esquerda. Contava com lideranças dentro da União Nacional dos Estudantes (UNE), no movimento estudantil, no CGT (Comando Geral dos Trabalhadores) e inúmeros sindicatos, tanto urbanos quanto rurais²⁰⁰. Havia se dedicado à campanha de restituição de João Goulart à presidência, representando importante apoio à efetivação das reformas de base.

Quando o Golpe civil-militar ocorreu no dia 31 de março de 1964, o PCB não se encontrava preparado estruturalmente nem intelectualmente para avançar rumo à emancipação do país. Como visto anteriormente, o Partido havia “deixado de lado” suas resoluções de caráter emancipacionista e de cunho revolucionário, colocando em pauta a estratégia nacional-libertadora. Segundo Anita Leocádia Prestes, após o Golpe, as divergências dentro do PCB acirraram-se ainda mais, o que os levou à divisão entre os revolucionários, que viam na luta armada a saída para o fim do Golpe e emancipação, e os reformistas, que continuavam prezando pela libertação, mas de forma pacífica²⁰¹.

Os anos do Regime Militar foram marcados pela “caça aos comunistas”, com inúmeras perseguições, prisões, torturas, mortes, censuras, exílios e expurgos. Atrocidades estas que, mesmo causando danos ao prestígio do Partido, não impediram sua luta contra a Ditadura. Dessa forma, em dezembro de 1967, contrariando a tentativa militar de silenciamento e desestabilização comunista, foi realizado o VI Congresso do PCB, que se comprometeu, em “mobilizar, unir e organizar a classe operária e demais forças patrióticas e democráticas para a luta contra o Regime ditatorial, pela sua derrota e a conquista das liberdades democráticas”²⁰². A união entre a classe operária, o campesinato e a pequena burguesia urbana, segundo a resolução política, tornava-se fundamental na luta contra a Ditadura. Organização esta que, em paralelo à atuação da intelectualidade, colocaria o país na direção revolucionária do Socialismo.

As mulheres em luta “contra as discriminações sociais e jurídicas que as colocam em situação de inferioridade na vida brasileira, pela igualdade de direitos da mulher trabalhadora, pela protecção à maternidade e à infância (...) contra a carestia de vida, pela solidariedade aos presos e perseguidos políticos e suas famílias”²⁰³ tornavam-se parte essencial desta batalha.

²⁰⁰ PRESTES, Anita Leocádia. O PCB e o golpe civil-militar de 1964: causas e consequências. Estudos Ibero-Americanos, v 40, n°1, 2014. Disponível em:

< <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/18138>>

²⁰¹ Idem.

²⁰² PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL. Resolução Política VI Congresso PCB. 1967. In: Marxists, Internet Archive. Documentos. 2014. Disponível em:

< <https://www.marxists.org/portugues/tematica/1967/12/resolucao.htm>> Acesso em: março 2015.

²⁰³ Idem.

Papel este o qual Enilda Ribeiro soube representar com dedicação e maestria, colocando o seu nome nas mais diversas causas assumidas pelo Partido, como o apoio da Conferência latino-americana de Mulheres²⁰⁴ (1954), o encontro entre Anita Leocádia e seu pai, Luís Carlos Prestes²⁰⁵ (1957), o Congresso Nacional de Intelectuais²⁰⁶ (1953), entre outros fatos que, após o Golpe civil-militar, foram utilizados como justificativa para as investigações dos militares.

²⁰⁴ Expressivo apoio à Conferência Latino-Americana de Mulheres: novas adesões de personalidades brasileiras. Imprensa Popular, Rio de Janeiro, 11 jul. 1954.

²⁰⁵ Ao lado do pai: um natal mais belo para Anita Leocádia. Imprensa Popular, Rio de Janeiro, 24 dez. 1957.

²⁰⁶ Primeiro Congresso Nacional de Intelectuais: convocação. Diário de Notícias, p. 4, 18 dez. 1953.

VI Congresso do
Partido Comunista Brasileiro

**Estatuto do
Partido
Comunista Brasileiro**

Dezembro — 1967

NOV 30 1967

IMAGEM 19

Capa VI Congresso do PCB, 1967.

Fonte: Gramática do Mundo, 2013.

Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/tematica/1967/12/resolucao.htm>>

Em meio às tarefas apresentadas, a luta das populações urbanas reivindicando o controle dos aluguéis, a construção de moradias, a urbanização das favelas, a solução para os problemas de transporte, melhoria dos serviços urbanos, entre outros, entravam de forma objetiva na pauta comunista e dos 5 arquitetos e urbanistas. Um novo Estatuto foi aprovado durante o Congresso, dessa vez, rompendo com o stalinismo, mas mantendo a luta contra o imperialismo e a exploração latifundiária. Os anos que se seguiram foram de intensa repressão aos comunistas, principalmente àqueles que, além de serem adeptos ao Marxismo, atuavam criticamente em entidades públicas. Situação que se manteve até o ano de 1979, quando a anistia “devolveu” ao Partido antigos dirigentes e militantes, então exilados ou presos.

Dessa forma, o PCB entrou na década de 1980 com expectativas de realizar o VII Congresso, em 1982; desejo que foi “bruscamente interrompido por agentes do departamento de Polícia Federal, que invadiram a sede do jornal Voz da Unidade, porta voz oficial do PCB, em que se reuniam os comunistas, e os levaram presos”²⁰⁷. As teses do VII Congresso, também conhecido por Encontro Nacional dos comunistas pela legalidade do PCB, foram discutidas em 1984, quando o Partido tomou por meta o registro no Tribunal Superior Eleitoral e a democracia como alternativa para a crise brasileira. O fim da Ditadura, em 1985, marcado pela eleição de Tancredo Neves²⁰⁸ e posterior posse de José Sarney (1985-1990), trouxe consigo, além do retorno à democracia, a legalidade ao Partido Comunista Brasileiro, então com novo manifesto, programa e Estatuto.

²⁰⁷ O ‘Partidão’ sai à luz. Istoé, São Paulo, 15 fev. 1984.

²⁰⁸ Tancredo Neves foi eleito presidente em 15 janeiro de 1985, após derrotar o candidato Paulo Maluf, porém não chegou a assumir o cargo. No dia 14 de março de 1985 Tancredo foi internado, vindo a falecer no dia 21 de abril de 1985, na cidade de São Paulo. A presidência foi assumida pelo então vice-presidente, José Sarney.

Para Demetrio, Graeff, Paiva, Enilda e Nelson, a militância no Partido Comunista Brasileiro (PCB) extrapolou as dimensões partidárias e esteve presente nas ações por eles desenvolvidas na vida pública e privada, como arquitetos e docentes. Ao jurarem lealdade e dedicação à classe operária, participando na defesa, instrução e organização do povo, tomaram para si não apenas o compromisso de lutar pela coletividade, mas a incumbência de viverem, trabalharem, pensarem e se comportarem no *the time* segundo as resoluções do Partido e regulamentados por seu Estatuto.

A herança marxista foi requisitada sempre que habitação, cidade e sociedade tornaram-se aspectos a serem pensados e discutidos, atuando como metodologia para compreensão da realidade existente. Teoria e crítica da Arquitetura e Urbanismo foram desempenhadas em paralelo à militância e sob orientação da ideologia proletária. As pautas defendidas pelo PCB, como a cultura nacional, a questão dos latifúndios e a transformação da habitação em mercadoria, foram estendidas ao exercício profissional e utilizadas como ponto de partida à crítica da Arquitetura moderna e à constituição do novo perfil para o arquiteto e urbanista.

A desigual distribuição das terras, por exemplo, apresentada pelo PCB como uma entre as duas contradições fundamentais da sociedade brasileira²⁰⁹, exigia solução radical, capaz de eliminar, por meio da reforma agrária, o monopólio da propriedade. A terra como uma superfície sólida em que se planta e se constrói, desde edificações a sonhos, tinha como pressuposto o planejamento, no qual o arquiteto e urbanista engajado tomava para si como objeto de enfrentamento. A defesa do país contra a dominação imperialista, da mesma forma, esteve presente no pensamento por eles produzido, se materializando, principalmente, na busca por uma arquitetura desvinculada das influências exteriores e projetada segundo a realidade brasileira e para um cidadão brasileiro.

De acordo com Paiva, o contraste social do país nos anos de 1950 era tão grande que miséria e luxo conviviam lado a lado, fosse no campo, pela falta de acesso à terra, fosse na cidade, em condições infra-humanas.²¹⁰ Ao considerar a exploração colonial e imperialista,

²⁰⁹ A exploração colonial e imperialista e o latifúndio foram apresentados como os dois principais elementos a gerarem contradições na sociedade brasileira.

²¹⁰ Paiva informa que de 11 milhões de famílias camponesas, menos de 2 milhões possuíam terras, assim como na cidade, dos 540.000 indivíduos, 133.000 em barracos nas favelas do Rio de Janeiro; 250 mil nos mocambos de recife e outras centenas de milhares no restante do país. (PAIVA, Edvaldo Pereira. A Urbanística e a realidade brasileira. Cadernos de Estudos – CEUA, Porto Alegre, n°2, 1959, p. 80.)

somada aos grandes latifúndios, como determinantes da formação das cidades brasileiras e, assim, responsáveis pela miséria do povo, como intelectual engajado na construção de cidades, tomou estas temáticas como objeto de enfrentamento.

Na integração ao PCB, partido que tinha o “objetivo de contribuir para a mudança da sociedade”²¹¹, o que se ensinava era a atuação na sociedade civil. No caso de Demetrio, sua atividade foi ajudando a comunidade a se organizar. “Organizar não para fazer proselitismo, como os adversários pensam. Entrar no IAB, por exemplo, não para converter os colegas ao comunismo. Não. Mas atuar para que o pessoal se organize, funcione, se democratize, aprenda a funcionar, a pensar coletivamente”²¹².

O elo entre Comunismo e profissão que os conduziu para a busca pelo papel social do arquiteto e urbanista esteve presente na quase totalidade da produção teórica dentre as analisadas nesta dissertação e por eles desenvolvidas entre os anos de 1950 e 1980. Se contabilizarmos os textos, os discursos e as entrevistas de Demetrio Ribeiro, perceberemos que, dentre os 45 textos selecionados, apenas 7 não apresentavam o anti-imperialismo, o fim do latifúndio, a busca pela democracia nacional, o papel social dos profissionais e a reforma curricular como temas à reflexão sobre a Arquitetura e o Urbanismo (VER TABELA 5)²¹³. O mesmo podemos dizer sobre a produção de Edgar Graeff. Dentre os 37 ensaios selecionados, apenas 6 não apresentavam as principais resoluções do PCB como tema as suas reflexões teóricas (VER TABELA 6). De forma mais tímida, porém confirmando as expectativas, dos 13 textos de Paiva, 12 apresentavam aproximações às temáticas comunistas (VER TABELA 7). Foram selecionados 2 ensaios de Enilda e, em 1 deles (a Situação da Arquitetura brasileira), o latifúndio e o imperialismo foram utilizados para a reflexão (VER TABELA 8). No caso de Nelson, dos 7 textos, apenas 1 deles, Cidade Universitária, fugiu à “regra” (VER TABELA 9).

Em uma análise das bibliografias apresentadas por Graeff como referência aos seus ensaios, encontraremos, por entre inúmeros arquitetos, nomes de importantes pensadores como

²¹¹ WEIMER, Gunter. Parada dos “bixos”, 1959. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Arquitetura UFRGS: 50 anos de histórias. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002, p. 138.

²¹² Idem.

²¹³ Os textos grifados na cor “rosa” não apresentavam o anti-imperialismo, o fim do latifúndio, a busca pela democracia nacional, o papel social dos profissionais e a reforma curricular como temas à reflexão sobre a arquitetura e o urbanismo. E-mails e planos diretores foram excluídos da contagem.

Leandro Konder²¹⁴, Henri Lefebvre²¹⁵, Bertolt Brecht²¹⁶ e Luckacs²¹⁷, assim como citações a Friedrich Engels²¹⁸ e Karl Marx²¹⁹, evidenciando sua aceitação da herança marxista.

Em certos textos, arquitetura e cidade foram pensadas diretamente sob a lógica das teses marxistas, como no caso do artigo A Questão da Democracia e a Arquitetura moderna no Brasil²²⁰, de Nelson Souza; em outros, se “escondeu” atrás da busca por uma arquitetura e um urbanismo nacional, como no artigo A Urbanística e a Realidade Brasileira²²¹, escrito por Paiva.

²¹⁴ GRAEFF, Edgar Albuquerque. Cidade Utopia. - Belo Horizonte: Vega, 1979, p. 107-124.

²¹⁵ GRAEFF, Edgar Albuquerque. Cidade Utopia. - Belo Horizonte: Vega, 1979, p. 107-124 e GRAEFF, Edgar Albuquerque. Cidade Utopia. - Belo Horizonte: Vega, 1979, p. 89-106.

²¹⁶ GRAEFF, Edgar Albuquerque. Cidade Utopia. - Belo Horizonte: Vega, 1979, p. 59-76.

²¹⁷ GRAEFF, Edgar Albuquerque. Cidade Utopia. - Belo Horizonte: Vega, 1979, p. 107-124.

²¹⁸ GRAEFF, Edgar Albuquerque. Cidade Utopia. - Belo Horizonte: Vega, 1979, p. 89-106.

²¹⁹ GRAEFF, Edgar Albuquerque. Cidade Utopia. - Belo Horizonte: Vega, 1979, p. 107-124.

²²⁰ SOUZA, Nelson. A questão da democracia e a arquitetura moderna no Brasil. - Porto Alegre: Instituto de Arquitetos do Brasil/RS, 1979.

²²¹ PAIVA, Edvaldo Pereira. A Urbanística e a realidade brasileira. Cadernos de Estudos – CEUA, Porto Alegre, n°2, 1959.

TABELA - TEMÁTICA COMUNISTA				
ARQUITETO	NOME TEXTO	DATA	PUBLICAÇÃO	
DEMETRIO RIBEIRO	Sobre a arquitetura brasileira.	1951	Horizonte, Porto Alegre, nº5, p. 145, maio 1951.	
	Sobre a arquitetura brasileira.	1951	Horizonte, Porto Alegre, nº11-12, p. 338-339, nov.-dez. 1955.	
	O arquiteto Neutra.	1951	Horizonte, Porto Alegre, nº5, p. 46, jan. 1951.	
	**Situação da Arquitetura Brasileira (Parceria: Enilda Ribeiro e Nelson Souza).	1956	XAVIER, Alberto. Depoimento de uma geração. - São Paulo: Pini, 1987. p. 150-154.	
	**Cidade Universitária (Parceria: Edvaldo Pereira Paiva, Roberto F. Veronese, Carlos M. Fayet, Nelson Souza, Roberto J. Fabian).	1958	Espaço Arquitetura, Porto Alegre, ano 1, nº2, p. 29-39.	
	A profissão do arquiteto.	1959	LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. - Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005. p. 19-23.	
	O projeto na formação do arquiteto.	1961	Caderno de Estudos - CEUA, Porto Alegre, nº10, 1961.	
	Conclusão do grupo de estudos da 8ª região.	1961	Cadernos de estudos - CEUA, nº15, 1961.	
	Criatividade arquitetônica e subdesenvolvimento : relatório da seção brasileira da u.i.a. ao xii congresso mundial de arquitetos : síntese das discussões preliminares organizadas pelo Instituto de Arquitetos do Brasil sobre o tema congresso.	1975	XAVIER, Alberto. Depoimento de uma geração. - São Paulo: Pini, 1987. p. 249-258.	
	As novas condições de trabalho do arquiteto.	1977	LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. - Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005. p. 24-29.	
	Qualidade de vida da cidade é limitada pelos desníveis de renda.	1978	Mercados, Porto Alegre, v. 4, nº29, 1978, p. 3-10.	
	As Reivindicações profissionais do Instituto de Arquitetos do Brasil.	1979	LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. - Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005. p. 30-33.	
	Os desafios de um Congresso.	1982	Projeto, São Paulo, nº 44, p. 27, out.1982.	
	Neste depoimento, um pouco da história de nossa arquitetura.	1983	Projeto, São Paulo, nº50, p. 40-41, 1983.	
	Legislação profissional : uma contradição artificial.	1984	LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. - Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005. p. 34-36.	
	Recordações de Paiva.	1985	INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL/RS. [Org.] Edvaldo Pereira Paiva. Um urbanista. - Porto Alegre: UFRGS/IAB-RS, 1985. p.21-24.	
	**Análise de cursos de graduação. (Parceria: Demetrio Ribeiro e Jon Andoni Maitrejan.)	1985	Projeto, São Paulo, nº 81, p. 66-67, nov. 1985.	
	Técnica e democracia na vida urbana.	1985	Espaço, São Paulo, v. 2, nº 2, 1985.	
	Análise de cursos de graduação.	1985	Projeto, São Paulo, , p.66-67, nov. 1985	
	O ensino da arquitetura e a realidade profissional.	1986	Projeto, São Paulo, nº89, p. 101, 1986.	
	Os arquitetos e o planejamento urbano.	1987	Projeto, São Paulo, nº95, p. 83, 1987.	
	A Arquitetura no período 45-60.	1987	XAVIER, Alberto; MIZOGUCHI, Ivan. Arquitetura Moderna em Porto Alegre. São Paulo: Pini, 1987, p. 26-31.	
	Os arquitetos e o planejamento urbano.	1987	Projeto. - São Paulo, n.95, P.83, jan. 1987.	
	Urbanismo e favelamento.	1988	LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. - Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005. p. 45-51.	
	Inovações na política urbana.	1988	LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. - Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005. p. 42-44.	
	Denso olhar de um sábio : depoimento a José Wolf.	dez.1990/jan.1991	AU - Arquitetura Urbanismo, ano 2, nº 4, p. 16, fev. 1986.	
	Perspectivas do IAB.	1991	LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. - Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005. p. 52-53.	
	O Planejamento Urbano no Rio Grande do Sul (um depoimento sobre as vicissitudes da idéia do plano diretor, de 1945 até hoje).	1992	LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. - Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005. p. 54-70.	
	A esquerda e as privatizações.	1993	LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. - Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005. p. 103-106.	
	Por que ler Proudhon.	1996	LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. - Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005. p. 107-116.	
	O novo e a moda na formação dos arquitetos.	1998	SVENSSON, Frank. [Org.] Arquitetura e Conhecimento. - Brasília: Alva, nº6, 1988, p. 1-6.	
	A doutrina de Augusto comte e a sociedade atual.	1999	LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. - Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005. p. 117-119.	
	Contribuição ao debate sobre o 2º PDDU no CEM.	2000	LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. - Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005. p. 71-74.	
	Reflexões sobre um gesto de amizade.	2000	LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. - Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005. p. 120-122.	
	Breve nota sobre o tema marxismo e ecologismo.	2002	LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. - Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005. p. 123-124.	
	Um depoimento sobre a criação, por Tasso Corrêa, do ensino da arquitetura no Rio Grande do Sul.	2002	LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Arquitetura UFRGS: 50 anos de histórias. - Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. p. 23-27.	
	A respeito do Plano Diretos de Porto Alegre.	2003	LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. - Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005. p. 75-76.	
	DISCURSO		DATA	PUBLICAÇÃO
	Discurso à primeira turma da Faculdade de Arquitetura da UFRGS.	1952	LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. - Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005. p. 79-85.	
	Discurso de Paraninfo.	1952	Horizonte, Porto Alegre, nº1, p. 25-27, jan. 1952.	
	Discurso à turma de 1977/1 da Faculdade de Arquitetura da UFRGS.	1977	LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. - Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005. p. 92-96.	
	Discurso de abertura do X Congresso Brasileiro de Arquitetos.	1979	LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. - Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005. p. 86-91.	
	Discurso ao XII Congresso Brasileiro de Arquitetos "Villanova Artigas".	1985	LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. - Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005. p. 97-101.	
	ENTREVISTA		DATA	PUBLICAÇÃO
	I Inquérito Nacional de Arquitetura.	1961	IAB/RJ. Inquérito Nacional de Arquitetura. IAB/RJ, 1961.	
	II Inquérito Nacional de Arquitetura.	1982	LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. - Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005.	
	Revista Adverso.	1990	LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. - Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005. p. 131-140.	
	Jornal da universidade.	2001	LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. - Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005.	
	Jornal Zero Hora.	2003	LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. - Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005.	
	E-MAILS		DATA	PUBLICAÇÃO
	13/setembro/2001, 15/setembro/2001, 17/setembro/2001, 19/setembro/2001, 12/outubro/2001, 15/dezembro/2001, 23/dezembro/2001, 02/janeiro/2002, 25/janeiro/2002, 27/fevereiro/2002, 07/abril/2002, 08/abril/2002, 19/maio/2002, 20/maio/2002, 21/maio/2002, 21/maio/2002, 22/maio/2002, 26/maio/2002, 23/maio/2002, 27/maio/2002, 29/maio/2002, 30/maio/2002, 01/junho/2002, 04/junho/2002, 14/junho/2002, 15/junho/2002, 20/junho/2002, 29/junho/2002, 24/agosto/2002, 05/setembro/2002, 11/outubro/2002, 15/outubro/2002, 1º/novembro/2002, 11/dezembro/2002, 30/março/2003, 31/março/2003, 27/abril/2003, 28/abril/2003, 30/abril/2003, 02/maio/2003, 04/maio/2003, 04/maio/2003, 05/maio/2003, 06/maio/2003, 07/maio/2003, 13/maio/2003, 16/maio/2003, 17/maio/2003, 25/maio/2003, 27/maio/2003, 28/maio/2003, 29/maio/2003, 30/maio/2003, 31/maio/2003, 01/junho/2003, 01/junho/2003, 01/junho/2003, 02/junho/2003, 03/junho/2003, 04/junho/2003, 13/junho/2003, 21/junho/2003, 23/junho/2003, 29/junho/2003, 01/julho/2003, 02/julho/2003, 08/julho/2003, 08/julho/2003, 09/julho/2003, 28/julho/2003, 23/agosto/2003, 24/agosto/2003, 28/agosto/2003, 31/agosto/2003, 01/setembro/2003.	2001-2003	LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. - Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005.	
	PLANO DIRETOR		DATA	PUBLICAÇÃO
	**Plano Diretor : Florianópolis (Parceria: Edvaldo Pereira Paiva e Edgar Graeff).	1952	Florianópolis: Prefeitura.	
	**Plano diretor de desenvolvimento urbano de Passo Fundo (pddu).(Parceria: Edvaldo Pereira Paiva, Francisco Macedo, Edgar Graeff/ Colaboradores: Enilda Ribeiro, João Valandro -estudante-, Luiz C. Cunha -estudante-, Rodolfo Matte -estudante-, Saulo Paiva Gomes -estudante-).	1953	Passo Fundo: Prefeitura Municipal, 1953.	

TABELA 5
Temática Comunista - Demetrio Ribeiro.
Fonte: elaborado pela autora.

TABELA - TEMÁTICA COMUNISTA			
ARQUITETO	TÍTULO TEXTO	DATA	PUBLICAÇÃO
EDGAR GRAEFF	Criação de uma Faculdade de Arquitetura.	1949	LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Arquitetura UFRGS: 50 anos de histórias. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. p. 15-22.
	Sobre Arquitetura.	1951	Horizonte, Porto Alegre, n°6, p. 170-171, jun. 1951.
	Sobre Arquitetura - Aula Inaugural FA (união IBA e EE).	1952	Horizonte, Porto Alegre, n°5, p. 116-117, 1952
	Sobre a questão da arquitetura moderna brasileira.	1953	GRAEFF, Edgar Albuquerque. Arquitetura e o Homem. – Belo Horizonte: EAU UMG, 1959, p. 3-26.
	Condições históricas do aparecimento da arquitetura.	1955	Cadernos da Faculdade de Arquitetura, Porto Alegre, n°1, p. 1-7, set. 1955.
	Brasília: dois caminhos da arquitetura contemporânea.	1957	GRAEFF, Edgar de Albuquerque. Cidade Utopia. - Belo Horizonte: Vega, 1979.
	Arquitetura, ideologia e outros temas.	1959	GRAEFF, Edgar de Albuquerque. Cidade Utopia. - Belo Horizonte: Vega, 1979 e Arquitetura e o Homem. - UMG, Escola de Arquitetura.
	Uma sistemática para o estudo da teoria da arquitetura.	1959	Tese (cátedra) - Universidade do Rio Grande do Sul. Faculdade de Arquitetura. Cadeira de Teoria da Arquitetura, Porto Alegre, BR-RS, 1959.
	Dez anos de arquitetura.	1959	GRAEFF, Edgar de Albuquerque. Arquitetura e o Homem. - UMG, Escola de Arquitetura.
	Um arquiteto em solidão.	1959	GRAEFF, Edgar de Albuquerque. Arquitetura e o Homem. - UMG, Escola de Arquitetura.
	Palácio Legislativo: Monumento ao Povo.	1959	GRAEFF, Edgar de Albuquerque. Arquitetura e o Homem. - UMG, Escola de Arquitetura.
	Arquitetura - Fenômeno Social.	1959	GRAEFF, Edgar de Albuquerque. Arquitetura e o Homem. - UMG, Escola de Arquitetura.
	Arquitetura brasileira.	1960	Porto Alegre: CEUA, 1960, 95 p./GRAEFF, Edgar de Albuquerque. Cidade Utopia. - Belo Horizonte: Vega, 1979
	A formação teórica do arquiteto.	1961	Cadernos de Estudos – CEUA, Porto Alegre, n° 10, 1961.
	Os fatores da arquitetura e suas relações.	1961	Cadernos do DAFA, Porto Alegre, n° 1, 1961. 71 p.
	Importância social e humana da arquitetura.	1967	Cadernos de Estudos - DAFA, Porto Alegre, n° 26, jun. 1967.
	Três categorias artísticas na Arquitetura.	1967	GRAEFF, Edgar Albuquerque. Arquitetura e o Homem. – Belo Horizonte: EAU UMG, 1959/ Cadernos de Estudos - DAFA, Porto Alegre, n° 25, fev. 1967.
	Os elementos estruturais de uma praça.	1968	Cadernos de Estudos – DAFA, Porto Alegre, n°29, maio 1968.
	A forma na Arquitetura.	1969	XAVIER, Alberto. Depoimento de uma geração. - São Paulo: Pini, 1987. p. 211-217/ GRAEFF, Edgar de Albuquerque. Cidade Utopia. - Belo Horizonte: Vega, 1979/GRAEFF, Edgar Albuquerque. Arquitetura e o Homem. – Belo Horizonte: EAU UMG, 1959.
	A superação da dependência cultural.	1978	XAVIER, Alberto. Depoimento de uma geração. - São Paulo: Pini, 1987. p. 273-277.
	Arquitetura Brasileira após Brasília / DEPOIMENTOS.	1978	IAB/RJ. Arquitetura Brasileira após Brasília/Depoimentos. – Rio de Janeiro: IAB/RJ, 1978.
	Praça dos três poderes.	1979	GRAEFF, Edgar de Albuquerque. Cidade Utopia. - Belo Horizonte: Vega, 1979.
	Teoria e Prática da teoria.	1979	GRAEFF, Edgar de Albuquerque. Cidade Utopia. - Belo Horizonte: Vega, 1979.
	A questão do espaço urbano.	1979	GRAEFF, Edgar de Albuquerque. Cidade Utopia. - Belo Horizonte: Vega, 1979.
	O lazer e a cidade nova.	1979	GRAEFF, Edgar de Albuquerque. Cidade Utopia. - Belo Horizonte: Vega, 1979.
	Ciência do espaço habitado e política.	1979	GRAEFF, Edgar de Albuquerque. Cidade Utopia. - Belo Horizonte: Vega, 1979.
	Oito vertentes e dois momentos de síntese da arquitetura brasileira: vertente brasileira.	1982	-----
	Sambódromo: um importante espaço de lazer popular.	1984	Lua Nova, São Paulo, vol.1, n° 2, set. 1984.
	**Análise de cursos de graduação. (Parceria: Demétrio Ribeiro e Jon Andoni Maitrejan.)	1985	Projeto, São Paulo, n° 81, p. 66-67, nov. 1985.
	Goiania: 50 anos.	1985	Goiania: PUC/Go, MEC, 1985.
	Mestre Paiva.	1985	INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL/RS. [Org.] Edvaldo Pereira Paiva. Um urbanista. – Porto Alegre: UFRGS/IAB-RS, 1985. p. 29-31.
	Apresentação livro Arquitetura e urbanismo da revolução Cubana.	1986	SEGRE, Roberto. Arquitetura e Urbanismo da revolução Cubana. - São Paulo: Nobel, 1987.
	A luta por um ensino autônomo.	1987	XAVIER, Alberto; MIZOGUCHI, Ivan. Arquitetura Moderna em Porto Alegre. São Paulo: Pini, 1987. p. 32-33.
Lúcio Costa: Brasília Revisitada	1987	Instituto Antônio Carlos Jobim. Acervo Lucio III. 2007.	
Arte e técnica na formação do arquiteto.	1995	São Paulo: Studio Nobel, Fundação Vilanova Artigas, 1995.	
A catedral e o sinal dos tempos.	sem data (anterior a 1964)	Cadernos de estudos - seleções da revista A'gora do CEUA, n°2.	
Desenvolvimento dos programas arquitetônicos-Egito.	sem data (anterior a 1964)	Cadernos de estudos - seleções da revista A'gora do CEUA, n°2.	
ENTREVISTA		DATA	PUBLICAÇÃO
I Inquérito Nacional de arquitetura.	1961	BRITO, Alfredo L. Inquérito nacional de arquitetura. Belo Horizonte: UMG/EA, 1963.	
II Inquérito Nacional de arquitetura.	1982	INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL/RJ. II Inquérito Nacional de Arquitetura/Depoimentos. IAB/RJ, 1982.	
PLANO DIRETOR		DATA	PUBLICAÇÃO
**Plano Diretor: Florianópolis (Parceria: Edvaldo Pereira Paiva e Demétrio Ribeiro)	1952	Florianópolis: Prefeitura Municipal, 1952.	
**Plano diretor de desenvolvimento urbano de Passo Fundo (pdu). (Parceria: Edvaldo Pereira Paiva, Francisco Macedo, demétrio Ribeiro/ Colaboradores: Emilda Ribeiro, João Valandro - estudante-, Luiz C. Cunha -estudante-, Rodolfo Matte -estudante-, Saulo Paiva Gomes -estudante-).	1953	Passo Fundo: Prefeitura Municipal, 1953.	

TABELA 6
Temática Comunista - Edgar Graeff.
Fonte: elaborado pela autora.

TABELA - PRODUÇÃO TEÓRICA			
ARQUITETO	NOME TEXTO	DATA	PUBLICAÇÃO
EDVALDO PEREIRA PAIVA	Um plano de urbanização.	1943	Porto Alegre: Globo, 1943.
	Problemas urbanos de Porto Alegre: palestra.	1951	Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Belas Artes, 1951. 29 p.
	Sobre o ensino da urbanística.	1953	Cadernos da Faculdade de Arquitetura- setembro/1955.
	A ciência urbanística e a realidade social brasileira II.	1953	Horizonte, Ano III, nº 3, nov.-dez. 1953.
	A ciência urbanística e a realidade social brasileira III.	1954	Horizonte, Ano IV, nº 26, jan.-fev. 1954.
	A ciência urbanística e a realidade social brasileira IV.	1954	Horizonte, Ano IV, nº 27, mar.-abr. 1954.
	A ciência urbanística e a realidade social brasileira V.	1954	Horizonte, Ano IV, nº 28, mai.-ago. 1954.
	O problema da cidade universitária.	1954	Horizonte, Ano IV, nº 29, nov.-dez. 1954
	A ciência urbanística e a realidade brasileira - VI .	1954	Horizonte, Ano VI, nº 30, jan.-fev. 1954.
	A ciência urbanística e a realidade brasileira - VI (conclusão).	1955	Horizonte, Ano VI, nº 31, nov. 1955 .
	**Cidade universitária (Parceria: Demetrio Ribeiro, Roberto F. Veronese, Carlos M. Fayet, Nelson Souza, Roberto J. Fabian).	1958	Espaço Arquitetura, Porto Alegre, ano 1, nº2, p. 29-39.
	A urbanística e a realidade brasileira I .	1959	Cadernos de Estudos - CEUA, Porto Alegre, nº2, 1959.
	Memórias urbanísticas de Porto Alegre.	1979	Correio do Povo, Porto Alegre, 1979.
	PLANO DIRETOR	DATA	PUBLICAÇÃO
	**Plano Diretor : Florianópolis (Parceria: Demetrio Ribeiro e Edgar Graeff).	1952	Florianópolis: Prefeitura Municipal, 1952.
	Caxias do Sul : plano Diretor.	1953	Caxias do Sul: Prefeitura Municipal, 1953.
**Plano diretor de desenvolvimento urbano de Passo Fundo (pddu) (Parceria: Francisco Macedo, Demetrio Ribeiro, Edgar Graeff/ Colaboradores: Enilda Ribeiro, João Valandro -estudante-, Luiz C. Cunha -estudante-, Rodolfo Matte -estudante-, Saulo Paiva Gomes -estudante-).	1953	Passo Fundo: Prefeitura Municipal, 1953.	
**Delta do Jacuí : plano piloto (Parceria: Roberto F. Veronese, Carlos M. Fayet, Moacyr Marques)	1958	Porto Alegre: Globo, 1958.	
**Cidade industrial de Porto Alegre : plano de urbanização (Parceria: Roberto F. Veronese, Marcos D. Hekman).	1961	Porto Alegre: Imprensa Oficial, 1961.	

TABELA 7
Temática Comunista - Edvaldo P. Paiva.
Fonte: elaborado pela autora.

TABELA - PRODUÇÃO TEÓRICA			
ARQUITETO	NOME TEXTO	DATA	PUBLICAÇÃO
NELSON SOUZA	Sobre Arquitetura.	1951	Horizonte, Ano I, nº 7, jul. 1951.
	Sobre Arquitetura moderna.	1952	Horizonte, Ano II, nº 9, out.-nov. 1952.
	O segundo volume das Obras de Stálin.	1953	Horizonte, Ano III, nº 1, p. 323, jul. 1953.
	O projeto de programa do PCB e os problemas da arquitetura.	1954	Horizonte, Ano IV, nº 26, jan.-fev. 1954.
	**Situação da Arquitetura Brasileira (Parceria: Enilda Ribeiro e Demetrio Ribeiro).	1956	XAVIER, Alberto. Depoimento de uma geração. - São Paulo: Pini, 1987. p. 150-154.
	**Cidade universitária (Parceria: Demetrio Ribeiro, Edvaldo Pereira Paiva, Roberto F. Veronese, Carlos M. Fayet, Roberto J. Fabian).	1958	Espaço Arquitetura, Porto Alegre, ano 1, nº2, p. 29-39.
	A questão da Democracia e a Arquitetura Moderna no Brasil/Arquitetura e Democracia.	1979	Porto Alegre: Instituto de Arquitetos do Brasil/RS, 1979/Cadernos do DAFA, Porto Alegre, nº 3, 1979.

TABELA 8
Temática Comunista - Nelson Souza.
Fonte: elaborado pela autora.

TABELA - PRODUÇÃO TEÓRICA			
ARQUITETO	NOME TEXTO	DATA	PUBLICAÇÃO
ENILDA RIBEIRO	Plano diretor de desenvolvimento urbano de Passo Fundo (pddu). (Parceria: Edvaldo Pereira Paiva, Francisco Macedo, Demetrio Ribeiro, Edgar Graeff/ Colaboradores: João Valandro -estudante-, Luiz C. Cunha -estudante-, Rodolfo Matte -estudante-, Saulo Paiva Gomes -estudante-).	1953	Passo Fundo: Prefeitura Municipal, 1953.
	**Situação da Arquitetura Brasileira; (Parceria: Nelson Souza e Demetrio Ribeiro).	1956	XAVIER, Alberto. Depoimento de uma geração. - São Paulo: Pini, 1987. p. 150-154.
	**Por uma Faculdade de Arquitetura - PUFA (Parceria: Vera Fabrício Carvalho).	2002	LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Arquitetura UFRGS: 50 anos de histórias. - Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. p. 39-41.

TABELA 9
Temática Comunista - Enilda Ribeiro.
Fonte: elaborado pela autora.

Edgar Graeff, ao estudar a natureza do trabalho do urbanista, concluiu que o profissional, quando se dedica ao desenvolvimento do projeto, sintetiza em sua mente o papel de vários agentes, como o filósofo e o técnico, cuja dimensão diametralmente inversa os coloca em constante confronto. Tomando por exemplo o projeto urbano, o conteúdo essencial da cidade seria decidido a partir do confronto entre o técnico e o filósofo humanista na consciência do arquiteto. De acordo com Graeff,

este encontro não é nenhuma tertúlia de amor e compreensão – são dois espíritos opostos, são dois métodos contrários que se defrontam num contacto carregado de contradições. A vitória do técnico seria a vitória dos meios em finalidades humanas. A vitória do filósofo seria a vitória de um ideal humano desprovido de recursos para sua efetiva realização. (GRAEFF, 1979, p. 22-23.)

Uma vez que sua atuação presume na interpretação da relação entre o filósofo e o técnico, a vitória do arquiteto frente ao desafio proposto exigiria, em sua plenitude, a síntese dos aspectos humanos e científicos, capaz de harmonizar as soluções. Tanto o triunfo do técnico quanto do filósofo favoreceria apenas a certos aspectos do projeto, colocando em dúvida o conteúdo essencial da futura cidade²²².

Como arquitetos que se consideravam “integrantes natos de qualquer equipe do planejamento”²²³, orientadores de um “setor considerável da produção, a construção, e, sobretudo, (...) responsáveis por uma expressão da cultura nacional”²²⁴, eles se autoatribuíam um importante papel no desenvolvimento do país. Na condição de urbanistas progressistas, aos 5 cabia a “tarefa de tentar a estruturação de princípios urbanísticos adaptados às condições que atravessa o Brasil, sem perder de vista que elas correspondem a uma etapa de um processo histórico, etapa essa que se encontra em vias de liquidação”²²⁵. Ao tratarem dos projetos com pensamento na sociedade (indivíduos ou comunidades) interpretavam o “presente, sob uma perspectiva de futuro”²²⁶, o que tornava indispensável “conhecer bem o passado”²²⁷.

²²² Para Edgar Graeff, o arquiteto “é capaz de reconhecer o momento exato em que as relações entre os homens e a cidade já dispensam seu intérprete; quando a técnica e a filosofia, tendo realizado seu ato preparatório, devem curvar-se diante dos homens e deixar a cena livre para a entrada triunfal da vida”. (GRAEFF, Edgar Albuquerque. Cidade Utopia. - Belo Horizonte: Vega, 1979, p. 23.)

²²³ BRITO, Alfredo L. (1961) Inquérito nacional de arquitetura. Belo Horizonte: UMG/EA, 1963, p. 49.

²²⁴ Idem.

²²⁵ PAIVA, Edvaldo Pereira. A ciência urbanística e a realidade social brasileira IV. Horizonte, Porto Alegre, ano IV, nº27, mar.-abr. 1954, p.47.

²²⁶ GRAEFF, Edgar Albuquerque. Cidade Utopia. - Belo Horizonte: Vega, 1979, p. 42.

²²⁷ Idem.

Em suas reflexões sobre a situação na qual se encontrava a Arquitetura brasileira anterior a década de 1970, Demetrio apontou as relações de divergência entre a realidade profissional do Brasil e do ensino de Arquitetura como questões diretamente envolvidas e responsáveis pelo cenário arquitetônico existente²²⁸. Na visão de Demetrio, a bagagem cultural conquistada no curso de Arquitetura não se apresentava suficiente as exigências profissionais requeridas, se fazendo necessário e urgente mudanças na condução do ensino ministrado. De acordo com Nelson Souza, a formação profissional era “incipiente”²²⁹ e “desligada da prática”²³⁰ o que obrigava os arquitetos e urbanistas a complementá-la de maneira particular.

Enquanto os cursos de Arquitetura brasileiros seguiam o modelo europeu do século XIX e se dedicavam à formação de arquitetos que trabalhavam individualmente e possuíam controle de todo o processo no qual se envolviam, o Capitalismo trazia mudanças na atuação e tornava necessário o “re-pensar” profissional. As novas relações de trabalho, envolvidas com a execução de “anteprojeto, detalhamento, apresentação, projetos viários e urbanos, aprovação de projetos em prefeituras, participação em equipes multidisciplinares de planejamento etc.”²³¹, introduziam inúmeros agentes no exercício profissional da Arquitetura, em muitos casos, vindo a “distorcer as perspectivas autênticas”²³² da profissão²³³. Segundo Demetrio, a diversidade de situações em que o arquiteto deveria “exercer seu papel de agente intelectual da organização do espaço socialmente utilizado”²³⁴ trazia à “lembança um velho lema da pedagogia humanística: antes uma cabeça bem construída do que cheia de conhecimentos recebidos prontos”²³⁵.

A missão a qual cabia aos arquitetos desempenhar na sociedade, segundo Nelson, permanecia reduzida aos interesses de uma minoria. Os arquitetos limitavam-se, em geral, “a

²²⁸ RIBEIRO, Demetrio. O ensino da arquitetura e a realidade profissional. Projeto, São Paulo, n°89, 1986, p. 101.

²²⁹ SOUZA, Nelson. O Projeto de Programa do PCB e os Problemas da Arquitetura. Horizonte, Ano IV, n° 26, jan.-fev. 1954, p. 11.

²³⁰ Idem.

²³¹ RIBEIRO, Demetrio. O ensino da arquitetura e a realidade profissional. Projeto, São Paulo, n°89, 1986, p. 101.

²³² Idem.

²³³ Os arquitetos encontravam dificuldades na realização de seu papel, uma vez que a legislação brasileira desconsiderava a obrigatoriedade de sua participação como profissional habilitado nos projetos. (RIBEIRO, Demetrio. In: BRITO, Alfredo L. (1961) Inquérito nacional de arquitetura. Belo Horizonte: UMG/EA, 1963, p. 48-49.)

²³⁴ RIBEIRO, Demetrio. O ensino da arquitetura e a realidade profissional. Projeto, São Paulo, n°89, 1986, p. 101.

²³⁵ RIBEIRO, Demetrio. O ensino da arquitetura e a realidade profissional. Projeto, São Paulo, n°89, 1986, p. 101.

satisfazer os desejos de lucro dos especuladores da arquitetura”²³⁶ e colocavam o saber, “que o esforço de longos anos aos poucos foi acumulando, à disposição apenas de uma minoria”²³⁷, que via “fundamentalmente o resultado financeiro de seu empreendimento”²³⁸. Quando não era “o lucro a finalidade do trabalho do arquiteto”²³⁹, era “a satisfação das necessidades de uma insignificante minoria da população”. Minoria que não refletia, “de modo algum, os traços característicos do povo brasileiro”²⁴⁰.

Ao discursar para a primeira turma de formandos da Faculdade de Arquitetura – UFRGS, em 1952, Demetrio alertou sobre a necessidade de alteração do perfil profissional. Ao acusar a conjuntura econômica do país de entrave ao desenvolvimento da Arquitetura, tinha por propósito o despertar dos recém-formados para o conhecimento da vida nacional e o estímulo à contribuição para o desenvolvimento do país. Segundo Demetrio,

os obstáculos que se antepõe ao desenvolvimento da arquitetura têm razões mais profundas. As incompreensões, a falta de conhecimento, o ceticismo com que nos deparamos, não passam de consequências de fatores de ordem econômica e social. O arquiteto verdadeiramente culto deve ter consciência do conjunto da vida nacional a fim de poder situar-se corretamente no processo de desenvolvimento cultural do país. (RIBEIRO, 1952. In: LICHT; CAFRUNI, 2002, p. 48.)

O conhecimento da realidade se fazia essencial à ampliação do entendimento do ambiente edificado como instrumento de libertação e humanidade. Segundo Graeff, com este entendimento, estudantes e arquitetos estariam capacitados a forjar uma escala que os permitiria medir a responsabilidade social da profissão e estabelecer corretamente o programa para o planejamento de edifícios, cidades e regiões. Isto é, informando-se da realidade brasileira, teriam conhecimento das desigualdades e das carências humanas e, com isso, consciência para não se omitir perante as situações. Adquiririam a sensibilidade para manter o pensamento no coletivo em sobreposição ao indivíduo²⁴¹.

²³⁶ Idem.

²³⁷ Idem.

²³⁸ Idem.

²³⁹ Idem.

²⁴⁰ Idem.

²⁴¹ GRAEFF, Edgar Albuquerque. A formação teórica do arquiteto. Cadernos de Estudos – CEUA, Porto Alegre, n° 10, 1961.

Até os anos de 1970, foi comum no Brasil a presença de arquitetos e urbanistas nos quais a consciência crítica em relação à sociedade fez com que colocassem sua conduta profissional em indagação. Conforme Demetrio, ao entrarem em contato com os seres humanos e suas necessidades, a esses profissionais o isolamento não foi permitido, sendo, de certa forma, obrigados a exercerem a profissão com o pensamento no coletivo. Enquanto alguns profissionais não se sentiam inquietos diante da situação das camadas populares, em outros, o senso crítico foi despertado²⁴². “De que maneira ele pode estudar como é uma boa casa de moradia, sem compará-la com a da gente que vive em maloca? Isto desperta o senso crítico”²⁴³, afirmava Demetrio. Ao serem solicitados a “embelezar especulação imobiliária, a dar um cunho bonito à especulação ou a demagogia”²⁴⁴ estes profissionais, convictos na necessidade em organizar o espaço para a vida humana, sentiam a degradação de seu papel e acabaram por se posicionarem criticamente ao exercício profissional.

Uma vez que a arquitetura é uma das profissões que trata sobre uma “face da vida material e cultural da sociedade”²⁴⁵ e está no centro dos problemas enfrentados pela população brasileira, a contribuição na análise da situação habitacional (área urbana e rural), da desorganização das cidades e da depredação do meio natural fazia-se essencial ao efetivo cumprimento de sua função social. O fato dos arquitetos serem responsáveis por uma expressão da cultura nacional²⁴⁶, ao contribuírem à construção civil (importante setor da produção) e integrarem as equipes de planejamento, se tornava possível contribuir à “melhoria das condições de vida das massas populares”²⁴⁷.

Na opinião de Edgar Graeff, apesar dos problemas das cidades serem, sobretudo, econômicos e sociais, ao arquiteto cabia uma parcela de responsabilidade, uma vez que, por meio de suas próprias teorias, seria capaz de lançar “embriões de uma nova estrutura espacial urbana”²⁴⁸. Segundo Graeff,

²⁴² RIBEIRO, Demetrio. Qualidade de vida da cidade é limitada pelos desníveis de renda. Mercados, Porto Alegre, v 4, n°29, 1978, p.8.

²⁴³ Idem.

²⁴⁴ Idem.

²⁴⁵ BRITO, Alfredo L. (1961) Inquérito nacional de arquitetura. Belo Horizonte: UMG/EA, 1963, p. 49.

²⁴⁶ Idem.

²⁴⁷ PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL. Resolução Política do V Congresso PCB. 1960. In: Marxists, Internet Archive. Documentos. 2013. Disponível em:

< http://pcb.org.br/fdr/index.php?option=com_content&view=article&id=149:resolucao-politica-do-v-congresso-do-pcb&catid=1:historia-do-pcb >

²⁴⁸ Edgar Graeff tratou sobre a divisão entre cidade e campo no texto A questão do espaço urbano. (GRAEFF, Edgar Albuquerque. Cidade Utopia. - Belo Horizonte: Vega, 1979, p. 91.)

de fato, a arquitetura ganha maior importância e um significado novo quando concebida e realizada como instrumento capaz de atuar sobre a vida cotidiana da sociedade, capaz de contribuir para modificar e melhorar o modo de viver das pessoas, capaz, enfim, de favorecer a implantação de um novo ritmo nas atividades humanas (...). (GRAEFF, 1979, p. 92.)

Ao conceber a arquitetura como instrumento capaz de influenciar o cotidiano da sociedade e modificar a vida das pessoas, Graeff apontou o espaço urbano como “um dos fatores decisivos da superação do contraste cidade-campo”²⁴⁹ e “como instrumento de uma autêntica revolução nas condições da vida cotidiana”²⁵⁰.

Por trás do estímulo à percepção da existência, encontrava-se o PCB. A assimilação dos ensinamentos contidos em seu projeto de programa, como o de 1954, foi posto por Nelson como de grande importância a arquitetos e estudantes a fim de cumprirem a missão que lhes cabia desempenhar na sociedade²⁵¹. O elo entre Comunismo e profissão, com suas preocupações em desenvolver uma arquitetura nacional, democrática e para o povo, incitava e conduzia a busca pelo papel social do arquiteto e urbanista. A compreensão da realidade, segundo Nelson, permitiria aos profissionais verem de maneira justa a natureza dos problemas que afligiam a arquitetura no Brasil, uma vez que esta, “no seu conjunto, não revela outra coisa. A arquitetura, em seu conjunto, retrata plasticamente toda a miséria em que se encontra a nação brasileira e seu povo”²⁵².

Aos arquitetos e urbanistas foi apresentada a contradição: ou a sociedade evolui ou a “perspectiva profissional está bloqueada”²⁵³. A esta incoerência Demetrio, Graeff, Paiva, Enilda e Nelson encontraram como solução a democracia, a qual eles, enquanto arquitetos e urbanistas, militantes e cidadãos, dirigiram suas lutas.

²⁴⁹ GRAEFF, Edgar Albuquerque. *Cidade Utopia*. - Belo Horizonte: Vega, 1979, p. 92.

²⁵⁰ Idem.

²⁵¹ SOUZA, Nelson. O Projeto de Programa do PCB e os Problemas da Arquitetura. *Horizonte*, Ano IV, nº 26 – jan.-fev. 1954, p. 11.

²⁵² Idem.

²⁵³ RIBEIRO, Demetrio. Qualidade de vida da cidade é limitada pelos desníveis de renda. *Mercados*, Porto Alegre, v 4, nº29, 1978, p.10.

Não se sabe ao certo se, por volta dos anos de 1950, 1960 ou até mesmo meados dos anos de 1970, quando um amigo de Edgar Graeff, também arquiteto, militante marxista e, por conseguinte, ateu, ao regressar da Europa, a ele narrou sua experiência ao visitar uma Catedral Gótica. Ao adentrar a igreja, ambicionando uma análise puramente fria e científica do local, atitude a se esperar de quem nega a existência de Deus e de quaisquer divindades, seu amigo foi surpreendido pelas sensações que a espacialidade do templo a ele despertou, colocando “à prova” suas mais íntimas convicções.

Você se aproxima, bem resguardado em sua carapaça de ateísmo, disposto a analisar friamente, isto é, cientificamente, aquela esplêndida arquitetura. Mas, à medida que penetra na ‘atmosfera’ do templo, enquanto seu olhar atônito é aprisionado por aquelas linhas que perseguem o céu e aquelas pedras animadas de pura vida; enquanto os ouvidos procuram captar o significado daqueles sons, tão carregados de silêncios; enquanto o olfato tenta romper a cortina de incenso, em busca de não sei que cheiro de eternidade – a arquitetura, essa, complexa de tantas e tão ricas formas, cresce em você, inunda seu coração: e sua alma se põe de joelhos. (GRAEFF, 1979, p.50.)

Graeff, apesar de não recordar das palavras exatamente como haviam sido proferidas, lembrava-se perfeitamente, segundo nos informa, “do que eles queriam dizer”²⁵⁴. Ao narrar esta história ambicionava, assim como seu amigo, evidenciar o debate entre forma e função considerado por muitos teóricos ainda obscuro. Conduzindo o leitor ao esclarecimento de seu ponto de vista, o arquiteto utilizou como referência a Catedral de Brasília, obra de Oscar Niemeyer na qual esta disputa (forma x função) se “ilumina”.

²⁵⁴ Graeff pretendia mostrar que a forma arquitetônica envolve mais aspectos do que unicamente a forma plástica. Esta se define através das dimensões de ambiência, na qual se incluem os estímulos visuais, auditivos, olfativos e cutâneos. (GRAEFF, Edgar Albuquerque. Cidade Utopia. - Belo Horizonte: Vega, 1979, p. 50.)



IMAGEM 20

Catedral de Brasília – Imagem publicada no livro *Cidade Utopia*, escrito por Edgar Graeff.
Fonte: GRAEFF, 1979, p. 51.

Segundo Graeff, a forma arquitetônica da Catedral de Brasília, assim como da Catedral Gótica, alcançou sua verdadeira função de templo por intermédio da espacialidade, estimulando sensações e percepções capazes de influenciar os ideais do observador. Suas pretensões puramente arquitetônicas, no entanto, nos despertam e colocam como questionamento aspectos mais amplos e subjetivos desta experiência, como o limite entre ideologia, profissão e vida íntima que, nesta narrativa, apareceu camuflado pela complexidade da arquitetura. A contradição presente no fato de Oscar ser um arquiteto comunista a desenhar uma obra religiosa e o florescer de sentimentos espirituais no amigo de Graeff (que era ateu), propiciado pela espacialidade da Catedral Gótica, colocam em debate o questionamento: “Qual o impacto da ideologia na profissão de arquiteto e urbanista?”.

Entendendo a ideologia como “sistema de ideias, visão do mundo e da vida”²⁵⁵ e a arquitetura como a organização dos espaços habitados que, segundo Demetrio, “além de atender

²⁵⁵ GRAEFF, Edgar Albuquerque. *Cidade Utopia*. - Belo Horizonte: Vega, 1979, p. 42.

necessidades humanas básicas é uma arte”²⁵⁶ e, como arte, se caracteriza “pelas qualidades dos edifícios e da construção que ela ressalta e evidencia”²⁵⁷, podemos dizer que a relação entre arquitetura e ideologia, na visão de Demetrio, Graeff, Paiva, Enilda e Nelson, se fazia na interação entre o impulso inconsciente e a realidade existente.

Segundo Demetrio Ribeiro, a arquitetura reflete “as ideias, os sentimentos e os gostos da coletividade a que se destina”²⁵⁸. Para o arquiteto, “a percepção do espaço organizado gera gratificação estética capaz de também comunicar valores relacionados com ideologias sociais”²⁵⁹. Ao se caracterizar por seu conteúdo ideológico, a arquitetura seria capaz de se evidenciar a sociedade como “contemporânea ou não, viva ou agonizante, brasileira e progressista ou cosmopolita e reacionária”²⁶⁰. Traduziria, por meio de seus elementos compositivos, isto é, por meio da escolha da corrente a ser seguida, as influências da realidade socioeconômica ou a contraposição ao Capitalismo. Assim como no movimento orgânico, em que os arquitetos mostravam-se convictos de que o problema da habitação poderia ser solucionado “através das iniciativas privadas, cada família erguendo sua morada com seus próprios recursos”²⁶¹, tendência que, para Graeff, refletia a ação de ideologias que se voltavam “para os ideais burgueses de livre iniciativa e afirmações individualistas”²⁶², os construtivistas soviéticos, por sua vez, refletiam na arquitetura os ideais comuns a ideologia socialista.

Nos anos de 1920, por exemplo, a URSS pretendia construir uma sociedade fundada sob novas relações de produção e novas relações entre indivíduos; aspiração que tornava necessário, sobretudo, romper com a moral e a ideologia burguesa existente, transformando “os hábitos e os comportamentos forjados pela sociedade antiga”²⁶³. Esse novo modo de vida impulsionou os artistas, entre os quais os arquitetos, a buscarem “meios de expressão fora das formas tradicionais ensinadas nas academias”²⁶⁴. Sem pretensões de “inventar formas originais e

²⁵⁶ RIBEIRO, Demetrio. O novo e a moda na formação dos arquitetos. In: SVENSSON, Frank. [Org.] *Arquitetura e Conhecimento*. – Brasília: Alva, n°6, 1988. p. 1.

²⁵⁷ RIBEIRO, Demetrio. Discurso de Paraninfo. *Horizonte*, Porto Alegre, n°1, jan. 1952, p. 27.

²⁵⁸ Idem.

²⁵⁹ RIBEIRO, Demetrio. O novo e a moda na formação dos arquitetos. In: SVENSSON, Frank. [Org.] *Arquitetura e Conhecimento*. – Brasília: Alva, n°6, 1988. p. 1.

²⁶⁰ RIBEIRO, Demetrio. Discurso de Paraninfo. *Horizonte*, Porto Alegre, n°1, jan. 1952, p. 27.

²⁶¹ GRAEFF, Edgar Albuquerque. *Cidade Utopia*. - Belo Horizonte: Vega, 1979, p. 43.

²⁶² Idem.

²⁶³ KOPP, Anatole. *Quando o moderno não era um estilo e sim uma causa*. – São Paulo: Nobel-Edusp, 1990, p. 20.

²⁶⁴ KOPP, Anatole. *Quando o moderno não era um estilo e sim uma causa*. – São Paulo: Nobel-Edusp, 1990, p. 76.

inéditas, ou copiar o Ocidente”²⁶⁵, a arte, a arquitetura e a organização urbana, por meio dos novos materiais e técnicas surgidos com a Revolução Industrial, foram utilizados como instrumentos para “reconstrução do modo de vida”²⁶⁶. Para os arquitetos construtivistas da União Soviética,

a habitação antiga era reflexo da antiga célula familiar e do papel desta última dentro da sociedade. Ela devia, segundo eles, ser substituída por uma nova forma de alojamento que seria ao mesmo tempo uma imagem das novas relações humanas e o molde que contribuiria para criar essas novas relações humanas. (KOPP, 1990, p. 20.)

A esta forma de arte, que rompia com a tradição e possuía a missão social de transformar as relações entre os homens, segundo Kopp, tornou-se conhecida como “*arte de esquerda*” (*Levoie Iskusstvo*²⁶⁷). Na década de 1930, no entanto, a “linguagem” arquitetônica dos construtivistas foi apontada pela URSS como “muito próxima da arquitetura ‘moderna’ ocidental, particularmente a de Le Corbusier”²⁶⁸, vindo o período a ser considerado pelos soviéticos como representante de uma utopia social.

Acreditando na influência da superestrutura²⁶⁹ sobre o desenvolvimento da cultura estética e artística, Demetrio destacou a “novidade” como um dos subprodutos inevitáveis da manifestação ideológica na arquitetura. A moda, que, para o arquiteto, representava uma expressão cotidiana da diferença dos níveis sociais, na arquitetura, foi percebida, em sua

²⁶⁵ KOPP, Anatole. Quando o moderno não era um estilo e sim uma causa. – São Paulo: Nobel-Edusp, 1990, p. 20.

²⁶⁶ Idem.

²⁶⁷ KOPP, Anatole. Quando o moderno não era um estilo e sim uma causa. – São Paulo: Nobel-Edusp, 1990, p. 76.

²⁶⁸ KOPP, Anatole. Quando o moderno não era um estilo e sim uma causa. – São Paulo: Nobel-Edusp, 1990, p. 110.

²⁶⁹ Karl Marx, ao refletir sobre a sociedade capitalista, o fez com base na divisão social do trabalho, isto é, em classes (sendo as principais a burguesa, detentora dos meios de produção, e a proletária, que vende sua força de trabalho em troca de salário), vindo a separar as relações sociais em dois grupos complementares. Enquanto o primeiro referia-se aos meios materiais de produção (meios de produção e força-de-trabalho), no qual nomeou por infraestrutura, o segundo compreendia as esferas política, jurídica, religiosa e cultural, que através das instituições seria responsável pela produção ideológica da sociedade. Esta última, a qual chamou de superestrutura seria produzida indiretamente, funcionando como reflexo da infraestrutura. Ao compreendermos que a base das relações sociais é determinada pela esfera econômica (infraestrutura) e que as relações política, jurídica, religiosa, cultural, etc. (superestrutura) são por ela influenciadas, conclui-se que a visão de mundo é reflexo da economia da sociedade. Por sua vez, as relações econômicas sendo determinadas pela burguesia, as demais relações sociais existentes também serão influenciadas por esta classe, inclusive o Estado. No entanto, compreende-se que o elemento econômico não é o único determinante, uma vez que a superestrutura teria uma relativa autonomia da base econômica, legando a capacidade de reação ao sistema vigente. (MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. (1932) A ideologia alemã. [2. Ed.] COSTA, Luis Claudio de Castro e.- São Paulo: Martins Fontes, 2001.)

essência, como “uma expressão da superioridade econômica de uns indivíduos sobre outros”²⁷⁰. Os elementos formais destinados a sinalizar a novidade, alvo de constante crítica a certos arquitetos modernistas preocupados com a supremacia da criatividade, eram para Demetrio “meros símbolos do poder de inovação dos produtores da obra”²⁷¹.

Ao apresentar em suas reflexões a criação de espaços artificiais e indispensáveis ao exercício das atividades humanas como objeto final da produção arquitetônica, Nelson enquadrou a arquitetura como exigência da divisão social do trabalho e elemento “chave” para a constituição do modo de produção capitalista. Dessa forma, os “cidadãos profissionais da arquitetura”²⁷² estariam “inseridos na divisão social e técnica do trabalho de uma forma específica e com objetivos definidos socialmente”²⁷³; seriam reprodutores da ideologia dominante e não das necessidades e aspirações reais da população, distanciando-se, na maioria das vezes, do sistema de ideias em que acreditavam. Segundo Nelson,

*a tendência, nítida e predominante nesses 50 anos*²⁷⁴, *de ideologizar o fenômeno arquitetônico num sentido que, até agora, serviu às classes dominantes, não tem contribuído para trazer à tona no plano teórico os problemas reais da arquitetura e da profissão e a aquisição de uma consciência objetiva desses problemas. Se a condição de classe dos arquitetos situada numa faixa elitista não favorece essa visão, menos ainda sua formação profissional, reprodutora das condições e contradições da prática profissional.* (SOUZA, 1979.)

O conhecimento da realidade brasileira, dos objetivos da prática profissional e o resultado do trabalho dos arquitetos como “formalizadores” materiais e espaciais da realidade eram, na visão de Nelson, elementos importantes para construção de um projeto de democracia e para a pontuação das responsabilidades enquanto arquiteto, urbanista e cidadão.

No texto *Arquitetura, ideologia e outros temas*²⁷⁵ Edgar Graeff, por sua vez, apresentou dois aspectos os quais julgava serem básicos e fundamentais no campo da arquitetura e em

²⁷⁰ RIBEIRO, Demetrio. O novo e a moda na formação dos arquitetos. In: SVENSSON, Frank. [Org.] *Arquitetura e Conhecimento*. – Brasília: Alva, n°6, 1988. p. 2.

²⁷¹ RIBEIRO, Demetrio. O novo e a moda na formação dos arquitetos. In: SVENSSON, Frank. [Org.] *Arquitetura e Conhecimento*. – Brasília: Alva, n°6, 1988. p. 3.

²⁷² SOUZA, Nelson. *A questão da democracia e a arquitetura moderna no Brasil*. 1979, p. 3.

²⁷³ Idem.

²⁷⁴ Ao periodizar os 50 anos de história, Nelson Souza estava considerando o final dos anos de 1920 e início dos anos de 1930, com o florescer da arquitetura moderna no Brasil.

²⁷⁵ GRAEFF, Edgar Albuquerque. *Cidade Utopia*. - Belo Horizonte: Vega, 1979, p. 41.

torno dos quais todos outros fatores relacionados à construção gravitavam: o Programa da obra e o Meio de realização. Apesar de ambos serem indispensáveis à Arquitetura, o programa foi apresentado como o mais importante entre os dois elementos, pois no momento de sua formulação que os aspectos ideológicos do arquiteto iriam aparecer. Pensamentos que, de certa forma, seriam refletidos no processo de realização e na própria obra. O programa traduziria tanto as necessidades e aspirações da família ou entidade a qual serviria de abrigo, quanto ao grupo social no qual estaria inserido e por diversas gerações. Ao apoiarem-se “necessariamente nas suas próprias concepções sobre a existência e o destino da sociedade humana”²⁷⁶, pontos de vistas nutridos de “conhecimentos de História, de Sociologia, de economia Política, de Filosofia, de Teologia etc.”²⁷⁷, para Graeff, a ideologia estaria agindo nas soluções arquitetônicas.

Edvaldo P. Paiva, no que lhe diz respeito, assinalou a Arquitetura e o Urbanismo como possíveis “formas de arte que mais ostensiva e duramente refletem o espírito de uma época e a condição econômica de um povo”²⁷⁸. Segundo o urbanista, em suma,

todos os problemas sentidos em nossas cidades – o da vivenda, o dos transportes, o da circulação, os problemas higiênicos, etc. – são decorrências inevitáveis da organização social existente. São produzidos pela forma de desenvolvimento do capitalismo. O crescimento caótico dessas cidades e sua desorganização funcional refletem de maneira plena o Regime econômico existente. (PAIVA, 1953, p. 86.)

Ao considerar a cidade como reflexo do Regime social, Paiva objetivava demonstrar que a urbe se transformou ao longo dos anos acompanhando as mudanças da burguesia. Neste caso, sendo a urbanística reformista a ciência da classe dominante, seu objetivo era corrigir os aspectos urbanos favoráveis ao desenvolvimento do Capitalismo, reafirmando as ideologias deste sistema. Dessa forma, ao refletir as ideias e convicções dominantes, a urbanística tornou-se uma das temáticas de luta ostensiva dos urbanistas progressistas, em que o combate, segundo Paiva, travou-se de forma ideológica²⁷⁹. Acreditando, assim como os construtivistas russos dos

²⁷⁶ GRAEFF, Edgar Albuquerque. Cidade Utopia. - Belo Horizonte: Vega, 1979, p. 42.

²⁷⁷ Idem.

²⁷⁸ PAIVA, Edvaldo Pereira. A ciência urbanística e a realidade social brasileira VI. Horizonte, Porto Alegre, ano VI, nº30, jan.-fev. 1954, p. 27.

²⁷⁹ O combate à ciência reformista, defendido por Paiva, possuía por fundamento a teoria que dominava nos países do socialismo, na década de 1950, e que afirmava ser impossível “transformar radicalmente a vida urbana sem antes modificar, da mesma forma, o regime de produção e distribuição existentes no capitalismo e as relações

anos de 1920, na organização urbana como instrumento de reconstrução da sociedade, Paiva, por meio de seus textos, promovia uma nova ciência urbana em ruptura com a sociedade existente e em consonância com os ideais de coletividade e nacionalismo difundidos pelo PCB.

O elo entre arquitetura e ideologia manifestava-se a Demetrio, Nelson, Graeff e Paiva como uma relação indissociável, no qual a arquitetura era compreendida como elemento socialmente produzido; um objeto artístico com relativa independência em relação à estrutura socioeconômica e com capacidade de influenciar a sociedade. O arquiteto e urbanista, por sua vez, não era percebido isolado da realidade ou como um profissional que se utilizava apenas da imaginação no gesto criativo, mas inserido no modo de produção e igualmente influenciado pela sociedade. Na condição de marxistas, compreendiam as ideias e a matéria como dois domínios interativos em que a consciência era determinada pela vida.

No momento em que a construção, além do desempenho utilitária, adquiriu a função de comunicar esteticamente valores sociais²⁸⁰, na visão deles, a arquitetura passou a existir na evolução histórica e começou a exprimir ideias²⁸¹. Dessa forma, os arquitetos e urbanistas

sociais por ele determinadas”. (PAIVA, Edvaldo Pereira. A ciência urbanística e a realidade social brasileira II. Horizonte, Porto Alegre, ano III, nº3, nov.-dez. 1953, p. 87.)

²⁸⁰ Graeff, ao estudar as “condições históricas do aparecimento da arquitetura” (GRAEFF, 1955, p.1), utilizou-se da transformação na sociedade, ou seja, do modo de produção da vida material para, conjuntamente, explicar o surgimento da arquitetura e suas mudanças. Para tal, recorreu aos ensinamentos de Engels, através do seu livro A origem da família, da propriedade privada e do estado²⁸⁰ e elaborou crítica aos historiados, teóricos e arquitetos que procuravam “localizar a origem da Arquitetura na necessidade humana de morar, de abrigar-se contra as intempéries e as condições adversas da Natureza” (GRAEFF, 1955, p.1). Na opinião de Graeff, “Não é necessário um grande esforço para se verificar que as árvores e as cavernas – produtos elaborados inteiramente pela natureza – nada apresentam de arquitetônico ... O desenvolvimento progressivo dos grupos humanos, baseado na invenção de novos instrumentos e novos métodos de produção – arco e flecha, caça e pesca – ao possibilitar o aumento numérico de pessoas no grupo e ao exigir maiores deslocamentos sobre os territórios por ele habilitado, colocou na ordem do dia a questão do abrigo. A natureza é parca em cavernas e a árvore já não corresponde às necessidades humanas e às condições de clima. Daí surgiram a necessidade de construir abrigos e as palhoças, as cabanas, as ocas e os dolmens” (GRAEFF, 1955, p.1). Conforme Graeff, o ato de empilhar duas grandes pedras no solo e uma terceira no topo, formando o telhado, deveria ser considerado uma construção. Esta forma de abrigo não poderia, em hipótese alguma, ser considerada uma obra de arquitetura. Para tal, tornava-se imprescindível a acumulação de riquezas pelo homem, num longo processo de produção de equipamentos, sedentarização e cultivo, que no ímpeto de promoção pessoal, utilizou a arquitetura como expressão de sua grandeza e, de certa forma, em adoração aos deuses. Graeff descreveu que o abrigo precedeu em muitos anos a Arquitetura e identificou sua origem através da evolução da sociedade. Somente na fase superior da barbárie, quando a sociedade atingiu certo nível econômico e de desenvolvimento cultural, ao homem, o desejo de transformar o abrigo em algo mais significativo, surgiu como necessidade. Neste momento, os valores artísticos eram adquiridos e a própria arquitetura recebia qualidade de signo religioso (GRAEFF, 1967, p. 6). De acordo com Graeff, a arquitetura em sua origem “se revela como arte de afirmação humana, como meio do homem expressar sua própria grandeza, ou, se quiserem, de expressar seu orgulhoso agradecimento aos deuses. De qualquer forma, ela tem constituído sempre mais uma homenagem altiva ao próprio homem do que uma temerosa e humilde oferenda à divindade, ao mito ou ao poder (GRAEFF, 1967, p. 2).

²⁸¹ RIBEIRO, Demetrio. O novo e a moda na formação dos arquitetos. In: SVENSSON, Frank. [Org.] Arquitetura e Conhecimento. – Brasília: Alva, nº6, 1988. p. 1.

tornaram-se capazes de transmitir à obra uma missão ideológica e influir na percepção, estimulando ações, por exemplo, na maneira como os espaços públicos e privados (urbanos e edificações) seriam projetados, construídos e apropriados. A ideologia poderia ser utilizada para aproximar a arquitetura do povo, exprimindo valores de progresso e de brasilidade, ou expressar a superioridade econômica de certas classes sociais, reproduzindo ideais cosmopolitas e reacionários.

A própria tomada de posição por parte dos arquitetos entre funcionalidade e beleza, assim como discutido por Graeff e seu amigo, se refletida a partir da relação dos usuários com a edificação poderia ser considerada como uma expressão ideológica. A linguagem arquitetônica e o programa²⁸², ao variarem em acordo com o sujeito que a utiliza e/ou a contempla (espaço interno-externo), isto é, ao ser percebida de forma diferente pela classe dominante e dominada, torna-se capaz de gerar discursos e exprimir a visão de mundo do profissional que o desenho executa. Até mesmo o empenho em tomar decisão quanto ao método compositivo a ser utilizado, segundo Graeff, seria uma escolha ideológica²⁸³.

Inseridos na divisão social e técnica do trabalho, a tendência dominante de ideologizar o fenômeno arquitetônico, o colocando a serviço das classes dominantes, para os professores comunistas, poderia ser revertida mediante a aquisição de uma consciência objetiva dos problemas brasileiros. Na qualidade de intelectuais progressistas, crenes na ideologia proletária e comprometidos ao processo revolucionários do pensamento, a eles foi destinada a função de colaborar com esta missão.

No capítulo que se segue, parte da tarefa de desalienação da sociedade, sobretudo dos profissionais e estudantes de Arquitetura e do Urbanismo, será demonstrada a partir do enfrentamento às temáticas políticas defendidas pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB), como cosmopolitismo, latifúndio e imperialismo.

²⁸² No texto Desenvolvimento dos programas arquitetônicos, Graeff tomou por modelo o Egito antigo, Nação cujos Túmulos e Templos foram as obras de grande destaque, para evidenciar que as arquiteturas produzidas nas sociedades servem como demonstração da grandiosidade da classe que dispõe o poder e que os programas arquitetônicos se alteram acompanhando a mudança na estrutura social. Graeff percebeu que, enquanto no antigo Império o rei, conhecido como Faraó, era o representante das divindades e tinha o domínio das terras e do povo, seu túmulo era a construção mais importante. Quando, no Império médio, o Faraó perdeu o controle da população, deixando de ser considerado a encarnação dos deuses, os sacerdotes assumiram o poder e os templos (arquitetura que mais os representavam) se tornaram as construções mais elaboradas e imponentes. Segundo Graeff, “a finalidade suprema das obras de Arquitetura era atuar o espírito popular no sentido de mantê-lo submisso e, assim, preservar-se a ordem social”. (GRAEFF, Edgar Albuquerque. Desenvolvimento dos programas arquitetônicos. Cadernos de estudos - CEUA, n°2.)

²⁸³ GRAEFF, Edgar Albuquerque. Cidade Utopia. - Belo Horizonte: Vega, 1979, p. 42.

4

A TEMÁTICA
COMUNISTA

AOS VACILANTES

O que está errado, agora, no nosso discurso?
Alguma coisa? Ou tudo?
Com quem ainda podemos contar?
Somos sobras da correnteza viva,
que o rio depositou em suas margens?
Ficaremos para trás, sem entendermos,
sem sermos entendidos por ninguém?
Precisamos ter sorte?
Isso é o que perguntas. Não esperes
resposta a não ser de ti mesmo.

Bertold Brecht

As discussões sobre a estética como instrumento ideológico se fizeram presente nas reflexões dos 5 professores comunistas, sendo este um dos assuntos de divergência por eles apresentado. Sob a luz dos princípios do Realismo Socialista (arte oficial do Partido Comunista) e da Arquitetura moderna, o debate sobre a forma plástica da arquitetura foi travado, entre os quais, na revista *Horizonte*²⁸⁴ (1951 e 1952), tendo como protagonistas Demetrio Ribeiro, Edgar Graeff e Nelson Souza, com apoio da arquiteta Vera Fabricio²⁸⁵. No embalo das discussões internacionais encadeadas pelos socialistas, na década de 1940, os arquitetos reproduziram em

²⁸⁴ Revista publicada em Porto Alegre e com circulação de março de 1949 a janeiro de 1956. A partir de meados da segunda Guerra Mundial, a tomada de consciência social por parte da população brasileira, sobretudo aos de tendência progressista, fez do desejo de participação social estopim a inúmeros meios de articulação e divulgação ideológicas de denúncias sociais e de estímulo à democratização. A escrita tornou-se importante instrumento de atuação, fazendo de certos equipamentos midiáticos, como as revistas e jornais, plataforma à divulgação de mensagens políticas, debates e informações. Autointitulada como uma “revista de intelectuais de vanguarda (...) a serviço do que, na sociedade humana e em nossa terra, represente o que há de novo, de progressista, que consulte às mais nobres aspirações da Humanidade e de nosso povo” (Apresentação. *Horizonte*, Porto Alegre, Ano 1, nº4, dez. 1950.), a revista *Horizonte* teve em seu corpo de colaboradores pessoas filiadas ao Partido Comunista, entre os quais Demetrio Ribeiro e Nelson Souza.

²⁸⁵ Vera Fabricio, em continuidade ao debate travado na revista *Horizonte* entre os colegas Graeff, Nelson e Demetrio, escreveu artigo intitulado *Sobre Arquitetura*, no qual narrou as experiências adquiridas em rápida viagem à Europa, em que pode verificar a existência de condições para o desenvolvimento de uma arquitetura mais coletiva. Buscando contribuir às discussões que, apesar de contraditórias quanto ao caráter eminentemente social da arquitetura moderna, possuíam por consenso a necessidade de encontrar respostas às suas deficiências, o texto de Vera foi publicado como uma mensagem de esperança. Em seu artigo, Vera narrou que, enquanto no Brasil era comum os arquitetos trabalharem limitados pela “realidade das condições econômicas e sociais do meio”, atuando para uma pequena parcela com recursos financeiros e com temas oferecidos exclusivamente segundo suas necessidades, na Europa a situação se mostrava diferente, mesmo que limitada a poucos casos. Em observações feitas nas comunas de Saint-Denis (França) e Milão (Itália), verificou-se a presença de arquitetos trabalhando conjuntamente à classe operária na construção de conjuntos residenciais. Esta condição de trabalho, apesar de excepcional se comparada à totalidade da França e Itália, mostrava-se significativa enquanto experiência, uma vez que fornecia subsídios à um futuro ainda por vir. Segundo informa Vera, tanto na construção de conjuntos residenciais para os operários moradores de Saint-Denis, de autoria do renomado arquiteto francês André Lurçat, quanto no trabalho dos jovens arquitetos com a Cooperativa Operária, em Milão, o empenho de identificação dos profissionais responsáveis com a classe operária era visível enquanto estratégia de projeto. Para Vera, muitos dos benefícios ao desenvolvimento da obra foram possíveis pelo contato direto dos futuros moradores com o arquiteto que, através de reuniões públicas, forneciam esclarecimentos, sugestões e “crítica objetiva e direta às soluções propostas”. Segundo Vera, “o arquiteto não é mais, para os operários, um personagem desconhecido, um homem estranho às suas preocupações, mas um homem capaz de compreender suas necessidades, de dar a elas a devida importância, de procurar os meios de satisfazê-las”. A aproximação entre arquiteto e operário, isto é, sua identificação com a coletividade acarretaria expressões artísticas, quando não entravadas por falta de recursos, em acordo com as ideias e aspirações do povo. Vera Fabricio encerrou o texto confirmando seu posicionamento em aliança ao de Demetrio Ribeiro e vislumbrando, num futuro próximo, maior direcionamento de verbas públicas a obras de interesse coletivo. Relembrou aos companheiros de profissão a necessidade do conhecimento profundo da realidade brasileira, estando prontos ao enfrentamento de novos temas que estariam por vir, pois apenas dessa forma a arquitetura seria “sentida e compreendida por todos”; sem necessidade de “reduzirmos sua compreensão a uma questão de hábito e de educação visual, afastando-a de certas correntes formalistas”. Só assim, segundo Vera, “estaremos fazendo da arquitetura uma verdadeira arte”. (FABRICIO, Vera. *Sobre arquitetura*. *Horizonte*, Porto Alegre, ano II, nº7, jul. 1952, p. 192-193.)

suas teorizações a divergência de pensamento entre os comunistas Josef Stálin e Leon Trótski²⁸⁶ no referente à liberdade da arte.

Idealizado por Andrej Zhdanov e implantado por Josef Stálin (líder da União Soviética), em 1934, o Realismo Socialista esteve presente em países com Regimes de inspiração stalinista e, no caso do Brasil, circulou entre artistas com ideais progressistas. Buscando, por meio da cultura, a aproximação ao povo e conseqüente auxílio em sua luta e promoção da igualdade, este programa Soviético estimulou o desenvolvimento da literatura, pintura, arquitetura, desenho, entre outras artes, tendo como temática a vida dos operários e dos camponeses, isto é, a realidade das massas. Esta vertente artística chegou ao Brasil após o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, por meio do Partido Comunista Brasileiro, que se utilizou de jornais e revistas para expandir os ideais comunistas para as massas²⁸⁷. A arte de cunho social, que já vinha sendo desenvolvida desde a década de 1930, como apresentou Aracy Amaral, adquiria como incumbência, pelo Realismo Socialista, o aporte revolucionário²⁸⁸.

Em contraposição à arte proletária imposta pela URSS, Leon Trotsky e o escritor-teórico do surrealismo André Breton, em julho de 1938, lançaram o manifesto Por Uma Arte Revolucionária Independente, em defesa da liberdade de criação. O texto, que possuía por objetivo agrupar artistas e intelectuais, constituindo a Federação Internacional da Arte Revolucionária Independente (FIARI), opunha-se, segundo esses, à proposta controladora de Stálin, ainda que mantendo como tarefa suprema da arte “participar consciente e ativamente da preparação da revolução”²⁸⁹. Segundo Trotsky, não era possível

contemplar sem repulsa física mesclada com horror, a reprodução de quadros e esculturas soviéticas nos quais funcionários armados de pincel, sob a vigilância de funcionários armados de máusers, glorificam os chefes

²⁸⁶ Com a morte de Lênin, líder da Revolução Russa, no ano de 1924, Leon Trotsky, segundo homem da Revolução de Outubro, e Josef Stálin, Secretário-Geral do Partido Comunista da URSS depois de 1922, disputaram o poder da União Soviética. Stálin assumiu em 1924, permanecendo até sua morte em 1953.

²⁸⁷ Segundo a historiadora Karina Pinheiro Fernandes, no ano de 1945, o jornal Tribuna Popular, vinculado ao Partido Comunista Brasileiro, começou a publicar as primeiras teses sobre o realismo socialista. (FERNANDES, Karina Pinheiro. O povo é arte: as ilustrações em periódicos do PCB e o Realismo Socialista no Brasil. In: Simpósio Nacional de História – ANPUH, XXVI, 2011, São Paulo. Anais... São Paulo: USP, 2011.)

²⁸⁸ Segundo Frederico José Falcão, “no início dos anos 50 diversas reuniões foram realizadas entre o secretário de Organização e intelectuais ligados ao Partido no intuito de garantir estrita observância aos cânones do realismo”. (FALCÃO, Frederico José. Os homens do “passo errado”: o PCB, o stalinismo e os intelectuais no Brasil dos anos 50. In: Encontro regional de História – ANPUH, X, 2002, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: UFRJ, 2002, p.3.)

²⁸⁹ FACIOLI, Valentim. [Org.] Por uma arte revolucionária e independente. – São Paulo: Paz e Terra, 1985, p. 43. Disponível em: < <https://culturaemarxismo.files.wordpress.com/2012/10/livro-por-uma-arte-revolucion3a1ria-independente-breton-e-trotsky.pdf>> Acesso em: 03/01/2016.

*‘grandes’ e ‘geniais’, privados na realidade da menor centelha de gênio e grandeza*²⁹⁰. (TROTSKY, 1938. In: FACIOLI, 1985, p. 18.)

Ao afirmarem a não solidariedade, por um instante sequer, nem com o Fascismo nem com o Comunismo autoritário de Stálin, Trotsky e Breton definiram como arte verdadeira a que não se contentava “com variações sobre modelos prontos”²⁹¹, mas se esforçava “por dar uma expressão às necessidades interiores do homem e da humanidade”²⁹². De acordo com o manifesto, além de revolucionária, a arte deveria “aspirar a uma reconstrução completa e radical da sociedade, mesmo que fosse apenas para libertar a criação intelectual das cadeias que a bloqueiam e permitir a toda a humanidade elevar-se a alturas que só os gênios isolados atingiram no passado”²⁹³.

Na década de 1950, quando travado o debate na revista Horizonte, o Brasil vivenciava momento de transformações socioeconômicas. Encaminhava-se de um país rural para uma Nação com novos hábitos de consumo, comportamento e ideias. A paisagem urbana se modernizava e, para acompanhar o ritmo do progresso, as residências modificavam sua forma e função, se afastando cada vez mais da influência aristocrática. No embalo dos avanços técnicos e das possibilidades de alteração do sistema social, a arquitetura desenvolvia seus métodos construtivos, colaborando para as futuras mudanças que o momento exigia. A arquitetura evoluía, acompanhando o progresso do país e, com ela, o arquiteto, que, em certos casos, via no exercício de sua atividade profissional a oportunidade para colaborar com a sociedade. A tomada de consciência social por parte dos arquitetos, somada às inovações técnicas e à mudança no programa habitacional, entre os quais, a orientação estética, legavam à Arquitetura moderna o título de revolucionária. Expressão esta que será alvo de crítica e questionamentos entre os arquitetos, dando origem às discussões estimuladas pelo periódico.

Em texto intitulado Sobre a Arquitetura brasileira²⁹⁴, publicado em maio de 1951²⁹⁵, na revista Horizonte, Demetrio Ribeiro, então membro do Conselho de Redação²⁹⁶ do periódico,

²⁹⁰ FACIOLI, Valentim. [Org.] Por uma arte revolucionária e independente. – São Paulo: Paz e Terra, 1985, p. 18. Disponível em: < <https://culturaemarxismo.files.wordpress.com/2012/10/livro-por-uma-arte-revolucionaria-independente-breton-e-trotsky.pdf>> Acesso em: 03/01/2016.

²⁹¹ FACIOLI, Valentim. [Org.] Por uma arte revolucionária e independente. – São Paulo: Paz e Terra, 1985, p. 37-38. Disponível em: < <https://culturaemarxismo.files.wordpress.com/2012/10/livro-por-uma-arte-revolucionaria-independente-breton-e-trotsky.pdf>> Acesso em: 03/01/2016.

²⁹² Idem.

²⁹³ Idem.

²⁹⁴ RIBEIRO, Demetrio. Sobre a arquitetura brasileira. Horizonte, Porto Alegre, n°5, maio 1951, p. 145.

²⁹⁵ RIBEIRO, Demetrio. Sobre a arquitetura brasileira. Horizonte, Porto Alegre, n°11-12, nov.-dez. 1951, p. 338-339.

²⁹⁶ Demetrio Ribeiro tornou-se membro do Conselho de redação da revista Horizonte a partir da publicação n°4, de dezembro de 1950, ao lado de Carlos Scliar, Ciro Martins, Fernando Guedes, Laci Osorio e Vasco Prado, com

convidou arquitetos, urbanistas e estudantes de Arquitetura, “desejosos de fazer obra à altura das necessidades de nosso povo”²⁹⁷, a analisarem e debaterem a orientação estética da Arquitetura moderna brasileira. Em virtude de sua importância como expressão da cultura nacional, Demetrio acreditava que a Arquitetura moderna, comumente associada à expressão “revolucionária”, por parte de partidários e adversários ao estilo, deveria ter sua verdadeira significação esclarecida. Para Demetrio, “uma coisa é arquitetura revolucionária no sentido de arquitetura nova, diferente, que produz obras de aparência estranha e desconhecida”²⁹⁸; uma arquitetura que revoluciona as formas e o aspecto das construções, como na corrente moderna. “Outra coisa muito diversa é arquitetura revolucionária no sentido de arte do povo revolucionário”²⁹⁹; uma arte que “traduz o gosto e os sentimentos do povo e que contribui para o progresso cultural das massas e a própria transformação da sociedade”³⁰⁰.

Nascida como reação à arquitetura acadêmica e a fim de satisfazer a burguesia, que tinha por gosto imitar os países imperialistas, a Arquitetura moderna brasileira, cujo início foi marcado pelo combate à “arte falsa”, segundo Demetrio, não conseguiu se manter em seu autêntico caminho. A permanência do isolamento ao povo e sua acessibilidade aos burgueses e latifundiários, somada à crítica superficial e incompleta ao academicismo, segundo Demetrio, acarretaram a atribuição da falsidade arquitetônica apenas “a questões formais, ao uso de formas artísticas em desacordo com a técnica moderna”³⁰¹, “perdendo de vista o conteúdo ideológico da arquitetura”³⁰².

Ao esquecer que a “arquitetura vale como arte pelas ideias que exprime aos olhos do público, os arquitetos modernos julgaram que o essencial e o bastante para fazer uma arte do nosso tempo e do nosso país era utilizar ao máximo a técnica moderna aplicando-a às condições

direção de Lila Ripoll Guedes. Assim permaneceu até a publicação nº 9, de setembro de 1951. Na revista nº 10, de outubro de 1951, Fernando Guedes assumiu a diretoria e Lila Ripoll tornou-se membro do Conselho de redação. Assim permaneceram até a revista nº 7, de julho de 1952, quando na publicação seguinte, nº 8 de setembro de 1952, Demetrio tornou-se redator da revista, na seção de arquitetura, ao lado de Nelson Souza. Fizeram parte da equipe: Diretor: Fernando Guedes, Secretário: J. Almeida, Gerente: Lacy Osório - Redatores: Arquitetura: Nelson Souza e Demetrio Ribeiro; Artes Plásticas: Carlos Scliar e Vasco Prado; Cinema: Paulo Fonseca; Crítica Literária: Fernando Guedes; Literatura estrangeira: José Faria Filho; Literatura de ficção: Plínio Cabral e Ciro Martins; Música: Esther Scliar; Pedagogia: Clarinha Brilman; Poesia: Lila Ripoll; Sociologia e Economia: Antônio Ferreira Martins, José Martins Pereira, Júlio Teixeira e Ugo Madureira; teatro: Edison Nequete. Na revista de nº 3, de novembro/dezembro de 1953, novas mudanças levaram Demetrio à direção ao lado de Fernando Guedes, Lila Ripoll, Carlos Scliar e Nelson Souza. Demetrio permaneceu na revista até a edição nº30 de janeiro/fevereiro de 1954.

²⁹⁷ Idem.

²⁹⁸ RIBEIRO, Demetrio. Sobre a arquitetura brasileira. Horizonte, Porto Alegre, nº5, maio 1951, p. 145.

²⁹⁹ Idem.

³⁰⁰ Idem.

³⁰¹ Idem.

³⁰² Idem.

do nosso meio”³⁰³. Ao chegarem a novas formas, decorrentes do aprofundado estudo das condições locais e do progresso técnico, a Arquitetura moderna brasileira acabou por se distanciar do passado e daquilo que o povo conhecia. Na maioria dos casos, a função dos edifícios e as soluções técnicas foram apenas utilizadas como “motivo para o jogo das formas novas”³⁰⁴.

Demetrio considerava que os edifícios feitos com configurações estéticas desconhecidas ao povo, a eles, não causariam significação humana. Sendo assim, a arquitetura verdadeiramente nova seria aquela “compreendida pelas massas e capaz de evocar em seu espírito as ideias grandiosas que inspiram as lutas patrióticas e revolucionárias do nosso povo”³⁰⁵. Segundo Demetrio, o alcance desta finalidade apenas seria possível com o conhecimento das exigências do povo, o que significaria mudança radical nos critérios estéticos existentes e no esforço para libertação dos “preconceitos formais que asfixiam a criação artística, impedindo-a de chegar até o povo”³⁰⁶.

Atendendo à solicitação de debate feita por Demetrio Ribeiro, o arquiteto e urbanista Edgar Graeff publicou na própria revista *Horizonte*, edição seguinte ao artigo *Sobre a Arquitetura brasileira*, texto intitulado *Sobre Arquitetura*³⁰⁷, no qual respondeu às implicações e fez críticas ao trabalho do colega. Mesmo ciente das intenções e dos objetivos de Demetrio em tornar “conscientes os arquitetos da necessidade de fazerem uma Arquitetura para o povo; alertá-los contra os perigos do formalismo e incentivá-los na procura de formas expressivas acessíveis ao sentimento popular”³⁰⁸, para Graeff, os pensamentos apresentados eram confusos e refletiam as vacilações do autor.

Na opinião de Graeff, consciente ou inconscientemente, Demetrio havia se preocupado em combater a própria Arquitetura moderna ao invés de suas deficiências. Seu esforço em demonstrar a condição burguesa e reacionária da arquitetura era considerado por Graeff um esforço inútil e uma tarefa ingrata, que o encaminhava a contradições. O esclarecimento da expressão “arquitetura revolucionária” apresentava-se limitada, uma vez que o autor de *Sobre a Arquitetura brasileira* tratava da arte de construir edifícios como se tratasse de pintura e escultura, esquecendo-se de suas diferenças quanto à liberdade de ação. De acordo com Graeff,

³⁰³ Idem.

³⁰⁴ RIBEIRO, Demetrio. *Sobre a arquitetura brasileira*. *Horizonte*, Porto Alegre, n°5, maio 1951, p. 145.

³⁰⁵ Idem.

³⁰⁶ Idem.

³⁰⁷ GRAEFF, Edgar Albuquerque. *Sobre arquitetura*. *Horizonte*, Porto Alegre, n°6, jun. 1951, p. 170-171.

³⁰⁸ Idem.

“o arquiteto não escolhe as formas da sua obra com a desenvoltura e a liberdade do pintor e do escultor: os programas utilitários e as determinações técnicas deixam-lhe uma margem ínfima de liberdade de escolha. Arquitetura não é cenoplastia, não é arte de revestimentos”³⁰⁹, dizia Graeff. “Arquitetura é arte de construção”³¹⁰.

Contrariando Demetrio, Graeff acreditava que a Arquitetura moderna brasileira apresentava os “germes” de uma arte revolucionária. A presença do espírito humanista revolucionário, o salto da técnica empírica para a científica, a transformação de instrumento de dominação e exploração do homem para uma arte preocupada em servir ao homem, as liberdades compositivas, entre outros, comprovariam o fato. “Não se tratava apenas de aparências”³¹¹, como o artigo de Demetrio insinuava, mas de uma arquitetura “nova e melhor que a velha em seus fundamentos e em suas possibilidades”³¹².

O argumento utilizado por Demetrio para demonstrar o distanciamento da arquitetura nova de seu passado, no qual fundamentou na aproximação da arquitetura com a realidade, segundo Graeff, seria mais um erro cometido pelo companheiro, pois este ignorava o diferencial da Arquitetura moderna brasileira e que, a ela, fornecia prestígio e valor: a sua ligação “à terra, à tradição e aos costumes nacionais”³¹³. Seus descuidos iam desde a crítica feita à arquitetura das classes dominantes, que, segundo Graeff, acabava sendo a mesma realizada pelos arquitetos modernos da “Semana” São Paulo, até a ignorância da própria causa que combate. Graeff citou como exemplo a confusão de Demetrio com a arquitetura modernista, futurista e cubista, pós-Semana de Arte Moderna e de forte reação contra o academicismo, com a Arquitetura moderna dos anos de 1930. Ao deixar de lado a história e a luta dos arquitetos modernos no Brasil, com origem nos movimentos revolucionários de 1922 e 1932, Demetrio se esquecia, segundo Graeff, dos “arquitetos progressistas ligados às lutas do povo, enfrentando os ataques, as calúnias e até a polícia que os arquitetos da arte oficial da burguesia contra eles atiraram e continuam atirando”³¹⁴.

A afirmação de Demetrio sobre o desconhecimento do povo quanto às formas dos edifícios da Arquitetura moderna foram rebatidas por Graeff que, após evidenciar a situação precária da moradia dos operários (como os barracos e os pardieiros de aluguel), fundamentou

³⁰⁹ GRAEFF, Edgar Albuquerque. Sobre arquitetura. Horizonte, Porto Alegre, n°6, jun. 1951, p. 170.

³¹⁰ Idem.

³¹¹ Idem.

³¹² Idem.

³¹³ Idem.

³¹⁴ GRAEFF, Edgar Albuquerque. Sobre arquitetura. Horizonte, Porto Alegre, n°6, jun. 1951, p. 171.

seu ponto de vista na impossibilidade da população em imaginar formas de habitação muito diferentes das que elas conheciam. Ao esclarecer que o “povo só conhece os edifícios feitos para os latifundiários e a burguesia”³¹⁵, Graeff, consciente ou inconscientemente, difundia o pensamento dos modernistas alemães que, após estudo científico das necessidades e aspirações da população, pretendia

responder, não construindo a ‘a casa ideal’ nascida da imaginação popular e que, em geral, será apenas uma má imitação das residências dos ricos, mas de trazer uma solução nova, original e suscetível de originar nossos hábitos e um novo modo de vida conforme às ideias que tem do futuro os meios ‘progressistas’ políticos e arquitetônicos”. (KOPP, 1990, p. 53-54.)

Para Graeff, como marxista, Demetrio Ribeiro não tinha o “direito de confundir fatos ocasionais com fenômenos sociais em processo”³¹⁶. Suas afirmações se baseavam “em ocorrências particulares, em acidentes que podem traduzir as contradições do Regime e não a sua orientação consciente”³¹⁷. Era uma crítica justa considerar que a arquitetura não estava “suficientemente ligada ao povo, ainda não foi buscar nas fontes da nação todos os elementos que lhe convêm e não representa ainda um fruto das aspirações populares”³¹⁸. No entanto, considerava inegáveis os objetivos da Arquitetura moderna. Para Graeff era

crassa falta de senso, exigir que em 20 anos de luta, pressionada pelas classes dominantes e contrafeita numa sociedade hostil, uma nova arquitetura atinja aquele ponto culminante, quando sabemos que a unidade de tempo da arquitetura é o século – quatro ou cinco séculos para os grifos, cinco ou seis para os cristãos. (GRAEFF, 1951, p. 171.)

Dando continuidade às discussões na revista Horizonte, Nelson Souza, ciente da necessidade de seu posicionamento enquanto estudante do curso de Arquitetura³¹⁹, apresentou suas reflexões em texto também intitulado Sobre a Arquitetura³²⁰, no qual os pensamentos de Demetrio e Graeff foram por ele questionados. Para Souza, apesar de fixarem-se em duas correntes, ambos os artigos pretendiam um mesmo objetivo: “tornar consciente os arquitetos, da necessidade de fazerem obra à altura das necessidades do nosso povo”³²¹. Seu

³¹⁵ Idem.

³¹⁶ GRAEFF, Edgar Albuquerque. Sobre arquitetura. Horizonte, Porto Alegre, n°6, jun. 1951, p. 171.

³¹⁷ Idem.

³¹⁸ Idem.

³¹⁹ Nelson Souza, apesar de formado no Instituto de Belas Artes de Porto Alegre, no ano de 1951, era estudante quando escreveu o texto publicado na revista Horizonte, intitulado Sobre Arquitetura.

³²⁰ SOUZA, Nelson. Sobre arquitetura. Horizonte, Ano I, n°7, jul. 1951, p. 207-208.

³²¹ SOUZA, Nelson. Sobre arquitetura. Horizonte, Ano I, n°7, jul. 1951, p. 207.

posicionamento pautava-se no respeito às conquistas positivas alcançadas pela Arquitetura moderna brasileira, contudo, trazia como questionamento a sua orientação estética incompreensível às massas.

Tendo como ponto de partida o choque entre os princípios defendidos pelos arquitetos modernos e a estrutura da sociedade então existente, Nelson Souza vislumbrava uma arquitetura que correspondesse aos anseios do povo brasileiro, “do povo que tem como missão, por uma necessidade histórica, a transformação da sociedade, uma Arquitetura ligada aos seus sentimentos”³²². Em concordância com os argumentos apontados por Demetrio, Nelson acreditava que as novas técnicas permitiram o desenvolvimento pela Arquitetura moderna de formas estranhas e que, ao se tornarem objeto de busca dos arquitetos, acabaram por denunciar a falta de preocupação em aproximar-se da estética do povo.

Conforme atestou Nelson, “os arquitetos não escolhem sua clientela, constroem para aqueles que dispõem de recursos financeiros. Esses recursos estão nas mãos de uma classe caduca, que, historicamente, está destinada a desaparecer”³²³. Seu prestígio entre os burgueses foi uma “confirmação de que as necessidades materiais e espirituais dessa clientela foram satisfeitas”³²⁴. Mesmo sendo uma ação involuntária e imprescindível aos arquitetos (que dependiam dos burgueses para a contratação dos projetos), a imensa maioria do povo acabou vivendo alheia à existência da Arquitetura moderna que, com pretensões de ser contra a classe dominante, apoiou-se “num ser abstrato, independente de sua posição social”³²⁵.

Ao culpar o “humanismo revolucionário” de Graeff de passar “por cima das classes sociais em luta, trazendo confusão quanto à orientação da Arquitetura contemporânea (Arquitetura moderna) e permitindo afirmações das mais contraditórias, entre seus teóricos”³²⁶, o futuro arquiteto confirmou sua posição favorável à “estética do povo” e ao Realismo Socialista.

Segundo Nelson, para “a Arquitetura poder se desenvolver com segurança, cumprir sua mais elevada finalidade, servir o homem – o homem em ação historicamente condicionado – é preciso antes de tudo o amparo de um humanismo solidamente apoiado numa teoria social científica”³²⁷. A falta desse humanismo, de acordo com Nelson, foi responsável por conduzir a

³²² SOUZA, Nelson. Sobre arquitetura. Horizonte, Ano I, n°7, jul. 1951, p. 207.

³²³ Idem.

³²⁴ Idem.

³²⁵ SOUZA, Nelson. Sobre arquitetura. Horizonte, Ano I, n°7, jul. 1951, p. 208.

³²⁶ Idem.

³²⁷ Idem.

moderna Arquitetura “a um formalismo que a identifica até certo ponto, com certas correntes artísticas, modernas e reacionárias”³²⁸.

Demetrio Ribeiro, em segundo artigo publicado na revista Horizonte sob o mesmo título do anterior, iniciou e finalizou suas reflexões, incitando a arquitetos e estudantes de Arquitetura a desenvolverem a prática da discussão, fosse ela autocrítica ou como avaliação da sociedade. Segundo Demetrio, para correta avaliação das obras arquitetônicas, o “conhecimento das condições em que ela se desenvolve”³²⁹, isto é, “as necessidades que a arquitetura atende”³³⁰ e os “meios de que dispõe para atendê-las”³³¹, eram questões indispensáveis. Tanto a necessidade e o gosto dos clientes quanto a determinação dos recursos disponíveis, da técnica, dos materiais e das concepções artísticas, conforme atestava Demetrio, agiam conjuntamente e influenciavam-se mutuamente, sendo decisivos para a conclusão da obra. Neste caso, a utilização do concreto armado na confecção de formas livres, tão comum à Arquitetura moderna, segundo Demetrio, se explicaria pela obediência desse material às condições econômicas e sociais do meio, como, por exemplo, a ausência de recursos construtivos além do concreto, seu método primitivo de utilização e o atendimento ao gosto por novidade dos clientes.

Conhecer as consequências do “processo revolucionário brasileiro sobre a evolução da arquitetura”³³² era, para Demetrio, o tema central a ser discutido pelos arquitetos progressistas do país, que teriam de enfrentar, no “Brasil progressista de amanhã”³³³, questões de interesse coletivo então esquecidas ou deixadas de lado. Para representar a mentalidade de um povo revolucionário, as exigências estéticas se diferenciariam da camada dominante. Segundo Demetrio,

uma arquitetura que devolva o gosto pelas realizações claras e organizadas, o gosto pelo progresso técnico e pelos métodos de trabalho adiantados, que traduza o critério disciplinado e sensato dos empreendimentos de uma sociedade democrática, eis o que se pode presumir que venha a ser a nossa arquitetura de amanhã. (RIBEIRO, 1951, p. 338.)

Em uma nova sociedade, em que a indústria se encontrasse desenvolvida e a serviço do povo, para Demetrio, as transformações na arquitetura seriam radicais. O arquiteto teria à

³²⁸ Idem.

³²⁹ RIBEIRO, Demetrio. Sobre a arquitetura brasileira. Horizonte, Porto Alegre, n°11-12, nov.-dez. 1951, p. 338.

³³⁰ Idem.

³³¹ Idem.

³³² Idem.

³³³ Idem.

disposição inúmeros recursos construtivos, suas possibilidades aumentariam e, com elas, as concepções dos artistas e o gosto coletivo. Demetrio pretendia demonstrar que a Arquitetura moderna brasileira era dependente das “condições de atraso econômico e social reinantes no país”³³⁴. Sendo assim, “a destinação dos edifícios, as características da sua construção, a ideologia e o gosto da clientela”³³⁵ negavam a afirmação de Edgar Graeff quanto ao caráter revolucionário da arquitetura em questão. Demetrio atribuiu à falta de visão histórica de conjunto o motivo pelo qual os arquitetos modernistas foram levados a acreditar numa arte pela arte e a cultivar a beleza abstrata.

No último texto desta série composta por sete artigos³³⁶ publicados na revista Horizonte e intitulados Sobre Arquitetura [Moderna], Nelson Souza, não mais na condição de estudante³³⁷, expôs aos arquitetos a necessidade da crítica e de uma “formulação realista dos problemas da arquitetura”³³⁸. Para Nelson, as características referidas ao desenvolvimento da Arquitetura moderna brasileira, como a anarquia, a ausência de crítica e autocrítica, eram, na verdade, reflexos da forma irresponsável com que a sociedade tratava esta arte considerada eminentemente social. Nelson Souza tinha por princípio a dependência da arquitetura às condições econômico-sociais vigentes que, de forma inevitável, afetavam a ideologia dos arquitetos, mesmo aos mais prevenidos, para justificar a improvável relação arquiteto-cliente com a grande maioria da população. Segundo Nelson,

os tipos de relação cliente-arquiteto (...) eliminam praticamente a possibilidade de relação entre os arquitetos e a grande maioria de nosso povo. O individualismo, a que naturalmente a estreiteza desse tipo de relação conduz, leva à ausência de programas mais elevados, que exijam dos arquitetos uma preocupação maior pelas finalidades a que deve atender sua obra. (SOUZA, 1952, p. 245.)

Isso porque, ao contrário das outras artes plásticas, a arquitetura é uma arte utilitária, sendo necessária a contratação do arquiteto para que se desenvolva. A própria organização

³³⁴ Idem.

³³⁵ Idem.

³³⁶ RIBEIRO, Demetrio. Sobre a arquitetura brasileira. Horizonte, Porto Alegre, n°5, maio 1951, p. 145; GRAEFF, Edgar Albuquerque. Sobre arquitetura. Horizonte, Porto Alegre, n°6, jun. 1951, p. 170-171; SOUZA, Nelson. Sobre arquitetura. Horizonte, Ano I, n°7, jul. 1951, p. 207-208; RIBEIRO, Demetrio. Sobre a arquitetura brasileira. Horizonte, Porto Alegre, n°11-12, nov.-dez. 195, p. 338-339; GRAEFF, Edgar Albuquerque. Sobre arquitetura. Horizonte, Porto Alegre, n°5, 1952, p. 116-117; FABRICIO, Vera. Sobre arquitetura. Horizonte, Porto Alegre, ano II, n°7, jul. 1952, p. 192-193; SOUZA, Nelson. Sobre arquitetura moderna. Horizonte, Ano II, n°9, 1952, out.-nov, p. 245.

³³⁷ Nelson Souza diplomou-se no Instituto de Belas-Artes da UFRGS, em 1951.

³³⁸ SOUZA, Nelson. Sobre arquitetura moderna. Horizonte, Ano II, n°9, 1952, out.-nov, p. 245.

social na qual os arquitetos estão inseridos, de forma geral, a eles fornece dois tipos de clientes, os governantes ou uma pequena parcela da população, na qual o serviço é particular. Sendo assim, torna-se quase nula a possibilidade de atuação dos arquitetos progressistas em projetos de interesse do povo. Aos profissionais fiéis a esta prática, a Arquitetura moderna brasileira, uma vez que não satisfazia às aspirações artísticas e aos interesses do povo e, muito menos, aos seus anseios ideológicos, não poderia servir de guia à “Nova Arquitetura”.

Nelson Souza finalizou o texto e o polêmico debate, lembrando aos arquitetos “confiantes no futuro de nosso país e desejosos de uma arquitetura verdadeiramente brasileira e livre das limitações que hoje a asfixia”³³⁹ da necessidade em formular, de forma realista, os problemas da Arquitetura brasileira. Apenas desta maneira e “em vista as condições atuais de nossa sociedade”³⁴⁰, os arquitetos poderiam orientar a prática profissional.

Enquanto Demetrio e Nelson defendiam uma arquitetura próxima da realidade e acessível ao povo quanto à leitura e ao entendimento da forma e mensagem a qual o Regime Soviético queria passar, Edgar Graeff acreditava no modernismo como uma arte independente e revolucionária. Mesmo com o apoio político ao líder Soviético, comprovado pela adesão à “Mensagem dos intelectuais gaúchos à Stálin”, publicada na revista Horizonte³⁴¹, em 1950, (VER ANEXO 1) ou no reconhecimento das conquistas soviética no campo da habitação³⁴², Graeff posicionava-se favorável à liberdade da arte, assim como defendido por Trotsky e Breton.

³³⁹ Idem.

³⁴⁰ Idem.

³⁴¹ Mensagem dos intelectuais gaúchos a Stálin. Horizonte, Porto Alegre, Ano 1, nº4, dez. 1950, p. 19.

³⁴² Graeff foi questionado sobre “qual seria o caminho para a solução do problema da habitação no Brasil (favela, casa popular, habitação coletiva, individual, etc.)”. Segundo o arquiteto, o problema habitacional brasileiro independia do tipo de arquitetura executada e estava diretamente ligado a falta de investimentos destinados a esta questão, cuja solução se encontrava no desenvolvimento econômico e social da humanidade. Após citar os Estados Unidos, a Inglaterra, a França e a Alemanha como exemplos onde a habitação era um problema, Graeff apontou com esperança a tentativa realizada na União Soviética. “Desenvolve-se, neste momento, a tentativa socialista. Ante as diretrizes da planificação e os recursos mobilizados para a construção, é forçoso reconhecer que se trata de uma experiência realmente séria, em escala inédita. A união Soviética deve construir, até 1965, 22 milhões de habitações, fornecendo casas novas para 88 milhões de pessoas. Asseguram as autoridades que em 14 anos (2 planos septenais) o problema estará resolvido”. (GRAEFF, Edgar. In: BRITO, Alfredo L. (1961) Inquérito nacional de arquitetura. Belo Horizonte: UMG/EA, 1963, p. 124-125.)

HORIZONTE

PORTO ALEGRE, JUNHO DE 1951

NOVA FASE N.º 6

PREÇO CR\$ 5,00



IMAGEM 21

Gravura Realismo Socialista - Capa revista Horizonte, autor gravura: Carlos Scliar.
Fonte: União por uma vida melhor e pela paz. Horizonte, ano I, nº 6, capa, jun. 1951.

HORIZONTE

PÓRTO ALEGRE, MAIO DE 1952 ★ ANO II ★ N.º 5 ★ PREÇO CR\$ 5,00



IMAGEM 22

Gravura Realismo Socialista - Capa revista Horizonte, autor: Carlos Scliar.
Fonte: Assine o Apêlo por um Pacto de Paz. Horizonte, ano II, nº 5, capa, maio 1952.

Anos após o debate na revista Horizonte, em texto intitulado Arquitetura – fenômeno social³⁴³, Graeff veio por reconhecer sua limitada visão baseada no caráter fundamentalmente artístico da arquitetura. Alegando ter ampliado seu ponto de vista sem, no entanto, ter mudado de opinião quanto ao fenômeno arquitetônico, o arquiteto confirmava seu posicionamento favorável ao desenvolvimento de “formas que pertençam ao patrimônio da cultura nacional”³⁴⁴, porém, passava a contemplar em suas reflexões a aproximação entre os fatos econômicos-sociais e a arquitetura³⁴⁵.

Distinguindo nos ensinamentos de Revai, Anatole Kopp, Demetrio Ribeiro, Nelson Souza, Enilda Ribeiro e Vilanova Artigas a origem dos seus “novos” questionamentos, Graeff percebia a importância de considerar outros aspectos fundamentais da arquitetura, além dos problemas de ordem funcional, técnica e estética. A arquitetura passava a ser estudada como um fenômeno eminentemente social³⁴⁶ e como um “instrumento político, que atua sobre as ideias da sociedade, podendo elevá-los no sentido do progresso humano ou rebaixá-los no sentido da reação anti-humana”³⁴⁷.

Graeff se apoiou nos conceitos marxistas de autonomia relativa da arte e da interação dos mundos da ideia e da matéria (superestrutura e infraestrutura) para encontrar meios de realizar a obra arquitetônica. Seu amadurecimento quanto ao posicionamento defendido pelos companheiros (Demetrio, Nelson e Enilda) se confirmou por meio da percepção da unidade dialética entre conteúdo ideológico e forma estética, presenciada, por exemplo, na arte grega. Esta arte esteve voltada para a expressão de ideias humanistas e “conseguiu fazê-lo de maneira magistral e ainda não superada”³⁴⁸. Fato que, para Graeff, justificava o retorno de Demetrio, Enilda e Nelson à herança clássica, por intermédio do Realismo Socialista, uma vez que “todos os movimentos progressistas da história foram e são acionados por ideias humanistas”³⁴⁹.

Mesmo sem comprovações quanto ao conhecimento de Graeff sobre o manifesto Por Uma Arte Revolucionária Independente, publicado no Brasil apenas em 1946³⁵⁰, provavelmente sua

³⁴³ GRAEFF, Edgar Albuquerque. *Arquitetura e o Homem*. – Belo Horizonte: EAU UMG, 1959.

³⁴⁴ GRAEFF, Edgar Albuquerque. *Arquitetura e o Homem*. – Belo Horizonte: EAU UMG, 1959, p. 33.

³⁴⁵ GRAEFF, Edgar Albuquerque. *Arquitetura e o Homem*. – Belo Horizonte: EAU UMG, 1959, p. 34.

³⁴⁶ GRAEFF, Edgar Albuquerque. *Arquitetura e o Homem*. – Belo Horizonte: EAU UMG, 1959, p. 35.

³⁴⁷ GRAEFF, Edgar Albuquerque. *Arquitetura e o Homem*. – Belo Horizonte: EAU UMG, 1959, p. 43.

³⁴⁸ GRAEFF, Edgar Albuquerque. *Arquitetura e o Homem*. – Belo Horizonte: EAU UMG, 1959, p. 41.

³⁴⁹ *Idem*.

³⁵⁰ O manifesto foi publicado em língua portuguesa no ano de 1946, na revista Vanguarda Socialista, criada e dirigida por Mário Pedrosa. (FACIOLI, Valentim. [Org.] *Por uma arte revolucionária e independente*. – São Paulo: Paz e Terra, 1985, p. 13. Disponível em: < <https://culturaemarxismo.files.wordpress.com/2012/10/livro-por-uma-arte-revolucionaria-independente-breton-e-trotsky.pdf>> Acesso em: 03/01/2016.)

simpatia e adesão à Arquitetura moderna antes de 1945, ano em que o Realismo Socialista chegou ao Brasil, tenha o conduzido à negação dessa corrente artística. Sua formação na Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil, em 1947, um ano após a implantação da Reforma do Ensino de Arquitetura proposta por Lucio Costa³⁵¹, e a proximidade de Oscar Niemeyer, do qual devotava admiração enquanto amigo e arquiteto³⁵², surgem como indícios a comprovação dessa hipótese³⁵³. Para Demetrio e Nelson, a rejeição à Arquitetura moderna, por sua vez, representava o desprezo pelo legado capitalista, um estilo que se mostrava contrário aos ideais revolucionários do Socialismo. Apesar de antagônicas quanto aos princípios de estímulo à atividade arquitetônica, as posições de Demetrio, Nelson, Enilda³⁵⁴ e Graeff mostravam-se semelhantes quanto ao entendimento da arquitetura como expressão ideológica e da utopia (entendida como esperança que coloca o arquiteto a agir no momento presente³⁵⁵) em aproximar a arquitetura do povo brasileiro.

³⁵¹ Em sua breve passagem como diretor da Escola Nacional de Belas Artes (ENBA), em 1931, Lucio Costa propôs uma Reforma do Ensino que consistia na desvinculação do curso de Arquitetura das Belas Artes, assumindo identidade própria e incluindo em seu currículo as disciplinas do Urbanismo e do Paisagismo. A proposta, que não havia sido aceita pela maioria dos professores, foi implantada apenas em 1946, com fundação da Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil. (CORDEIRO, Caio Nogueira Hosannah. A reforma LUCIO COSTA e o ensino da arquitetura e do urbanismo da ENBA à FNA/1931-1946. In: Seminário nacional de estudos e pesquisas “história, sociedade e educação no Brasil”, IX, 2012, João Pessoa. Anais eletrônicos... João Pessoa: UFPB, 2012. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario9/PDFs/2.19.pdf>)

³⁵² Graeff, no texto Um arquiteto em solidão definiu Oscar Niemeyer, seu amigo e companheiro de Partido, como “extraordinário criador de beleza”. (GRAEFF, Edgar Albuquerque. Arquitetura e o Homem. – Belo Horizonte: EAU UMG, 1959, p. 139.)

³⁵³ Edgar Graeff é considerado um dos introdutores do pensamento arquitetônico moderno, um dos profissionais responsáveis pela afirmação do estilo no estado do Rio Grande do Sul, cuja atuação se deu tanto na prática profissional quanto no ensino da arquitetura.

³⁵⁴ A adesão de Enilda Ribeiro ao Realismo Socialista se comprova pelo texto Situação da Arquitetura Brasileira, escrito em conjunto a Demetrio Ribeiro e Nelson Souza, além do apoio a revista Horizonte, periódico que promovia a corrente stalinista.

³⁵⁵ Utopia entendida segundo os princípios presente no livro O Princípio da Esperança, de Ernst Bloch.

No texto *Situação da Arquitetura brasileira*³⁵⁶ escrito por Demétrio, Nelson e Enilda, no ano de 1956, o individualismo de muitos profissionais e estudantes, que viam a arquitetura como objeto isolado, obra de arte cuja função residia na originalidade, era apontado como mais um obstáculo ao crítico debate sobre a situação da Arquitetura brasileira. A perseguição ao projeto diferenciado, por vezes, gerou narrativas em que a arquitetura se traduziu por sua estética, desvinculando-se de “fatores sociais, históricos e ideológicos”³⁵⁷. As questões plásticas da arquitetura eram pensadas em distanciamento do grande público, bancando-se formas que representavam a vontade e a existência de poucos cidadãos. O distanciamento da realidade brasileira e a vinculação com um programa voltado aos interesses de uma minoria deixava escapar um dos principais propósitos da arquitetura que, para Demétrio, Enilda e Nelson, consistia em estar ao alcance de todos.

De acordo com Demétrio, “à medida que, no século XIX, os sonhos milenares da fraternidade humana começaram a tomar corpo nas lutas do proletariado moderno, à medida que as utopias começaram a revelar-se possíveis à luz do progresso do conhecimento científico”³⁵⁸, a ideia de espaços organizados por “homens livres e iguais, a ideia de uma arquitetura liberta do papel opressor que lhe coubera no passado”³⁵⁹, surgiu na mente humana e foi formando o conceito da Arquitetura moderna. No entanto, “a concepção de um espaço organizado racionalmente chocou-se com a irracionalidade do processo econômico”³⁶⁰, levando a Arquitetura moderna a permanecer afastada das decisões fundamentais.

Segundo Nelson, “nenhum outro produto (...) traduz o contraste entre a riqueza e a miséria”³⁶¹ quanto a Arquitetura. O sistema capitalista “que exige poder aquisitivo para realizar o consumo, ao mesmo tempo que concentra riqueza, conduz a uma estruturação do imenso quadro ‘arquitetural’ brasileiro, caracterizado por um nítido conteúdo de classe e

³⁵⁶ O texto intitulado *Situação da arquitetura brasileira* foi escrito no ano de 1956 e publicado em Brasil, *Arquitetura Contemporânea*, Rio de Janeiro – 7: 43 e em XAVIER, Alberto. *Depoimento de uma geração*. - São Paulo: Pini, 1987. p. 150-154.

³⁵⁷ RIBEIRO, Demétrio; SOUZA, Nelson; RIBEIRO, Enilda. (1956) *Situação da Arquitetura Brasileira*. In: XAVIER, Alberto. *Depoimento de uma geração*. - São Paulo: Pini, 1987, p. 151.

³⁵⁸ RIBEIRO, Demétrio. (1977) *Discurso à turma de 1977/1 da faculdade de Arquitetura da UFRGS*. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] *Demétrio Ribeiro*. – Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005, p. 93.

³⁵⁹ *Idem*.

³⁶⁰ *Idem*.

³⁶¹ *Idem*.

antidemocrático”³⁶². Em sua visão, esse era “o grande testemunho material de uma ordem que subordina e aliena todas as potências humanas ao poder do dinheiro”³⁶³. Até mesmo nos estádios, nos teatros, entre outros equipamentos comunitários, a riqueza foi capaz de dividir os usuários segundo sua renda, fornecendo a certos grupos os melhores lugares. Nos exemplos citados, “a espacialidade criada zoneia uma geografia específica de conforto, beleza e funcionalidade” que não se encontra acessível a todos os cidadãos. Nelson acreditava que

na medida em que a obra de arquitetura incorpora os imensos recursos modernos da ciência e da tecnologia, na estruturação funcional e na definição plástico-formal, segundo intenções legítimas profissionalmente, de concepção criadora expressiva cultural e artística, torna-se mais inacessível ao consumo da maioria da população e restrito às classes dominantes, possuidoras dos meios de produção, às camadas de alta renda e aos órgãos do poder político que preservam e sustentam o sistema. (SOUZA, 1979.)

Ao conteúdo antidemocrático e como parte integrante dele, de acordo com o arquiteto, acrescentava-se a alienação e a opressão na arquitetura³⁶⁴. Nas fábricas, por exemplo, espaços em que “se efetiva a forma característica da produção capitalista (...), onde defrontam as duas forças antagônicas principais da sociedade – do capital e do trabalho”³⁶⁵, quanto mais bela, mais moderna e racional sua arquitetura, maior seu poder de alienar os trabalhadores, de produtividade e, conseqüentemente, de lucro. O que tornava a burguesia muito sensível e com grande interesse pela beleza arquitetural comum à Arquitetura moderna. No Brasil, “o movimento moderno em arquitetura acompanhou desde cedo a evolução das tendências europeias”³⁶⁶. No plano cultural, segundo Demetrio, a subordinação econômica externa ocasionava “o colonialismo cultural, a preferência e a imitação sistemática do que provém dos países centrais, a comercialização da vida artística e a deseducação do povo pelos meios de comunicação, a serviço incondicional do lucro”³⁶⁷.

Enquanto Demetrio, Enilda e Nelson criticavam a Arquitetura moderna, condenavam sua valorização plástica e a conseqüente restrição de seu acesso a uma minoria da sociedade, Graeff,

³⁶² Idem.

³⁶³ Idem.

³⁶⁴ Idem.

³⁶⁵ Idem.

³⁶⁶ RIBEIRO, Demetrio. (1977) Discurso à turma de 1977/1 da faculdade de Arquitetura da UFRGS. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. – Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005, p. 94.

³⁶⁷ RIBEIRO, Demetrio. (1977) Discurso à turma de 1977/1 da faculdade de Arquitetura da UFRGS. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. – Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005, p. 94-95.

diferente dos companheiros, defendia a realização de obras “para burgueses, latifundiários ou quem quer que seja”³⁶⁸ como etapa necessária ao domínio da ciência da construção e seu consequente avanço³⁶⁹. Na opinião do arquiteto, era necessário “realizar todas as experiências, com os materiais e a mão-de-obra”³⁷⁰ disponíveis, para que, no futuro, fosse possível “construir, em pouco tempo e com materiais e mão-de-obra muitas vezes piores, centenas de milhares de casas para o povo”³⁷¹.

Assim como nas reflexões dos arquitetos Sérgio Ferro e Vilanova Artigas, em que o projeto arquitetônico desenvolvido na modernidade era concebido em contribuição com as soluções dos problemas da realidade brasileira, um projeto de modernidade havia sido aceito por Graeff, que optou por acolher *the time*, com suas falhas e expectativas, como preparação ou experimento a um porvir mais humano. De acordo com Graeff, era de responsabilidade dos arquitetos progressistas, perante as condições da sociedade e da arquitetura, enquadrarem a atuação profissional ao plano estabelecido pela esquerda brasileira, entre os quais pelo PCB.

O Partido Comunista do Brasil, no início dos anos de 1950, possuía o problema habitacional como um dos embates a serem travados na sociedade e que aos arquitetos comunistas foi posto como missão solucioná-lo. Seu programa, conhecido como o Manifesto de Agosto de 1950, se aproximava do povo brasileiro e o convocava à luta por um governo democrático e popular. Posicionando-se contrário à crescente colonização da pátria e em defesa da imediata libertação do Brasil do jugo imperialista, o Partido e inúmeros cidadãos uniram-se para ação e luta em prol da liberdade da Nação.

Segundo a historiadora Anita Leocádia Prestes, com o manifesto, o Partido abandonou a política de amplas alianças então desenvolvidas, mas manteve como estratégia a revolução democrático-burguesa ou agrária e anti-imperialista. Definida como “democrática em sua forma e burguesa pelo seu conteúdo econômico e social”³⁷², apenas “poderia ser realizada sob a direção do proletariado”³⁷³. Mesmo com seu teor revolucionário e táticas direcionadas à esquerda, o PCB manteve-se “fiel ao ideário nacional-libertador que sempre norteava suas

³⁶⁸ GRAEFF, Edgar Albuquerque. Sobre arquitetura. Horizonte, Porto Alegre, n°5, 1952, p. 116.

³⁶⁹ Idem.

³⁷⁰ Idem.

³⁷¹ Idem.

³⁷² PRESTES, Anita Leocádia. Memória do PCB: duas táticas e uma mesma estratégia – do “Manifesto de Agosto de 1950” à “Declaração de Março de 1958”. Instituto Luiz Carlos Prestes, 2013, p.7. Disponível em: <http://www.ilcp.org.br/prestes/index.php?option=com_content&view=article&id=284:memoria-do-pcb-duas-taticas-e-uma-mesma-estrategia-do-manifesto-de-agosto-de-1950-a-declaracao-de-marco-de-1958&catid=18:artigos&Itemid=140>

³⁷³ Idem.

ações. Continuava presente na agenda dos comunistas brasileiros a conquista de um ‘capitalismo autônomo’³⁷⁴, objetivo a ser alcançado por meio da revolução nacional-libertadora”³⁷⁵. Esse projeto, ao reunir os interesses da burguesia e da classe trabalhadora, pretendia, num primeiro momento, acabar com o domínio imperialista e a presença dos latifúndios e, apenas em seguida, realizar as transformações socialistas³⁷⁶.

O projeto de modernidade no qual Graeff se dedicou, tinha como princípio a “concepção etapista” presente na estratégia nacional-libertadora do PCB. Seu intuito como arquiteto progressista consistia em trabalhar para a burguesia para que pudesse desenvolver uma arquitetura com base na cultura nacional e desvincilhada das influências internacionais. Só assim, quando chegasse ao momento oportuno, aos arquitetos seria permitida a construção para as populações mais pobres e com técnicas brasileiras.

De acordo com Prestes, desde os primeiros anos do Partido, a concepção adotada, tanto em seus documentos quanto em suas ações políticas cotidianas, esteve comprometida com o nacionalismo. Essa estratégia nacional libertadora encontrou no Brasil a presença de inúmeros setores da sociedade civil já influenciados por estes pensamentos, facilitando sua difusão³⁷⁷. A exaltação dos valores nacionais, no caso de Edgar Graeff, tornou-se a estratégia projetual para a aproximação da arquitetura ao povo brasileiro por meio da forma construtiva, do programa

³⁷⁴ O capitalismo autônomo consistia num projeto nacionalista de independência e autonomia econômica da Nação, através de “uma estrutura econômica ‘moderna’/industrial, capaz de gerar um impulso dinâmico endógeno”. (COSTA, Wagner Cabral da. Celso Furtado e a formação econômica do Brasil: uma interpretação. In: Revista de Políticas Públicas, v. 2, nº 2, 1996. Disponível em:

<<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/3688>>) Esse projeto “convergiria os interesses da burguesia e da classe trabalhadora por meio do aumento do emprego e da distribuição da renda”. (SERRA, Eduardo; COSTA, Ricardo; CASTELO, Rodrigo. Dependência e Revolução Socialista: a contribuição de Ruy Mauro Marini. Out. 2013. Disponível em:

<http://pcb.org.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=6709:dependencia-e-revolucao-socialista-a-contribuicao-de-ruy-mauro-marini&catid=61:cultura-revolucionaria>

³⁷⁵ PRESTES, Anita Leocádia. Memória do PCB: duas táticas e uma mesma estratégia – do “Manifesto de Agosto de 1950” à “Declaração de Março de 1958”. Instituto Luiz Carlos Prestes, 2013, p.7. Disponível em:

<http://www.ilcp.org.br/prestes/index.php?option=com_content&view=article&id=284:memoria-do-pcb-duas-taticas-e-uma-mesma-estrategia-do-manifesto-de-agosto-de-1950-a-declaracao-de-marco-de-1958&catid=18:artigos&Itemid=140>

³⁷⁶ PRESTES, Anita Leocádia. Memória do PCB: duas táticas e uma mesma estratégia – do “Manifesto de Agosto de 1950” à “Declaração de Março de 1958”. Instituto Luiz Carlos Prestes, 2013, p.8. Disponível em:

<http://www.ilcp.org.br/prestes/index.php?option=com_content&view=article&id=284:memoria-do-pcb-duas-taticas-e-uma-mesma-estrategia-do-manifesto-de-agosto-de-1950-a-declaracao-de-marco-de-1958&catid=18:artigos&Itemid=140>

³⁷⁷ PRESTES, Anita Leocádia. Memória do PCB: duas táticas e uma mesma estratégia – do “Manifesto de Agosto de 1950” à “Declaração de Março de 1958”. Instituto Luiz Carlos Prestes, 2013, p.3-4. Disponível em:

<http://www.ilcp.org.br/prestes/index.php?option=com_content&view=article&id=284:memoria-do-pcb-duas-taticas-e-uma-mesma-estrategia-do-manifesto-de-agosto-de-1950-a-declaracao-de-marco-de-1958&catid=18:artigos&Itemid=140>

da obra ou do estímulo à cultura nacional, configurando-se uma das justificativas utilizadas para considerar a Arquitetura moderna como revolucionária.

No texto Sobre a questão da Arquitetura moderna brasileira³⁷⁸, Graeff atribuiu à influência de Lúcio Costa na valorização dos monumentos do passado, a presença de arquitetos progressistas preocupados com o povo e um grupo de arquitetos com talentos excepcionais, como Oscar Niemeyer, as causas do sucesso da Arquitetura no país. Estes, cada um com sua contribuição, foram capazes de criar arquitetura com bela feição plástica e de destaque no cenário nacional e internacional. Contudo, dentre as atribuições apontadas como responsáveis pelo êxito da Arquitetura moderna brasileira, a identidade cultural nacional, com a utilização de formas que expressavam o ambiente brasileiro, foram consideradas as que mais pesaram na qualidade dos prédios; peso este que, na opinião de Graeff, chegou a sobrepor o talento individual criador de alguns profissionais. Para o arquiteto,

o que provocava a maior admiração não eram as qualidades técnicas da nova Arquitetura brasileira, mas a sua originalidade, a sua feição brasileira, diferenciada da Arquitetura moderna internacional. Os críticos, teóricos e historiadores percebiam que se tratava de uma arquitetura com a ‘marca da terra’, uma arquitetura de fortes traços nacionais. (GRAEFF, 1967, p. 10.)

No entanto, esta tendência de fazer arquitetura de qualidade e com base nas tradições do país foi cedendo lugar às influências internacionais e passou a objetivar o formalismo extremo e, muitas vezes, sem qualidade. Neste ponto em concordância com o pensamento dos companheiros Demetrio, Enilda e Nelson, Graeff acreditava que “nesse gratuito jogo de formas sob a luz”³⁷⁹ iam ficando de lado “não só as características nacionais da arquitetura, mas até aquelas exigências funcionais elementares que, na pior das hipóteses, garantiam a realização de coisa útil”³⁸⁰.

Graeff atribui à influência do imperialismo na cultura nacional a responsabilidade pela mudança na Arquitetura moderna brasileira e na qualidade de suas obras que tendiam a se afastar das características locais. Para o arquiteto, “este apego à terra e à cultura nacional constitui a maior força de resistência de um povo contra todas as tentativas de dominação estrangeira”³⁸¹. A importância em opor ao formalismo cosmopolita, por meio da utilização de

³⁷⁸ GRAEFF, Edgar Albuquerque. *Arquitetura e o Homem*. – Belo Horizonte: EAU UMG, 1959, p. 3-26.

³⁷⁹ GRAEFF, Edgar Albuquerque. *Arquitetura e o Homem*. – Belo Horizonte: EAU UMG, 1959, p. 8.

³⁸⁰ Idem.

³⁸¹ GRAEFF, Edgar Albuquerque. *Arquitetura e o Homem*. – Belo Horizonte: EAU UMG, 1959, p. 12.

formas brasileiras e pertencentes à cultura nacional, se fazia de grande relevância ao contribuir para a libertação e o progresso social do povo brasileiro.

A Bienal de São Paulo, para Graeff, era um dos exemplos da ameaça do cosmopolitismo contra a cultura progressista em formação e que o levou a exercer forte oposição ao evento, assim como o fez Vilanova Artigas. Com pretensões de liquidar a cultura nacional, de desvincular o povo da terra, da nação e das classes sociais, o cosmopolitismo, segundo Graeff, havia invadido o Brasil e, em nome da universalização, reduziu a preocupação dos artistas pela interpretação e expressão da realidade e dos temas humanos em sua arte. Para o arquiteto, a justificativa de unificação cultural não significava “aproximação fraternal entre os povos, realizada à base do livre intercâmbio entre iguais”³⁸², ela era “uma imposição brutal do estilo de vida das potências imperialistas”³⁸³.

O “sentimento de grupo, a identidade de hábitos, costumes e tradições, o apego à querência”³⁸⁴, entendida como “o lugar querido, onde o homem se integra afetivamente com as cousas e com os outros homens”³⁸⁵, foram apontados como incômodo ao imperialismo que, pretendendo dominar o país econômica e politicamente, tomou a destruição da cultura nacional por meta.

O falso caráter humanista presente na Arquitetura moderna, cujo homem, apesar de lembrado a todo instante, era padronizado, tinha por fundamento os “modelos” internacionais que, importados para o Brasil, se distinguiam do homem da realidade brasileira. Fruto da campanha imperialista de dominação cultural, o Homem-tipo foi aceito por muitos arquitetos que, sem questionamento, assumiram a superioridade nele associado e o utilizaram sob discurso de preocupação social. Este Homem-tipo (com H maiúsculo) comum aos arquitetos da “era da máquina”, uma vez generalizado nos quatro cantos do mundo, segundo Graeff, tornou-se um fantasma que não representava os seres humanos de carne e osso, com suas necessidades e aspirações. As obras produzidas para esses eram “indiferenciadas, quase idênticas umas às outras, cosmopolitas e tão estereotipadas quanto os fantasmas as quais se destinam”³⁸⁶. Isto porque, para o tecnicista, “não há um homem brasileiro e outro japonês – há, simplesmente, o Homem, um ‘ser’ com raízes na Fisiologia, na Biologia, na Psicologia. E os homens vivos,

³⁸² GRAEFF, Edgar Albuquerque. Sobre arquitetura. Horizonte, Porto Alegre, nº5, 1952, p. 116.

³⁸³ Idem.

³⁸⁴ Idem.

³⁸⁵ Idem.

³⁸⁶ GRAEFF, Edgar Albuquerque. Cidade Utopia. - Belo Horizonte: Vega, 1979, p. 44.

reais, a serviço dos quais se encontram os arquitetos, têm suas raízes cravadas numa terra, num país, numa cultura determinada”³⁸⁷.

Graeff, nitidamente, possuía em seus pensamentos uma das principais tarefas assumidas pelo Partido Comunista: o anti-imperialismo e a consequente superação da dependência cultural. Para o arquiteto,

no Brasil, como nos demais países sub-desenvolvidos e dependentes, a defesa do progresso, da democracia e da paz assume a forma fundamental de luta pela emancipação econômica e pela completa independência política. O nosso progresso está condicionado, conseqüentemente, à luta anti-imperialista, pela reforma agrária e por um governo popular capaz de levar a termo a revolução democrático-burguesa. A luta anti-imperialista – que no momento afeta mais de perto a questão da arquitetura como arte – apresenta como um dos seus pontos de grande importância aquele em que se defende a cultura nacional contra o ataque cerrado do cosmopolitismo. (GRAEFF, 1979, p. 11.)

Ao voltar os olhos para a cultura brasileira, tentando encontrar os elementos que nos expressam, os arquitetos se protegeriam do formalismo estético e do oportunismo profissional. Certas atitudes, como a aproximação aos sentimentos e às aspirações populares, o estudo das obras do passado e das criações espontâneas do povo eram entendidas por Graeff como maneiras de aproximar a arquitetura do povo e como “barreira de resistência ao cosmopolitismo desagregador (...) trincheira contra a brutal penetração do imperialismo sedento das nossas riquezas”³⁸⁸.

Enquanto para Demetrio, Enilda e Nelson a Arquitetura moderna se encontrava a serviço do capital, satisfazendo o gosto dos latifundiários e burgueses acostumados a imitar os hábitos e os costumes dos países imperialistas, para Graeff, essa sentença fazia-se verdadeira, porém não poderia ser generalizada, tal qual afirmavam os companheiros. Ao refletir sobre a “onda formalista” a invadir a Arquitetura brasileira e a consequente desvalorização do povo, o arquiteto apontou a divisão da humanidade em dois campos opostos como ponto-chave as suas conclusões: de um lado, as forças do progresso e do outro, as de reação. Segundo Graeff, são dois os posicionamentos entre os arquitetos que lhe parecem igualmente oportunistas. Um deles seria o arquiteto conformista, que aceita o Capitalismo, o trabalho quase exclusivo para a elite,

³⁸⁷ Idem.

³⁸⁸ GRAEFF, Edgar Albuquerque. Sobre arquitetura. Horizonte, Porto Alegre, n°5, 1952, p. 117.

alegando não existir condições de trabalhar de forma diferente, e, assim, permanecendo no aguardo de “novos tempos”. O segundo seria o rebelde que, sem estudar profundamente o caso, faz críticas ao modernismo, tendo unicamente por argumento o caráter elitista da Arquitetura. As duas, para Graeff, se confundem, pois reconhecem no Capitalismo uma situação sem saída para o exercício profissional do arquiteto. Graeff acreditava no trabalho para a classe dominante, desde que servisse como experimento para a habitação social, com base na cultura nacional e crítica ao cosmopolitismo.

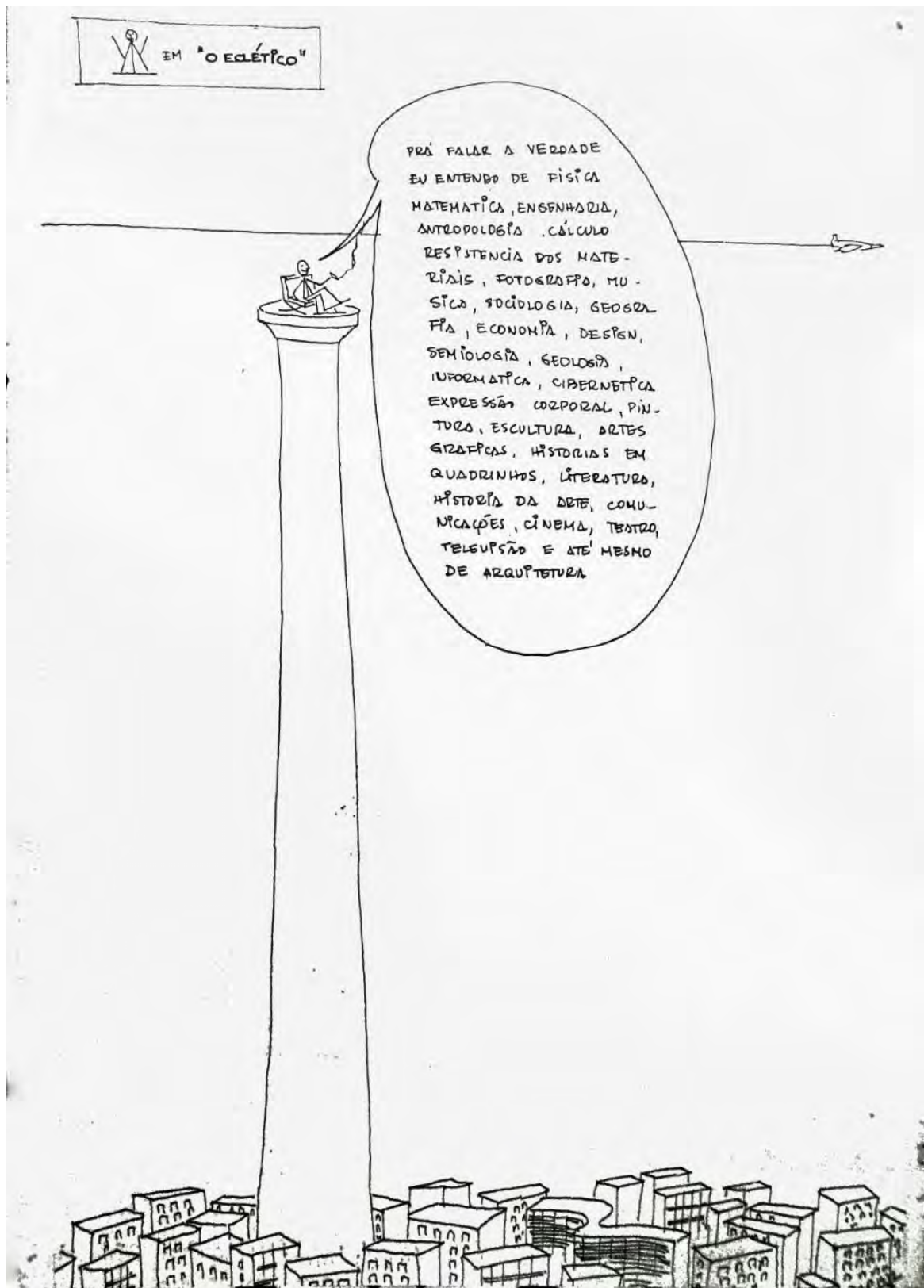


IMAGEM 23

Revista GFAU - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Santos, SP.

Fonte: O eclético. GFAU, Santos - SP, p. 2, set. 1972.

Acervo Diretório Acadêmico da Faculdade de Arquitetura – DAFA (Caixa:1971 e 1972)

Em setembro de 1972, a charge “o eclético” era publicada no periódico do GFAU (Grêmio Estudantil da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo) pelos estudantes da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Santos. Descontentes com a crise que tomava conta do curso, os alunos utilizaram-se do desenho, instrumento de diálogo do arquiteto, para comunicar e ironizar o ecletismo presente na profissão. Sentado em uma coluna dórica, o arquiteto da ilustração foi representado projetando-se acima da cidade em que, confortavelmente, se gaba de suas qualidades profissionais.

Pra falar a verdade eu entendo de física, matemática, engenharia, antropologia, cálculo, resistência dos materiais, fotografia, música, sociologia, geografia, economia, design, semiologia, geologia, informática, cibernética, expressão corporal, pintura, escultura, artes gráficas, histórias em quadrinhos, literatura, história da arte, comunicações, cinema, teatro, televisão e até mesmo de arquitetura. (GFAU, setembro/1972, p. 2.)

O aparente conhecimento de inúmeras áreas, como a Física, a Antropologia, a Semiologia, até mesmo história em quadrinhos, em uma sociedade na qual a estrutura político-econômica restringia a informação a uma minoria, e fornecia privilégios e poderes à utilização do intelecto, tornava-se “plausível”, apesar de não desejável, o sentimento de superioridade do arquiteto representado na charge. Como uma divindade que se projeta aos céus e tem seu templo sustentado por uma coluna maciça, robusta e livre de adornos, assim como a Arquitetura moderna, o arquiteto da ilustração se apresenta, a partir de suas inúmeras atribuições, como um profissional capaz de projetar os mais diversos programas e decidir sobre o futuro do habitar de inúmeras gerações.

A necessidade em analisar e discutir a “superioridade profissional”, assim como feito pelos alunos do GFAU, apareceu na história e crítica da arquitetura como objeto de preocupação de poucos arquitetos e urbanistas; debate de grande dificuldade, sobretudo aos progressistas, por se delinear por meio da autocrítica. Por trás de tantas publicações, fama e elogios, especialmente quanto à Arquitetura moderna, a história acabou por esconder as deficiências e dificuldades em assumir os limites da atuação profissional, bem como, as possibilidades de seu fim.

A historiadora e crítica de arte Aracy Amaral, em sua análise sobre a Arquitetura brasileira, destacou a arrogância como característica comum aos arquitetos e que, de certa

maneira, também servia de “justificativa” ou explicação à presença deste profissional à “margem da problemática social”³⁸⁹. Segundo Aracy,

é inegável que a arrogância frequentemente criticada no arquiteto se fundamenta em sua capacidade potencialmente alteradora do comportamento por sua própria atuação impositiva, chegando mesmo às raias do autoritarismo, ao projetar um ambiente no qual não viverá, e o qual só conhece por observação rápida, sem maior envolvimento vivencial, despreocupado em ter, em sua equipe, os futuros usuários, como já tem sido realizado em países socialistas. (AMARAL, 2003, p. 275.)

Pela própria estrutura do sistema vigente, que separa a etapa projetual do restante do processo produtivo, o arquiteto tem sua prática isolada, atuando de forma impositiva e individualizada, chegando às “raias do autoritarismo”. A problemática social, muitas vezes distante do projeto a ser realizado, não se tornava motivo de preocupação ao arquiteto, já que a grande maioria das obras se limitava a uma pequena parcela da sociedade à qual sua atuação satisfazia completamente. A estes, o fim da arquitetura era assunto jamais pensado e a sua “elevação intelectual”, capaz de solucionar os mais diversos programas, justificativa para a posição de superioridade.

Interpretado por Paulo Bicca como “dogma do qual o arquiteto não abre mão”³⁹⁰, a eternização da profissão³⁹¹ foi aceita pelos arquitetos como verdade absoluta, tornando a Arquitetura um campo de atuação associado à razão e, meio pelo qual, a ordem se mantém. De acordo com o arquiteto, a existência eterna da profissão era tida como:

questão de princípio, ponto fundamental da sua doutrina, portanto qualquer coisa que para ele não se discute; como algo que transcenderia as sociedades concretas (ao menos aquelas ditas civilizadas); como uma verdade ou, no mínimo, uma necessidade irrefutável, estabelecida para todo e sempre, impossível pois de ser contestada, a não ser que se contrariasse integralmente a razão. (BICCA, 1984, p. 138.)

Do contrário, “a anarquia se instauraria; a existência do belo ficaria irremediavelmente comprometida; a cultura se veria privada de um dos seus principais artífices; a arquitetura, enfim, deixaria de existir”³⁹².

³⁸⁹ AMARAL, Aracy A. (1984) Arte para quê?: a preocupação social na arte brasileira, 1930-1970. [3° ed.]. – São Paulo: Studio Nobel, 2003, p. 275.

³⁹⁰ BICCA, Paulo. Arquiteto a máscara e a face. – São Paulo: Projeto Editores Associados, 1984, p. 138.

³⁹¹ BICCA, Paulo. Arquiteto a máscara e a face. – São Paulo: Projeto Editores Associados, 1984, p. 139.

³⁹² BICCA, Paulo. Arquiteto a máscara e a face. – São Paulo: Projeto Editores Associados, 1984, p. 138.

Numa sociedade estruturada na divisão de classes, isto é, na relação entre explorador e explorado, a perda de privilégios profissionais, presente no fim da divisão entre o trabalho manual e intelectual, não encontrou razões à existência, nem mesmo a argumentação. A autolegitimação profissional³⁹³, comum a arquitetos de todos os países, independente de religião, posicionamento político (capitalistas ou socialistas), etnia, entre outros, foi defendida pela classe de forma incontestável. A possibilidade do seu término foi, por estes, negada e justificada sob risco de entraves à sociedade, como o comprometimento ao belo e a cultura. Do contrário, a regulamentação profissional se apresentava como uma entre as mais importantes temáticas de luta dos arquitetos e urbanistas. Ela implicava na exigência da autoria efetiva dos projetos por profissionais, que se consideravam devidamente preparados para esta finalidade.

Sendo o arquiteto um profissional responsável “por uma expressão da cultura nacional”³⁹⁴ e com formação mais qualificada ao projeto do habitat do que o engenheiro, a ele caberia importante papel no desenvolvimento do país, dizia Demetrio. O resultado prático e imediato dessa medida seria “uma elevação do nível qualitativo da arquitetura e, por conseguinte, das condições de vida de grandes parcelas da população urbana do país”³⁹⁵.

A atribuição aos engenheiros da capacidade de realizarem tarefas semelhantes aos arquitetos, como o “estudo, projeto, direção, fiscalização e construção de edifícios, com tôdas as suas obras complementares”³⁹⁶, foi objeto de questionamento dos profissionais da Arquitetura, desde a década de 1930, quando o primeiro sistema de regulamentação foi oficializado³⁹⁷. Em 1977, a concessão das atribuições de arquiteto ao engenheiro civil pelo

³⁹³ A autolegitimação profissional foi tratada pelo arquiteto Paulo Bicca no livro “Arquiteto a máscara e a face”. Bicca informou que entre os arquitetos de todos os países existia um consenso sobre a impossibilidade de acabar com a profissão de arquitetura, uma vez que esta era necessária a sociedade. “Na realidade, estamos diante de algo compartilhado integralmente por todos os arquitetos, independentemente de nacionalidade, de raça, de credo religioso ou político, conforme bem atestam os documentos emanados de todos os congressos internacionais de arquitetura. Sobre questões dessa natureza não há divergências, razão pela qual entre os arquitetos de todos os países se encontra o mesmo ideário, trata-se das sociedades capitalistas ou das “socialistas”. (BICCA, Paulo. *Arquiteto a máscara e a face*. – São Paulo: Projeto Editores Associados, 1984, p. 139.)

³⁹⁴ Resposta à pergunta: Qual o papel do arquiteto brasileiro no momento sócio econômico do país?, realizada no dia 04/ de março de 1961. (BRITO, Alfredo L. (1961) *Inquérito nacional de arquitetura*. Belo Horizonte: UMG/EA, 1963, p. 48-49.)

³⁹⁵ Idem.

³⁹⁶ BRASIL. Decreto nº 23.569, de 11 de dezembro de 1933. Capítulo IV, Art. 28 e Art. 30. Conselho Federal de Engenharia e Agronomia, legislação, consulta geral. Disponível em:

<<http://normativos.confea.org.br/ementas/visualiza.asp?idEmenta=3&idTiposEmentas=2&Numero=&AnoIni=1933&AnoFim=1933&PalavraChave=&buscarem=conteudo>> Acesso em: 02/02/2017.

³⁹⁷ BRASIL. Decreto nº 23.569, de 11 de dezembro de 1933. Conselho Federal de Engenharia e Agronomia, legislação, consulta geral. Disponível em:

<<http://normativos.confea.org.br/ementas/visualiza.asp?idEmenta=3&idTiposEmentas=2&Numero=&AnoIni=1933&AnoFim=1933&PalavraChave=&buscarem=conteudo>> Acesso em: 02/02/2017.

CREA-8ª Região levou alguns profissionais do Rio Grande do Sul, estado de onde partiu a iniciativa, liderarem grande movimento, em âmbito Nacional, em defesa do exercício profissional. Segundo matéria publicada no Jornal Arquitetura/RS,

alguns arquitetos inconformados com essa decisão, considerando que a cadeira de Arquitetura nos cursos de Engenharia Civil é dada em 60 horas/aula contra 3.200 horas/aula da cadeira nas Faculdades de Arquitetura; considerando que a cadeira de Arquitetura no curso de Engenharia Civil deve ser interpretada como informativa e não formativa, como querem os engenheiros civis; considerando que as universidades possuem escolas de Engenharia e Faculdades de Arquitetura, que forma profissionais liberais com atribuições que devem ser perfeitamente definidas em lei, resolveram iniciar um movimento (...). (Arquitetura/RS, nº7, abril/maio de 1977.)

Com apoio do Sindicato dos Arquitetos, dos Departamentos do Instituto de Arquitetos do Brasil, do IAB Nacional e das Faculdades de Arquitetura, unidos em uma Comissão Nacional de Exercício Profissional³⁹⁸, foi traçado um plano estratégico de ação, visando “confiar a Arquitetura aos arquitetos como únicos profissionais habilitados para tal mister”³⁹⁹. Com o slogan “Arquitetura para os arquitetos”⁴⁰⁰, a classe pretendia fazer justiça à sua capacidade intelectual e aos anos dedicados ao estudo.

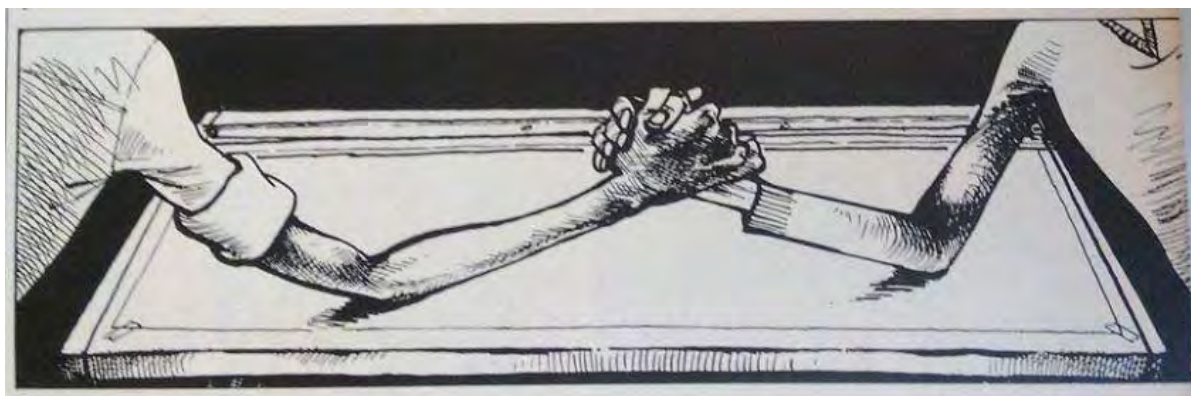


IMAGEM 24

Movimento “Arquitetura para Arquitetos” - Boletim Arquitetura/RS.

Fonte: ARQUITETURA/RS, nº7, abril/maio de 1977. Acervo Diretório Acadêmico da Faculdade de Arquitetura – DAFA (caixa: 1977)

³⁹⁸ Demetrio mencionou a Comissão Nacional de Exercício Profissional no Discurso de abertura do X Congresso Brasileiro de Arquitetos.

³⁹⁹ Arquitetura para os arquitetos. Arquitetura/RS, Porto Alegre, nº7, abril/maio 1977.

⁴⁰⁰ Idem.

No mesmo ano, a direção nacional do IAB se instalou no Rio Grande do Sul. Com a presidência de Demetrio Ribeiro e vice-presidência de Edgar Graeff⁴⁰¹, a gestão dispunha a independência cultural e profissional como dois pontos importantes de sua plataforma. A valorização profissional foi tema defendido em inúmeros textos, entrevistas e discursos, afirmando sempre a posição do arquiteto como “elemento indispensável da produção de todo e qualquer edifício, em todas as etapas”⁴⁰². Dizia Demetrio que a Arquitetura ainda não havia conquistado plenamente sua “natural posição de profissão básica na atividade social e que ainda predominava a concepção da arquitetura como arte para as ocasiões excepcionais”⁴⁰³. O IAB foi a entidade utilizada por Graeff, Demetrio e Enilda, especialmente após o Golpe de 1964, para o desempenho de suas funções no estímulo ao papel social do arquiteto.



IMAGEM 25

Instalação do IAB/DN - Boletim Arquitetura/RS, 1977.

Foram identificados na foto: 1- Demetrio Ribeiro, 2- Luiz Antonio Bolcato Custódio, 3- José Albano Volkmer, 4- Ivan Mizoguchi, 5- Alfredo José Chagas Porto Alegre, 6- Clóvis Ilgenfritz da Silva.

Fonte: Instalação do IAB/DN. Arquitetura/RS, Porto Alegre, n°7, abr.- mai. 1977. Acervo Diretório Acadêmico da Faculdade de Arquitetura – DAFA (caixa:1977). Os personagens da foto foram identificados pelo arquiteto e urbanista Bruno Cesar Euphrasio de Mello.

⁴⁰¹ Nesta mesma gestão 77-79, a chapa de Demetrio Ribeiro e Edgar Graeff contou com a participação de Ivan Mizoguchi como secretário e Paulo Bertussi no cargo de tesoureiro. A plataforma de atuação da chapa foi divulgada no IX Congresso Brasileiro de Arquitetos (outubro, 1976- São Paulo), recebendo o apoio dos departamentos de Pernambuco e Bahia. Os departamentos do Rio de Janeiro e de São Paulo também participaram da eleição, que foi realizada nos dias 06 e 08 de janeiro de 1976, em Brasília.

⁴⁰² RIBEIRO, Demetrio. (1959) A profissão do arquiteto. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. – Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005. p. 19.

⁴⁰³ RIBEIRO, Demetrio. (1959) A profissão do arquiteto. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. – Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005. p. 20.

O arquiteto ao lado do advogado, do médico e do próprio engenheiro era considerado uma “peça indispensável e familiar da engrenagem social”⁴⁰⁴, devendo o seu papel ser estendido ao processo de planejamento e de direção da obra, tirando do arquiteto o estigma da “ideia” e do esboço. A falsa auréola de genialidade⁴⁰⁵ ironizada pelos estudantes do GFAU foi objeto de denúncia de Demetrio, que fez críticas à expectativa colocada no cérebro criador do artista [o arquiteto] para solução dos problemas do habitat. A valorização do seu potencial criador acabou por subestimar sua habilidade nas outras etapas da obra, vindo a se confundir como uma arte plástica. Segundo Demetrio, essa separação da obra em criação [intelectual] e execução [manual e gestão], estando o arquiteto presente apenas na primeira etapa, a ele levaria “o dissabor de ver o que projetou desvirtuado, mutilado, desfigurado na execução da obra”⁴⁰⁶.

Estando a eternização da divisão entre o trabalho manual e intelectual presente na ideologia dominante, na qual os 5 professores, enquanto membros do Partido Comunista Brasileiro, se comprometeram ao combate, certamente, este tema deveria constar no debate arquitetônico por eles travado. Sob justificativa de solucionar necessidades imediatas da sociedade e ocultando-se atrás do humanismo e da justiça, a principal contradição da sociedade capitalista e responsável pela divisão social do trabalho, consequentemente, em classes, acabou sendo reproduzida pelo grupo de professores comunistas.

As observações de Demetrio tornam-se contraditórias quando este associa a “falsa auréola de genialidade” apenas aos arquitetos marcados pelo gênio criador, deixando de lado os que se autovalorizam profissionalmente, crenes na necessidade de sua existência e/ou genialidade para a “perfeita” construção da sociedade. A imprescindibilidade da profissão aliada ao domínio total da obra, por mais que tivesse por intenção o rompimento com a imagem do arquiteto como profissional exclusivamente da ideia, que concebe, cria e é capaz, através do seu intelecto, de revolucionar programas, mantém o caráter de superioridade comum à estrutura social vigente. Se, na primeira fase do projeto, seu intelecto seria utilizado para a concepção, na segunda parte, isto é, na execução da obra, seria aplicado para controle [gerenciamento], permanecendo a superioridade presente em sua capacidade criadora.

Este posicionamento se confirmou quando Demetrio demonstrou sua insatisfação perante os desvios, a mutilação e a desfiguração do projeto na execução da obra. Sua presença no

⁴⁰⁴ Idem.

⁴⁰⁵ RIBEIRO, Demetrio. (1959) A profissão do arquiteto. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. – Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005. p. 21.

⁴⁰⁶ L RIBEIRO, Demetrio. (1959) A profissão do arquiteto. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. – Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005. p. 22.

canteiro não estaria relacionada a um novo programa para a Arquitetura, uma nova forma de entender a separação entre o arquiteto e o operário, mas em fazer cumprir o desenho do qual o profissional, “sentado em sua coluna e próximo ao céu”, determinou como melhor opção para a sociedade. Ao abandonar o pensamento sobre o fim da profissão, Demetrio, assim como seus companheiros Graeff, Paiva, Enilda e Nelson, deixou de lado a principal contradição da sociedade capitalista que, na qualidade de comunista, deveria perseguir.

A arrogância dos arquitetos progressistas se fez presente sempre que a reflexão sobre a produção arquitetônica se deixou envolver pela supremacia do arquiteto. O rompimento com as relações de dominação [trabalho intelectual e manual] foram postas “de lado” e “guardadas” para um momento futuro, atitude que, de certa forma, refletia o posicionamento assumido pelo Partido Comunista Brasileiro que, na quase totalidade de sua existência, optou por solucionar problemas mais imediatos, postergando a luta contra a emancipação do sistema capitalista.

5

A HERANÇA
PROGRESSISTA

SÓ ACREDITE

Só acredite no que os teus olhos vêem e os teus ouvidos escutam.
Não acredites nem no que os teus olhos vêem e os teus ouvidos
escutam.
E fica sabendo que não acreditar, afinal, também é acreditar.

Bertolt Brecht



CRONOLOGIA 9
 Períodos Faculdade de Arquitetura.
 Fonte: elaborado pela autora.

A narrativa dos primeiros 30 anos da Faculdade de Arquitetura (FA) da UFRGS, cuja inauguração ocorreu em 1952, poderia facilmente constar como acontecimento marcante na história da política brasileira, sobretudo do movimento estudantil. Com uma trajetória que perpassa por inúmeras campanhas, visando desde a sua criação enquanto Faculdade autônoma, em 1950 (PUFA)⁴⁰⁷, até as discussões sobre a Reforma do Ensino, nas décadas de 1950 a 1970, e a resistência à Ditadura Militar, a partir de 1964, a FA-UFRGS conformou, por meio de seus professores, alunos e servidores, um ambiente de estudo tradicionalmente engajado nas transformações de seu tempo.

Nesses 30 anos de história, dois períodos divididos pelo ano de 1964 – data que se estabelece como um importante marco nesta dissertação ao evidenciar Demetrio, Graeff, Paiva, Enilda e Nelson como um grupo formado por arquitetos e urbanistas vinculados político e ideologicamente – se destacaram pela presença do pensamento crítico e questionador de certos professores, entre os quais, os 5. Nestes intervalos, a hierarquia, tão comum às instituições, foi colocada à prova, fazendo com que os estudantes ocupassem nova posição na estrutura do ensino⁴⁰⁸. O primeiro, de 1950 a 1964, quando a divergência de pensamento ideológico de

⁴⁰⁷ No ano de 1950 foi aprovado o projeto que criava a Faculdade de Arquitetura.

⁴⁰⁸ No texto *A luta por um ensino autônomo*, o arquiteto Edgar Graeff informou que nas décadas de 1950 e 1960 a FAU-UFRGS se colocava ao lado da USP e da UMG na liderança do movimento nacional a favor da reforma do ensino. Graeff apontou a Faculdade de Arquitetura-UFRGS como um ambiente tradicionalmente engajado nas

alguns professores do IBA e da EE geraram entraves à criação da Faculdade de Arquitetura e, posteriormente, a certas condutas administrativas e pedagógicas da Faculdade, como a reforma do ensino e do movimento estudantil. O segundo, de 1964, ano do afastamento dos 5 professores comunistas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, até a reforma curricular executada pelos militares, em 1978. Período em que o pensamento ideológico e as concepções teórico-arquitetônicas de Demetrio, Graeff, Paiva, Enilda e Nelson ainda permaneciam na instituição, mas não exerciam influência direta nas ideias e ações de professores, estudantes e servidores.

Como acontecimento precedente aos dois períodos e, de certa forma, com grande influência nos eventos a eles decorrentes, estava a Guerra-Fria. Com a polarização do mundo em dois blocos políticos, militares e ideológicos liderados pelos Estados Unidos da América (EUA) e pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), o enquadramento nas correntes capitalistas ou comunistas era não apenas estimulado, mas, de certa forma, apresentava-se como exigência social, especialmente aos intelectuais. A escolha de que lado seguir moldava o estilo de vida, o posicionamento político e a defesa ou enfrentamento ao Estado; norteava a preocupação com a sociedade e, no caso dos docentes e discentes, a maneira como conduziam os estudos universitários. O fato de reconhecer-se como simpatizante do Socialismo ou do Capitalismo, mesmo sem militância, era o suficiente para ser caracterizado enquanto subversivo ou reacionário, isto é, como alguém que, “sem sombra de dúvidas”, quer derrubar a ordem estabelecida ou vive “sem preocupações” com a melhoria da sociedade.

Esta polarização política e ideológica foi perceptível nos dois cursos de Arquitetura localizados em Porto Alegre, na década de 1940. Oferecidos pelo Instituto de Belas Artes (IBA)⁴⁰⁹ e pela Escola de Engenharia (EE)⁴¹⁰, os cursos eram considerados, respectivamente, como subversivo e reacionário, característica fundamentada no quadro de professores destas

transformações do ensino. (GRAEFF, Edgar Albuquerque. A luta por um ensino autônomo. In: XAVIER, Alberto; MIZOGUCHI, Ivan. *Arquitetura Moderna em Porto Alegre*. São Paulo: Pini, 1987. p. 32-33.)

⁴⁰⁹ No dia 16 de janeiro de 1939, a criação do curso técnico de arquitetura oferecido pelo Instituto de Belas Artes foi aprovada pelo Conselho Técnico-Administrativo. Cinco anos depois, em 21 de setembro de 1944, o Conselho Técnico-Administrativo do IBA aprovou a criação do curso superior de arquitetura, cujo funcionamento foi autorizado pelo governo federal (decreto nº 19.991) no dia 04 de janeiro de 1945. (ROVATTI, João Faria; PADRÃO, Fabiano Mesquita. *Faculdade de Arquitetura 1952/2002*. - Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002, p. 21;29.)

⁴¹⁰ A Escola de Engenharia foi fundada no dia 10 de agosto de 1896, oferecendo cinco cursos, entre os quais o de arquitetura, que funcionou até o dia 07 de março de 1908, quando foi extinto. Este retorna no dia 04 de janeiro de 1945, quando a Congregação da Escola de Engenharia aprovou a criação do curso de engenheiro-arquiteto. No dia 21 de janeiro de 1946 o governo federal autorizou o funcionamento do curso de engenheiro-arquiteto oferecido pela Escola de Engenharia. (ROVATTI, João Faria; PADRÃO, Fabiano Mesquita. *Faculdade de Arquitetura 1952/2002*. - Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002, p. 21; 29.)

instituições⁴¹¹. Enquanto no IBA, destacavam-se os docentes com posicionamento progressista, como Demetrio, Paiva e Graeff, na EE, evidenciavam-se os conservadores, sendo o professor naturalizado americano Eugênio Steinhof uma figura de grande destaque. Foi a trajetória de Steinhof, importante modernista europeu dos anos 20, que, de acordo com Demetrio Ribeiro, ao integrar-se à Universidade do Rio Grande do Sul, serviu “de mote à rivalidade entre os dois cursos, na época da polarização da Guerra Fria: num dos cursos, comunistas notórios; no outro, um professor norte-americano”.⁴¹²

Em 1948, ano em que se iniciou o longo processo de criação da Faculdade de Arquitetura, ambas as instituições – IBA e EE – encontravam-se incorporadas à Universidade do Rio Grande do Sul⁴¹³ e enfatizavam em seus ensinamentos, respectivamente, o conhecimento de fatores plásticos e técnicos da construção. Acontecimentos precedentes, como o desenvolvimento da Arquitetura com características nacionais, as condições culturais da cidade de Porto Alegre, entre os quais o predomínio dos engenheiros na construção civil, e o 2º Congresso Brasileiro de Arquitetos realizado em 1948⁴¹⁴ colocavam em questionamento o “ambiente necessário à formação de arquitetos”⁴¹⁵ e, de forma análoga, a permanência dos dois cursos de forma isolada.

⁴¹¹ A diferença entre os títulos escola, instituto e faculdade, designados ao curso de arquitetura, se alteraram com o passar dos anos. O termo escola designado à Escola de Engenharia, por exemplo, tem sua origem no ensino técnico inicialmente ministrado por esta instituição; o termo instituto, referente ao Instituto de Belas Artes, surgiu em decorrência da separação das escolas superiores livres e possuía por objetivo indicar a oficialização do ensino e autonomia da arte. O termo Faculdade, ligado à divisão realizada pelo papa Gregório IX e designada à locais “voltados para a formação intelectual baseada nas sete artes liberais e nas suas subdivisões” tinha por objetivo demonstrar a necessidade dos múltiplos conhecimentos necessários ao ambiente de formação do arquiteto, como artístico, técnico, funcional e social. (KATO, Rafael. Você conhece as diferenças entre faculdade, instituto e escola?. USP Online, São Paulo, 21 set. 2007. Disponível em: <http://www.movimentocar.com/paginas/universidades/usp/textos/2007/voce_conhece_210907.htm> Acesso em: dez. 2014.)

⁴¹² RIBEIRO, Demetrio. Um depoimento sobre a criação, por Tasso Corrêa, do ensino da arquitetura no Rio Grande do Sul. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Arquitetura UFRGS: 50 anos de histórias. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. p. 25.

⁴¹³ O Instituto de Belas Artes se reincorporou a universidade no ano de 1948. Apenas em 04 de dezembro de 1950, quando a Universidade foi federalizada (lei nº 1254), o IBA também foi federalizado, mas como unidade isolada. (ROVATTI, João Faria; PADRÃO, Fabiano Mesquita. Faculdade de Arquitetura 1952/2002. - Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002, p. 24-25.)

⁴¹⁴ Segundo o Jornal Correio da Manhã foram organizadas 4 comissões para discutir os temas: I. Urbanismo e Arquitetura, II. Ensino e prática da Arquitetura, III. A Arquitetura e a Indústria e IV. Tema livre. A segunda comissão foi presidida por Walter Kneese, tendo Edgar Graeff como secretário. (Congresso Brasileiro de Arquitetos. (Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 26 de nov. 1948, p. 3.) Assunto também tratado em MACEDO, Francisco Riopardense de. (1974) A criação da Faculdade de Arquitetura. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Arquitetura UFRGS: 50 anos de histórias. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. p. 31.

⁴¹⁵ GRAEFF, Edgar Albuquerque. (1949) Criação de uma faculdade de arquitetura. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Arquitetura UFRGS: 50 anos de histórias. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. p. 15.

Tanto o sancionamento da Lei nº 413, em 03 de dezembro de 1948, pelo então governador do estado Walter Jobim, determinando a fusão dos cursos⁴¹⁶, quanto o envio de ofício pelo Instituto de Arquitetos do Brasil (departamento estadual) ao sr. Reitor da Universidade (entre o final do ano de 1948 e início de 1949), sugerindo a criação de uma Faculdade de Arquitetura⁴¹⁷, davam mostras da necessária unidade. Esta seria capaz de habilitar ao exercício de uma profissão que se fazia imprescindível à paisagem urbana da cidade⁴¹⁸. Como precedente à posição do IAB (departamento estadual) encontrava-se a decisão tomada pelo departamento nacional, em 1945, em ocasião do 1º Congresso Brasileiro de Ensino de Engenharia e Arquitetura⁴¹⁹. Na posição de representante dos arquitetos, o IAB incumbia-se da tarefa de melhorar o ensino, formando ambiente artístico, técnico, funcional e social necessário à formação dos futuros arquitetos⁴²⁰.

Decretada a fusão dos cursos no ano de 1948, uma comissão presidida pelo professor e engenheiro Leovigildo Paiva e composta pelos docentes Demétrio Ribeiro, Ernani Corrêa e Fernando de Azevedo Moura, representando o IBA, João Pianca, Lelis Espartel e Duílio Bernardi, membros da EE, foi incumbida de analisar a proposta. De forma unânime, aprovou-

⁴¹⁶ ROVATTI, João Faria; PADRÃO, Fabiano Mesquita. Faculdade de Arquitetura 1952/2002. - Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002, p. 24.

⁴¹⁷ Após o envio de ofício do IAB/RS ao Reitor da UFRGS, dez alunos do curso de Arquitetura ministrado pela Escola de Engenharia responderam ao ato do IAB-RS, enviando ao reitor um outro ofício. Os alunos se posicionavam contra a criação da Faculdade de Arquitetura a partir da fusão entre os cursos oferecidos pelo Instituto de Belas Artes e Escola de Engenharia. Consideravam não ser de competência do IAB interferir nesse assunto, encarando com desconfiança o ofício redigido, visto que alguns dos seus membros integravam o corpo docente do Instituto de Belas Artes. (GRAEFF, Edgar Albuquerque. (1949) Criação de uma faculdade de arquitetura. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Arquitetura UFRGS: 50 anos de histórias. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. p. 15-22.)

⁴¹⁸ MACEDO, Francisco Riopardense de. (1974) A criação da Faculdade de Arquitetura. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Arquitetura UFRGS: 50 anos de histórias. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. p. 29-30.

⁴¹⁹ O 1º Congresso Brasileiro de Ensino de Engenharia e Arquitetura foi realizado no município de São Paulo, de 1 a 8 de outubro.

⁴²⁰ O jornal Diário de Pernambuco, no dia 02 de outubro de 1945, publicou nota sobre o 1º Congresso Brasileiro de Ensino de Engenharia e Arquitetura, informando que, pela primeira vez, seriam debatidos os “problemas de grande alcance pedagógico-técnico” (Congresso Brasileiro de Ensino de Engenharia e Arquitetura. Diário de Pernambuco, Recife, ano 120, nº 201, 02 out. 1945, p. 4.) O Diário de Pernambuco, no dia 10 de outubro de 1945, publicou nota com as conclusões do Congresso. Foram apontadas seis diretrizes definidas como “providências radicais para o melhoramento do ensino de engenharia e da arquitetura”. O primeiro ponto era a “autonomia administrativa, financeira e didática de todas as universidades, escolas e unidades independentes do ensino de engenharia e arquitetura”. Destaca-se, também, o quinto item: “acessibilidade do ensino a todos os brasileiros que revelem vocação profissional e amparo econômico ao estudante”. (Conclusão do Congresso de ensino. Diário de Pernambuco, Recife, ano 120, nº 208, 10 out. 1945, p. 2.) Este assunto também foi tratado em GRAEFF, Edgar Albuquerque. (1949) Criação de uma faculdade de arquitetura. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Arquitetura UFRGS: 50 anos de histórias. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. p. 17.

se a criação da Faculdade de Arquitetura⁴²¹ independente da Escola de Engenharia e do Instituto de Belas Artes⁴²². No entanto, não sendo este o desejo dos engenheiros, o Conselho Universitário da URGs, com apoio do reitor Alexandre Martins da Rosa, contrariou o parecer da comissão e aceitou a criação da Faculdade de Arquitetura, porém anexa à Escola de Engenharia (EE), tendo como justificativa a economia estadual⁴²³. Segundo o próprio manifesto enviado aos Senadores e demais membros da comissão de Finanças e Educação do Senado e entregue pelos estudantes Afrânio Sanches Loureiro, Paulo Andrade, Sady dos Santos e José Frejat⁴²⁴, o argumento sobre a economia estadual desaparecia com a “existência do plano de federalização” da universidade.

Esta decisão causou grande revolta aos estudantes e professores, principalmente do Instituto de Belas Artes (IBA), que se esperançavam com as possibilidades a serem alcançadas a partir de uma nova Faculdade de Arquitetura. No dia 12 de julho de 1950, por intermédio do Decreto nº 28.371, o Governo Federal reconheceu o curso de Arquitetura oferecido pela Escola de Engenharia, adiando o sonho de constituir uma Faculdade de Arquitetura autônoma no Rio Grande do Sul⁴²⁵.

É importante destacar que, no final dos anos de 1940, a atmosfera internacional era de reconstrução. O “novo” dominava o mundo e, com ele, os novos hábitos da sociedade, que desejava alcançar um mundo melhor e, em certos casos, diferente do que vinha sendo historicamente estabelecido. Esta luta certamente serviu de inspiração aos estudantes de Porto Alegre que, influenciados pelos ideais progressistas dos professores do IBA, imediatamente, se articularam em um grande movimento político contrário à decisão do Conselho. Era difundido

⁴²¹ CARVALHO, Vera Fabrício; RIBEIRO, Enilda. Por uma faculdade de arquitetura – PUFA. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Arquitetura UFRGS: 50 anos de histórias. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. p. 39.

⁴²² Os estudantes de arquitetura e de belas Artes dirigem-se aos membros das Comissões de Finanças e Educação do Senado. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p. 2, 7 maio 1950.

⁴²³ Segundo o jornal Correio da Manhã, de 07 de maio de 1950, os membros do Conselho Universitário foram “unânicos em declarar que eram favoráveis à criação da faculdade, porém a maioria votou por um Instituto de Arquitetura anexo à Escola de Engenharia” (Os estudantes de arquitetura e de belas Artes dirigem-se aos membros das Comissões de Finanças e Educação do Senado. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p. 2, 7 maio 1950.)

⁴²⁴ Jornal Correio da Manhã, de 07 de maio de 1950. Afrânio Sanches Loureiro, representante dos estudantes do IBA; Paulo Andrade, presidente do D.A. da Faculdade Nacional de Arquitetura; Sady dos Santos, presidente do D.A. da Faculdade Nacional de Belas Artes e José Frejat, presidente da União Nacional dos Estudantes. (Os estudantes de arquitetura e de belas Artes dirigem-se aos membros das Comissões de Finanças e Educação do Senado. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p. 2, 7 maio 1950.)

⁴²⁵ ROVATTI, João Faria; PADRÃO, Fabiano Mesquita. Faculdade de Arquitetura 1952/2002. - Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002, p.25 e MACEDO, Francisco Riopardense de. (1974) A criação da Faculdade de Arquitetura. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Arquitetura UFRGS: 50 anos de histórias. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. p. 31.

o P.U.F.A.,⁴²⁶ movimento Por Uma Faculdade de Arquitetura, com ativa participação de estudantes liderados pelos discentes Paulo Vallandro, Luiz Radomski, Vera Fabrício, Ari Canarim, Jerson Hoyer, Carlos Fayet, Enilda Ribeiro, Aldrovando Guerra, Zeno Maraninchi da Silva, Afrânio Loureiro, Moacyr Moojen⁴²⁷ e Ruben Pilla⁴²⁸. O movimento recebeu o apoio e a colaboração de diversos professores, dentre os quais Ernani Dias Correa, Fernando Corona e Tasso Corrêa (idealizador do curso de Arquitetura do IBA) e dos senadores⁴²⁹ Salgado Filho, Ernesto Dornelles e Camilo Mércio⁴³⁰. O objetivo da campanha⁴³¹ era unificar os cursos, criando a Faculdade de Arquitetura que, segundo o arquiteto Milton Mattos, já “era uma exigência sócio-político-cultural de arquitetos, artistas plásticos, alguns jornalistas, alguns líderes comunitários, e grupos de estudantes e intelectuais”⁴³². Esta condição imposta a qual Milton se refere, para Edgar Graeff, justificava-se no entendimento da obra arquitetônica para “além dos fatores técnicos e funcionais e daquela intenção plástica”⁴³³. Segundo Graeff, a arquitetura deveria se estabelecer em “função de um determinado modelo social, de um

⁴²⁶ Segundo Alquati, a revista Espaço, nº 3, de junho de 1949, publicou matéria sobre o tema da fusão dos cursos de Arquitetura (IBA e EE), provando que o movimento Por uma Faculdade de Arquitetura já existia antes de 1950, quando se tornou público. (ALQUATI, Paula Meloo Oliveira. A Vanguarda europeia e o ensino no Rio Grande do Sul: Repercussões de escolas centro-europeias de arquitetura no sul do país entre 1945 e 1951. 2014. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014, p. 204 e 205.)

⁴²⁷ Em sua tese de doutorado, Sérgio Marques acrescentou o nome de Moacyr Moojen como membro da comissão do PUFA. (MARQUES, Sergio Moacir. Fayet, Araújo & Moojen: arquitetura moderna brasileira no sul - 1950 / 1970. 2012. Tese (Doutorado em Arquitetura) - UFRGS, Porto Alegre, 2012, p. 75).

⁴²⁸ O arquiteto Emil Bered, ao narrar o processo de fundação da Faculdade de Arquitetura da UFRGS, apontou os alunos Afrânio Loureiro e Ruben Pilla como líderes do movimento Por uma Faculdade de Arquitetura. No entanto, as arquitetas Enilda Ribeiro e Vera Fabrício Carvalho, ao listarem os alunos membros da comissão do PUFA, em texto comemorativo aos 50 anos da Faculdade, não citaram Ruben Pilla como membro da comissão. (BERED, Emil. Impressões sobre os acontecimentos ligados à fundação da Faculdade de Arquitetura da UFRGS. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Arquitetura UFRGS: 50 anos de histórias. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. p. 35 e CARVALHO, Vera Fabrício; RIBEIRO, Enilda. Por uma faculdade de arquitetura – PUFA. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Arquitetura UFRGS: 50 anos de histórias. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002, p. 40.)

⁴²⁹ CARVALHO, Vera Fabrício; RIBEIRO, Enilda. Por uma faculdade de arquitetura – PUFA. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Arquitetura UFRGS: 50 anos de histórias. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002, p. 41.

⁴³⁰ Segundo conteúdo publicado no jornal Correio da Manhã, de 07 de maio de 1950, os Senadores Salgado Filho, Ernesto Dornelles e Camilo Mércio apresentaram as emendas 16 e 18 para a matéria sobre a federalização da universidade, em trâmite no Senado, que atendiam plenamente as expectativas dos estudantes. (Os estudantes de arquitetura e de belas Artes dirigem-se aos membros das Comissões de Finanças e Educação do Senado. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p. 2, 7 maio 1950.)

⁴³¹ Além da criação da Faculdade de Arquitetura, a partir da fusão dos cursos oferecidos pelo IBA e EE, os estudantes se manifestaram pela Federalização do Instituto de Belas Artes. (Os estudantes de arquitetura e de belas Artes dirigem-se aos membros das Comissões de Finanças e Educação do Senado. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, p. 2, 7 maio 1950.)

⁴³² MATOS, Milton. Um tempo de descobertas. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. – Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005. p. 131-132.

⁴³³ GRAEFF, Edgar Albuquerque. (1949) Criação de uma faculdade de arquitetura. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Arquitetura UFRGS: 50 anos de histórias. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. p. 17-18.

determinado meio geográfico e de um determinado programa de necessidades”⁴³⁴. Ensinamentos que não poderiam ser ministrados apenas na Escola de Engenharia ou de Artes, mas sim numa Faculdade de Arquitetura; local em que os estudantes pudessem ser educados ao ofício de arquiteto.



IMAGEM 26

Cartaz P.U.F.A. – Por uma Faculdade de Arquitetura.

Fonte: CREA-RS renova Conselho e reafirma dirigentes. Conselho em Revista, ano IV, nº41, p. 8, jan. 2008.

⁴³⁴GRAEFF, Edgar Albuquerque. (1949) Criação de uma faculdade de arquitetura. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Arquitetura UFRGS: 50 anos de histórias. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. p. 17-18.

Para o alcance do almejado propósito foram utilizados: passeatas, protestos, pichações, entre outros instrumentos midiáticos que pudessem impulsionar a conquista desses ideais. Se os espaços universitários não eram suficientes à dimensão da disputa, a mídia impressa tornava-se plataforma de atuação, estendendo a rivalidade aos jornais que divulgavam os correntes telegramas trocados entre alunos⁴³⁵. A colaboração de várias entidades estudantis, como a UNE e o Diretório Acadêmico da Escola Nacional de Engenharia (VER IMAGEM 27 e 29 e ANEXO 02), de profissionais e políticos insinua, de certa forma, a grande proporção do movimento, cujo ápice do envolvimento e desejo de autonomia levou à permanência do estudante Afrânio Loureiro, representando o P.U.F.A., no Senado do Rio de Janeiro (VER IMAGEM 28 e ANEXO 02).

Afrânio lá permaneceu enquanto tramitava o projeto de lei encaminhado pelo Senador Salgado Filho que criava a Faculdade de Arquitetura⁴³⁶. O resultado da intensa e engajada campanha (fruto, de certa forma, da diferença ideológica presente nas duas instituições – IBA e EE – e que exercia nítidos reflexos entre os estudantes e, aos poucos, foi moldando um cenário de divergências, mas também de engajamento e discussões) foi a aprovação, no dia 21 de julho de 1950, do projeto que criava a Faculdade de Arquitetura⁴³⁷. A campanha para a união dos dois cursos em uma única entidade se estabeleceu como um marco, dando início ao primeiro período desses 30 anos de história.

Enilda Ribeiro, então estudante do curso de Arquitetura, participou do P.U.F.A., vindo a contribuir para a construção da Faculdade. Apesar de não comprovado por documentação, é provável que Nelson Souza, formado pelo IBA em 1951, também tenha participado do movimento.

⁴³⁵ BITTENCOURT, Doris Maria M. de; CATTANI. Airtom; JOHN, Naiana Maura. Histórias de Vida Universitária: relatos de professores da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. *Ágora*, Santa Cruz do Sul, vol 8, n°1 e 2, jan./dez. 2002.

⁴³⁶ Idem.

⁴³⁷ Idem.

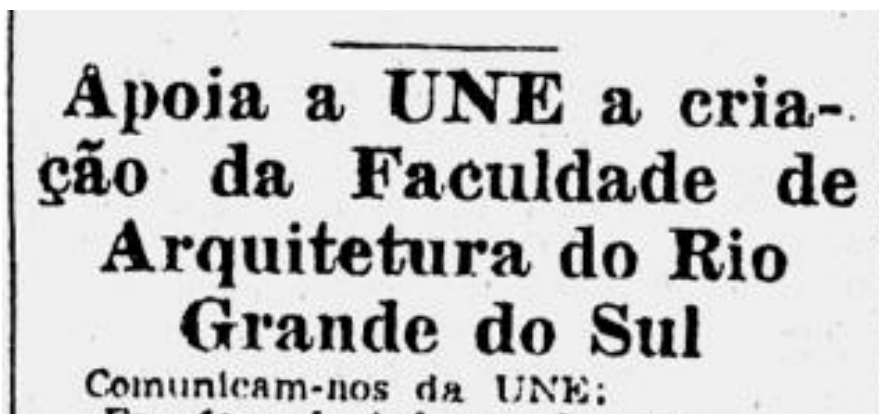


IMAGEM 27

Apoio da União nacional dos estudantes ao PUFA.
Fonte: Diário de Notícias, 11/06/1950, p. 4.
Disponível em: < <http://hemerotecadigital.bn.br/>>

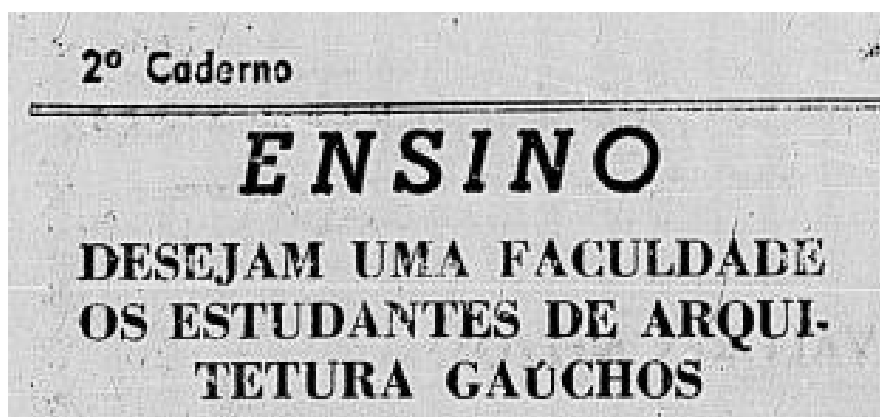


IMAGEM 28

Matéria sobre a ida do estudante Afrânio ao Rio de Janeiro.
Fonte: Correio da Manhã, 12/07/1950, p. 7.
Disponível em: < <http://hemerotecadigital.bn.br/>>



IMAGEM 29

Manifesto do Diretório Acadêmico de Engenharia em apoio ao PUFA.
Fonte: Diário de notícias, 17/05/1950, p. 8.
Disponível em: < <http://hemerotecadigital.bn.br/>>

Sob alegação de potenciais complicações, os requisitos apresentados não foram aceitos por parte dos professores, seguindo com o currículo Federal⁴³⁸. A partir de então, seguiu-se a orientação de “aproximar o ensino de um ambiente de trabalho em que predominasse a criação de projetos, dentro de uma articulação, das diversas cadeiras”⁴³⁹. Entre as curiosidades desta fase de criação da Faculdade, estava “o caso da Sociologia”. Proposta como matéria optativa, o estudo científico das relações humanas e sociais foi recusado pela maioria dos membros da comissão “por ser sujeita à propaganda subversiva”⁴⁴⁰. A posição assumida em negação às mudanças evidenciava que o enfrentamento entre a Escola de Engenharia e o Instituto de Belas Artes não havia acabado naquela ocasião, deixando guardada a rivalidade entre os cursos.

É importante salientar que, nos primeiros anos da FA, isto é, de meados dos anos de 1950 a início dos anos de 1960, Juscelino Kubitschek (PSD) governava o Brasil, tendo como vice-presidente João Goulart (PTB). O caráter modernizador de seu governo (propiciado pela aplicação do Plano de Metas, que pretendia desenvolver o país em cinco anos o equivalente a cinquenta) alterou o pensamento da sociedade. Acompanhando o dinamismo econômico, um país diferente e desenvolvido passou a ser almejado. No meio de tanto progresso, as instituições arcaicas, que até então não incomodavam a sociedade, tornavam-se alvo do desejo de modernidade, sendo necessária sua atualização e acompanhamento aos novos hábitos.

As universidades brasileiras eram instituições ainda atrasadas na década de 1960, com estrutura formada e implantada em 1931⁴⁴¹; o que tornava imprescindível sua adequação. O grande crescimento demográfico, seguido pelo aumento da taxa de urbanização que o país vivenciou após a Segunda Guerra Mundial, ampliava o número de jovens aptos ao ingresso universitário, passando dos 30 mil admitidos em 1945 para 142 mil em 1964. As ampliações de vagas realizadas entre os anos de 1940 e 1960 faziam-se insuficientes, uma vez que não acompanhavam, em proporção, o número de candidatos. Em algumas instituições, como a UFRGS, a quantidade de estudantes aprovados no vestibular era superior ao número de vagas existentes, gerando revolta aos aprovados no teste.

⁴³⁸ RIBEIRO, Demetrio. O projeto na formação do arquiteto. Caderno de Estudos – CEUA, n°10, 1961.

⁴³⁹ Idem.

⁴⁴⁰ RIBEIRO, Demetrio. Um depoimento sobre a criação, por Tasso Corrêa, do ensino da arquitetura no Rio Grande do Sul. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Arquitetura UFRGS: 50 anos de histórias. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. p. 27.

⁴⁴¹ A estrutura das universidades brasileiras foi implantada pelo ministro da educação Francisco Campos. (MOTTA, Rodrigo P. Sá. As universidades e o regime militar: cultura política brasileira e modernização autoritária. [1. Ed.] – Rio de Janeiro: Zahar, 2014, p. 64.)

Na imagem que se segue, a quantidade de alunos a ingressarem na universidade foi ironizada pelo jornal do Diretório Central de Estudantes da UFRGS, mostrando que, mesmo na década de 1970, o acesso ao ensino superior mantinha-se restrito a uma minoria.



IMAGEM 30

Capa Jornal Universitário – DCE, UFRGS.

Acervo Diretório Acadêmico da Faculdade de Arquitetura - DAFA (caixa:1973 e 1974).

Dentro das Universidades, o sistema de ensino em funcionamento baseava-se nas cátedras (unidade básica das universidades) que, na maioria dos casos, colocava barreiras à produção do conhecimento e à circulação de ideias. Sua existência tinha por consequência a baixa produção de pesquisa e a apatia dos professores em níveis hierárquicos inferiores, desestimulados com a carreira docente. Acompanhando a reforma na estrutura de ensino, eram indispensáveis transformações físicas que melhor atendessem as necessidades estudantis. As reclamações por falta de mobiliários, materiais higiênicos, livros, entre outros itens básicos ao meio acadêmico⁴⁴², tornavam-se constantes.

Intensamente discutidas nos anos de 1960, várias foram as teorias modernizadoras levantadas, entre os quais sobre o ensino; algumas delas vindas, até mesmo, dos EUA. Para os teóricos americanos de linha democrata, a modernização dos países pobres significava mais do que progresso econômico e desenvolvimento desses países, mas, sobretudo, uma mudança política e cultural para que a democracia pudesse ser estabelecida. Para que os projetos de americanos, a comando do Presidente Kennedy, pudessem ser aplicados, incluindo aí o programa Aliança para o Progresso⁴⁴³ no ano de 1961, foi criada a USAID – United States Agency for International Development. Por meio desta agência, entre os anos de 1961 e 1974, investimentos chegaram ao Brasil. Em 1960, a União Soviética também tentou implantar planos educacionais no país, estabelecendo acordos de intercâmbio com ofertas de bolsas para alunos brasileiros. Segundo Motta,

na acepção das teorias da modernização elaboradas por cientistas sociais americanos e encampadas pelo governo dos Estados Unidos, principalmente na gestão de Kennedy, a melhor maneira de vencer o desafio revolucionário era modernizar os países ‘atrasados’, considerados presas fáceis do inimigo

⁴⁴² Na história da Faculdade de Arquitetura da UFRGS, foram permanentes as reclamações e mobilizações de alunos e professores quanto as precárias instalações do curso e qualidade do ensino ministrado. Desde sua criação, em 1952, quando ainda localizado no prédio conhecido como “château” e mesmo após a construção do novo prédio da Faculdade de Arquitetura, inaugurado no dia 3 de janeiro de 1958, as reformas mostravam-se necessárias e urgentes. Só assim seria possível, assim como nas Universidades Brasileiras, que o curso pudesse encontrar o seu caminho. O prédio conhecido como “château”, local em que funcionou o extinto CIF (Departamento Comercial, Industrial e Financeiro) da Escola de engenharia, encontrava-se em obra quando a Faculdade iniciou suas atividades. O edifício carecia de inúmeros acabamentos, como instalação de luz, lixamento de pisos, conclusão da instalação sanitária e parte da pintura, além de mobiliários. O primeiro semestre do curso foi marcado pela falta de funcionários, salas de aulas adaptadas e insuficientes, deficiência de mobiliários, material escolar e inúmeras reclamações de alunos que não concordavam com a situação, que apenas se normalizou no período seguinte. (ROVATTI, João Faria; PADRÃO, Fabiano Mesquita. Faculdade de Arquitetura 1952/2002. - Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002, p. 33-36.)

⁴⁴³ A Aliança para o Progresso foi um projeto político executado pelo governo dos Estados Unidos durante a presidência de John F. Kennedy, cujo objetivo era impedir a expansão da ameaça soviética para os países da América.

comunista. E a educação era um dos setores prioritários da pauta modernizadora, por seus efeitos multiplicadores e por incutir valores nos jovens. Na produção acadêmica americana dos anos 1950 e 1960, moderno, modernização e modernidade tornaram-se conceitos-chave, ao lado de desenvolvimento, com significados muitas vezes indistintos. (MOTTA, 2014, p. 10.)

Além dos teóricos americanos que viam na modernidade o futuro para os países periféricos, existiam teóricos que viam no autoritarismo uma forma para o mesmo fim. Consideravam que a medida impositiva seria capaz de vencer a esquerda revolucionária. Rodrigo Motta⁴⁴⁴, em seus estudos sobre a universidade e a ditadura, informou que esses programas com ideais desenvolvimentistas e modernizadores causavam euforia no Brasil, assim como nos países periféricos. Como causa, foram apontadas as carências, e o sentimento de atraso e frustração em relação às grandes potências.

Esse desejo de renovação do ensino era compartilhado entre os partidos brasileiros de esquerda e de direita, porém, com nítidas divergências na estratégia de como alcançar essa modernidade e produzir mais conhecimento. Enquanto a esquerda almejava aproximar o ensino universitário das questões sociais, opinião a qual Demetrio, Graeff, Paiva, Enilda e Nelson eram favoráveis, uma parcela com ideais reformistas pretendia tornar o ensino “mais eficiente e produtivo, tendo em vista as necessidades do desenvolvimento econômico e de modernização da máquina pública”⁴⁴⁵. Esse pensamento, pautado na necessidade das universidades em servirem ao desenvolvimento tecnológico, representou, no final dos anos de 1960 e década de 1970, a defesa do ensino pago, restringindo a educação superior a uma parcela da sociedade⁴⁴⁶.

Na charge abaixo, a polêmica sobre a “venda da educação” é demonstrada.

⁴⁴⁴ MOTTA, Rodrigo P. Sá. As universidades e o regime militar: cultura política brasileira e modernização autoritária. [1. Ed.] – Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

⁴⁴⁵ MOTTA, Rodrigo P. Sá. As universidades e o regime militar: cultura política brasileira e modernização autoritária. [1. Ed.] – Rio de Janeiro: Zahar, 2014, p. 9.

⁴⁴⁶ Entre os anos de 1964 e 1967 ocorreram atrasos no repasse de verbas às universidades. Os governantes estavam mais preocupados em cortar os gastos e reduzir a inflação do que com o ensino, sendo a proposta do pagamento de taxas muito bem vista pelos políticos conservadores, uma vez que a preocupação de investimento dos governantes diminuiria. Sendo assim, na constituição de 1967, uma possível cobrança de taxas pelas universidades públicas foi aprovada, desvinculando à união do compromisso com gastos mínimos em educação. O impedimento a cobrança de taxas virou objeto de luta dos movimentos estudantis, que mais uma vez, desafiaram a repressão militar.



IMAGEM 31

Charge Jornal DCE, PUC-RS.

Fonte: DIRETÓRIO CENTRAL DE ESTUDANTES. Jornal do DCE, Porto Alegre, p. 14, 1973.
Acervo Diretório Acadêmico da Faculdade de Arquitetura - DAFA (caixa:1973 e 1974).

No caso da reforma no ensino desenvolvida pela FA-UFRGS, segundo o arquiteto Miguel Alves Pereira,

poucos anos após sua fundação (1952), a Congregação da Faculdade assume as diretrizes da campanha pela reforma do ensino (...), criando uma comissão com assento nas reuniões dessa Congregação, constituída por três professores – Edgar Graeff, Demetrio Ribeiro e Ivo Wolf -, um representante do IAB/RS, Irineu Breitman e por três estudantes – Miguel Pereira, Waldyr Maggi e José Américo Ferreira” (PEREIRA, 2002, p. 58.)

Esta reforma, “fruto da pressão dos estudantes organizados em torno do Centro de Estudantes Universitários de Arquitetura (CEUA)”⁴⁴⁷ e com o objetivo de elaborar um Plano de Emergência, ficou pronta após seis meses de trabalho (março a agosto de 1957). Segundo Demetrio, foram feitas “algumas modificações pequenas, mas, na sua maioria, positivas. Foram trazidas algumas cadeiras a outros anos, estendida a cadeira de construção civil; foram feitos pequenos esforços para adaptar melhor o currículo às condições reais”⁴⁴⁸.

Por trás de todo empenho em realizar a reforma do ensino, estava o momento de definição da Arquitetura enquanto profissão, cuja evolução por meio dos tempos exigia transformações no ensino ministrado, e o PCB, que via na reforma do ensino uma maneira de difundir os ideais progressistas. Segundo Demetrio, nas décadas de 1950 e 1960, os arquitetos estavam “comprometidos” em conquistar o lugar de organizadores dos ambientes da vida. Limitados à confecção de plantas, estes profissionais permaneciam distantes da interpretação das necessidades do programa, “que constitui, às vezes, as decisões mais profundas da questão”⁴⁴⁹. Se, no âmbito das ideias, o profissional era definido como “planejador do mundo”⁴⁵⁰, no escritório, fazia trabalho de “desenhista do especular comercial”⁴⁵¹.

Demetrio acreditava que as escolas estavam sofrendo “as consequências do desconhecimento da arquitetura”⁴⁵²; estavam sendo mantidas “num plano limitado, medíocre, oferecendo a preparação apenas restrita àquelas tarefas que habitualmente se reconhecem como

⁴⁴⁷ Para contribuir com as discussões sobre a reforma do ensino foi criado o jornal interno da Faculdade, nomeado por REFORMA. (PEREIRA, Miguel Alves. Ensino de Arquitetura – um depoimento. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Arquitetura UFRGS: 50 anos de histórias. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. p. 58.)

⁴⁴⁸ RIBEIRO, Demetrio. O projeto na formação do arquiteto. Caderno de Estudos – CEUA, nº10, 1961.

⁴⁴⁹ Idem.

⁴⁵⁰ Idem.

⁴⁵¹ Idem.

⁴⁵² Idem.

sendo do arquiteto”⁴⁵³. As disciplinas ofereciam “muito menos que as tarefas exigidas pela cultura nacional”⁴⁵⁴.

No texto de conclusão do grupo de estudos sobre o ensino de Arquitetura e Urbanismo realizado no Encontro Regional de Educadores, em dezembro de 1960⁴⁵⁵, a Arquitetura foi apresentada com papel de destaque na definição da cultura nacional. De acordo com o relatório, o ensino reclamava “uma orientação moderna e ágil, condicionada a uma finalidade bem definida: o desenvolvimento da personalidade criadora do futuro arquiteto”⁴⁵⁶. Para Demetrio, essa finalidade só poderia ser atingida “por um ensino diretamente vinculado à pesquisa da realidade social e técnica do meio, através da exercitação das aptidões do aluno, colocado em face de suas responsabilidades e recebendo assistência o quanto possível individual”.

Em 1961, um balanço do ensino foi realizado, permitindo, na opinião de Demetrio, “dar um passo muito decisivo para frente”⁴⁵⁷. Neste, segundo o arquiteto, o ensino deveria ser organizado, tendo o projeto no centro absoluto da faculdade e, dentro desse projeto, o estudante seria o centro. Demetrio via como finalidade do curso de Arquitetura criar ao aluno “essa noção de responsabilidade como criador de forma e de espaço”⁴⁵⁸. Ao deixar de coordenar os diferentes elementos que entram no projeto, seria impossível formar um arquiteto, uma vez que a unidade desejada não viria de fora do curso. Segundo Demetrio,

a unidade do projeto é humana. Não é formal; nem decorre de leis das formas. É a unidade da pessoa que fez o projeto. Não se trata, portanto, de uma unidade visual ou de forma em si. Trata da expressão humana que se revela, da intenção presente em todas as partes do projeto que é uma, pois é um ser que ela é responsável. É essa a unidade verdadeira da arquitetura, que, na Escola, depende do estudante. Na nova modalidade de ensino o aluno assume uma grande responsabilidade, pois ele é o eixo em torno do qual gira o trabalho da escola. (RIBEIRO, 1961.)

A partir do balanço feito, o projeto integral, “visto sob o aspecto do programa conscientemente analisado do meio ambiente”⁴⁵⁹ e com “noções variáveis de acordo com

⁴⁵³ Idem.

⁴⁵⁴ Idem.

⁴⁵⁵ O relatório foi realizado pelo prof. eng. João Baptista Pianca, os arquitetos Demetrio Ribeiro (Coordenador), Emilio M. Ripoll, Emil A. Bered, Manoel J. de C. Meira, Walmy Bitencourt e o engenheiro Francisco José San Martin.

⁴⁵⁶ Relatório Grupo de estudos sobre o ensino de arquitetura e urbanismo. Encontro Regional de Educadores, São Paulo, dez. 1960.

⁴⁵⁷ Idem.

⁴⁵⁸ RIBEIRO, Demetrio. O projeto na formação do arquiteto. Caderno de Estudos – CEUA, n°10, 1961.

⁴⁵⁹ Idem.

conceitos claros da solução construtiva”⁴⁶⁰, foi apontado como solução ao ensino de arquitetura. Acreditava-se que a aproximação entre o aluno e o programa a ser desenvolvido forneceria razões para a execução do projeto com satisfação.

Em discurso realizado no III Congresso de Arquitetos do Brasil⁴⁶¹, Paiva também fez críticas ao sistema de ensino da Urbanística imperante nas Faculdades de Arquitetura. Com base em sua experiência lecionando essa matéria desde 1947 (no Curso de Arquitetura e no Curso de Urbanismo do Instituto de Belas Artes de Porto Alegre e, posteriormente, na Faculdade de Arquitetura da mesma cidade), afirmou que o ensino ministrado não correspondia às necessidades, uma vez que não capacitava devidamente os arquitetos e urbanistas. Para Paiva, tanto a posição quanto o papel da cadeira “Urbanismo e Arquitetura Paisagística” não refletiam o “entrosamento lógico entre as várias cadeiras do curso”⁴⁶². De acordo com Paiva,

cada uma delas, dentro do padrão federal, é considerada como compartimento estanque, não relacionados entre si. Não existe a necessária ligação íntima entre esta disciplina e Composições (Pequenas e Grandes), que deveria ser tratada como cadeira tronco, sendo todas as outras, inclusive a de urbanismo, a ela subordinadas. Os estudantes, assim, entram em contato sucessivamente com a Composição e com a Urbanística, quando a experiência tem demonstrado sobejamente a necessidade do relacionamento paralelo com uma e outra. (PAIVA, 1955.)

Dizia Paiva que o programa montado pela esfera Federal não condizia com a realidade do curso. Ele era amplo, o que o tornava impossível de ser estudado em apenas um ano. Sem preparação prévia em anos escolares anteriores, sem cadeiras básicas como Sociologia, sem relações com a realidade econômica-social e com cadeiras isoladas, os programas tornavam-se desconexos e incompletos.

Dos estudos realizados em 1961, uma das medidas aprovadas pelo Conselho Universitário estabeleceu-se, na opinião de Demetrio, como uma “verdadeira revolução”. A supressão do exame nas matérias de Composições (Pequenas e Grandes) era uma ideia que se pensava desde a formação da Faculdade, em 1952, como indicação do prof. Júlio de Castilhos, docente na matéria de desenho de modelagem. Essa medida foi encaminhada com poucas esperanças por parte dos professores, mas acabou, para a surpresa de todos, sendo aceita.

⁴⁶⁰ Idem.

⁴⁶¹ O IIIº Congresso de Arquitetos do Brasil foi realizado em junho de 1953, no município de Belo Horizonte.

⁴⁶² PAIVA, Edvaldo Pereira. (1953) Sobre o ensino da urbanística. In: Cadernos da Faculdade de Arquitetura, nº1, set. 1955. p. 1-11.

O engajamento na luta pela reforma curricular e, mais precisamente, as discussões sobre a função do arquiteto na sociedade desconcertavam os ânimos e ditavam o ritmo caloroso dos debates. Segundo Edgar Graeff, os “famosos Encontros Nacionais de Arquitetos, entre 1957 e 1962, marcaram o momento mais rico do pensamento brasileiro voltado para a formação do arquiteto. E a FAU-URGS foi uma das peças fundamentais da coordenação desses encontros”⁴⁶³.

TABELA CONGRESSO BRASILEIRO DE ARQUITETOS		
NÚMERO	DATA	LOCAL
I	1945	São Paulo
II	1948	Porto Alegre
III	1953	Belo Horizonte
IV	1954	São Paulo
V	1957	Recife
VI	1966	Bahia
VII	1968	Belo Horizonte
VIII	1969	Porto Alegre
IX	1976	São Paulo
X	1979	Brasília
XI	1982	Salvador
XII	1991	São Paulo

TABELA 10
Congresso Brasileiro de Arquitetos.
Fonte: elaborado pela autora.

As medidas propostas desde 1957, com o Plano de Emergência, começaram a ser implantadas em 1962, mesmo ano em que os cursos de São Paulo e Minas Gerais. Estruturada por meio da proposta do Ciclo Básico, que funcionaria nos quatro primeiros semestres e com ênfase nas disciplinas técnicas, e do Ciclo Profissional, que ocuparia os seis últimos semestres e teria foco nas disciplinas de projeto e urbanismo, pretendia-se organizar o ensino de forma a preparar os estudantes para as mudanças no perfil profissional e para o cumprimento do seu papel social. A consolidação da reforma e a sua existência legal apenas se efetivaram em 1968 com o Seminário realizado pelos estudantes e professores.

Mesmo com a reforma do ensino no curso de Arquitetura, a péssima qualidade universitária ainda gerava revolta. As tentativas de aplicar mudanças, mesmo que pequenas, eram sempre embarreiradas por uma maioria conservadora. Aos professores progressistas, o

⁴⁶³ GRAEFF, Edgar Albuquerque. A luta por um ensino autônomo. In: XAVIER, Alberto; MIZOGUCHI, Ivan. Arquitetura Moderna em Porto Alegre. São Paulo: Pini, 1987. p. 32.

apoio dos estudantes politizados e adeptos à esquerda tornava-se essencial às futuras transformações. Segundo Motta,

na perspectiva dos estudantes de esquerda, a universidade deveria ter estrutura mais moderna e ágil, capaz de produzir conhecimento útil ao desenvolvimento, mas deveria colocar-se também ao lado das causas sociais e servir de vanguarda às transformações socialistas. (MOTTA, 2014. p. 68.)

A *Greve do 1/3*⁴⁶⁴, vinculada às discussões sobre a Reforma Universitária e com o objetivo de reivindicar a representação estudantil com base nessa proporção nos órgãos das Universidades brasileiras, se deflagrou no ano de 1962. Este evento foi apontado como um dos fatores ao desencadeamento de processos contra professores e alunos considerados subversivos, após o Golpe de 1964⁴⁶⁵. Neste episódio, Demetrio Ribeiro se posicionou favorável aos estudantes⁴⁶⁶.

Foram 70 dias de paralisação que, por contarem com o apoio da Faculdade de Arquitetura, exigiram o máximo de habilidade e paciência do então diretor João Baptista Pianca⁴⁶⁷, bem como, do Reitor Eliseu Pagliolli. Acampando em frente do prédio da Reitoria, os jovens ativistas, entre os quais Clóvis Ilgenfritz e Newton Burmeister, ambos os alunos do curso de Arquitetura, pretendiam mostrar a Verdade ao Povo, assim como diziam os cartazes presos no campus: “Estamos acampados em Praça Pública para mostrar a Verdade ao Povo”⁴⁶⁸.

O ANO DE 1964

O clima no período anterior ao Golpe se fazia sentir sob uma densa camada de insegurança por parte dos mais conservadores e de expectativas aos progressistas. Enquanto o aumento dos movimentos sociais no campo, pressionando por reforma agrária, o aumento da

⁴⁶⁴ Estima-se que a Greve do 1/3, na UFRGS, tenha ocorrido entre os meses de junho e agosto.

⁴⁶⁵ A desconfiança na vinculação entre a “Greve do 1/3” e os processos contra os subversivos foram apresentadas no livro AVERBUCK, Lígia; CAMPILONGO, Maria Assunta; HOLZMANN, Lorena; MIRANDA, Luiz Alberto Oliveira Ribeiro de; SANTOS, José Vicente Tavares dos; TAITELBAUM, Aron. (1979) Universidade e repressão: os expurgos na UFRGS. [2. Ed.] – Porto Alegre: L&PM, 2008. João Baptista Pianca foi Diretor da Faculdade de Arquitetura de 1952-1953, retornando entre 1958-1965 quando Ernani Dias Corrêa era seu vice-diretor. (ROVATTI, João Faria; PADRÃO, Fabiano Mesquita. Faculdade de Arquitetura 1952/2002. - Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002, p. 101.)

⁴⁶⁶ ROVATTI, João Faria; PADRÃO, Fabiano Mesquita. Faculdade de Arquitetura 1952/2002. - Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002, p. 56.

⁴⁶⁷ SILVA, Clóvis Ilgenfritz da Silva. Lembranças de uma Bela Época. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. – Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005. p. 149.

⁴⁶⁸ Idem.

força sindical, visível nas constantes e fortes greves, a politização dos subalternos das forças armadas, a esquerdização do movimento estudantil e o aumento de influência da esquerda nas camadas sociais convinham a alguns como esperança de dias melhores, a outros serviam como desculpa à articulação da repressão anticomunista. O alto índice inflacionário, consequência do governo de Juscelino Kubitschek, a proximidade com a esquerda e as constantes acusações de corrupção em relação ao governo de João Goulart contribuíam para a atmosfera do país.

Assim sendo, no dia 1º de abril de 1964, em meio às incertezas quanto a sua realização, um golpe contra o governo de João Goulart e a democracia brasileira colocou os militares no poder. As dúvidas surgidas inicialmente quanto ao preparo e à capacidade dos combatentes na condução do país rapidamente foram substituídas ou, pelo menos, tornam-se coadjuvantes perante a convicção na necessária eliminação de todos aqueles que eram contrários ao Novo Regime⁴⁶⁹. Considerando a universidade um dos epicentros de recrutamento de membros para a esquerda e de convencimento dessa ideologia, a ação militar nas instituições de ensino superior acabou sendo marcada por sua conduta extremista. A repressão esteve atrás, em grau de urgência de intervenção, apenas dos sindicatos e das organizações de trabalhos rurais⁴⁷⁰. Segundo Motta, na universidade:

se encontraria um dos focos principais da ameaça comunista, o perigo iminente de que o Brasil deveria ser salvo, e que mobilizou muitos, sobretudo nas corporações militares, a se levantar em armas contra o governo Goulart, acusado de tolerar ou, pior ainda, de se associar aos projetos revolucionários. (MOTTA, 2014, p. 23.)

De acordo com o arquiteto e ex-aluno da Faculdade de Arquitetura-UFRG, César Dorfman, na noite do dia 31 de março, pouco se sabia do que havia acontecido.

Nervosos, tentando entender o que acontecia, nos reunimos, alunos de vários cursos da Universidade, no prédio da Arquitetura. No segundo pavimento, o salão de exposições se abria para um terraço por meio de grandes portas de vidro. Ali, no escuro, em grupos, pelos cantos, se discutia sobre o que estava acontecendo, sobre o que fazer, o radinho de pilha colado aos ouvidos, uma notícia atrás da outra, todas trágicas para nós. (DORFMAN, 2013, p. 220.)

⁴⁶⁹ MOTTA, Rodrigo P. Sá. As universidades e o regime militar: cultura política brasileira e modernização autoritária. [1. Ed.] – Rio de Janeiro: Zahar, 2014, p. 8.

⁴⁷⁰ MOTTA, Rodrigo P. Sá. As universidades e o regime militar: cultura política brasileira e modernização autoritária. [1. Ed.] – Rio de Janeiro: Zahar, 2014, p. 23.

Estabelecida de forma controversa em várias áreas da sociedade, inclusive nas universidades, a ditadura civil-militar foi marcada pela dualidade de posicionamento; ora mostrando-se conservadora ora autoritária. Por vezes, oposta a mudanças, em outras favoráveis à modernização. Se, por um lado, pode ser considerada destrutiva, perseguindo e matando professores e alunos – todos aqueles que possuíam ideologia contrária ao Regime – por outro, implantou a tão desejada reforma do ensino, projeto também defendido pelo governo de João Goulart.

Na arquitetura, o mesmo pode ser interpretado. Da mesma forma que o Regime trouxe desenvolvimento a certos setores, como a construção civil, acarretou retrocesso a outros, como o planejamento urbano e habitacional. Se, por um lado, bloqueou a circulação de ideias, textos e livros, inclusive os de Arquitetura, tendo como justificativa a limpeza ideológica, por outro, colocou o ensino em “discussão”. Como reflexo da ideologia dos seus apoiadores (liberais e conservadores) e do desejo de crescimento do país, o Regime, de forma antagônica, teve suas ações caracterizadas pelos ideais de conservadorismo e modernidade. As medidas por eles assumidas, muitas provenientes do governo anterior [João Goulart], foram sendo adaptadas aos interesses da elite, porém, seguindo princípios próprios.

Quando o golpe foi deflagrado pelos militares, a Faculdade de Arquitetura da UFRGS apresentava em seu quadro docente quantidade considerável de professores com ideais esquerdistas, apesar destes não serem a maioria. Existiam alguns simpatizantes, outros membros do PCB, porém a grande maioria era conservadora, alguns até intitulados de direita. O cargo de reitor estava ocupado pelo professor Eliseu Paglioli, que tinha ligações com o PTB e havia sido Ministro da Saúde de João Goulart, em 1962. Seu envolvimento com o pensamento de esquerda o levou à suspensão do cargo, que foi assumido pelo professor José Carlos Milano. Este, favorável ao Regime Militar, contribuiu com a caça aos subversivos, vindo a UFRGS a se tornar a universidade com maior número de professores demitidos, entre abril de 1964 e 1968⁴⁷¹. As Faculdade de Arquitetura, Economia, Direito, Agronomia – Veterinária (em 1964, uma única Faculdade), Filosofia, Medicina e Escola de Belas-Artes foram as mais afetadas⁴⁷² (VER ANEXO 03).

⁴⁷¹ AVERBUCK, Ligia; CAMPILONGO, Maria Assunta; HOLZMANN, Lorena; MIRANDA, Luiz Alberto Oliveira Ribeiro de; SANTOS, José Vicente Tavares dos; TAITELBAUM, Aron. (1979) Universidade e repressão: os expurgos na UFRGS. [2. Ed.] – Porto Alegre: L&PM, 2008, p. 29.

⁴⁷² AVERBUCK, Ligia; CAMPILONGO, Maria Assunta; HOLZMANN, Lorena; MIRANDA, Luiz Alberto Oliveira Ribeiro de; SANTOS, José Vicente Tavares dos; TAITELBAUM, Aron. (1979) Universidade e repressão: os expurgos na UFRGS. [2. Ed.] – Porto Alegre: L&PM, 2008, p. 30.

Logo no início da operação limpeza, que possuía por objetivo tirar dos cargos públicos todos os inimigos do governo, ou seja, comunistas, membros e simpatizantes da esquerda, trabalhistas entre outros, foi sugerido pelo Comando Supremo da Revolução que se utilizasse o já existente IPM – Inquérito Policial Militar⁴⁷³, porém, o adaptando aos crimes políticos. Foi no dia 14 de abril, após a nomeação do general Estêvão Taurino de Resende para a condução dos inquéritos, que os fatos começaram a ser “apurados”.

Marcados pela arbitrariedade e pelo radicalismo com que foram conduzidos, os IPMs realizados em 1964, chegaram a, aproximadamente, 760 casos em todo o Brasil⁴⁷⁴. Com a grande quantidade de investigação e caos inicial, o governo optou por criar, no dia 27 de abril de 1964, treze dias após o início dos IPMs, a CGI – Comissão Geral de Investigação, também a comando do general Taurino Resende. Seu objetivo era organizar a operação. A partir desta decisão e com base no Ato Institucional 1, decretado poucos dias antes da posse do presidente Castelo Branco e que permitia a demissão de funcionários públicos que atentassem a segurança do país, o Ministro da Educação e Cultura Flavio Suplicy Lacerda determinou, pela Portaria nº 259, a abertura dos inquéritos administrativos dentro das universidades⁴⁷⁵. A ideia era vigiar qualquer ação e atividade que pudesse comprometer a “paz social”. Sem definições dos detalhes para o funcionamento da comissão, a portaria do Ministério da Educação e Cultura (MEC) permitia que cada dirigente, em nível local, definisse seus parâmetros. A UFRGS optou por nomeá-la de CEIS, Comissão Especial de Investigação Sumária.

Com urgência em sua implantação, o Reitor Milano iniciou as atividades investigativas em maio de 1964, tendo na comissão 16 membros escolhidos pela Congregação das Unidades Universitárias e divididos em 4 subcomissões⁴⁷⁶. A escolha dos representantes foi recebida de forma diferenciada pelos professores. Enquanto parte dos docentes da UFRGS resistiam à participação, pois a viam como uma medida autoritária e com infração à autonomia

⁴⁷³ Segundo o historiador Rodrigo Patto Sá Motta, “O IPM não foi uma invenção dos golpistas. Tratava-se de procedimento investigativo integrante da Justiça Militar, previsto nos códigos normativos das instituições militares e também na Lei de Segurança em vigor.” (MOTTA, Rodrigo P. Sá. As universidades e o regime militar: cultura política brasileira e modernização autoritária. [1. Ed.] – Rio de Janeiro: Zahar, 2014, p. 49.)

⁴⁷⁴ Idem.

⁴⁷⁵ MOTTA, Rodrigo P. Sá. As universidades e o regime militar: cultura política brasileira e modernização autoritária. [1. Ed.] – Rio de Janeiro: Zahar, 2014, p. 50-51.

⁴⁷⁶ Segundo o historiador Rodrigo Motta a CEIS da UFRGS foi composta por 15 membros. Contudo, no livro “Universidade e Repressão: os expurgos na UFRGS”, os membros da CEIS sobem para 16. (MOTTA, Rodrigo P. Sá. As universidades e o regime militar: cultura política brasileira e modernização autoritária. [1. Ed.] – Rio de Janeiro: Zahar, 2014, p. 52. e AVERBUCK, Ligia; CAMPILONGO, Maria Assunta; HOLZMANN, Lorena; MIRANDA, Luiz Alberto Oliveira Ribeiro de; SANTOS, José Vicente Tavares dos; TAITELBAUM, Aron. (1979) Universidade e repressão: os expurgos na UFRGS. [2. Ed.] – Porto Alegre: L&PM, 2008, p. 32.)

Universitária, outros, ao entenderem que a resistência não seria suficiente para conter a medida e que a escolha de membros externos poderia agravar a situação, optaram pelo envio de representantes em defesa da sua instituição.

A Faculdade de Arquitetura, não tendo docente para o cargo, indicou o instrutor de ensino Amadeu Fagundes da Rocha Freitas, pertencente ao quadro da Escola de Engenharia, e que, voluntariamente, se ofereceu para ocupar o cargo. Este foi um dos membros mais ativo da Comissão. Junto a Amadeu fizeram parte da subcomissão “A” o relator prof. Cícero Menezes de Moraes (Agronomia e Veterinária), os professores Saviniano Marques de Castro (Engenharia) e Othon Sá Gatanho (Geologia). A resistência ao início das operações por parte de certas escolas, como a Faculdade de Medicina da USP, da UB, atual UFRJ e da UFRGS, nesta última, por meio da ocupação de seus prédios, foi inevitável. Contudo, a reação rapidamente cedeu espaço ao medo e à incerteza de como seria o Novo Regime e as suas punições.

Era comum dentro das universidades a presença de docentes favoráveis ao Regime e que contribuía com a caça aos comunistas. Por meio de vigília e denúncias, eles trabalhavam indiretamente a favor da repressão. A posição no meio docente era diversa. Alguns, mesmo favoráveis ao Golpe, tomaram posicionamento discreto, outros tornaram-se líderes de operações em colaboração com a polícia. O episódio narrado pelo arquiteto César Dorfman sobre sua prisão e de colegas, em 1964, exemplifica o clima de vigilância e certa esperança dos estudantes que, 20 dias após o Golpe, ainda acreditavam em uma provável reação.

"Entro no bar da faculdade, cheio de colegas e professores, e um colega, lá no fundo grita: - César, amanhã às duas horas tem reunião na casa do Edenor. Faço com a mão o gesto de positivo"⁴⁷⁷. Ao chegar à reunião, no dia 21 de abril de 1964, Dorfman se deparou com policiais revistando os pertences do amigo. Sua confirmação em ter participado do VII Congresso da União Internacional de Arquitetos, em Havana, no ano de 1963, o tornou, junto a Paulo e Edenor, prisioneiro do Novo Regime. Assim como o colega, César teve sua casa revistada em ato de repressão comum a época. O intuito do procedimento era provar a capacidade do novo governo em eliminar a influência socialista.

Os policiais, muitos dos quais civis recém adeptos ao Golpe, cumpriam ordens de busca a pertences que pudessem indicar o envolvimento com o pensamento progressista. Em vistoria à residência de Dorfman, foram apreendidos livros, bebidas e discos, porém, deixaram de fora

⁴⁷⁷ DORFMAN, Cesar. Havana 63. – Porto Alegre: Movimento, 2013, p. 221.

o interrogatório a seus pais, então membros do Partido Comunista e que talvez fosse a maior ameaça existente.

Fomos, quietos e tristes, seguindo o policial pela casa e lembro bem a cara de terror e impotência de meus pais. Revirou todos os armários fazendo perguntas: - Esta farda do Exército? Fiz o CPR (Centro de preparação de oficiais da reserva) respondi e aproveitei: - Sou oficial da reserva. O cara não deu a mínima. - E estes livros, é russo ou chinês? - São de meu irmão que estuda no Colégio Israelita, é hebraico. Me olha incrédulo e resolve levar os livros, assim como uma garrafa de licor de cacau e alguns discos porque em todos estava escrito Cuba. (DORFMAN, 2013, p. 222-223.)

Levado ao DOPS – Departamento de Ordem Política e Social, Dorfman foi instigado a denunciar os colegas, sendo questionado sobre os líderes políticos da Faculdade. A UFRGS possuía algumas células do Partido Comunista em conhecimento dos policiais, que se referiam aos estudantes como os “comunistazinhos da arquitetura”.

Nos organismos de base do PCB, inúmeros estudantes, professores e servidores se reuniam a fim de analisar a realidade de sua área de atuação, bem como, elaborar mecanismos de atuação a favor do Partido. Para o professor e arquiteto Paulo Bicca, a influência do PCB fazia parte do cotidiano universitário, inclusive da Faculdade de Arquitetura. Por meio dos núcleos, os partidos políticos, sobretudo os de esquerda, pretendiam difundir sua ideologia, contribuindo para a desalienação dos estudantes. A participação nesses organismos levou Demetrio, Graeff, Paiva, Enilda e Nelson a serem acusados de proselitismo em aula. Sob a luz da teoria de esquerda, os 5 apresentavam uma maneira de lecionar diferente do instituído pela estrutura de ensino arcaica. Definida por Enilda como moderna⁴⁷⁸, a instrução dos discentes tinha por princípio o preparo para todos os trabalhos da profissão, o que incluía o desenvolvimento do papel social. De acordo com Bicca,

isso fazia parte, digamos, do universo da Universidade. Nele se fizeram presentes partidos políticos ou organizações políticas, como por exemplo (...) a AP, a Ação Popular; que era uma organização política, de formação religiosa, católica (...) com viés de esquerda, enfim. E partidos políticos mesmo, como o PC do B, o PCB. (...) Como esses partidos se faziam presentes na universidade? Os núcleos universitários. Dos quais eu fiz parte do Partido

⁴⁷⁸ BAUER, Caroline Silveira. Avenida João pessoa, 2050 – 3^a andar: terrorismo de estado e ação de polícia política do departamento de ordem política social do rio grande do Sul (1964-1982). 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006, p. 191.

Comunista. Depois sai, como tantos outros saíram. (...) Nós tínhamos uma série de estudantes que faziam parte, diria quase que um núcleo do Partido Comunista na Faculdade de Arquitetura. E, ao mesmo tempo, participavam também de um núcleo maior, que era o núcleo da própria universidade. Ai com a participação de alunos, digamos, de outros, da filosofia... (BICCA, Conversa realizada dia 15/12/2015.)

Práticas comuns entre docentes e discentes que temiam represálias dos militares foi o abrigo em casa de parentes, amigos, de preferência longe dos centros urbanos, além da queima de qualquer vestígio de uma possível ligação com a esquerda ou de contrariedade ao governo. A caça a livros foi prática constante no início do Regime. Bibliotecas públicas, privadas, editoras, livrarias eram visitadas e com critérios chulos, como capas na cor vermelha e títulos em língua estrangeira, os livros iam sendo apreendidos.

A abertura dos inquéritos, num primeiro momento, se fundamentou na desconfiança de utilização da vida acadêmica para difusão dos ideais de esquerda. Quando não constatada a doutrinação e sendo necessário demonstrar o poder do Novo Regime, as subcomissões utilizavam argumentos irrelevantes e sem fundamentos, como a notoriedade de suas ideias, velhas desinteligências e rivalidades internas à Universidade. As acusações listadas no dossiê eram genéricas, não apontando fatos concretos. Eram encontradas nas pequenas ações dos docentes, muitas delas sem vínculo ideológico ou partidário, motivos fantasiosos para abertura de inquéritos. O professor e arquiteto Carlos Maximiliano Fayet, por exemplo, teve um dos seus projetos, o auditório Araújo Vianna, acusado de reproduzir as formas de uma foice e um martelo (símbolos do Partido Comunista) ao ser visto por cima⁴⁷⁹.

Aos docentes investigados, após recebimento do ofício solicitando o comparecimento à subcomissão e o recebimento de dossiê datilografado com denúncias e fatos registrados a esses, duas opções foram oferecidas: a apresentação de defesa escrita à subcomissão, no prazo máximo de 4 dias, ou defesa oral perante o plenário da Comissão Especial. Com relatórios elaborados sem solidez, a CEIS não conseguiu incriminar nenhum dos professores acusados. Como justificativa ao ato, estava a tentativa de “ficar a meio caminho entre a traição ao corpo docente e o cumprimento da obrigação contraída com seus senhores, procuravam esquivar-se à grave responsabilidade de seus atos através de um relatório que não apontava nenhum nome

⁴⁷⁹ O Auditório Araújo Vianna, inaugurado no dia 12 de março de 1964, foi projetado por Carlos Maximiliano Fayet em parceria com o arquiteto Moacyr Moojen Marques.

para a punição exigida”⁴⁸⁰. Os dossiês foram enviados ao MEC e, em seguida, novamente apreciados pelas CEIS que, após julgamento, estabeleceram os “elementos que deveriam ser afastados da Universidade e a punição que seria aplicada”⁴⁸¹.

Em setembro de 1964, a lista com os nomes dos professores penalizados, dentre os quais Demetrio Ribeiro, Edgar Graeff, Enilda Ribeiro, Edvaldo Pereira Paiva, Nelson Souza e o também professor da Faculdade de Arquitetura, Luiz Fernando Corona, foi publicada. Dezesete professores foram expurgados da Universidade e tiveram como punição a aposentadoria, a dispensa e, no pior dos casos, exoneração, suspendendo, assim, o direito político e os proibindo de ocupar cargos públicos por 10 anos (VER TABELA 10). Neste último caso, os professores não foram formalmente notificados de sua exoneração, recebendo apenas comunicado da Faculdade informando o afastamento. O ato institucional promulgado com a finalidade de permitir as demissões durou até outubro de 1964⁴⁸², mês no qual a maioria dos inquéritos chegou ao fim, tendo como resultado, na maioria dos casos, o arquivamento ou a absolvição. Os IPMs prosseguiram nos anos seguintes, mas com redução de sua quantidade e mudança no foco da investigação.

TABELA - PROFESSORES EXPURGADOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - ANO 1964			
NOME	CURSO	CARGO	EXCLUSÃO
Antônio Santos Flores	Medicina	Instrutor de Ensino Superior	Aposentado
Ernani Maria Fiori	Filosofia	Catedrático	Dispensado
Luiz Carlos Pinheiro Machado	Agronomia e veterinária	Catedrático	Aposentado
Luiz Fernando Corona	Belas-artes/arquitetura	Catedrático/Instrutor	Aposentado
Antônio de Pádua F. da Silva	Economia	Contratado	Exonerado
Armando Temperani Pereira	Economia	Catedrático	Exonerado
Cibilis da Rocha Viana	Economia	Catedrático	Exonerado
Cláudio Francisco Accurso	Economia	Contratado	Dispensado
Antônio Ajadil de Lemos	Direito	Catedrático	Exonerado
Ápio Cláudio de Lima Antunes	Direito	Contratado	Dispensado
Brasil Rodrigues Barbosa	Direito	Catedrático	Exonerado
Hugolino Andrade Uflacker	Direito	Catedrático	Aposentado
Demétrio Ribeiro	Arquitetura	Catedrático	Aposentado
Edgar Albuquerque Graeff	Arquitetura	Catedrático	Aposentado
Edvaldo Paiva	Arquitetura	Catedrático	Aposentado
Enilda Ribeiro	Arquitetura	Instrutor de Ensino Superior	Aposentado
Nelson Souza	Arquitetura	Instrutor de Ensino Superior	Aposentado

TABELA 11
Professores Expurgados da UFRGS, em 1964.
Fonte: elaborado pela autora.

⁴⁸⁰ AVERBUCK, Ligia; CAMPILONGO, Maria Assunta; HOLZMANN, Lorena; MIRANDA, Luiz Alberto Oliveira Ribeiro de; SANTOS, José Vicente Tavares dos; TAITELBAUM, Aron. (1979) Universidade e repressão: os expurgos na UFRGS. [2. Ed.] – Porto Alegre: L&PM, 2008, p. 48.

⁴⁸¹ Idem.

⁴⁸² A Constituição de 1946 protegia, de certa forma, os funcionários públicos, só permitindo que fossem mandados embora mediante motivos específicos.

Edgar Graeff, em pronunciamento como personagem homenageada pelo IAB/RJ, em razão do prêmio IAB de 1979, acusou a luta pela reforma do ensino superior como “a verdadeira origem do que se passou (...) com a Universidade brasileira, nesses anos de obscurantismo”⁴⁸³.

Segunda Graeff,

procurou-se, com a maior insistência, fazer crer que a Universidade – e nela as escolas de arquitetura – era vítima de atividades subversivas, comunistas ou comunizantes. Mas a verdade é que na luta pela reforma do ensino superior contávamos com o apoio ativo de colegas das mais diversas posições no plano da política cidadã: eram democratas liberais e cristãos, socialistas, comunistas, conservadores e até mesmo gente de direita. (GRAEFF, 1979 In: MÓDULO, 1980, p. 98-99.)

Por cima das diferenças ideológicas e partidárias, os arquitetos eram unidos pelo “desejo de ver as instituições de ensino em sintonia com a vida e a realidade do país; o desejo de ver as escolas de Arquitetura colocadas ao nível da produção dos melhores arquitetos do Brasil”⁴⁸⁴.

De acordo com Graeff, quando, em 1964, ocorreu o Golpe “a reação se articulou, inclusive na Universidade, e tratou de caracterizar a todos nós – e, em certa medida, a todos os arquitetos – como subversivos, comunistas ou o que chamavam de ‘inocentes úteis’”⁴⁸⁵. O “conservadorismo acadêmico, rotineiro e burocrático” se utilizou do momento de desestabilidade do país para “atingir a todos aqueles que, de um modo ou de outro, lutavam pelo aperfeiçoamento das estruturas e dos métodos de ensino”⁴⁸⁶. O esforço para elevar o ensino da Arquitetura, na opinião de Graeff, sempre foi uma atividade mal vista, reprimida e, em certos casos, castigada.

De 1964 a 1985, a repressão foi a tática utilizada pelo Regime para controlar ideologias opostas que representassem ameaça ao Governo. Censura, prisões, expurgos, tortura, supressão dos direitos civis, cassação de direitos políticos, eliminação de lideranças e exílios foram medidas que atingiram toda a sociedade, gerando o desejado temor aos militares. A perda de memória universitária quanto aos episódios da Ditadura deixaram ocultas as consequências deste acontecimento histórico, cujas decisões e medidas adotadas estão estampadas nas salas

⁴⁸³ Edgar Graeff foi a personalidade homenageada pelo IAB-RJ, na solenidade de entrega de premiação aos arquitetos brasileiros, no ano de 1979, representando a “todos os arquitetos brasileiros cassados e afastados de suas cátedras e pranchetas pela repressão” da ditadura civil-militar. (GRAEFF, Edgar Albuquerque. Módulo, Rio de Janeiro, n° 57, p. 98-99, fev. 1980, p. 98-99.)

⁴⁸⁴ Idem.

⁴⁸⁵ Idem.

⁴⁸⁶ Idem.

de aula, nos corredores da faculdade e nas paredes vazias do DAFA, até pouco tempo ornamentadas com quadros que narravam suas trajetórias.

A INFLUÊNCIA PROGRESSISTA NO MOVIMENTO ESTUDANTIL

Um das principais medidas do Regime Militar, visando conter os subversivos, foi a promulgação, em novembro de 1964, da chamada lei Suplicy⁴⁸⁷. Este decreto criou os Diretórios Acadêmicos (DA's) em substituição aos Centros de Estudantes Universitário; o Diretório Nacional dos Estudantes (DNE) em substituição à UNE, entidade cujo voto tornava-se obrigatório; e o Diretório Estadual de Estudantes (DEE) (“em cada capital de Estado, Território ou Distrito Federal, onde houver mais de um estabelecimento de ensino superior”⁴⁸⁸) em substituição à União Estadual de Estudantes (UEE). Com o ato, os militares objetivavam derrotar os candidatos de esquerda nas eleições, uma vez que a maioria dos alunos se encontrava silenciada, colocando no poder grupo de estudantes distantes do ambiente político e favoráveis ao Regime. Segundo Motta, “a Lei Suplicy estabelecia que os órgãos estudantis teriam por finalidade defender os interesses dos estudantes, mas vetava ações de caráter político-partidário e também paralisações estudantis”⁴⁸⁹.

No caso do curso de Arquitetura, o CEUA – Centro de Estudantes Universitários de Arquitetura –, criado no ano de 1952, tendo Francisco Danilo Menezes Landó como seu primeiro presidente⁴⁹⁰, foi alterado para DAFA – Diretório Acadêmico da Faculdade de Arquitetura –, entidade que permanece nos dias de hoje. Esta transição pode ser percebida por meio das publicações dos Cadernos de Estudos em que a titulação do volume n°20, de junho de 1963, ainda com CEUA, se alterou para DAFA na publicação n°21, de maio de 1966. As diferenças temporais entre as duas publicações confirmam, de certa forma, a atuação do Regime Militar dentro dos DAs e sua tentativa de silenciamento dos estudantes. Penalizados pelos decretos-leis que diminuiriam ou, até mesmo, acabaram com as organizações, os estudantes

⁴⁸⁷ Conhecida como Lei Suplicy de Lacerda. (BRASIL. Lei n° 4.464, de 9 de novembro de 1964. Presidência da República Casa Civil, legislação, consulta geral. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L4464.htm>)

⁴⁸⁸ MOTTA, Rodrigo P. Sá. As universidades e o regime militar: cultura política brasileira e modernização autoritária. [1. Ed.] – Rio de Janeiro: Zahar, 2014, p. 62.

⁴⁸⁹ Idem.

⁴⁹⁰ ROVATTI, João Faria; PADRÃO, Fabiano Mesquita. Faculdade de Arquitetura 1952/2002. - Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002, p. 25.

presenciaram a retração do movimento, em 1964. Este voltou a se erguer em 1965, se fortaleceu em 1966 e retornou, em 1967, como um dos principais opositores ao Regime⁴⁹¹.

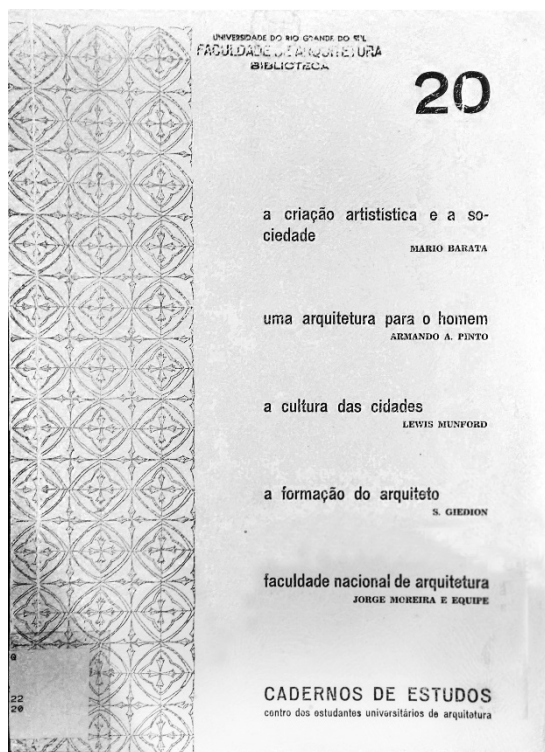


IMAGEM 32
Capa Cadernos de Estudos CEUA, nº20.



IMAGEM 33
Caderno de Estudos DAFA, nº 21.

Em 1967, quase três anos após a Lei Suplicy, a contestação estudantil fez com que o governo aprovasse nova lei extinguindo o Diretório Nacional e os Diretórios Estaduais de Estudantes (DNE e DEE). Segundo a lei, apenas os diretórios centrais e os diretórios acadêmicos seriam reconhecidos legalmente como entidades⁴⁹². Como exceção, apenas o Diretório Estadual de Porto Alegre, com características assistencialistas e sob comando de estudantes com afinidade ao Regime, permaneceu ativo. Em boletim publicado pela gestão 72/73 do DEE do Rio Grande do Sul, seus dirigentes se posicionaram contrários aos estudantes engajados, cuja atuação consideravam como plástico-social (VER ANEXO 04).

Participar. Talvez a palavra mais badalada e menos usada através dos séculos de civilização preconizantes. Participar e não dominar. Ter para si o direito soberano de decisão se a ele não compete. O poder de apenas

⁴⁹¹ MOTTA, Rodrigo P. Sá. As universidades e o regime militar: cultura política brasileira e modernização autoritária. [1. Ed.] – Rio de Janeiro: Zahar, 2014, p. 61-64.

⁴⁹² MOTTA, Rodrigo P. Sá. As universidades e o regime militar: cultura política brasileira e modernização autoritária. [1. Ed.] – Rio de Janeiro: Zahar, 2014, p. 62.

contestar por contestar. Reprovar, espinafrear, estrachinar o sistema, como quem através da chama procura uma justificativa. Esta seria uma atuação plástico-social, da angústia catrastória do sistema. Serve ela muito bem para um universitário. Ávido de afirmação paterna, de uma necessidade íntima de exteriorização, pois carrega dentro de si as realizações vazias da contestação por contestação. (...) Dizem estes que sua participação é minoria. Certo. Concordamos mas isso nos cheira a 'Povo no Poder', 'Operários próprios Padrões', faltando só o lema: 'Universidade dirigida por Estudantes'. (Boletim DEE, Ano II, N° 2.)

O engajamento dos jovens estudantes, no entanto, aos poucos, foi os conduzindo à conformação de uma nova imagem e posição dentro da estrutura universitária, assumindo, gradualmente, o direcionamento do curso. A militância tornava-se parte do aprendizado que, sob a influência de professores progressistas, como o caso de Demetrio, Graeff, Paiva, Enilda e Nelson, se pautava no questionamento e na crítica da realidade existente. O Centro de Estudantes⁴⁹³ se tornava importante instrumento de atuação estudantil e por meio do qual eram assumidas funções para a realização de inúmeras atividades acadêmicas, como a edição de cadernos “com artigos sobre arquitetura, urbanismo, desenho industrial e assuntos afins, de interesse geral de estudantes de Arquitetura e arquitetos”⁴⁹⁴ (VER IMAGEM 34).

Em conversa com o professor, arquiteto e urbanista Paulo Bicca, estudante da Faculdade de Arquitetura/UFRGS de 1963 a 1968 e presidente do Diretório Acadêmico – DAFA, gestão 65/66, foi revelada a posição protagonista desta entidade na formação profissional e cultural dos discentes o que, de certa forma, favoreceria a participação estudantil. Segundo Bicca,

todas as conferências, todos os seminários, todas as publicações, que eram, inclusive, feitas pelo diretório acadêmico (...) até as reuniões dançantes, e tal, tudo, tudo, tudo. Exposições de arte, debates sobre ciclo de cinemas, atividades como na minha época tinha, sexta-feira na arquitetura; festivais; tudo, tudo, tudo, tudo era levado e realizado pelos estudantes via diretório. Nunca, quando eu digo nunca, é nunca mesmo, antes, durante o tempo todo que fiquei na faculdade e uns poucos anos depois, nunca a faculdade enquanto instituição promoveu uma palestra, uma conferência, um seminário,

⁴⁹³ SILVA, Clóvis Ilgenfritz da Silva. Lembranças de uma Bela Época. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. – Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005. p. 145.

⁴⁹⁴ Circular enviada pelo DAFA ao sr. Diretor Júlio Ribeiro de Castilhos, em 25 de agosto de 1971. Acervo DAFA, caixa 1971 e 1972. (DIRETÓRIO ACADÊMICO DA FACULDADE DE ARQUITETURA. Comunicado ao Diretor da Faculdade de Arquitetura. Porto Alegre, 1971.)

nada. Tudo, tudo, tudo era atividade dos estudantes. (BICCA, Conversa realizada dia 15/12/2015.)

DAFA

DIRETÓRIO ACADÊMICO DA FACULDADE DE ARQUITETURA
rua sarmento leite, esquina avenida osvaldo aranha - porto alegre - rio grande do sul - brasil



Porto Alegre, 25 de agosto de 1971

Sr. Diretor

O departamento de publicação de DAFA tem editado desde há muito, como é de conhecimento de V.S., cadernos com artigos sobre Arquitetura, urbanismo, desenho industrial e assuntos afins, de interesse geral de estudantes de Arquitetura e arquitetos. Muitos destes trabalhos têm sido procurados, pelo seu nível, por estudantes e profissionais de outros estados brasileiros.

Desejando fazer com que a publicação de tais cadernos torne sistemática, para a complementação da bagagem cultural principalmente dos estudantes da Escola, o departamento de publicação idealizou um "publicação mensal" ao nível dos antigos Cadernos de Estudo.

Como o custo de uma publicação deste nível é bastante onerosa, principalmente nos que diz respeito ao material, uma vez que o departamento dispõe de meios próprios de impressão, viemos solicitar a V.S., se possível, a cessão, por parte da Faculdade, do papel necessário à sua confecção.

Sendo uma publicação mensal, estimamos seu volume ao redor de 50 pgs. com tiragem de 800 exemplares, e que representaria 40.000,00 folhas mensalmente.

IMAGEM 34

Comunicado ao Diretor da Faculdade de Arquitetura.

Fonte: Acervo Diretório Acadêmico da Faculdade de Arquitetura - DAFA (caixa:1971 e 1972).

O Festival Universitário de Música Popular Brasileira foi realizado pelo DAFA, nos anos de 1968 e 1969, retornando em 1983, numa ousada organização dos estudantes do curso de Arquitetura, então habituados à promoção dos Arqui-Samba, mostra de música, também gerida pelo Diretório. Com início em junho de 1965 e repetindo-se por mais três espetáculos (outubro de 1966, agosto de 1967 e abril de 1968), o Arqui-Samba contou com a participação de Baden Powell, Edu Lobo, Chico Buarque de Hollanda, Nara Leão, MPB4, entre outros importantes músicos do cenário artístico brasileiro.⁴⁹⁵

IMAGEM 35

O Palco é nosso – Evento promovido pelo DAFA.

Acervo Diretório Acadêmico da Faculdade de Arquitetura - DAFA (caixa:1960, 1966, 1967, 1968 e 1968).

Em plena Ditadura Militar, os estudantes de Arquitetura, na contramão da censura aplicada pelo Regime, conseguiram se destacar, em nome do DAFA, como importante entidade política e cultural do município de Porto Alegre. Arquitetura e música se uniram em prol da diversão, mas serviram como instrumento de protesto (VER ANEXO 05). A militância era parte da função dos estudantes, que deixavam de serem vistos apenas como receptores de

⁴⁹⁵ AIELLO, Antonio. Arqui-Samba e outras histórias. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Arquitetura UFRGS: 50 anos de histórias. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. p. 224.

informações, atuando ao lado dos professores como produtores de conhecimento (VER ANEXO 06). Para Bicca,

isso, por si só, já fazia com que os estudantes, mesmo uns mais, outros menos ativos, uns mais outros menos conscientes, tivessem quase como parte de sua cultura o fato de que nós, enquanto estudantes, que deveríamos fazer isso que os professores não faziam. Que a faculdade enquanto instituição, por meio da direção e dos seus órgãos, não fazia. Então isso, nos movia a sermos protagonistas, a sermos muito o que sujeito da nossa formação. E não apenas passivos, que recebem, digamos. Mas sermos sujeitos da nossa formação. Termos a condição de escolher quem a gente quer ouvir, o que a gente vai falar, que filme a gente vai passar, em função de que conteúdo, que seminário a gente vai fazer, sobre o que assunto. Então, isso tudo é expressão de um tipo de participação muito mais intenso, eu diria, muito mais qualificado, porque na minha época, mas, infelizmente, eu preferia que não fosse assim, e muito mais intensa. Uma participação muito mais participativa. Até é uma redundância, mas você está entendendo o que eu quero dizer. (BICCA, Conversa realizada dia 15/12/2015.)

Junto à diminuição da democracia, o Golpe de 1964, ao mesmo tempo em que trouxe ao cenário brasileiro o silenciamento, acirrou a busca pela identidade política da população. Segundo o arquiteto Clóvis Ilgenfritz, em texto comemorativo aos 50 anos da Faculdade de Arquitetura, a busca por uma identidade se fazia presente no curso de Arquitetura por meio de sua dupla personalidade proveniente do IBA, com sua “formação humanista artística, muito influenciada pela Escola Francesa da Beaux Arts”⁴⁹⁶ e da EE, “influenciado pela visão técnica das engenharias, também de herança francesa”⁴⁹⁷. Segundo Clóvis, “a dupla personalidade, portanto, ainda alimentava uma disputa renhida, porém salutar, de dois pensamentos dominantes que não permitiam a neutralidade, embora ela aparecesse como desculpa a não participação de uma minoria”⁴⁹⁸.

A luta entre os engenheiros reacionários e os arquitetos progressistas extrapolaram os limites da criação da Faculdade e se estenderam pelos anos seguintes. Estiveram presentes nas disputas pelos cargos docentes, como a diretoria da Faculdade de Arquitetura, nas eleições para o diretório acadêmico, nas investigações de professores após o Golpe de 1964 e, até mesmo,

⁴⁹⁶ SILVA, Clóvis Ilgenfritz da Silva. Lembranças de uma Bela Época. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demétrio Ribeiro. – Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005. p. 144.

⁴⁹⁷ Idem.

⁴⁹⁸ Idem.

em 1968, dezoito anos depois do movimento de unificação dos cursos de Arquitetura, quando o quadro de estudantes e professores já se apresentava renovado. Em depoimento ao grupo de pesquisa comandado pela arquiteta Dóris Bittencourt, Demetrio Ribeiro acusou a disputa entre os professores do IBA e da EE de servir como pretexto às futuras denúncias à Comissão Especial de Investigação Sumária⁴⁹⁹. “Em 1964, com o Golpe foram denunciados todos os professores arquitetos que não tinham origem na engenharia. O Golpe de 64 foi um marco divisório na História do Brasil”⁵⁰⁰.

Assim como os espectros de Marx, cuja aparição e retorno, por meio de sua herança, tornava-se motivo a inúmeras conjurações, sendo essencial, como nos descreveu Derrida, “expulsar um espectro, exorcizar o retorno possível de um poder tido em si por maléfico e cuja ameaça demoníaca continuaria a obsidiar o século”⁵⁰¹, fundamentava-se, também, garantir que os 5 professores comunistas não voltariam após o expurgo de 1964; que suas ideias permaneceriam em lugar seguro, em decomposição, eliminando não apenas os fantasmas, mas seus sinais e qualquer hipótese de seu retorno.

O ANO DE 1968

As manifestações estudantis pós-1964, até então com caráter antiamericano, representadas na luta contra o acordo MEC-USAID⁵⁰², se intensificam no ano de 1968 e ganharam nova direção. Com o aumento da repressão, principalmente com a morte do estudante Edson Luiz de Lima Souto, em março de 1968, no Rio de Janeiro, a temática estudantil passou a ser a violência repressiva. Unidos aos estudantes americanos, que ocupavam os campi universitários na Califórnia, as ruas de Washington, Nova York e São Francisco, e os estudantes franceses, que, em maio de 1968, reivindicaram mais liberdade em manifestação contra o governo conservador do general Charles de Gaulle, o movimento estudantil brasileiro se fortalecia ainda mais⁵⁰³. Força que também estava presente dentro da Faculdade de Arquitetura

⁴⁹⁹ BITTENCOURT, Doris Maria M. de; CATTANI, Airtom; JOHN, Naiana Maura. Histórias de Vida Universitária: relatos de professores da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. *Àgora*, Santa Cruz do Sul, vol 8, n°1 e 2, jan./dez. 2002.

⁵⁰⁰ *Idem*.

⁵⁰¹ DERRIDA, Jacques. (1993) *Espectros de Marx: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova internacional*. SKINNER, Anamaria. [Trad.] – Rio de Janeiro: Relume – Dumará, 1994, p. 133.

⁵⁰² Acordo firmado entre Brasil e Estados Unidos, em 1965, para modernização do ensino brasileiro.

⁵⁰³ Em apoio a rebelião de março de 1968, na qual jovens no Rio de Janeiro saíram as ruas em protesto contra o poder autoritário, em junho do mesmo ano, estudantes da UFRGS invadiram o prédio da Faculdade de Filosofia, exigindo participação no processo decisório da Universidade. Por intermédio dos professores Angelo Ricci, diretor

da UFRGS. Seus estudantes coordenavam exposições abertas, boicotavam aulas de professores conservadores, decidiam temáticas a serem debatidas, demonstrando, mais uma vez, a capacidade de engajamento dos futuros arquitetos. Mesmo sem a presença de parte dos professores comunistas, como Demetrio Ribeiro, Edgar Graeff, Edvaldo Pereira Paiva, Enilda Ribeiro e Nelson Souza, expurgados em 1964, o desejo de reformar o ensino, sobretudo o do curso de Arquitetura, era mantido.

No dia a dia da Faculdade de Arquitetura, vivenciava-se o “padrão extremamente baixo de muitas cadeiras e da desintegração do curso em setores e matérias mal relacionadas, multiplicando-se estes problemas do primeiro semestre até o final do curso”⁵⁰⁴. A falta de entendimento das dificuldades em sala de aula dificultava a organização dos alunos, que apenas viam como solução à melhoria do ensino, além do “conhecimento detalhado de suas próprias reivindicações”⁵⁰⁵, a mobilização de grande número de pessoas dispostas a lutar.

No primeiro semestre de 1968, o DAFA publicou documento intitulado *Sobre ensino I*⁵⁰⁶. O objetivo era cumprir o seu papel na luta por melhores condições no ensino e formação profissional. Segundo informações do texto, desde de 1963, após constatarem a “deficiência em que se encontrava a formação dos arquitetos”, estudantes e professores, dentre os quais Demetrio, Graeff e Paiva, deram início à reforma curricular, numa tentativa de adequar o curso à realidade. Contudo, a deficiência na aplicação das recomendações, somada à posterior falta de verbas, de professores e materiais didáticos, acarretaram o surgimento de manifestações exigindo a solução dos problemas. Assinado pelo então presidente do DAFA Newton Paulo Baggio, o texto tinha por meta incitar a formação de grupos capazes de estudar os problemas existentes em sala de aulas e na faculdade. Estes discutiriam três assuntos: as reivindicações do próprio semestre, as mudanças na estrutura do curso e o exercício da profissão. Ao DAFA caberia o papel de articulador e transmissor dos debates feitos pelos grupos, numa tentativa de

da Faculdade, Victor de Brito Velho, chefe do Departamento de Filosofia, e Leônidas Xausa, chefe do Departamento de Ciências Sociais, os alunos não foram repreendidos com violência. Após a devolução do prédio intacto, os estudantes dirigiram-se a prefeitura para uma nova manifestação; ato que foi repreendido pela polícia. Como resposta ao diálogo entre professores e estudantes, o reitor da UFRGS, Eduardo Faraco, assinou ordem de serviço n°7, de 11 de junho de 1968, exigindo aos candidatos à docência universitária a entrega de atestado ideológico. Dias depois, o então presidente Costa e Silva aprovou o Plano de Reestruturação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Decreto-Lei n° 62.997, de 16 de julho de 1968. No dia 5 de outubro de 1968, em carta ao Presidente da Ordem dos Advogados, dr. Justino Vasconcelos, enviada pelo IAB – Instituto dos Arquitetos do Brasil – foram feitas denúncias quanto a exigência de atestado ideológico para a contratação de novos professores para a Faculdade de Arquitetura.

⁵⁰⁴ Idem.

⁵⁰⁵ Idem.

⁵⁰⁶ DIRETÓRIO ACADÊMICO DA FACULDADE DE ARQUITETURA. Sobre ensino I. Porto Alegre, 1968.

estender a luta a toda faculdade. A fim de cumprir o seu papel como entidade representante dos alunos e responsável pelo desenvolvimento da cultura nacional, a partir do resultado adquirido pelas discussões em sala de aula, no dia 12 de agosto de 1968, o texto *Nosso ensino é uma farsa* foi divulgado.

**NOSSO
ENSINO
É UMA
FARSA**

IMAGEM 36

Nosso ensino é uma farsa.

Acervo Diretório Acadêmico da Faculdade de Arquitetura -DAFA (caixa:1960, 1966, 1967, 1968 e 1968).

A mobilização gerada na Faculdade de Arquitetura, a partir da divulgação do texto de autoria dos alunos, impulsionou a participação de professores que, maciçamente, apoiaram as discussões sobre o ensino, em assembleia realizada no dia seguinte (13 de agosto de 1968). Marcado pela falta de professores, matérias cujo conteúdo não possuíam qualidade, entre outros problemas (considerando a parte estrutural, física e ensino), a Faculdade refletia a profunda crise econômica e social a qual o país vivenciava. Dizia o documento:

A crise, já a sentimos no curso que tivemos, no pouco que aprendemos e no quase nada que se produziu. O primeiro semestre começou assim: metade da escola sem aulas por mais de um mês. Depois das promessas, veio a programação impossível de cumprir, o primeiro semestre sem professores, as cadeiras e os setores descontraídos do primeiro ao último semestre, as frustrações surgidas nas salas de aula e comentada em todos os corredores da escola. (Nosso ensino é uma farsa, 1968, p. 1.)

Revoltados com a desorganização do curso, e a visão cultural e profissional imposta pelo Regime Militar, alunos e professores foram induzidos pelo Diretório Acadêmico a se recusarem a assistir e/ou ministrarem aulas seguindo o conteúdo imposto. Apenas por meio de uma ampla discussão, aula por aula e em toda a Faculdade, seria possível propor um curso que tivesse alguma utilidade⁵⁰⁷.

O desapontamento dos estudantes com o ensino desvinculado da realidade brasileira os conduziram à medida extrema de considerar a universidade como entidade inútil, cujo fechamento não causaria prejuízos à produção nacional. Na Faculdade de Arquitetura, a teorização “feita em moldes de contemplação”⁵⁰⁸, chegando ao ponto, segundo o texto, de utilizar as atividades desenvolvidas pelo BNH – Banco Nacional de Desenvolvimento – como exemplo, era entendida como ironia à “docência medíocre”⁵⁰⁹. Assim como o instrumental

⁵⁰⁷ DIRETÓRIO ACADÊMICO DA FACULDADE DE ARQUITETURA. Nosso ensino é uma farsa. Porto Alegre, 1968, p. 3.

⁵⁰⁸ DIRETÓRIO ACADÊMICO DA FACULDADE DE ARQUITETURA. Nosso ensino é uma farsa. Porto Alegre, 1968, p. 2.

⁵⁰⁹ Idem.

técnico e científico era visto como “piada de mal gosto, onde se desenrolam os absurdos de uma formação deturpada”⁵¹⁰. Para os alunos, a falha estrutural era evidente.

O fato geral: o ensino brasileiro está alicerçado em premissas alienadas e alienantes. E por isso não acreditamos mais neste sistema e denunciemos seus instrumentos de ação, nossos professores são incapazes de perceber universais, ou de se informar sobre novos conhecimentos contemporâneos, de dinamizar o ensino, ou de justificar critérios de ensino e de aprovação, que eles tiram do vazio de seus conhecimentos já superados. (Nosso ensino é uma farsa, 1968, p. 3.)

A crítica ao BNH, realizada pelos alunos e discutida tanto na academia quanto pelo IAB, tinha por princípio, segundo Edgar Graeff, a falta de desenvolvimento de uma política habitacional e seu posicionamento como instrumento a ideologia do capital, funcionando como uma instituição financeira/bancária, na qual o lucro era seu maior objetivo. Para Graeff, “o BNH jamais desenvolveu uma política habitacional”⁵¹¹.

Alegando a vivência de uma “uma realidade insofismável”⁵¹², alunos e professores eram convidados a juntos assumirem as responsabilidades perante a realidade brasileira. Segundo o texto, as intenções com os estudos eram claras. Eles acreditavam que

a crítica global, o debate aberto com todas as partes e em todos os níveis, que a discussão ampla e universal no verdadeiro, conceito de universidade só poderá ser feita se pararmos, se modificarmos concretamente na prática – as atividades deste semestre, e o transformamos num seminário constante de professores e alunos, na reformulação daquilo que existe, na elaboração de uma estrutura nova, revolucionária, dinâmica, que nos proporcione verdadeiras condições de pesquisa, estudo, trabalho e criação. (Nosso ensino é uma farsa, 1968, p. 6.)

No dia 13 agosto de 1968, dando prosseguimento à convocação dos discentes, a assembleia de alunos e professores foi realizada. Nesta, as reivindicações já propostas foram rediscutidas e a sugestão de um Seminário foi retificada. A fim de encaminhar as resoluções para a Direção e o Conselho Departamental, uma comissão composta por oito professores e oito

⁵¹⁰ Idem.

⁵¹¹ Resposta de Edgar Graeff a pergunta: O que você pensa da política habitacional desenvolvida após a criação do BNH?. (INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL/RJ. II Inquérito Nacional de Arquitetura/Depoimentos. IAB/RJ, 1982, p. 47-48.

⁵¹² DIRETÓRIO ACADÊMICO DA FACULDADE DE ARQUITETURA. Nosso ensino é uma farsa. Porto Alegre, 1968, p. 6.

alunos foi formada. Em sala de aula, os estudantes, que já vinham em discussão sobre o ensino, começaram a obter conclusões, dando prova da força do movimento estudantil. No dia 14 de agosto de 1968, as discussões sobre a reforma curricular, após falha tentativa de conversa com o diretor da faculdade, foram levadas ao Conselho Departamental⁵¹³, que aprovou o seminário existente.

No dia 15 agosto de 1968, o debate já havia se tornado fato de maior importância na faculdade. Comissões para a análise da reestruturação do ensino, formação profissional do arquiteto e participação dos alunos na reformulação do currículo foram estabelecidas. No dia 16 de agosto de 1968, as comissões permaneceram em discussão, acontecimento que se estendeu para o dia 17, quando a reitoria comunicou à Comissão do Conselho Departamental sobre a “ilegalidade do seminário”. Mesmo admitindo a eficiência do movimento, o reitor se posicionou contrário à organização estudantil, ameaçando a Faculdade de Arquitetura à punição caso continuasse com a conferência. No dia 19 de agosto de 1968, as informações sobre o movimento foram discutidas e um relatório redigido. O texto recebeu o nome *Seminário aberto é legal*, fazendo menção à ilegalidade atribuída pela reitoria. Alunos e professores, mesmo após as ameaças, deram continuidade às discussões. Nos dias 09 a 23 de setembro de 1968, o seminário que havia sido negado pelo reitor, na tentativa de enfraquecer o movimento, ocorreu.

Composto por cinco grupos de estudos,⁵¹⁴ a conferência foi formada por professores e estudantes, com colaboração de representantes do IAB e outros docentes da universidade. Com o objetivo de servir de orientação à reestruturação universitária em curso, as discussões tiveram por princípio uma reforma curricular pautada na missão social, cultural e humana do arquiteto, conceitos progressistas defendidos por Demetrio, Graeff e Paiva nas reformas anteriores ao Golpe. De acordo com o relatório final do seminário, os conhecimentos específicos necessários à formação deveriam “estar envolvidos pela capacitação em compreender e atuar na dinâmica da realidade contemporânea em que se insere a problemática do desenvolvimento brasileiro e,

⁵¹³ Estavam presentes os professores: Frederico Werber Grundig (presidente), Paulo Gomes de Freitas, Carlos Mancuso, Julio de Castilhos, Julio Rubbo, Carlos Fayet, Cláudio Araújo e o aluno Paulo Bágio.

⁵¹⁴ Relatório grupo de trabalho 1: Paulo Gomes de Freitas (Presidente), Miguel A. Pereira (Relator), Enio Martins (Secretários) /Relatório grupo de trabalho 2: Udo Sílvio Mohr (Presidente), Pedro Mohr (Relator) (e (nome não legível), Briane Panitz (Secretários) /Relatório grupo de trabalho 3: Jaime Luna dos Santos (Presidente), Carlos Max Moreira Maia (Relator), Sidnei Birman (Secretários) /Relatório grupo de trabalho 4: Francisco Riopardense de Macedo (Presidente), Claudio Ferlauto (Relator), Telmo Borba Magadan (Secretários) /Relatório grupo de trabalho 5: Carlos M. Fayet (Presidente), Carlos Alberto Gravina (Relator), Ana Cristina Marozzyk (Secretários) /Relatório Final: Carlos Maximiliano Fayet (Relator Geral,) Carlos Max Moreira Maia, Miguel Alves Pereira, Cláudio Augusto Rosa Ferlauto (Acadêmico), Pedro Mohr (Acadêmico) - Comissão Auxiliar de Redação: Udo Sílvio Mohr (Prof.), Luis Frederico Mentz (Prof.), Francisco Simch (Prof.), Maria Elizabeth Pereira Rego (aluno), Cairo Silva (aluno), Luiz Carlos Rosa Felizardo (aluno).

portanto, a da nossa arquitetura, através de uma visão perspectiva e prospectiva do progresso da humanidade”⁵¹⁵.

Com informações sobre a estrutura do ensino (ingresso, formação básica, formação profissional, trabalho para diplomação, pós-graduação para mestrado, pós-graduação para doutoramento e especialização), o relatório final do seminário apresentava sugestões de forma a possibilitar que a universidade promovesse a

*integração do homem em sua circunstância histórica, proporcionando-lhe instrumento para a compreensão e a crítica do seu processo cultural, tendo por objetivo elevar a Universidade ao plano da racionalidade crítica e criadora, tornando-a instância de reflexão sobre as condições e o sentido de desenvolvimento, transcendendo somente da instrumentalidade para afirmar-se em seu papel de liderança, integrando o saber em suas várias formas e não apenas atuando como instrumento de crescimento econômico, mas contribuindo para o desenvolvimento do homem*⁵¹⁶. (DAFA, 1968, p. 2.)

Como já mencionado anteriormente, a reforma do ensino apenas se efetivou na década de 1970, sob o jugo do Regime Militar, por meio do acordo MEC-USAID. Fato de grande importância, pois delimitou a estrutura da Faculdade de Arquitetura existente, cujo fundamento se distancia do que foi pensado e discutido nos anos de 1950 e 1960, tendo por protagonistas professores comunistas.

Segundo o relatório do 1º Seminário de Ensino de Arquitetura, realizado nos dias 4, 5 e 6 abril de 1978, muitos debates, fóruns e seminários mobilizaram a Faculdade de Arquitetura nos anos antecedentes a década de 1970. No entanto, de acordo com os redatores, toda essa luta, por ocasionar o “avanço da consciência e organização de estudantes e professores”⁵¹⁷, entrou no esquecimento da direção da Faculdade. No relatório, a falta de documentação do evento de 1968, momento em que a “Faculdade parou durante mais de um mês, quando estudantes e professores avaliaram o ensino de arquitetura”⁵¹⁸, foi denunciada como um ato que sugeria querer “apagar da memória” o registro dos acontecimentos.

⁵¹⁵ DIRETÓRIO ACADÊMICO DA FACULDADE DE ARQUITETURA. Seminário de estudos para uma nova estrutura de ensino da faculdade de Arquitetura da UFRGS – 09 a 23 set. 68. Relatório Final. Porto Alegre, 1968, p. 2.

⁵¹⁶ Idem.

⁵¹⁷ DIRETÓRIO ACADÊMICO DA FACULDADE DE ARQUITETURA. 1º Seminário de Ensino de Arquitetura (4, 5 e 6 abril de 1978). Porto Alegre, 1978, p. 1.

⁵¹⁸ Idem.

Da mesma maneira que os seminários, a conjuração aos 5 professores comunistas se efetivou quando as medidas impositivas pelo Regime Militar e as reformas do ensino conseguiram silenciar a academia, distanciando-a do pensamento crítico e questionador comum aos ideais progressistas. Quietude que, de forma semelhante, permanece na atualidade como característica do ensino universitário, evidenciando o necessário retorno à herança deixada por este grupo de arquitetos e urbanistas. Pouco se preocupando com a aproximação do ensino à realidade brasileira e com o papel do arquiteto na sociedade, o ensino ministrado 30 anos após o fim da Ditadura esconde seu passado de luta e de ênfase na importância política, não permitindo aos alunos o entendimento desta “arte de negociação”, independente de filiação partidária, como elemento inseparável do nosso meio social.

6

DESFECHO

AOS QUE VÃO NASCER

1

É verdade, eu vivo em tempos negros.
Palavra inocente é tolice. Uma testa sem rugas
Indica insensibilidade. Aquele que ri
Apenas não recebeu ainda
A terrível notícia.

Que tempos são esses, em que
Falar de árvores é quase um crime
Pois implica silenciar sobre tantas barbaridades?
Aquele que atravessa a rua tranqüilo
Não está mais ao alcance de seus amigos
Necessitados?

Sim, ainda ganho meu sustento
Mas acreditem: é puro acaso. Nada do que faço
Me dá direito a comer a fartar.
Por acaso fui poupado. (Se minha sorte acaba, estou
perdido.)

As pessoas me dizem: Coma e beba! Alegre-se porque
tem!

Mas como posso comer e beber, se
Tiro o que como ao que tem fome
E meu copo d'água falta ao que tem sede?
E no entanto eu como e bebo.

Eu bem gostaria de ser sábio.
Nos velhos livros se encontra o que é sabedoria:
Manter-se afastado da luta do mundo e a vida breve
Levar sem medo
E passar sem violência
Pagar o mal com o bem
Não satisfazer os desejos, mas esquecê-los
Isto é sábio.
Nada disso sei fazer:
É verdade, eu vivo em tempos negros.

2

À cidade cheguei em tempo de desordem
Quando reinava a fome.
Entre os homens cheguei em tempo de tumulto
E me revoltei junto com eles.
Assim passou o tempo
Que sobre a terra me foi dado.

A comida comi entre as batalhas
Deitei-me para dormir entre os assassinos
Do amor cuidei displicente
E impaciente contemplei a natureza.
Assim passou o tempo
Que sobre a terra me foi dado.

As ruas de meu tempo conduziam ao pântano.
A linguagem denunciou-me ao carrasco.
Eu pouco podia fazer. Mas os que estavam por cima
Estariam melhor sem mim, disso tive esperança.
Assim passou o tempo
Que sobre a terra me foi dado.

As forças eram mínimas. A meta
Estava bem distante.
Era bem visível, embora para mim
Quase inatingível.
Assim passou o tempo
Que nesta terra me foi dado.

3

Vocês, que emergirão do dilúvio
Em que afundamos
Pensem
Quando falarem de nossas fraquezas
Também nos tempos negros
De que escaparam.
Andávamos então, trocando de países como de sandá-
lias
Através das lutas de classes, desesperados
Quando havia só injustiça e nenhuma revolta.

Entretanto sabemos:
Também o ódio à baixaza
Deforma as feições.
Também a ira pela injustiça
Torna a voz rouca. Ah, e nós
Que queríamos preparar o chão para o amor
Não pudemos nós mesmos ser amigos.

Mas vocês, quando chegar o momento
Do homem ser parceiro do homem
Pensem em nós
Com simpatia.

Bertolt Brecht



IMAGEM 37

Desculpe o transtorno! Estamos mudando o Brasil!

Disponível em: <<http://www.robsonpiresxerife.com/brasil/enquete-voce-e-a-favor-ou-contra-manifestacoes-no-brasil/>> Imagem modificada de forma artística pela autora.

Na qualidade de intelectuais engajados politicamente, ao grupo não foi vedada a mesma indagação que assombrava Derrida: quais as identidades de Marx deveriam ser preservadas, conservadas e rejeitadas? Em meio ao silenciamento do caráter revolucionário e da esperança de dias melhores, a presença do pensamento de esquerda entre os profissionais ligados à arquitetura veio por gerar novas formas de entender e atuar na profissão.

Ao colocar em pauta novos problemas a serem enfrentados e temas a serem debatidos, como a internacionalização da arquitetura, o cosmopolitismo, a constituição de um homem tipo, o falso humanismo e a arquitetura à serviço da classe dominante, Demetrio Ribeiro, Edgar Graeff, Edvaldo Pereira Paiva, Enilda Ribeiro e Nelson Souza esperançasavam por reflexos na maneira como o espaço da cidade seria pensado e, conseqüentemente, como seria compreendido, conformado e apropriado pelos seus usuários. As dimensões política, social, econômica e cultural, favorecidas pelo pensamento marxista e pelas temáticas do Partido Comunista, ao se materializarem nos projetos arquitetônicos e urbanísticos, colocavam no cotidiano dos usuários discursos e espaços que, ao serem percebidos, influíam no comportamento e nos hábitos da sociedade.

A Utopia, entendida como o princípio que alimenta a esperança e a prática que coloca os cidadãos a lutarem no momento presente [*the time*] por uma sociedade mais humana, se apresentava, ao lado da aceitação, a herança do passado, como elemento indispensável ao

desenvolvimento da práxis revolucionária e, de maneira consequente, a efetivação do projeto ideológico de cidade e sociedade. Como pressuposto às mudanças qualitativas e irreversíveis que viriam por implantar o socialismo, a revolução do pensamento foi posta aos 5 como tarefa a ser seguida.

O necessário conhecimento da realidade existente, isto é, da identidade do momento presente, tornou-se objeto de busca do grupo de professores comunistas que, por intermédio da ativa luta, do questionamento aos fatos, da intervenção crítica na sociedade pretendia auxiliar o cidadão brasileiro na busca por um porvir mais humano e justo.

Apesar de visíveis as influências nos princípios éticos e ideológicos aplicados à Arquitetura moderna no Rio Grande do Sul, é pertinente destacar que Demetrio, Graeff, Paiva, Enilda e Nelson, em nenhum momento, especialmente sob o julgo da defesa profissional, pensaram e desenvolveram a Arquitetura e o Urbanismo especificamente com base no Marxismo. Karl Marx fez aparições e atuou nas reflexões sobre a origem e o verdadeiro sentido da arquitetura, porém, foi posto de lado em inúmeras discussões, como no debate sobre a contradição entre o fazer e o pensar, inerente à profissão.

Na qualidade de intelectuais membros do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e adeptos às resoluções e aos princípios políticos do partido, em certas ocasiões, também deixaram de lado o pensamento crítico e questionador, traço característico do materialismo histórico dialético, praticando o culto a personalidades como Stálin, Prestes e a própria imagem do arquiteto e urbanista como gênio criador. A preservação, conservação e/ou rejeição a certos espectros do filósofo Karl Marx, como havia proposto Derrida por meio do trabalho de luto, fez da identificação aos despojos do morto, seleção correspondente aos interesses à manutenção profissional.

A grande contradição entre ser comunista e arquiteto acarretou aos 5 posicionamento e discursos ambíguos, uma vez que a defesa profissional e a emancipação econômica não encontravam condição harmoniosa de convívio. A manutenção dos privilégios econômicos e sociais em virtude do intelecto, automaticamente, colocava em questionamento a ligação destes com a classe operária. Propor a discussão sobre a existência da profissão de arquiteto não significava, como insinuava Edgar Graeff⁵¹⁹, exigir que os arquitetos cruzassem os braços à espera da concretização de uma utopia, nem mesmo que assistissem à degradação das cidades e sociedades sonhando com a revolução, mas, como defende Paulo Bicca, em “analisar o

⁵¹⁹ Edgar Graeff tratou sobre melhorias e reformas da cidade no texto A questão do espaço urbano. (GRAEFF, Edgar Albuquerque. Cidade Utopia. - Belo Horizonte: Vega, 1979, p. 89-106.)

presente, descobrir suas contradições e dessa forma tornar inteligível (consciente) seu desenvolvimento, ou melhor, sua revolução necessária e possível”⁵²⁰.

Tratar o direito à habitação e à apropriação coletiva dos espaços sem pensar nas relações de produção seria o mesmo que tratar a arquitetura como mercadoria, a qual se compra, nem sempre por necessidade e sem preocupações com o processo de produção. A postura dos 5 professores em discutir melhorias sociais e espaciais – mesmo que conscientes do seu caráter imediatista, ciente da limitação profissional frente à solução dos problemas habitacionais e do desejo em conformar uma sociedade socialista – e, ao mesmo tempo, de não se posicionarem perante a supressão profissional, de certa forma, os invalida o título de revolucionários, os fixando o rótulo de reformistas.

A partir do Golpe de 1964, quando as aparições dos espectros de Marx e o aparente perigo à democracia capitalista trouxeram à tona uma nova conjuração ao marxismo – instante em que o grupo sofreu tentativa de silenciamento por parte dos militares e foi expurgado da UFRGS – seus pensamentos continuaram sendo difundidos por meio de publicações em jornais, revistas e livros, da atuação em entidades profissionais, como IAB, entre outros, permanecendo a influência sobre a classe de arquitetos e o movimento estudantil. Pretendia-se, por parte dos militares, acabar com o projeto de desalienação da sociedade, em especial, o desenvolvido pelo grupo de arquitetos e urbanistas efetivado, principalmente, por meio da reforma do ensino.

Sendo a cidade o *locus* de atuação do arquiteto, tornava-se imprescindível a estes profissionais a participação no debate sobre o seu planejamento e gestão. A consciência da alienação profissional impulsionava Demetrio, Graeff, Paiva, Enilda e Nelson, os 5 professores comunistas, na interrogação das políticas existentes, no princípio de sua profissão, bem como seu compromisso e missão enquanto arquitetos e cidadãos comprometidos a um projeto ideológico de cidade e sociedade.

⁵²⁰ BICCA, Paulo. *Arquiteto a máscara e a face*. – São Paulo: Projeto Editores Associados, 1984, p. 194.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

FONTES PRIMÁRIAS

Abrir Portas e janelas. **AU – Arquitetura Urbanismo**, ano 2, nº5, p. 38-40, abr. 1986.

Ao lado do pai: um natal mais belo para Anita Leocádia. **Imprensa Popular**, Rio de Janeiro, 24 dez. 1957.

Apoio da UNE à criação da Faculdade de Arquitetura. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 11 jun. 1950.

Arquitetura para os arquitetos. **Arquitetura/RS**, Porto Alegre, nº7, abr.- mai. 1977.

Assine o Apêlo por um Pacto de Paz. **Horizonte**, ano II, nº 5, capa, maio 1952.

BERED, Emil. Impressões sobre os acontecimentos ligados à fundação da Faculdade de Arquitetura da UFRGS. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] **Arquitetura UFRGS: 50 anos de histórias**. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. p. 33-38.

BIBLIOTECA DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Mensagem ao Congresso Nacional**. In: Instituto João Goulart. Conteúdo. Disponível em:
< <http://www.institutojoaogoulart.org.br/conteudo.php?id=68> >

BRASIL. Decreto nº 23.569, de 11 de dezembro de 1933. **Conselho Federal de Engenharia e Agronomia**, legislação, consulta geral. Disponível em:
<<http://normativos.confea.org.br/ementas/visualiza.asp?idEmenta=3&idTiposEmentas=2&Numero=&AnoIni=1933&AnoFim=1933&PalavraChave=&buscarem=conteudo>> Acesso em: 02/02/2017.

BRASIL. Lei nº 4.464, de 9 de novembro de 1964. **Presidência da República Casa Civil**, legislação, consulta geral. Disponível em:
< http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L4464.htm>

CARVALHO, Vera Fabrício; RIBEIRO, Enilda. Por uma faculdade de arquitetura – PUFA. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] **Arquitetura UFRGS: 50 anos de histórias**. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. p. 39-41.

COMITÊ CENTRAL DO PCB. Breve histórico do PCB. **PCB**, set. 2010. Disponível em:
< <http://pcb.org.br/portal/docs/historia.pdf>> Acesso em: 21 fev. 2015.

Como solucionar os impasses da profissão. **Arquitetura/RS**, Porto Alegre, nº4, jan. 1976.

Conclusão do Congresso de ensino. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 120, nº 208, p. 2, 10 out. 1945.

Congresso Brasileiro de Ensino de Engenharia e Arquitetura. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 120, nº 201, p. 4, 02 out. 1945.

CONSELHO DE ARQUITETURA E URBANISMO DO BRASIL. Resolução nº 51, de 12 de julho de 2013. Disponível em:

<<http://www.caubr.gov.br/wp-content/uploads/2012/07/RES51-2013ATRIBPRIVATIVAS20-RPO-1.pdf>> Acesso em: 02/02/2017.

CREA-RS renova Conselho e reafirma dirigentes. **Conselho em Revista**, ano IV, nº41, p. 8, jan. 2008.

DIRETÓRIO ACADÊMICO DA FACULDADE DE ARQUITETURA. Nosso ensino é uma farsa. Porto Alegre, 1968.

DIRETÓRIO ACADÊMICO DA FACULDADE DE ARQUITETURA. Seminário aberto é legal. Porto Alegre, 1968.

DIRETÓRIO ACADÊMICO DA FACULDADE DE ARQUITETURA. Seminário de estudos para uma nova estrutura de ensino da faculdade de Arquitetura da UFRGS – 09 a 23 set. 68. Relatório Final. Porto Alegre, 1968.

DIRETÓRIO ACADÊMICO DA FACULDADE DE ARQUITETURA. Sobre ensino I. Porto Alegre, 1968.

DIRETÓRIO ACADÊMICO DA FACULDADE DE ARQUITETURA. Aos colegas da Faculdade de Arquitetura. Porto Alegre, 1969.

DIRETÓRIO ACADÊMICO DA FACULDADE DE ARQUITETURA. Comunicado ao Diretor da Faculdade de Arquitetura. Porto Alegre, 1971.

DIRETÓRIO ACADÊMICO DA FACULDADE DE ARQUITETURA. 1º Seminário de Ensino de Arquitetura (4, 5 e 6 abril de 1978). Porto Alegre, 1978.

DIRETÓRIO CENTRAL DE ESTUDANTES. **Universitário**, Porto Alegre, capa, 1973.

DIRETÓRIO CENTRAL DE ESTUDANTES. **Jornal do DCE**, Porto Alegre, p. 14, 1973.

Ensino: desejam uma faculdade os estudantes de arquitetura gaúchos. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 12 jul. 1950.

Expressivo apoio à Conferência Latino-Americana de Mulheres: novas adesões de personalidades brasileiras. **Imprensa Popular**, Rio de Janeiro, 11 jul. 1954.

FARIAN, Roberto J; FAYET, Carlos M; PAIVA, Edvaldo Pereira; RIBEIRO, Demetrio; SOUZA, Nelson; VERONESE, Roberto F. Cidade universitária. **Espaço Arquitetura**, Porto Alegre, ano 1, nº2, p. 29-39, 1958.

GRAEFF, Edgar Albuquerque. Desenvolvimento dos programas arquitetônicos. **Cadernos de estudos - CEUA**, nº 2.

GRAEFF, Edgar Albuquerque. (1949) Criação de uma faculdade de arquitetura. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] **Arquitetura UFRGS: 50 anos de histórias**. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. p. 15-22.

- GRAEFF, Edgar Albuquerque. Sobre arquitetura. **Horizonte**, Porto Alegre, nº6, p. 170-171, jun. 1951. CD-ROM.
- GRAEFF, Edgar Albuquerque. Sobre arquitetura. **Horizonte**, Porto Alegre, nº5, p. 116-117, 1952. CD-ROM.
- GRAEFF, Edgar Albuquerque. (1953) Sobre a questão da arquitetura moderna brasileira. In: GRAEFF, Edgar Albuquerque. *Arquitetura e o Homem*. – Belo Horizonte: EAU UMG, 1959, p. 3-26.
- GRAEFF, Edgar Albuquerque. Condições históricas do aparecimento da arquitetura. **Cadernos da Faculdade de Arquitetura**, Porto Alegre, nº1, p. 1-7, set. 1955.
- GRAEFF, Edgar Albuquerque. *Arquitetura e o Homem*. – Belo Horizonte: EAU UMG, 1959.
- GRAEFF, Edgar Albuquerque. Uma sistemática para o estudo da teoria da arquitetura. Tese (cátedra) - Universidade do Rio Grande do Sul. Faculdade de Arquitetura. Cadeira de Teoria da Arquitetura, Porto Alegre, BR-RS, 1959. 100 p.
- GRAEFF, Edgar Albuquerque. *Arquitetura Brasileira*. Porto Alegre: CEUA, 1960, 95 p.
- GRAEFF, Edgar Albuquerque. Os fatores da arquitetura e suas relações. **Cadernos do DAFA**, Porto Alegre, nº 1, 1961. 71 p.
- GRAEFF, Edgar Albuquerque. A formação teórica do arquiteto. **Cadernos de Estudos – CEUA**, Porto Alegre, nº 10, 1961.
- GRAEFF, Edgar Albuquerque. Três categorias artísticas na Arquitetura. **Cadernos de Estudos - DAFA**, Porto Alegre, nº 25, fev. 1967.
- GRAEFF, Edgar Albuquerque. Importância social e humana da arquitetura. **Cadernos de Estudos - DAFA**, Porto Alegre, nº 26, jun. 1967.
- GRAEFF, Edgar Albuquerque. Os elementos estruturais de uma praça. **Cadernos de Estudos – DAFA**, Porto Alegre, nº29, maio 1968.
- GRAEFF, Edgar Albuquerque. (1969) A forma na arquitetura. In: XAVIER, Alberto. *Depoimento de uma geração*. - São Paulo: Pini, 1987. p. 211-217.
- GRAEFF, Edgar Albuquerque. (1978) A superação da dependência cultural. In: XAVIER, Alberto. *Depoimento de uma geração*. - São Paulo: Pini, 1987. p. 273-277.
- GRAEFF, Edgar Albuquerque. *Cidade Utopia*. - Belo Horizonte: Vega, 1979.
- GRAEFF, Edgar Albuquerque. **Módulo**, Rio de Janeiro, nº 57, p. 98-99, fev. 1980.
- GRAEFF, Edgar Albuquerque. Oito vertentes e dois momentos de síntese da arquitetura brasileira: Vertente bbrasileira, 1982. 53 p.
- GRAEFF, Edgar Albuquerque. Sambódromo: um importante espaço de lazer popular. In: **Lua Nova**, São Paulo, vol.1, nº 2, set. 1984.
- GRAEFF, Edgar Albuquerque. *Goiânia: 50 anos*. Goiânia: PUC/Go, MEC, 1985.

- GRAEFF, Edgar Albuquerque. Mestre Paiva - Memorial. In: INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL/RS. [Org.] Edvaldo Pereira Paiva. Um urbanista. – Porto Alegre: UFRGS/IAB-RS, 1985. p. 29-31.
- GRAEFF, Edgar Albuquerque. A luta por um ensino autônomo. In: XAVIER, Alberto; MIZOGUCHI, Ivan. Arquitetura Moderna em Porto Alegre. São Paulo: Pini, 1987. p. 32-33.
- GRAEFF, Edgar Albuquerque. Lúcio Costa: Brasília Revisitada, 1987. In: Instituto Antônio Carlos Jobim. Acervo Lucio III. 2007. Disponível em:
< <http://www.jobim.org/lucio/handle/2010.3/3211?show=full>> Acesso em: 31 agosto 2014.
- GRAEFF, Edgar Albuquerque. Arte e técnica na formação do arquiteto. São Paulo: Studio Nobel, Fundação Vilanova Artigas, 1995.
- Instalação do IAB/DN. **Arquitetura/RS**, Porto Alegre, nº7, abr.- mai. 1977.
- INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL/RS. [Org.] Edvaldo Pereira Paiva. Um urbanista. – Porto Alegre: UFRGS/IAB-RS, 1985.
- IV Congresso do Partido Comunista. **Problemas**, nº 64, capa, dez 1954/fev 1955.
- Jornal da Universidade**, Porto Alegre, ano IV, nº37, jan.-fev. 2001. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. – Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005. p. 141-149.
- Jornal Zero Hora**, Porto Alegre, 28 jun. 2003. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. – Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005. p. 150-167.
- Liberdade. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 24 fev. 1964, p. 9.
- Manifesto do Diretório Acadêmico da Escola Nacional de Engenharia. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, 17 maio 1950.
- MATOS, Milton. Um tempo de descobertas. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. – Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005. p. 131-136.
- Mensagem dos intelectuais gaúchos a Stálin. **Horizonte**, Porto Alegre, Ano 1, nº4, dez. 1950, p. 19.
- O eclético. **GFAU**, Santos - SP, p. 2, set. 1972.
- O ‘Partidão’ sai à luz. **Istoé**, São Paulo, 15 fev. 1984.
- Os estudantes de arquitetura e de belas Artes dirigem-se aos membros das Comissões de Finanças e Educação do Senado. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 2, 7 maio 1950.
- PAIVA, Edvaldo Pereira. Um plano de urbanização. Porto Alegre: Globo, 1943.
- PAIVA, Edvaldo Pereira. Problemas urbanos de Porto Alegre: palestra. Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Belas Artes, 1951. 29 p.

PAIVA, Edvaldo Pereira. A ciência urbanística e a realidade social brasileira II. **Horizonte**, Porto Alegre, ano III, nº3, p. 85-87, nov.-dez. 1953. CD-ROM.

PAIVA, Edvaldo Pereira. (1953) Sobre o ensino da urbanística. In: Cadernos da Faculdade de Arquitetura, nº1, p. 1-11, set. 1955.

PAIVA, Edvaldo Pereira. A ciência urbanística e a realidade social brasileira III. **Horizonte**, Porto Alegre, ano IV, nº26, p. 6-10, 1954. CD-ROM.

PAIVA, Edvaldo Pereira. A ciência urbanística e a realidade social brasileira IV. **Horizonte**, Porto Alegre, ano IV, nº27, p. 44-47, mar.-abr. 1954. CD-ROM.

PAIVA, Edvaldo Pereira. A ciência urbanística e a realidade social brasileira V. **Horizonte**, Porto Alegre, ano IV, nº28, p. 88-92, maio-ago. 1954. CD-ROM.

PAIVA, Edvaldo Pereira. O problema da cidade universitária. **Horizonte**, Porto Alegre, ano VI, nº29, p. 116-118; 130; 113, nov.-dez. 1954. CD-ROM.

PAIVA, Edvaldo Pereira. A ciência urbanística e a realidade social brasileira VI. **Horizonte**, Porto Alegre, ano VI, nº30, p.26-27, jan.-fev. 1954. CD-ROM.

PAIVA, Edvaldo Pereira. A ciência urbanística e a realidade social brasileira VI (conclusão). **Horizonte**, Porto Alegre, ano VI, nº31, p. 28-29, nov. 1955. CD-ROM.

PAIVA, Edvaldo Pereira. A Urbanística e a realidade brasileira. **Cadernos de Estudos – CEUA**, Porto Alegre, nº2, 1959.

PAIVA, Edvaldo Pereira. Memórias urbanísticas de Porto Alegre. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 1979.

PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL. **Estatutos do Partido Comunista do Brasil. Direito e deveres dos membros do partido.** 1945. 16p. In: Marxists, Internet Archive. Documentos. 2012. Disponível em:

< <https://www.marxists.org/portugues/tematica/1945/11/estatuto-pcb.htm> > Acesso em: março 2015.

PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL. **Manifesto de agosto de 1950.** Rio de Janeiro, 1950. 16 p. In: Fundação Dinarco Reis, 2016. Disponível em: <http://pcb.org.br/fdr/index.php?option=com_content&view=article&id=89:o-manifesto-de-agosto&catid=1:historia-do-pcb> Acesso em: março 2015.

PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL. **Estatutos do Partido Comunista do Brasil.** 1954. 9 p. In: Marxists, Internet Archive. Documentos. 2012. Disponível em:< https://www.marxists.org/portugues/tematica/rev_prob/64/estatutos.htm > Acesso em: março 2015.

PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL. **IV Congresso do Partido Comunista do Brasil – PCB: Informe de Balanço do Comitê Central do PCB ao IV Congresso do Partido Comunista do Brasil.** 1954. In: Marxists, Internet Archive. Documentos. 2006. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/prestes/1954/informe/cap03.htm#iii6>> Acesso em: março 2015.

PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL. **Resolução Política do IV Congresso do Partido Comunista do Brasil. Sobre o Informe de Balanço do Comitê Central, apresentado pelo Camarada Luiz Carlos Prestes.** 1954. In: Marxists, Internet Archive. Documentos. 2006. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/tematica/rev_prob/64/res_inf_prestes.htm> Acesso em: março 2015.

PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL. **Declaração Março de 1958.** Rio de Janeiro, 1958. 22 p. In: Marxists, Internet Archive. Documentos. 2012. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/tematica/1958/03/pcb.htm>> Acesso em: março 2015.

PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL. **Resolução Política do V Congresso PCB.** 1960. In: Marxists, Internet Archive. Documentos. 2013. Disponível em: < http://pcb.org.br/fdr/index.php?option=com_content&view=article&id=149:resolucao-politica-do-v-congresso-do-pcb&catid=1:historia-do-pcb >

PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL. **Resolução Política VI Congresso PCB.** 1967. In: **Marxists**, Internet Archive. Documentos. 2014. Disponível em: < <https://www.marxists.org/portugues/tematica/1967/12/resolucao.htm>> Acesso em: março 2015.

Pelas liberdades democráticas para o povo. **Horizonte**, Porto Alegre, nº5, capa, jan. 1951. CD-ROM.

Por Melhores Condições de Vida, Unidade e Paz. Convocada a II Assembléia Nacional de Mulheres para outubro próximo, em Porto Alegre. **Imprensa Popular**, p. 5, 13 set. 1953.

Primeiro Congresso Nacional de Intelectuais: convocação. **Diário de Notícias**, p. 4, 18 dez. 1953.

Relatório da Comissão Anísio Teixeira de Memória e Verdade da Universidade de Brasília. Brasília: FAC-UnB, 2016.

Relatório Grupo de estudos sobre o ensino de arquitetura e urbanismo. Encontro Regional de Educadores, São Paulo, dez. 1960.

Revista Adverso, Porto Alegre, ano I, nº zero, jul.-ago. 1990. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. – Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005. p. 131-140.

RIBEIRO, Demetrio. O arquiteto Neutra. **Horizonte**, Porto Alegre, nº5, p. 46, jan. 1951. CD-ROM.

RIBEIRO, Demetrio. Sobre a arquitetura brasileira. **Horizonte**, Porto Alegre, nº5, p. 145, maio 1951. CD-ROM.

RIBEIRO, Demetrio. (1952) Discurso à primeira turma da Faculdade de Arquitetura da UFRGS. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. – Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005. p. 79-85.

RIBEIRO, Demetrio. Discurso de Paraninfo. **Horizonte**, Porto Alegre, nº1, p. 25-27, jan. 1952. CD-ROM.

RIBEIRO, Demetrio. Sobre a arquitetura brasileira. **Horizonte**, Porto Alegre, nº11-12, p. 338-339, nov.-dez. 1955. CD-ROM.

RIBEIRO, Demetrio; SOUZA, Nelson; RIBEIRO, Enilda. (1956) Situação da Arquitetura Brasileira. In: XAVIER, Alberto. Depoimento de uma geração. - São Paulo: Pini, 1987. p. 150-154.

RIBEIRO, Demetrio. (1959) A profissão do arquiteto. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. – Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005. p. 19-23.

RIBEIRO, Demetrio. O projeto na formação do arquiteto. **Caderno de Estudos – CEUA**, Porto Alegre, nº10, 1961.

RIBEIRO, Demetrio. Conclusão do grupo de estudos da 8º região. **Cadernos de estudos - CEUA**, nº15, 1961.

RIBEIRO, Demetrio. (1975) Criatividade arquitetônica e subdesenvolvimento. In: XAVIER, Alberto. Depoimento de uma geração. - São Paulo: Pini, 1987. p. 249-258.

RIBEIRO, Demetrio. (1977) As novas condições de trabalho do arquiteto. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. – Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005. p. 24-29.

RIBEIRO, Demetrio. (1977) Discurso à turma de 1977/1 da faculdade de Arquitetura da UFRGS. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. – Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005. p. 92-96.

RIBEIRO, Demetrio. Qualidade de vida da cidade é limitada pelos desníveis de renda. **Mercados**, Porto Alegre, v 4, nº29, 1978, p. 3-10.

RIBEIRO, Demetrio. (1979) As reivindicações profissionais do Instituto de Arquitetos do Brasil. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. – Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005. p. 30-33.

RIBEIRO, Demetrio. (1979) Discurso de abertura do X Congresso Brasileiro de Arquitetos. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. – Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005. p. 86-91.

RIBEIRO, Demetrio. Os desafios de um Congresso. **Projeto**, São Paulo, nº 44, p. 27, out.1982.

RIBEIRO, Demetrio. Neste depoimento, um pouco da história de nossa arquitetura. **Projeto**, São Paulo, nº50, p. 40-41, 1983.

RIBEIRO, Demetrio. (1984) Legislação profissional (uma contradição artificial). In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. – Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005. p. 34-36.

RIBEIRO, Demetrio. (1985) Discurso ao XII Congresso Brasileiro de Arquitetos “Villanova Artigas”. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. – Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005. p. 97-101.

RIBEIRO, Demetrio. Recordações de Paiva. In: INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL/RS. [Org.] Edvaldo Pereira Paiva. Um urbanista. – Porto Alegre: UFRGS/IAB-RS, 1985. p.21-24.

RIBEIRO, Demetrio. Técnica e democracia na vida urbana. **Espaço**, São Paulo, v 2, n° 2, 1985.

RIBEIRO, Demetrio. Editorial: universidade e a constituinte. **Revista gaúcha de enfermagem**, vol. 6, n° 1, p. III, jan. 1985.

RIBEIRO, Demetrio; GRAEFF, Edgar A; MAITREJEAN, Jon Andoni. Análise de cursos de graduação. **Projeto**, São Paulo, n° 81, p. 66-67, nov. 1985.

RIBEIRO, Demétrio. Denso olhar de um sábio - depoimento (a José Wolf). **AU – Arquitetura Urbanismo**, ano 2, n° 4, p. 16, fev. 1986.

RIBEIRO, Demetrio. O ensino da arquitetura e a realidade profissional. **Projeto**, São Paulo, n°89, p. 101, 1986.

RIBEIRO, Demetrio. A arquitetura no período 45-60. In: XAVIER, Alberto; MIZOGUCHI, Ivan. *Arquitetura Moderna em Porto Alegre*. São Paulo: Pini, 1987. p. 26-31.

RIBEIRO, Demetrio. Os arquitetos e o planejamento urbano. **Projeto**, São Paulo, n°95, p. 83, 1987.

RIBEIRO, Demetrio. (1988) Inovações na política urbana. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. – Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005. p. 42-44.

RIBEIRO, Demetrio. O novo e a moda na formação dos arquitetos. In: SVENSSON, Frank. [Org.] *Arquitetura e Conhecimento*. – Brasília: Alva, n°6, 1988. p. 1-6.

RIBEIRO, Demetrio. (1988) Urbanismo e favelamento. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. – Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005. p. 45-51.

RIBEIRO, Demetrio. (1991) Perspectiva do IAB. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. – Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005. p. 52-53.

RIBEIRO, Demetrio. (1992) O planejamento urbano no Rio Grande do Sul (um depoimento sobre as vicissitudes da ideia do plano diretor, de 1945 até hoje). In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. – Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005. p. 54-70.

RIBEIRO, Demetrio. (1993) A esquerda e as privatizações. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. – Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005. p. 103-106.

RIBEIRO, Demetrio. (1996) Por que reler Proudhon. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. – Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005. p. 107-116.

RIBEIRO, Demetrio. (1999) A doutrina de Augusto Comte e a sociedade atual. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. – Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005. p. 117-119.

RIBEIRO, Demetrio. (2000) Contribuição ao debate sobre o 2º PDDU no CEM. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. – Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005. p. 71-74.

RIBEIRO, Demetrio. (2000) Reflexões sobre um gesto de amizade. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. – Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005. p. 120-122.

RIBEIRO, Demetrio. (2002) Breves notas sobre o tema marxismo e ecologismo. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. – Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005. p. 123-124.

RIBEIRO, Demetrio. Um depoimento sobre a criação, por Tasso Corrêa, do ensino da arquitetura no Rio Grande do Sul. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Arquitetura UFRGS: 50 anos de histórias. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. p. 23-27.

RIBEIRO, Demetrio. (2003) A respeito do Plano Diretor de Porto Alegre. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. – Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005. p. 75-76.

Segundo Congresso Brasileiro de Arquitetos. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 3, 26 de nov. 1948.

SOUZA, Nelson. Sobre arquitetura. **Horizonte**, Ano I, nº7, p. 207-208, jul. 1951. CD-ROM.

SOUZA, Nelson. Sobre arquitetura moderna. **Horizonte**, Ano II, nº 9, p. 245, out.-nov 1952. CD-ROM.

SOUZA, Nelson. O segundo volume das Obras de Stálin. **Horizonte**, Ano III, nº 1, p. 323, jul. 1953. CD-ROM.

SOUZA, Nelson. O Projeto de Programa do PCB e os Problemas da Arquitetura. **Horizonte**, Ano IV, nº 26, p. 11, jan.-fev. 1954. CD-ROM.

SOUZA, Nelson. Arquitetura e democracia. **Cadernos do DAFA**, Porto Alegre, nº 3, 1979.

SOUZA, Nelson. A questão da democracia e a arquitetura moderna no Brasil. - Porto Alegre: Instituto de Arquitetos do Brasil/RS, 1979.

SUPREMO TRIBUNAL ELEITORAL. Filiação Partidária – Relação de Filiados. Disponível em: < <http://www.tse.jus.br/partidos/filiacao-partidaria/relacao-de-filiados>>

União por uma vida melhor e pela paz. **Horizonte**, ano I, nº 6, capa, jun. 1951.

FONTES SECUNDÁRIAS

ABREU, Alzira Alves de. Dicionário histórico-biográfico da Primeira República. In: CPDOC, São Paulo, 2015. Disponível em: < <https://cpdoc.fgv.br/dicionario-primeira-republica> >

AIELLO, Antonio. Arqui-Samba e outras histórias. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Arquitetura UFRGS: 50 anos de histórias. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. p. 221-225.

ALQUATI, Paula Meloo Oliveira. A Vanguarda europeia e o ensino no Rio Grande do Sul: Repercussões de escolas centro-europeias de arquitetura no sul do país entre 1945 e 1951. 2014. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

AMADO, Jorge. O cavaleiro da esperança: vida de Luís Carlos Prestes. - São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

AMARAL, Aracy A. (1984) Arte para quê?: a preocupação social na arte brasileira, 1930-1970. [3° ed.]. – São Paulo: Studio Nobel, 2003.

Apresentação. **Horizonte**, Porto Alegre, ano I, nº4, dez. 1950.

ARANTES, Pedro Fiori. Arquitetura Nova: Sérgio Ferro, Flávio Império e Rodrigo Lefèvre. – São Paulo: Ed. 34, 2002.

ARTIGAS, João Batista Vilanova. Uma falsa crise. **Acrópole**, ano 27, nº 319, p. 21-22, jul. 1965. Disponível em: <<http://www.acropole.fau.usp.br/edicao/319>>

AVERBUCK, Ligia; CAMPILONGO, Maria Assunta; HOLZMANN, Lorena; MIRANDA, Luiz Alberto Oliveira Ribeiro de; SANTOS, José Vicente Tavares dos; TAITELBAUM, Aron. (1979) Universidade e repressão: os expurgos na UFRGS. [2. Ed.] – Porto Alegre: L&PM, 2008.

AXT, Gunter; SCHULER, Fernando. [Org.] 4Xs Brasil: itinerários da cultura brasileira. – Porto Alegre, RS: Artes e Ofícios, 2005.

BAUER, Caroline Silveira. Avenida João pessoa, 2050 – 3ª andar: terrorismo de estado e ação de polícia política do departamento de ordem política social do rio grande do Sul (1964-1982). 2006. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

BICCA, Paulo. Arquiteto a máscara e a face. – São Paulo: Projeto Editores Associados, 1984.

BITTENCOURT, Doris Maria M. de; CATTANI. Airtom; JOHN, Naiana Maura. Histórias de Vida Universitária: relatos de professores da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. *Ágora*, Santa Cruz do Sul, vol 8, nº1 e 2, jan.- dez. 2002.

BLOCH, Ernst. (1959) O princípio da esperança. SCHNEIDER, Nélcio. [Trad.]. - Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

BRITO, Alfredo L. (1961) Inquérito nacional de arquitetura. Belo Horizonte: UMG/EA, 1963.

CASTANHO, Sérgio Eduardo Montes. Nasce a Nação. Roland Corbisier, o nacionalismo e a teoria da cultura brasileira. 1993. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

CHAUI, Marilena. (1980) O Que é Ideologia. [2. Ed.] – São Paulo: Brasiliense, 2008.

CHAUI, Marilena. Intelectual engajado: uma figura em extinção? In: Centro de Estudos Sociais Laboratório Associado Universidade de Coimbra. Boaventura de Souza Santos. 2008. Disponível em: < http://www.ces.uc.pt/bss/documentos/intelectual_engajado.pdf> Acesso em: 23 agosto 2015.

COMISSÃO ESTADUAL DA VERDADE/RS. Relatório Final. 2014. Disponível em: <<http://www.comissaodaverdade.rs.gov.br/inicial>>

CORBISIER, Roland. Os intelectuais e a revolução. - Rio de Janeiro: Avenir Editora Limitada, 1980.

CORDEIRO, Caio Nogueira Hosannah. A reforma LUCIO COSTA e o ensino da arquitetura e do urbanismo da ENBA à FNA/1931-1946. In: Seminário nacional de estudos e pesquisas “história, sociedade e educação no Brasil”, IX, 2012, João Pessoa. Anais eletrônicos... João Pessoa: UFPB, 2012. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario9/PDFs/2.19.pdf>

COSTA, Ricardo. A Produção Político-Cultural do PCB dos anos 30 aos 60. In: Marxists. Internet Archive. Documentos. 2013. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/tematica/ano/mes/cultural.htm>>. Acesso em: 04 abril 2015.

COSTA, Wagner Cabral da. Celso Furtado e a formação econômica do Brasil: uma interpretação. In: **Revista de Políticas Públicas**, v. 2, n° 2, 1996. Disponível em: < <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/3688>>

CUNHAL, Álvaro. As Seis Características Fundamentais de um Partido Comunista, 2001. In: **Portal Vermelho**, 2008. Disponível em: < <https://www.marxists.org/portugues/cunhal/2001/09/15.htm>>

DERRIDA, Jacques. (1993) Espectros de Marx: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova internacional. SKINNER, Anamaria. [Trad.] – Rio de Janeiro: Relume – Dumará, 1994.

DORFMAN, Cesar. Havana 63. – Porto Alegre: Movimento, 2013.

Do Manifesto de Agosto de 1950 ao IV Congresso. **A nova Democracia**, ano X, n° 83, nov. 2011. Disponível em: < <http://anovademocracia.com.br/no-83/3712-do-manifesto-de-agosto-de-1950-ao-iv-congresso> >

ENGELS, Friedrich. (1872-1873) Para a Questão da Habitação. [S.l.]: Virtual Books, 2009. Disponível em:

< <https://www.marxists.org/portugues/marx/1873/habita/>> Acesso em: 15/11/2015.

ENGELS, Friedrich. (1884) A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado. [S.l.]: Virtual Books, 1964. Disponível em:
< <https://www.marxists.org/portugues/marx/1884/origem/>> Acesso em: 21/06/2015.

FABRICIO, Vera. Sobre arquitetura. **Horizonte**, Porto Alegre, ano II, nº7, jul. 1952, p. 192-193. CD-ROM.

FACIOLI, Valentim. [Org.] Por uma arte revolucionária e independente. – São Paulo: Paz e Terra, 1985. Disponível em: < <https://culturaemarxismo.files.wordpress.com/2012/10/livro-por-uma-arte-revolucionaria-independente-breton-e-trotsky.pdf>> Acesso em: 03/01/2016.

FALCÃO, Frederico José. Os homens do “passo errado”: o PCB, o stalinismo e os intelectuais no Brasil dos anos 50. In: Encontro regional de História – ANPUH, X, 2002, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

FERNANDES, Karina Pinheiro. O povo é arte: as ilustrações em periódicos do PCB e o Realismo Socialista no Brasil. In: Simpósio Nacional de História – ANPUH, XXVI, 2011, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 2011.

FERRO, Sérgio. Arquitetura Nova. **Cadernos de estudos/DAFA**, Porto Alegre, nº29, maio 1968.

FISHUK, Erick. As 21 condições de admissão na Comintern. **Fishuk**, 2014. Disponível em: < <http://www.fishuk.cc/2014/08/condicoes.html#nota14> >

FUÃO, Fernando Freitas. As formas do acolhimento na arquitetura. In: SOLIS, Dirce Eleonora; FUÃO, Fernando Freitas. [Org.] DORFMAN, Beatriz; KIEFER, Marcelo; PAESE, Celma. Derrida e Arquitetura. – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014. p. 41-114.

FUNDAÇÃO DINARCO REIS. Elisa Branco, heroína da paz. 2016. Disponível em: <https://pcb.org.br/fdr/index.php?option=com_content&view=article&id=145:elisa-branco-heroína-da-paz&catid=6:memoria-pcb>

GASPARI, Elio. (2002) A Ditadura Envergonhada. [2. Ed.] – Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

GASPARI, Elio. (2002) A Ditadura Escancarada. [2. Ed.] – Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

GASPARI, Elio. (2003) A Ditadura Derrotada. [2. Ed.] – Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

GASPARI, Elio. (2004) A Ditadura Encurralada. [2. Ed.] – Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

GOLDMAN, Carlos Henrique. A casa moderna em Porto Alegre: Projetos residenciais de Edgar Albuquerque Graeff 1949 – 1961. – Porto Alegre, 2003.

GRAMSCI, Antonio. (1948) Os Intelectuais e a Organização da Cultura. [4. Ed.] COUTINHO, Carlos Nelson. [Trad.] – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1982.

GRAMSCI, Antonio. (1948-1951) Cadernos do cárcere, volume 1. COUTINHO, Carlos Nelson. [Trad.] - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL/RJ. Arquitetura Brasileira após Brasília/Depoimentos. – Rio de Janeiro: IAB/RJ, 1978.

INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL/RJ. II Inquérito Nacional de Arquitetura/Depoimentos. IAB/RJ, 1982.

KAREPOVS, Dainis. A Nação e a Juventude Comunista do Brasil. In: **Cadernos AEL**, v17, nº29, 2010. Disponível em:
<http://www.al.sp.gov.br/repositorio/bibliotecaDigital/20750_arquivo.pdf> Acesso em 11 set. 2015.

KATO, Rafael. Você conhece as diferenças entre faculdade, instituto e escola?. **USP Online**, São Paulo, 21 set. 2007. Disponível em:
<http://www.movimentocar.com/paginas/universidades/usp/textos/2007/voce_conhece_210907.htm> Acesso em: dez. 2014.

KHARLAMOV, M. Stalin - O Maior Líder dos Tempos Modernos. **Problemas**, Rio de Janeiro, nº16, 1949.

KOPP, Anatole. Quando o moderno não era um estilo e sim uma causa. – São Paulo: Nobel-Edusp, 1990.

LEFEBVRE, Henri. (1968) O direito à Cidade. FRIAS, Rubens Eduardo. [Trad.] – São Paulo: Centauro, 2001.

LÊNIN, V.I. (1917) As Tarefas do Proletariado na Presente Revolução (As Teses de Abril). In: **Marxists**. Internet Archive. Documentos. 2008.

LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Arquitetura UFRGS: 50 anos de histórias. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demétrio Ribeiro. – Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005.

LUXEMBURGO, Rosa. (1900) Reforma ou Revolução. – São Paulo: Expressão Popular, 2002. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/luxemburgo/1900/ref_rev/> Acesso em: 17/06/2015.

MACEDO, Francisco Riopardense de. (1974) A criação da Faculdade de Arquitetura. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Arquitetura UFRGS: 50 anos de histórias. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. p. 29-32.

MANDEL, Ernest. Introducción al Marxismo. In: **Ernest Mandel**. Internet Archive. Escritos. 1977. Disponível em:
<<http://www.ernestmandel.org/es/escritos/pdf/Introduccionalmarxismo>> Acesso em: 18 jun. 2015.

MANSAN, Jaime Valim. Os expurgos na UFRGS: afastamentos sumários de professores no contexto da Ditadura Civil-Militar (1964 e 1969). 2009. 323 f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

- MANSAN, Jaime Valim. A Comissão Especial de Investigação Sumária da UFRGS (1964). In: **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 38, n° 1, p. 100-118, jan./jun. 2012.
- MARKUN, Paulo. Os arquitetos e a Ditadura. In: **CAU/BR**. Notícias. 2014. Disponível em: < <http://www.caubr.gov.br/os-arquitetos-e-a-ditadura/>>
- MARQUES, Sergio Moacir. Fayet, Araújo & Moojen: arquitetura moderna brasileira no sul - 1950 / 1970. 2012. Tese (Doutorado em Arquitetura) - UFRGS, Porto Alegre, 2012.
- MARTINS, Marisângela. De Volta para o Presente: Uma história dos militantes comunistas de Porto Alegre e suas representações acerca da democracia (1945-1947). 2000. Dissertação (Mestrado em História) - UFRGS, Porto Alegre, 2000.
- MARTINS, Marisângela. A esquerda de seu tempo. Escritores e o partido Comunista do Brasil (Porto Alegre 1927-1957). 2012. Tese (Doutorado em História) - UFRGS, Porto Alegre, 2012.
- MARX, Karl. (1844) Crítica da filosofia do direito de Hegel. ENDERLE, Rubens; DEUS, Leonardo de. [Trad.] - São Paulo: Boitempo, 2010.
- MARX, Karl. (1867) O Capital: crítica da economia política. - São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda., 1996, v. 1.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. (1848) O Manifesto Comunista. [Ed. para eBook] – Rocket Edition, 1999.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. (1932) A ideologia alemã. [2. Ed.] COSTA, Luis Claudio de Castro e.- São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MELLO, Bruno Cesar Euphrasio. [Org.] – Sindicatos no Rio Grande do Sul: memórias de quatro décadas (1973 – 2013). – Porto Alegre: Livraria do Arquiteto, 2014.
- MIZOGUCHI, Ivan Gilberto Borges. Demetrio, professor Emérito. Urbanismo: Boletim Informativo, Porto Alegre, n°33, p. 1-5, nov. 1990.
- MOHR, Udo Silvio. Demetrio Ribeiro, 1916-2003. In: **Vitruvius**. Arqtextos. 2003. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/04.041/643> Acesso em: 07 abril 2015.
- MOTTA, Rodrigo P. Sá. As universidades e o regime militar: cultura política brasileira e modernização autoritária. [1. Ed.] – Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- NEVES, Lucilia de Almeida. O Partido Comunista Brasileiro: trajetória e estratégias. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 16, n° 47, out. 2001. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092001000300013> Acesso em: 18 maio 2015.
- PEIXOTO, Artur Duarte. Da organização à frente única: a repercussão da ação política do Partido Comunista do Brasil no movimento operário gaúcho. 2006. Dissertação (Mestrado em História) - UFRGS, Porto Alegre, 2006.

PEREIRA, Miguel Alves. Ensino de Arquitetura – um depoimento. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Arquitetura UFRGS: 50 anos de histórias. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. p. 57-62.

PRESTES, Anita Leocádia. Memória do PCB: duas táticas e uma mesma estratégia – do “Manifesto de Agosto de 1950” à “Declaração de Março de 1958”. **Instituto Luiz Carlos Prestes**, 2013. Disponível em:

<http://www.ilcp.org.br/prestes/index.php?option=com_content&view=article&id=284:memoria-do-pcb-duas-taticas-e-uma-mesma-estrategia-do-manifesto-de-agosto-de-1950-a-declaracao-de-marco-de-1958&catid=18:artigos&Itemid=140>

PRESTES, Anita Leocadia. O PCB e o golpe civil-militar de 1964: causas e consequências. **Estudos Ibero-Americanos**, v 40, n°1, 2014. Disponível em:

<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/18138>>

PUHL, Liege Sieben. Arte Total, Ensino Total – Alcides Rocha Miranda, a UNB e o Instituto Central de Artes. In: 11º Seminário Nacional Docomomo Brasil. Anais... Recife: Docomomo_Br, 2016.

PULS, Maurício. Um arquiteto do Comunismo. In: **Arte.Abstрата**. Disponível em:

< <http://www.arte.abstrata.nom.br/niemeyer.html>>

ROVATTI, João Faria; PADRÃO, Fabiano Mesquita. Faculdade de Arquitetura 1952/2002. - Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

SALVATORI, Elena. O campo profissional I. Popularização e hegemonia da Arquitetura Moderna brasileira, 1930 – 1970. **IAB-RS**, Porto Alegre, jan. 2008. Disponível em:

< http://professor.ufrgs.br/elena-salvatori/files/campo_profissional_i.pdf> Acesso em: 07 abr. 2015.

SEGRE, Roberto. Arquitetura e urbanismo da revolução cubana. – São Paulo: Nobel, 1987.

SERRA, Eduardo; COSTA, Ricardo; CASTELO, Rodrigo. Dependência e Revolução Socialista: a contribuição de Ruy Mauro Marini. Out. 2013. Disponível em:

<http://pcb.org.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=6709:dependencia-e-revolucao-socialista-a-contribuicao-de-ruy-mauro-marini&catid=61:cultura-revolucionaria>

SERRAN, João Ricardo. O IAB e a Política Habitacional 1954-1975. São Paulo: Schema Editora, 1976.

SILVA, Clóvis Ilgenfritz da. Lembranças de uma Bela Época. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Demetrio Ribeiro. – Porto Alegre: IAB/RS; Livraria do Arquiteto, 2005. p. 143-153.

SIMON, Círio. **Primeira turma de arquitetos do Rio Grande do Sul com curso superior específico**. Porto Alegre, ago. 2010. Disponível em:

< <http://branndd.blogspot.com.br/2013/07/referencia-bibliografica-em-blog.html>>

SINDICATO DOS ARQUITETOS NO ESTADO DE SÃO PAULO. **Campanha Arquitetos Contra a Ditadura: lembrar para não repetir**. São Paulo, 2014. Disponível em:

< <http://www.sasp.arq.br/contra-a-ditadura> > Acesso em: 25/03/2015.

SINDICATO DOS ARQUITETOS NO ESTADO DE SÃO PAULO. **Jornal contra Ditadura - online**. São Paulo, out. 2014. Disponível em:
< <http://www.sasp.arq.br/contr-a-ditadura> > Acesso em: 25/03/2015.

SOUZA, Almeri Espíndola de Souza. [Et al.] 50 anos do Golpe de 1964. – Porto Alegre: SindBancários, 2014.

SVENSSON, Frank. [Org.] Arquitetura e Conhecimento. – Brasília: Alva, nº6, 1988.

SVENSSON, Frank. Marx é um humanista? Correio da Cidadania, abr. 2009. Seção Política. Disponível em:<http://www.correiodacidade.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=3163&Itemid=79>

THALHEIMER, August. (1928) Introdução ao materialismo dialético - Fundamentos da Teoria Marxista. – São Paulo: Livraria Cultura Brasileira, 1934. Disponível em:
<<https://www.marxists.org/portugues/thalheimer/1928/materialismo/Introducao-ao-Materialismo-Dialetico.pdf>> Acesso em: 13/08/2015.

WEBER, Max. (1905) A ética protestante e o “espírito” do capitalismo. – São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

WEIMER, Gunter. Parada dos “bixos”, 1959. In: LICHT, Flávia Boni; CAFRUNI, Salma. [Org.] Arquitetura UFRGS: 50 anos de histórias. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002, p. 137-141.

XAVIER, Alberto. [Org.] Arquitetura moderna brasileira: depoimento de uma geração. – São Paulo: Pini. Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura. Fundação Vilanova Artigas, 1987.

XAVIER, Alberto; MIZOGUCHI, Ivan. Arquitetura Moderna em Porto Alegre. São Paulo: Pini, 1987.

ZHDANOV, Andréi. O Papel Social da Arte Progressista. Revista Princípios, edição 8, mai. 1984, p. 46-52. Disponível em:
<<https://www.marxists.org/portugues/zhdanov/ano/mes/papel.htm>>

ZUBARAN, Luiz Carlos. Entrevista com o Arquiteto Oscar Niemeyer. – Canoas: Ed. Ulbra, 2002.

INTERNET

Blog. Prof. Círio Simon (2010) Disponível em:
<<http://profciriosimon.blogspot.com.br/2010/08/arte-em-porto-alegre-apos-1945-0802.html>>

DEPOIMENTOS E ENTREVISTAS

Professor Dr. Paulo Bicca – 15/12/2015.

Professor Dr. João Rovatti – 04/08/2015.

ACERVOS CONSULTADOS

Acrópole. Disponível em: < <http://www.acropole.fau.usp.br/>>

Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx>>

Diretório Acadêmico da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – DAFA/UFRGS.

Diretório Central de Estudantes – DCE/UFRGS.

Núcleo de Pesquisa em História – NPH/UFRGS.

A large, light gray, stylized number '7' is positioned on the left side of the page. The number is composed of a thick horizontal bar at the top and a thick diagonal bar extending downwards and to the right.

7

APÊNDICE
E ANEXOS

LISTA DE APÊNDICE

APÊNDICE 1: Pesquisas acervo DAFA – Lista Material Consultado;

APÊNDICE 2: Pesquisa acervo DAFA – Publicações;

ANEXO 01: PESQUISA ACERVO DAFA – LISTA MATERIAL CONSULTADO

TABELA - LISTA MATERIAL CONSULTADO (ACERVO DAFA)				
TEMA	TÍTULO	Nº	ANO	DATA
DOCUMENTOS	Recibo de Material Permanente - DAFA.	---	---	sem data
DOCUMENTOS	Recibo de Material Permanente - DAFA.	---	---	sem data
DOCUMENTOS	Solicitação ao DCE para atendimento do Sr. José Damasceno, funcionário da Faculdade de Arquitetura.	---	---	sem data
DOCUMENTOS	Não fornecimento de Carteira de Identidade Estudantil aos alunos em débito com o diretório.	---	---	sem data
DOCUMENTOS	Regulamentação do Concurso Nacional de Jogotipo	---	---	sem data
DOCUMENTOS	Convocação de reunião do conselho Deliberativo do DCE, cujo tema será: Lançamento de nota do Conselho deliberativo dos Das e DCE relativa à proibição do debate entre os candidatos ao Senado na Universidade e assuntos gerais.	---	---	sem data
DOCUMENTOS	Informativo – Passes isso não deu nos jornais.	---	---	sem data
DOCUMENTOS	Convite enviado pela UPPEL, para participação no Congresso Universitário do Rio Grande do Sul.	---	---	sem data
DOCUMENTOS	Convocação feita ao Presidente do DAFA, para participação de reunião do Conselho Deliberativo.	---	---	sem data
DOCUMENTOS	Convocação ao Presidente do DAFA para reunião do Conselho Deliberativo.	---	---	sem data
DOCUMENTOS	Cópia de decisão do Conselho Universitário com aprovação do projeto apresentado a Superintendência Acadêmica.	---	---	sem data
DOCUMENTOS	Proposta do regimento interno do Conselho Deliberativo do Diretório Central dos Estudantes - UFRGS.	---	---	sem data
DOCUMENTOS	Registro de chapa para as eleições do dia 23/09/75.	---	---	sem data
DOCUMENTOS	Informativo enviado ao Diretor pelo DAFA sobre a aplicação de verba ao diretório.	---	---	sem data
DOCUMENTOS	DEE 75/76 Proposta programa oposição.	---	---	sem data
DOCUMENTOS	O DCE distorce papel da representação estudantil.	---	---	sem data
DOCUMENTOS	Texto convite sobre a semana ecológica organizada pela faculdade de arquitetura de Salvador.	---	---	sem data
DOCUMENTOS	Associação Aléfrica Acadêmica Universidade Federal do RGS - I Jogos Inter práticas desportivas – regulamento geral.	---	---	sem data
DOCUMENTOS	Assinatura Jornal Arqueto.	---	---	sem data
DOCUMENTOS	Instruções de pagamento revista Veja.	---	---	sem data
DOCUMENTOS	Informativo de verba Diretor da FAU Plínio da Silva Russomano.	---	---	sem data
DOCUMENTOS	Relação de alunos que obtiveram bolsa trabalho para 1977.	---	---	sem data
DOCUMENTOS	Formação de uma Comissão para a Defesa dos Direitos Humanos após a prisão de servidores, alunos e professores do curso de arquitetura.	---	---	sem data
DOCUMENTOS	Solicitação a cessão de aparelhagem de som.	---	---	sem data
DOCUMENTOS	Jogos Inter Práticas Desportivas – Regulamento geral - regulamento do I Jogos Inter Práticas desportivas.	---	---	sem data
DOCUMENTOS	Informativo de recebimento de solicitação para assinatura do Jornal do Arqueto, Cadernos Brasileiros de Arquitetura e Conjunta Arqueto/CBA.	---	---	sem data
DOCUMENTOS	Agradecimento da revista VEJA pela assinatura.	---	---	sem data
DOCUMENTOS	Solicitação de cessão de aparelhagem de som para assembleia geral a ser realizada.	---	---	sem data
DOCUMENTOS	Convite feito pelo DAFA ao IAB para reunião e participação na “Comissão Permanente para Defesa dos Direitos Humanos”, estabelecida em ato para solução de colegas e professores presos.	---	---	sem data
DOCUMENTOS	termo de posse da nova diretoria do DAFA.	---	---	sem data
DOCUMENTOS	Promova sua entidade/teatro é cultura. Convite enviado ao DAFA, oferecendo a oportunidade em se realizar a peça teatral “O arquiteto e o imperador da Assíria” na faculdade.	---	---	sem data
DOCUMENTOS	Relação dos documentos que foram distribuídos até dia 11/09/1968.	---	---	01/09/1968
DOCUMENTOS	Certidão que atesta a apresentação da relação anual dos empregados pelo DAFA e relação dos empregados do bar.	---	---	25/04/1971
DOCUMENTOS	Recibo de verba cedida pela Associação Central Esportiva da UFRGS – ACEURGS – Associação Desportiva dos Acadêmicos da Faculdade de Arquitetura.	---	---	04/05/1971
DOCUMENTOS	Solicitação ao prof. Jorge Alberto Furtado, Superintendente Acadêmico da UFRGS, de verba de retorno para pagamento de despesas do Diretório – DAFA.	---	---	02/06/1971
DOCUMENTOS	Termo concedendo posse pelo Diretor Júlio Ribeiro de Castilhos ao acadêmico Gilberto Duro Gick como presidente do DAFA.	---	---	02/07/1971
DOCUMENTOS	Credencial de Gilberto Duro Gick como presidente do Diretório Acadêmico da Faculdade de Arquitetura – DAFA	---	---	06/07/1971
DOCUMENTOS	Formulário de demissão de Izar Lopes Teixeira, funcionária do bar da Faculdade de Arquitetura.	---	---	06/07/1971
DOCUMENTOS	Formulário de demissão de Francisco Casares de Campos, funcionário do bar da Faculdade de Arquitetura.	---	---	06/07/1971
DOCUMENTOS	Procuração feita pelo presidente do DAFA, Gilberto Duro Gick, dando poderes ao também estudante Mário Vitor Niedersberg para tratar de assuntos referentes ao Diretório Acadêmico.	---	---	24/07/1971
DOCUMENTOS	Declaração de que Almirio Maia presta serviços ao diretório.	---	---	02/08/1971
DOCUMENTOS	Sr. Comandante do 9º BPM.	---	---	04/08/1971
DOCUMENTOS	Solicitação ao diretor Júlio Ribeiro de Castilhos de materiais para remodelação do DAFA.(Nº 007/71).	---	---	05/08/1971
DOCUMENTOS	Solicitação ao diretor Júlio Ribeiro de Castilhos de materiais para remodelação do DAFA (Nº 008/71).	---	---	05/08/1971
DOCUMENTOS	Solicitação de materiais para remodelação do DAFA.	---	---	09/08/1971
DOCUMENTOS	Solicitação ao diretor Júlio Ribeiro de Castilhos de materiais para remodelação do DAFA.	---	---	10/08/1971
DOCUMENTOS	Solicitação ao Comandante do 9ºBPM do sítio da Brigada Militar, a fim de realizar o torneio interno de Futebol de Salão.	---	---	11/08/1971
DOCUMENTOS	Solicitação ao Diretor da Faculdade de verba para promoções esportivas.	---	---	12/08/1971
DOCUMENTOS	Solicitação de alojamento para 10 alunos do curso de Arquitetura, pois estes estarão indo ao município estudar a arquitetura das Missões.	---	---	19/08/1971
DOCUMENTOS	Solicitação de guardas para Reunião Dançante.	---	---	19/08/1971
DOCUMENTOS	Solicitação de alojamento para 10 alunos do curso de Arquitetura e um professor, pois estes estarão indo ao município estudar a arquitetura das Missões.	---	---	19/08/1971
DOCUMENTOS	Solicitação de assinaturas de cortesia das publicações: VEJA, REALIDADE, PATO DONALD E O PASQUIM.	---	---	20/08/1971
DOCUMENTOS	Solicitação de inscrição do curso nos Jogos da UFRGS, modalidades de futebol de salão, futebol de campo, voley.	---	---	25/08/1971
DOCUMENTOS	Solicitação ao Diretor da Faculdade de folhas para impressão dos cadernos com artigos sobre arquitetura, urbanismo, desenho industrial e assuntos afins.	---	---	25/08/1971
DOCUMENTOS	Solicitação de uso do Saguão da Faculdade de Arquitetura para realização do Mercado de Ideias, onde serão apresentados os trabalhos dos alunos.	---	---	25/08/1971
DOCUMENTOS	Solicitação de auxílio para a realização do Ciclo de Cinema pelo DAFA.	---	---	09/09/1971
DOCUMENTOS	Solicitação de verba para realização de torneio Interno de Futebol de Salão.	---	---	13/09/1971
DOCUMENTOS	Solicitação de informações sobre o pagamento do filme “T. Div Blow-up Shelter”.	---	---	17/09/1971
DOCUMENTOS	Confirmação de hospedagem para a professora Carmen Portinho.	---	---	17/09/1971
DOCUMENTOS	Reposse do Diretor Júlio Ribeiro de Castilhos, ao presidente do DAFA, com resposta da Comissão Organizadora do Encontro de alunos.	---	---	17/09/1971
DOCUMENTOS	Solicitação para utilização do Salão de Ato a fim de se realizar, pelo Diretório Acadêmico – DAFA, o Festival de Cinema.	---	---	23/09/1971
DOCUMENTOS	Solicitação ao representante do Museu de Arte Moderna de material sobre desenho industrial que esteve exposto no MAM-RJ.	---	---	23/09/1971
DOCUMENTOS	Solicitação ao arquiteto Júlio Roberto Katinski de material para exposição a ser realizada pelo DAFA e IAB-RS, sobre desenho industrial	---	---	23/09/1971
DOCUMENTOS	Solicitação a Lúcio Grinover de material para exposição a ser realizada pelo DAFA e IAB-RS, sobre desenho industrial.	---	---	24/09/1971
DOCUMENTOS	Solicitação a Lívio E. Levi de material para exposição a ser realizada pelo DAFA e IAB-RS, sobre desenho industrial.	---	---	24/09/1971
DOCUMENTOS	Solicitação a Maurício N. Lima de material para exposição a ser realizada pelo DAFA e IAB-RS, sobre desenho industrial.	---	---	24/09/1971
DOCUMENTOS	Solicitação a Décio Pignatari de material para exposição a ser realizada pelo DAFA e IAB-RS, sobre desenho industrial.	---	---	24/09/1971
DOCUMENTOS	Solicitação de técnico para conserto de aparelho telefônico.	---	---	30/09/1971
DOCUMENTOS	Resposta enviada pelo MAM-RJ, enganado a solicitação do material proveniente da exposição “Desenho Industrial 70”, pois esta não chegaria a tempo em Porto Alegre	---	---	11/10/1971
DOCUMENTOS	Comunicado enviado ao Superintendente com a programação do Festival de Cinema e preço a ser cobrado.	---	---	12/10/1971
DOCUMENTOS	Resposta do Superintendente concedendo o Salão de Ato para a realização do Festival, desde que sejam apresentados o Alvará de Censura e o Visto do Instituto Nacional do Cinema.	---	---	13/10/1971
DOCUMENTOS	Pedido, a um jornalista, de divulgação do Festival de Filmes realizado pelo DAFA.	---	---	18/10/1971
DOCUMENTOS	Solicitação para a liberação da programação do Festival de Cinema promovido pelo DAFA.	---	---	19/10/1971
DOCUMENTOS	Solicitação de policiamento para o Festival de Cinema a ser realizado pelo DAFA.	---	---	19/10/1971
DOCUMENTOS	Autorização dada a Celso Loureiro Chaves para efetuar aluguel de material publicitário referente aos filmes do Festival de Cinema a ser realizado pelo DAFA.	---	---	20/10/1971
DOCUMENTOS	Solicitação para liberação dos Filmes que farão parte da programação do Festival de Cinema.	---	---	20/10/1971
DOCUMENTOS	Solicitação ao Diretor Júlio R. de Castilhos para liberação do Auditório a fim de realizar apresentação da pesquisa de cores em slides, desenvolvida pelo aluno Luiz Carlos Felzardo.	---	---	22/10/1971
DOCUMENTOS	Convocação do acadêmico e presidente do DAFA, Gilberto Gick, para reunião com o Diretor da Faculdade e professor João Paulo Polimann sobre o Plano de Estágios.	---	---	22/10/1971
DOCUMENTOS	Solicitação de prorrogação, em 15 minutos, do início do Festival de Cinema.	---	---	26/10/1971
DOCUMENTOS	Solicitação de anulação de auto de infração cometido pelo DAFA.	---	---	26/10/1971
DOCUMENTOS	Informativo enviado a Júlio Arrigas, alterando a data da mostra de desenho industrial.	---	---	03/11/1971
DOCUMENTOS	Informativo enviado a Sr. Karl Heiz Bergmiller, alterando a data da mostra de desenho industrial.	---	---	03/11/1971
DOCUMENTOS	Informativo enviado a Carmen Portinho, alterando a data da mostra de desenho industrial.	---	---	03/11/1971
DOCUMENTOS	Solicitação de autorização para a realização de Reunião Dançante pelo DAFA.	---	---	19/11/1971
DOCUMENTOS	Solicitação enviada ao diretor Júlio Ribeiro de Castilhos para liberação do anfitrião da Faculdade de Arquitetura com a finalidade de passar documentário do Consulado Norte- Americano sobre a técnica de filmagem do filme Butch Cassidy.	---	---	13/04/1972
DOCUMENTOS	Informativo enviado a alunos, professores, funcionários, Reitoria e Direção da Faculdade de Arquitetura, comunicando os gastos do Diretório, bem como o “rombo” no orçamento do Bar, arrendado pelo Diretório. O DAFA utiliza como justificativa para a falta de dinheiro, o fim das Reuniões Dançantes, capazes de bancar todos os eventos do Diretório.	---	---	26/05/1972
DOCUMENTOS	Termo de aluguel do Bar da Faculdade de Arquitetura.	---	---	17/07/1972
DOCUMENTOS	Comunicado de posse dos novos membros do Diretório Estudantil de Estudantes - DEE no período de 1972/1973.	---	---	22/07/1972
DOCUMENTOS	Cobrança Judicial de dívidas do Diretório Acadêmico da Faculdade de Arquitetura.	---	---	04/08/1972
DOCUMENTOS	Texto apresenta justificativa para a ampliação da gestão do DAFA, que passou a ser finalizada junto aos demais cursos e o regimento (leis) para as próximas eleições.	---	---	04/09/1972
DOCUMENTOS	Ofício enviado pela CIUT- Centro Internacional de Intercâmbio Universitário e Turismo, a fim de anunciar a concessão de bolsas de estudos em Madri.	---	---	02/10/1972
DOCUMENTOS	Edital de Convocação para o Conselho de Representantes.	---	---	02/10/1972
DOCUMENTOS	Comunicado de envio, ao DAFA de exemplares do folheto “Unindo Terras e Gentes”, pelo Sindicato Nacional da Indústria do Cimento.	---	---	06/10/1972
DOCUMENTOS	Solicitação feita pela Associação Central Esportiva da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ao DAFA, do envio de cópia do “Regimento ou Estatuto” deste Diretório.	---	---	06/10/1972
DOCUMENTOS	Notificação da SUPAC do início das inscrições para candidatos a bolsa Trabalho e Isenção de Taxas de Matrícula.	---	---	10/10/1972
DOCUMENTOS	Apresentação, ao Diretor da Faculdade de Arquitetura, Júlio Ribeiro de Castilhos, a nova Diretoria do DAFA.	---	---	10/10/1972
DOCUMENTOS	Comunicado ao Presidente do DAFA pelo diretor Júlio de Castilhos de aprovação pelo Conselho Departamental a prestação de contas referente a gestão de 1971/1972	---	---	11/10/1972
DOCUMENTOS	Termo que atesta posse do acadêmico Luiz Izidoro Ramires Boeira, pelo Diretor da Faculdade de Arquitetura Júlio Ribeiro de Castilhos, como Presidente do DAFA.	---	---	11/10/1972
DOCUMENTOS	Documento de renúncia do então eleito Presidente do DAFA, Luiz Izidoro Ramirez. O Diretório passa a ser coordenado pelo chefe do Gabinete executivo até novas eleições.	---	---	12/10/1972
DOCUMENTOS	Documento de renúncia do então eleito Presidente do DAFA, Luiz Izidoro Ramirez. O Diretório passa a ser coordenado pelo chefe do Gabinete executivo até novas eleições.	---	---	12/10/1972
DOCUMENTOS	Comprovante de um mil cento e um cruzeiro e cinquenta centavos.	---	---	13/10/1972
DOCUMENTOS	Comunicado do Diretor Júlio Ribeiro de Castilhos, confirmando o recebimento de ofício com informações sobre a nova diretoria do Diretório.	---	---	16/10/1972
DOCUMENTOS	Solicitação de divulgação do prêmio “Arquiteto Henrique Mindlin.	---	---	17/10/1972
DOCUMENTOS	Ofício de aprovação da prestação e contas.	---	---	19/10/1972
DOCUMENTOS	2º Encontro DCE's e DA's das Faculdades Isoladas do Rio Grande do Sul – novembro de 1972 - S. Leopoldo - Unisinos - Rs.	---	---	19/10/1972
DOCUMENTOS	Informativo enviado ao Diretor Júlio Ribeiro de Castilhos confirmando a posse da nova diretoria do DAFA.	---	---	24/10/1972
DOCUMENTOS	Convocação para reunião do DCE.	---	---	26/10/1972

DOCUMENTOS	Convocação ao Presidente do DAFA para reunião do Conselho Deliberativo-DCE.	---	---	02/01/1975
DOCUMENTOS	Convite a estudantes e professores para participação do VII CLEFA, Conferência Latino-americanas de Escolas e Faculdade de Arquitetura.	---	---	04/01/1975
DOCUMENTOS	Comunicado do envio de informativos sobre o Projeto Rondan.	---	---	25/01/1975
DOCUMENTOS	Informativo sobre o Projeto Rondan.	---	---	01/03/1975
DOCUMENTOS	Solicitação feita pelo DAFA à Divisão para fechamento de porta voltada para o estacionamento.	---	---	04/03/1975
DOCUMENTOS	Informações sobre o campeonato de futebol a ser realizado pelo DAFA.	---	---	04/03/1975
DOCUMENTOS	Convite para participação de curso promovido pelo IAB criado pelo arquiteto Bruno Tausz.	---	---	07/03/1975
DOCUMENTOS	Convite feito pelo DEE, ao DAFA, para participação no Projeto Miuano I, projeto intermunicipal universitário de Arte Nova, que constará com shows, exposições de artes plásticas e artesanato. O comunicado destaca a presença do "Excelentíssimo Ministro da Educação" e considera o fato motivo para tornar a presença dos alunos imprescindível.	---	---	10/03/1975
DOCUMENTOS	Convite feito pelo DAFA para o coquetel de boas-vindas aos calouros.	---	---	12/03/1975
DOCUMENTOS	Solicitação enviada pelo DCE-UFRGS, ao DAFA, de informativo aos alunos sobre os documentos necessários para confecção da carteira estudantil.	---	---	13/03/1975
DOCUMENTOS	Convocação do Presidente do DAFA para reunião do Conselho Deliberativo DCE-UFRGS.	---	---	14/03/1975
DOCUMENTOS	Justificativa enviada ao DAFA sobre carta da FAUSJC- Faculdade de Arquitetura de São José dos Campos, ao MEC, informando das irregularidades no curso e solicitando sua intervenção.	---	---	16/03/1975 17/03/1975
DOCUMENTOS	Programação do projeto Miuano I.	---	---	17/03/1975
DOCUMENTOS	Solicitação enviada pelo DAFA à Fundação Getúlio Vargas - RJ, com pedido de envio de materiais que contribuam com o departamento de pesquisa criado pelos estudantes.	---	---	18/03/1975
DOCUMENTOS	Solicitação feita pelo DAFA ao então Diretor da Faculdade de Arquitetura, Homero Diaz de Almeida, de empréstimo do auditório para realização de palestra sobre formação profissional.	---	---	28/03/1975
DOCUMENTOS	À Comissão de Carreira da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do R.G.S.	---	---	31/03/1975
DOCUMENTOS	Convite ao DAFA, feito pelo Departamento de Saúde Comunitária da Associação Médica do Rio Grande do Sul, para participação da primeira atividade científica de 1975.	---	---	02/04/1975
DOCUMENTOS	Solicitação feita pelo DAFA ao Grupo Executivo da Região Metropolitana de concessão do Plano Metropolitano de Porto Alegre.	---	---	03/04/1975
DOCUMENTOS	Convocação feita ao Presidente do DAFA para reunião do Conselho Deliberativo do DCE UFRGS. Texto sobre a invasão, por policiais, do DA e DCE da UFMG e apreensão de exemplares de jornais e revistas consideradas como ameaça ao regime vigente; Nota do DCE UFMG sobre as punições aos alunos responsáveis pela publicação da revista "gol a gol" considerada como "contestatória"; Nota enviada aos professores e estudantes da UFMG, pelo DCE, sobre as repressões e censura de suas atividades.	---	---	sem data, 04/04/1975, sem data
DOCUMENTOS	Comunicado enviado pela superintendência acadêmica, ao DAFA, informando a relação de estudantes contemplados com a Bolsa trabalho.	---	---	04/04/1975
DOCUMENTOS	Solicitação ao Presidente do DAFA feita pelo então chefe do departamento de expressão gráfica, Júlio de Castilhos, do envio de três representantes para participação da comissão eleitoral.	---	---	07/04/1975
DOCUMENTOS	Comunicado aos Departamentos, professores e Diretório Acadêmico, por parte da secretária da Faculdade de Arquitetura, informando que a solicitação do uso do auditório deverá ser feita por escrito e com antecedência de 5 dias úteis.	---	---	08/04/1975
DOCUMENTOS	Convite feito pelo DEE, ao DAFA, para participação no IV Fórum de debates sobre a realidade brasileira e rio-grandense.	---	---	09/04/1975
DOCUMENTOS	Solicitação feita para o DAFA de divulgação do baile de encerramento dos II jogos inter calouros de ESEFs.	---	---	10/04/1975
DOCUMENTOS	Solicitação à agência de Turismo da Empresa P. Alegre/Buenos Aires, de concessão de passagem a um estudante que irá participar do Curso de Histórias em Quadrinhos.	---	---	11/04/1975
DOCUMENTOS	Informativo enviado pelo Coordenador do Concar/Arq., negando a ampliação de vagas para esta disciplina.	---	---	11/04/1975
DOCUMENTOS	Comunicado enviado pela superintendência acadêmica, ao DAFA, informando a relação de estudantes contemplados com a Bolsa trabalho.	---	---	14/04/1975
DOCUMENTOS	Comunicado enviado pela superintendência acadêmica, departamento de assistência e representação estudantil, sobre verba destinada ao DAFA.	---	---	17/04/1975
DOCUMENTOS	Novo estatuto da Universidade de Uberlândia.	---	---	19/04/1975
DOCUMENTOS	Solicitação do Departamento de Cultura do DAFA, do envio gratuito da publicação tecnologia e desenvolvimento a fim de montar biblioteca.	---	---	23/04/1975
DOCUMENTOS	Convite aos alunos da Faculdade de Arquitetura para participação no 1º seminário de arquitetura, urbanismo e paisagismo.	---	---	23/04/1975
DOCUMENTOS	Solicitação feita pelo DAFA ao Diretor da Faculdade de Arquitetura para utilização do anfiteatro.	---	---	23/04/1975
DOCUMENTOS	Comunicado enviado pelo Diretório acadêmico de Zootecnia e Veterinária, PUC-RS, informando de sua nova gestão.	---	---	24/04/1975
DOCUMENTOS	Solicitação ao diretor de utilização do auditório da Faculdade de Arquitetura para a realização de palestras.	---	---	24/04/1975
DOCUMENTOS	Informativo enviado pela Superintendência Acadêmica ao DAFA sobre o envio de projetos a fim de obter verbas.	---	---	25/04/1975
DOCUMENTOS	Programa Básico para o período de 1975.	---	---	25/04/1975
DOCUMENTOS	Comunicado enviado pelo DEE ao DAFA sobre o IV Fórum de Debates sobre realidade Brasileira e Rio-grandense.	---	---	02/05/1975
DOCUMENTOS	Solicitação a Reitoria do envio de lista com os alunos - convênio da Faculdade de Arquitetura.	---	---	02/05/1975
DOCUMENTOS	Solicitação ao Diretor da Faculdade de Arquitetura de lista de alunos que serão representantes dos departamentos.	---	---	02/05/1975
DOCUMENTOS	Convocação do Presidente do DAFA para reunião do Conselho Deliberativo.	---	---	02/05/1975
DOCUMENTOS	Solicitação, ao Diretor, de utilização do auditório para audição do Conjunto de Câmara.	---	---	05/05/1975
DOCUMENTOS	Convite para participação dos Torneios de Xadrez e Tênis, exclusivamente para Universitários, promovido pelo Serviço de recreação Pública, da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Porto Alegre.	---	---	07/05/1975
DOCUMENTOS	Autorização do diretor Flávio Figueira Soares para utilização do auditório pelo DAFA.	---	---	07/05/1975
DOCUMENTOS	Informativo enviado pelo DEE ao DAFA sobre o IV Fórum de debates sobre realidade brasileira e rio-grandense.	---	---	08/05/1975
DOCUMENTOS	Liberação do Salão de Festas da Reitoria.	---	---	08/05/1975
DOCUMENTOS	Convite para participação de Conferência promovida pelo Departamento de Saúde Comunitária da Associação Médica do Rio Grande do Sul, com a temática "Adição de flúor ao abastecimento de água".	---	---	12/05/1975
DOCUMENTOS	Agradecimento do DAFA ao Conjunto de Câmara da UFRGS pela apresentação realizada - Ofício Nº 011/75.	---	---	12/05/1975
DOCUMENTOS	Agradecimento do DAFA ao Conjunto de Câmara da UFRGS pela apresentação realizada - Ofício Nº 012/75.	---	---	12/05/1975
DOCUMENTOS	Solicitação de utilização do auditório para eventos musicais.	---	---	12/05/1975
DOCUMENTOS	Resposta a solicitação do DAFA para utilizar o auditório. O pedido é aceito desde que utilizado em período determinado.	---	---	14/05/1975
DOCUMENTOS	Solicitação de envio de informações sobre a universidade, no caso UFRGS, a PUC-RJ, a fim de ampliar o conhecimento e envolvimento universitário.	---	---	16/05/1975
DOCUMENTOS	Solicitação de inscrição e um dos alunos da Faculdade de Arquitetura no torneio de tênis.	---	---	16/05/1975
DOCUMENTOS	Solicitação ao Diretor Flávio Figueira Soares de retirada de materiais do almoxarifado.	---	---	16/05/1975
DOCUMENTOS	Ofício Nº 009/75	---	---	16/05/1975
DOCUMENTOS	Relatório de atividades do diretório acadêmico da Faculdade de Arquitetura.	---	---	19/05/1975
DOCUMENTOS	Circular informando o encaminhamento de listagem de alunos da Faculdade de Arquitetura que receberão bolsa trabalho.	---	---	19/05/1975
DOCUMENTOS	Solicitação ao Diretor da Faculdade de Arquitetura de liberação do auditório para promoção cultural de caráter musical.	---	---	20/05/1975
DOCUMENTOS	Solicitação, enviada pelo DAFA ao Grupo Executivo da Região Metropolitana, de envio de publicações técnicas deste organismo.	---	---	21/05/1975
DOCUMENTOS	Solicitação enviada à Kodak de seis rolos de filme para realização de trabalhos acadêmicos.	---	---	22/05/1975
DOCUMENTOS	Solicitação de doação do livro "Sobre Arquitetura", de Lúcio Costa, feita a Direção da Faculdade.	---	---	22/05/1975
DOCUMENTOS	Informativo enviado ao DCE, solicitando a execução de carteira estudantil para o aluno em questão.	---	---	22/05/1975
DOCUMENTOS	Convite enviado a Udo Mohr para participação, como palestrante, do I Seminário sobre preservação do ambiente natural realizado pelo DAFA.	---	---	23/05/1975
DOCUMENTOS	Convite enviado a José Lutzenberger para participação, como palestrante, do I Seminário sobre preservação do ambiente natural realizado pelo DAFA.	---	---	23/05/1975
DOCUMENTOS	Convite enviado a Mozart Pereira Soares para participação, como palestrante, do I Seminário sobre preservação do ambiente natural realizado pelo DAFA.	---	---	23/05/1975
DOCUMENTOS	Convite enviado a Flávio Lewgov para participação, como palestrante, do I Seminário sobre preservação do ambiente natural realizado pelo DAFA.	---	---	23/05/1975
DOCUMENTOS	Carta dos estudantes de medicina da UFBA denunciando a péssima qualidade do curso.	---	---	26/05/1975
DOCUMENTOS	Solicitação do pagamento de verba referente ao primeiro semestre de 1975.	---	---	28/05/1975
DOCUMENTOS	Solicitação enviada ao Diretor Flávio Figueira Soares com aprovação da prestação de contas da gestão do DAFA de 1974.	---	---	28/05/1975
DOCUMENTOS	Solicitação para utilizar o auditório da Assembleia Legislativa de Porto Alegre para realização do Festival Gaúcho de Curta Metragem.	---	---	29/05/1975
DOCUMENTOS	Convite para o show de "Macalé" a ser realizado pela PIC.	---	---	30/05/1975
DOCUMENTOS	Convite para os estudantes da UFRGS participarem do Congresso Estudantil realizado pela USP, promovido com a finalidade de se criar o Diretório central dos estudantes, facilitando as lutas do Movimento Estudantil.	---	---	02/06/1975
DOCUMENTOS	Programação do 1º Seminário sobre Preservação do Ambiente Natural.	---	---	02/06/1975
DOCUMENTOS	Convocação do Presidente do DAFA para reunião do Conselho Deliberativo DCE-UFRGS.	---	---	02/06/1975
DOCUMENTOS	Comunicado enviado pelo Departamento de Assistência e Representação Estudantil, solicitando encaminhamento de circular sobre os XXVI Jogos universitários Brasileiros.	---	---	19/06/1975
DOCUMENTOS	Comunicado ao DFA, enviado pela Engete, solicitando o preenchimento de formulário a fim de continuar enviando, gratuitamente, a revista Engenharia na Indústria.	---	---	27/06/1975
DOCUMENTOS	Prestação de contas do exercício de 1973.	---	---	01/07/1975
DOCUMENTOS	Circular informando a superintendência acadêmica sobre a aprovação na prestação de contas do DAFA referente a gestão de 1973.	---	---	01/07/1975
DOCUMENTOS	Circular aceitando a solicitação do DAFA para utilização do auditório da Assembleia Legislativa para o I Festival Gaúcho de Curta Metragem.	---	---	04/07/1975
DOCUMENTOS	Solicitação enviada ao DCE, permitindo uma aluna a retirar sua carteira estudantil.	---	---	04/07/1975
DOCUMENTOS	Comunicado de posse da nova gestão do Diretório Acadêmico da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí.	---	---	05/07/1975
DOCUMENTOS	Convocação do Presidente do DAFA para reunião do Conselho deliberativo do DCE.	---	---	07/07/1975
DOCUMENTOS	Solicitação de encaminhamento à superintendência acadêmica de circular, liberando a verba referente ao segundo semestre de 1975.	---	---	07/07/1975
DOCUMENTOS	Concurso João Carlos Vital, Proteção Contra Incêndio no Planejamento de Edificações e Edital.	---	---	10/07/1975
DOCUMENTOS	Convite enviado ao DAFA pela direção da Faculdade, convidando os alunos para cerimônia de colação de grau.	---	---	17/07/1975
DOCUMENTOS	Ofício enviado pelo DAFA a Jorge Englet, M.D. Secretário das Obras e Viação de Porto Alegre, oferecendo auxílio no projeto "Cidade Jardim" a ser executado pela secretaria em questão.	---	---	17/07/1975
DOCUMENTOS	Concurso João Carlos Vital, destinado a premiar a melhor monografia sobre o tema proteção contra incêndio no planejamento de edificações.	---	---	17/07/1975
DOCUMENTOS	Resposta em agradecimento a oferta feita pelo DAFA de auxílio à campanha lançada pela secretaria em transformar Porto Alegre numa verdadeira "Cidade Jardim".	---	---	28/07/1975
DOCUMENTOS	Relação de alunos a apresentarem documentação para retriagem da situação socioeconômica, a fim de manter a bolsa trabalho.	---	---	01/08/1975
DOCUMENTOS	Parabenização feita pela superintendência ao DAFA sobre o I Seminário de Preservação do Meio Ambiente.	---	---	04/08/1975
DOCUMENTOS	Parabenização feita pela superintendência ao DAFA sobre o I Seminário de Preservação do Meio Ambiente.	---	---	04/08/1975
DOCUMENTOS	Parabenização feita pela superintendência ao DAFA sobre o I Seminário de Preservação do Meio Ambiente.	---	---	04/08/1975
DOCUMENTOS	Solicitação de divulgação de trabalho audiovisual chamado Tommy.	---	---	19/08/1975
DOCUMENTOS	Solicitação para liberação do auditório a fim de realizar-se mostra cultural de música.	---	---	19/08/1975
DOCUMENTOS	Solicitação feita pelo DAFA, à rádio Continental, de divulgação do I Festival Gaúcho de Curta Metragem.	---	---	19/08/1975
DOCUMENTOS	Preservação do Patrimônio Histórico, cultural e Arquitetônico - Nota do DAFA posicionando-se contra a destruição da Capela do Bonfim.	---	---	20/08/1975
DOCUMENTOS	Preservação do Patrimônio Histórico, cultural e Arquitetônico - Nota do DAFA criando o Departamento do Patrimônio Histórico, Cultural e Arquitetônico nesta instituição.	---	---	20/08/1975
DOCUMENTOS	Programação do Projeto Miuano II.	---	---	20/08/1975
DOCUMENTOS	Comunicado enviado pela superintendência acadêmica informando a data das eleições para o Diretório.	---	---	26/08/1975
DOCUMENTOS	Parabenização do Secretário Municipal de Educação e Cultura ao DAFA pela criação do Departamento do Patrimônio Histórico, Cultural e Arquitetônico.	---	---	27/08/1975
DOCUMENTOS	Ofício informando o encaminhamento do programa audiovisual a ser apresentado no auditório da faculdade de Arquitetura.	---	---	28/08/1975

DOCUMENTOS	Convocação ao Presidente do DAFA para reunião do Conselho Deliberativo-DCE.	---	---	02/01/1975
DOCUMENTOS	Convite a estudantes e professores para participação do VII CLEFA, Conferência Latino-americanas de Escolas e Faculdade de Arquitetura.	---	---	04/01/1975
DOCUMENTOS	Comunicado do envio de informativos sobre o Projeto Rondom.	---	---	25/01/1975
DOCUMENTOS	Informativo sobre o Projeto Rondom.	---	---	01/03/1975
DOCUMENTOS	Solicitação feita pelo DAFA à Divisão para fechamento de porta voltada para o estacionamento.	---	---	04/03/1975
DOCUMENTOS	Informações sobre o campeonato de futebol a ser realizado pelo DAFA.	---	---	04/03/1975
DOCUMENTOS	Convite para participação de curso promovido pelo IAB criado por arquiteto Bruno Tausz.	---	---	07/03/1975
DOCUMENTOS	Convite feito pelo DEE, ao DAFA, para participação no Projeto Mímuno I, projeto intermunicipal universitário de Arte Nova, que constará com shows, exposições de artes plásticas e artesanato. O comunicado destaca a presença do "Excelentíssimo Ministro da Educação" e considera o fato motivo para tornar a presença dos alunos imprescindível.	---	---	10/03/1975
DOCUMENTOS	Convite feito pelo DAFA para o coquetel de boas-vindas aos calouros.	---	---	12/03/1975
DOCUMENTOS	Solicitação enviada pelo DCE-UFRGS, ao DAFA, de informativo aos alunos sobre os documentos necessários para confecção da carteira estudantil.	---	---	13/03/1975
DOCUMENTOS	Convocação do Presidente do DAFA para reunião do Conselho Deliberativo DCE-UFRGS.	---	---	14/03/1975
DOCUMENTOS	Justificativa enviada ao DAFA sobre carta da FAUSJC- Faculdade de Arquitetura de São José dos Campos, ao MEC, informando das irregularidades no curso e solicitando sua intervenção.	---	---	16/03/1975 17/03/1975
DOCUMENTOS	Programação do projeto Mímuno I.	---	---	17/03/1975
DOCUMENTOS	Solicitação enviada pelo DAFA à Fundação Getúlio Vargas - RJ, com pedido de envio de materiais que contribuam com o departamento de pesquisa criado pelos estudantes.	---	---	18/03/1975
DOCUMENTOS	Solicitação feita pelo DAFA ao então Diretor da Faculdade de Arquitetura, Homero Diaz de Almeida, de empréstimo do auditório para realização de palestra sobre formação profissional.	---	---	28/03/1975
DOCUMENTOS	A Comissão de Carreira da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do R.G.S.	---	---	31/03/1975
DOCUMENTOS	Convite ao DAFA, feito pelo Departamento de Saúde Comunitária da Associação Médica do Rio Grande do Sul, para participação da primeira atividade científica de 1975.	---	---	02/04/1975
DOCUMENTOS	Solicitação feita pelo DAFA ao Grupo Executivo da Região Metropolitana de concessão do Plano Metropolitanano de Porto Alegre.	---	---	03/04/1975
DOCUMENTOS	Convocação feita ao Presidente do DAFA para reunião do Conselho Deliberativo do DCE UFRGS; Texto sobre a invasão, por policiais, do DA e DCE da UFMG e apreensão de exemplares de jornais e revistas consideradas como ameaça ao regime vigente; Nota do DCE UFMG sobre as punições aos alunos responsáveis pela publicação da revista "gol a gol" considerada como "contestatória"; Nota enviada aos professores e estudantes da UFMG, pelo DCE, sobre as repressões e censura de suas atividades.	---	---	amea ao regime; 04/04/1975; sem data
DOCUMENTOS	Comunicado enviado pela superintendência acadêmica, ao DAFA, informando a relação de estudantes contemplados com a Bolsa trabalho.	---	---	04/04/1975
DOCUMENTOS	Solicitação ao Presidente do DAFA feita pelo então chefe do departamento de expressão gráfica, Júlio de Castilhos, do envio de três representantes para participação da comissão eleitoral.	---	---	07/04/1975
DOCUMENTOS	Comunicado aos Departamentos, professores e Diretório Acadêmico, por parte da secretária da Faculdade de Arquitetura, informando que a solicitação do uso do auditório deverá ser feita por escrito e com antecedência de 5 dias úteis.	---	---	08/04/1975
DOCUMENTOS	Convite feito pelo DEE, ao DAFA, para participação no IV Fórum de debates sobre a realidade brasileira e rio-grandense.	---	---	09/04/1975
DOCUMENTOS	Solicitação feita para o DAFA de divulgação do baile de encerramento dos II jogos inter calouros de ESEFS.	---	---	10/04/1975
DOCUMENTOS	Solicitação à agência de Turismo da Empresa P. Alegre/Buenos Aires, de concessão de passagem a um estudante que irá participar do Curso de Histórias em Quadrinhos.	---	---	11/04/1975
DOCUMENTOS	Informativo enviado pelo Coordenador do Concur/Arq., negando a ampliação de vagas para esta disciplina.	---	---	11/04/1975
DOCUMENTOS	Comunicado enviado pela superintendência acadêmica, ao DAFA, informando a relação de estudantes contemplados com a Bolsa trabalho.	---	---	14/04/1975
DOCUMENTOS	Comunicado enviado pela superintendência acadêmica, departamento de assistência e representação estudantil, sobre verba destinada ao DAFA.	---	---	17/04/1975
DOCUMENTOS	Novo estatuto da Universidade de Uberlândia.	---	---	19/04/1975
DOCUMENTOS	Solicitação do Departamento de Cultura do DAFA, do envio gratuito da publicação tecnologia e desenvolvimento a fim de montar biblioteca.	---	---	23/04/1975
DOCUMENTOS	Convite aos alunos da Faculdade de Arquitetura para participação no 1º seminário de arquitetura, urbanismo e paisagismo.	---	---	23/04/1975
DOCUMENTOS	Solicitação feita pelo DAFA ao Diretor da Faculdade de Arquitetura para utilização do anfiteatro.	---	---	23/04/1975
DOCUMENTOS	Comunicado enviado pelo Diretório acadêmico de Zootecnia e Veterinária, PUC-RS, informando de sua nova gestão.	---	---	24/04/1975
DOCUMENTOS	Solicitação ao diretor de utilização do auditório da Faculdade de Arquitetura para a realização de palestras.	---	---	24/04/1975
DOCUMENTOS	Informativo enviado pela Superintendência Acadêmica ao DAFA sobre o envio de projetos a fim de obter verbas.	---	---	25/04/1975
DOCUMENTOS	Programa Básico para o período de 1975.	---	---	25/04/1975
DOCUMENTOS	Comunicado enviado pelo DEE ao DAFA sobre o IV Fórum de Debates sobre realidade Brasileira e Rio-grandense.	---	---	02/05/1975
DOCUMENTOS	Solicitação a Reitoria do envio de lista com os alunos - convênio da Faculdade de Arquitetura.	---	---	02/05/1975
DOCUMENTOS	Solicitação ao Diretor da Faculdade de Arquitetura de Anápolis, de envio de lista de alunos que serão representantes dos departamentos.	---	---	02/05/1975
DOCUMENTOS	Convocação do Presidente do DAFA para reunião do Conselho Deliberativo.	---	---	02/05/1975
DOCUMENTOS	Solicitação, ao Diretor, de utilização do auditório para audição do Conjunto de Câmara.	---	---	05/05/1975
DOCUMENTOS	Convite para participação dos Torneios de Xadrez e Tênis, exclusivamente para Universitários, promovido pelo Serviço de recreação Pública, da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Porto Alegre.	---	---	07/05/1975
DOCUMENTOS	Autorização do diretor Flávio Figueira Soares para utilização do auditório pelo DAFA.	---	---	07/05/1975
DOCUMENTOS	Informativo enviado pelo DEE ao DAFA sobre o IV Fórum de debates sobre realidade brasileira e rio-grandense.	---	---	08/05/1975
DOCUMENTOS	Liberação do Salão de Festas da Reitoria.	---	---	08/05/1975
DOCUMENTOS	Convite para participação de Conferência promovida pelo Departamento de Saúde Comunitária da Associação Médica do Rio Grande do Sul, com a temática "Atenção de flúor ao abastecimento de água".	---	---	12/05/1975
DOCUMENTOS	Agradecimento do DAFA ao Conjunto de Câmara da UFRGS pela apresentação realizada - Ofício N° 011/75.	---	---	12/05/1975
DOCUMENTOS	Agradecimento do DAFA ao Conjunto de Câmara da UFRGS pela apresentação realizada - Ofício N° 012/75.	---	---	12/05/1975
DOCUMENTOS	Solicitação de utilização do auditório para eventos musicais.	---	---	12/05/1975
DOCUMENTOS	Resposta a solicitação do DAFA para utilizar o auditório. O pedido é aceito desde que utilizado em período determinado.	---	---	14/05/1975
DOCUMENTOS	Solicitação de envio de informações sobre a universidade, no caso UFRGS, a PUC-RJ, a fim de ampliar o conhecimento e envolvimento universitário.	---	---	16/05/1975
DOCUMENTOS	Solicitação de inscrição e um dos alunos da Faculdade de Arquitetura no torneio de tênis.	---	---	16/05/1975
DOCUMENTOS	Solicitação ao Diretor Flávio Figueira Soares de retirada de materiais do almoxarifado.	---	---	16/05/1975
DOCUMENTOS	Ofício N° 009/75	---	---	16/05/1975
DOCUMENTOS	Relatório de atividades do diretório acadêmico da Faculdade de Arquitetura.	---	---	19/05/1975
DOCUMENTOS	Circular informando o encaminhamento de listagem de alunos da Faculdade de Arquitetura que receberão bolsa trabalho.	---	---	19/05/1975
DOCUMENTOS	Solicitação ao Diretor da Faculdade de Arquitetura de liberação do auditório para promoção cultural de caráter musical.	---	---	20/05/1975
DOCUMENTOS	Solicitação, enviada pelo DAFA ao Grupo Executivo da Região Metropolitana, do envio de publicações técnicas deste organismo.	---	---	21/05/1975
DOCUMENTOS	Solicitação enviada à Kodak de seis rolos de filme para realização de trabalhos acadêmicos.	---	---	22/05/1975
DOCUMENTOS	Solicitação de doação do livro "Sobre Arquitetura", de Lúcio Costa, feita a Direção da Faculdade.	---	---	22/05/1975
DOCUMENTOS	Informativo enviado ao DCE, solicitando a execução de carteira estudantil para o aluno em questão.	---	---	22/05/1975
DOCUMENTOS	Convite enviado a Udo Mohr para participação, como palestrante, do I Seminário sobre preservação do ambiente natural realizado pelo DAFA.	---	---	23/05/1975
DOCUMENTOS	Convite enviado a José Lutzemberger para participação, como palestrante, do I Seminário sobre preservação do ambiente natural realizado pelo DAFA.	---	---	23/05/1975
DOCUMENTOS	Convite enviado a Mozart Pereira Soares para participação, como palestrante, do I Seminário sobre preservação do ambiente natural realizado pelo DAFA.	---	---	23/05/1975
DOCUMENTOS	Convite enviado a Flávio Lewgov para participação, como palestrante, do I Seminário sobre preservação do ambiente natural realizado pelo DAFA.	---	---	23/05/1975
DOCUMENTOS	Carta dos estudantes de medicina da UFRGS denunciando a péssima qualidade do curso.	---	---	26/05/1975
DOCUMENTOS	Solicitação do pagamento de verba referente ao primeiro semestre de 1975.	---	---	28/05/1975
DOCUMENTOS	Solicitação enviada ao Diretor Flávio Figueira Soares com aprovação da prestação de contas da gestão do DAFA de 1974.	---	---	28/05/1975
DOCUMENTOS	Solicitação para utilizar o auditório da Assembleia Legislativa de Porto Alegre para realização do Festival Gaúcho de Curta Metragem.	---	---	29/05/1975
DOCUMENTOS	Convite para o show de "Macale" a ser realizado pela PUC.	---	---	30/05/1975
DOCUMENTOS	Convite para os estudantes da UFRGS participarem do Congresso Estudantil realizado pela USP, promovido com a finalidade de se criar o Diretório central dos estudantes, facilitando as lutas do Movimento Estudantil.	---	---	02/06/1975
DOCUMENTOS	Programação do 1º Seminário sobre Preservação do Ambiente Natural.	---	---	02/06/1975
DOCUMENTOS	Convocação do Presidente do DAFA para reunião do Conselho Deliberativo DCE-UFRGS.	---	---	02/06/1975
DOCUMENTOS	Comunicado enviado pelo Departamento de Assistência e Representação Estudantil, solicitando encaminhando de circular sobre os XXVI Jogos universitários Brasileiros.	---	---	19/06/1975
DOCUMENTOS	Comunicado ao DFA, enviado pela Engtec, solicitando o preenchimento de formulário a fim de continuar enviando, gratuitamente, a revista Engenharia na Indústria.	---	---	27/06/1975
DOCUMENTOS	Prestação de contas do exercício de 1973.	---	---	01/07/1975
DOCUMENTOS	Circular informando a superintendência acadêmica sobre a aprovação na prestação de contas do DAFA referente a gestão de 1973.	---	---	01/07/1975
DOCUMENTOS	Circular aceitando a solicitação do DAFA para utilização do auditório da Assembleia Legislativa para o I Festival Gaúcho de Curta Metragem.	---	---	04/07/1975
DOCUMENTOS	Solicitação enviada ao DCE, permitindo uma aluna a retirar sua carteirinha estudantil.	---	---	04/07/1975
DOCUMENTOS	Comunicado de posse da nova gestão do Diretório Acadêmico da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí.	---	---	05/07/1975
DOCUMENTOS	Convocação do Presidente do DAFA para reunião do Conselho deliberativo do DCE.	---	---	07/07/1975
DOCUMENTOS	Solicitação de encaminhando à superintendência acadêmica de circular, liberando a verba referente ao segundo semestre de 1975.	---	---	07/07/1975
DOCUMENTOS	Concurso João Carlos Vital, Proteção Contra Incêndio no Planejamento de Edificações e Edital.	---	---	10/07/1975
DOCUMENTOS	Convite enviado ao DAFA pela direção da Faculdade, convidando os alunos para cerimônia de colação de grau.	---	---	17/07/1975
DOCUMENTOS	Ofício enviado pelo DAFA a Jorge Englert, M.D. Secretário das Obras e Viação de Porto Alegre, oferecendo auxílio no projeto "Cidade Jardim" a ser executado pela secretaria em questão.	---	---	17/07/1975
DOCUMENTOS	Concurso João Carlos Vital, destinado a premiar a melhor monografia sobre o tema proteção contra incêndio no planejamento de edificações.	---	---	17/07/1975
DOCUMENTOS	Resposta em agradecimento a oferta feita pelo DAFA de auxílio à campanha lançada pela secretaria em transformar Porto Alegre numa verdadeira "Cidade Jardim".	---	---	28/07/1975
DOCUMENTOS	Relação de alunos a apresentarem documentação para retragem da situação socioeconômica, a fim de manter a bolsa trabalho.	---	---	01/08/1975
DOCUMENTOS	Parabenização feita pela superintendência ao DAFA sobre o I Seminário de Preservação do Meio Ambiente.	---	---	04/08/1975
DOCUMENTOS	Parabenização feita pela superintendência ao DAFA sobre o I Seminário de Preservação do Meio Ambiente.	---	---	04/08/1975
DOCUMENTOS	Parabenização feita pela superintendência ao DAFA sobre o I Seminário de Preservação do Meio Ambiente.	---	---	04/08/1975
DOCUMENTOS	Solicitação de divulgação de trabalho audiovisual chamado Tomany.	---	---	19/08/1975
DOCUMENTOS	Solicitação para liberação do auditório a fim de realizar-se mostra cultural de música.	---	---	19/08/1975
DOCUMENTOS	Solicitação feita pelo DAFA, à rádio Continental, de divulgação do 1º festival Gaúcho de Curta Metragem.	---	---	19/08/1975
DOCUMENTOS	Preservação do Patrimônio Histórico, cultural e Arquitetônico - Nota do DAFA posicionando-se contra a destruição da Capela do Bonfim	---	---	20/08/1975
DOCUMENTOS	Preservação do Patrimônio Histórico, cultural e Arquitetônico - Nota do DAFA criando o Departamento do Patrimônio Histórico, Cultural e Arquitetônico nesta instituição.	---	---	20/08/1975
DOCUMENTOS	Programação do Projeto Mímuno II.	---	---	20/08/1975
DOCUMENTOS	Comunicado enviado pela superintendência acadêmica informando a data das eleições para o Diretório.	---	---	26/08/1975
DOCUMENTOS	Parabenização do Secretário Municipal de Educação e Cultura ao DAFA pela criação do Departamento do Patrimônio Histórico, Cultural e Arquitetônico.	---	---	27/08/1975
DOCUMENTOS	Ofício informando o encaminhamento do programa audiovisual a ser apresentado no auditório da Faculdade de Arquitetura.	---	---	28/08/1975

DOCUMENTOS	Solicitação à direção da Faculdade de Arquitetura de auditório a fim de realizar debate.	---	---	03/09/1975
DOCUMENTOS	Orientação, por parte da superintendência, de prestação de contas da gestão de 75.	---	---	05/09/1975
DOCUMENTOS	Protesto dos estudantes, enviado ao prefeito, sobre o Patrimônio Histórico, Cultural e Arquitetônico de Porto Alegre.	---	---	08/09/1975
DOCUMENTOS	Convite ao DAFA para participação da Semana de Ecologia promovida pelo Diretório dos estudantes de arquitetura de Salvador.	---	---	09/09/1975
DOCUMENTOS	Solicitação feita pelo DEE-Diretório estadual de Estudantes, ao DAFA, de divulgação do IV Salão Universitário de Arte.	---	---	09/09/1975
DOCUMENTOS	Solicitação feita à direção de liberação de fotografias para exposição.	---	---	10/09/1975
DOCUMENTOS	Informação, Nº5 - esclarecimento do CEUE, centro de estudantes de engenharia sobre seu posicionamento quanto o ensino pago e eleições para a gestão 75/76.	---	---	10/09/1975
DOCUMENTOS	Comunicado enviado pela UFBA, ao DAFA, solicitando o envio de dados sobre o currículo, a fim de auxiliá-los em luta contra os jublamentos.	---	---	12/09/1975
DOCUMENTOS	Solicitação enviada à direção sobre a liberação do anfiteatro da Faculdade para a realização de palestra.	---	---	15/09/1975
DOCUMENTOS	Ofício enviado ao delegado Regional do INC, Paulo Nunes da Silva, solicitando o encaminhamento ao Departamento de Censura Federal, para que possa ser feito o certificado de censura dos filmes a serem apresentados no 1º festival Gaúcho de curta metragem.	---	---	16/09/1975
DOCUMENTOS	Solicitação ao DAFA para anexar cartazes de divulgação da II Exposição-Feira de todas as edições de catálogos.	---	---	26/09/1975
DOCUMENTOS	Pedido de liberação do auditório para palestra	---	---	26/09/1975
DOCUMENTOS	Solicitação enviada pelo DAFA a direção, solicitando a liberação do auditório para palestra.	---	---	30/09/1975
DOCUMENTOS	Convocação do Presidente do DAFA para reunião do Conselho Deliberativo do DCE-UFRGS.	---	---	07/10/1975
DOCUMENTOS	Convocação (Faz) - Solicitação de divulgação do Congresso Universitário do Rio Grande do Sul.	---	---	15/10/1975
DOCUMENTOS	Solicitação dos estudantes da UFBA do envio de telegrama em apoio às paralisações desta universidade.	---	---	15/10/1975
DOCUMENTOS	Comunicado enviado pelos estudantes UFBA, solicitando apoio do DAFA quanto a ida de Comissão a Brasília com o intuito de levar documento contendo "histórico de fundamentação da paralisação e as reivindicações básicas" dos universitários.	---	---	15/10/1975
DOCUMENTOS	Encaminhamento do edital para aquisição da bolsa trabalho.	---	---	16/10/1975
DOCUMENTOS	Solicitação de liberação do auditório para o 1º ciclo de palestras sobre paisagismo.	---	---	21/10/1975
DOCUMENTOS	1º Ciclo de palestras sobre paisagismo DAFA/IAB/SAERGS/AGAPAN.	---	---	21/10/1975
DOCUMENTOS	Solicitação do envio de três representantes do Departamento de esportes do DAFA para a assembleia geral, na qual será escolhido o Conselho Deliberativo do DCE.	---	---	24/10/1975
DOCUMENTOS	Credenciamento de alunos para representarem o DAFA no Congresso Universitário do Rio Grande do Sul.	---	---	24/10/1975
DOCUMENTOS	Confirmação de participação de equipe da Faculdade de Arquitetura no torneio de futebol promovido pela Associação Atlética Acadêmica da UFRGS.	---	---	24/10/1975
DOCUMENTOS	Solicitação ao diretor Flávio Soares de material para o DAFA.	---	---	26/10/1975
DOCUMENTOS	Solicitação ao DAFA do envio de 3 representantes do Departamento de Esportes para a assembleia geral.	---	---	31/10/1975
DOCUMENTOS	Convocação do Presidente do DAFA para reunião do Conselho Deliberativo do DCE.	---	---	03/11/1975
DOCUMENTOS	Confirmação de participação do IAB no "Ciclo de Palestras sobre Paisagismo".	---	---	04/11/1975
DOCUMENTOS	Solicitação ao chefe de departamento de engenharia civil do funcionamento, no período letivo de verão 75/76, das matérias "resistência dos materiais B", "estabilidade das construções B", "análise de sistemas estruturais" e "mecânica para arquitetos".	---	---	05/11/1975
DOCUMENTOS	Comunicado sobre os novos membros da gestão 76 do DEE - Diretório Estadual de Estudantes.	---	---	08/11/1975
DOCUMENTOS	Informativo enviado ao DARE sobre a programação do DAFA com sua nova gestão.	---	---	20/11/1975
DOCUMENTOS	Ofício enviado pelo DAFA ao DARE informando o valor a ser cobrado para a confecção da carteirinha estudantil bem como sua destinação.	---	---	20/11/1975
DOCUMENTOS	Convite ao DAFA para participação do 1º Fórum de Debates realizado pela Faculdade de Arquitetura - PUC.	---	---	24/11/1975
DOCUMENTOS	Solicitação a superintendência acadêmica de relação dos estudantes que receberão bolsa trabalho.	---	---	17/12/1975
DOCUMENTOS	Comunicado enviado pelo IAB-RS, ao DAFA, sobre a posse da nota diretoria.	---	---	29/12/1975
DOCUMENTOS	Solicitação a superintendência acadêmica de relação dos estudantes que receberão bolsa trabalho.	---	---	30/12/1975
DOCUMENTOS	Edital 1/76 - Nomeação feita pelo Presidente do DAFA dos estudantes de arquitetura a comporem a comissão eleitoral.	---	---	13/09/1976
DOCUMENTOS	Edital 1/76 - Convocação feita pelo Presidente do DAFA às eleições para a constituição da diretoria do diretório acadêmico em questão.	---	---	13/09/1976
DOCUMENTOS	Sociedade Brasileira para o progresso da ciência - SBPC Reunião regional sul.	---	---	09/06/1976
DOCUMENTOS	Encaminhamento do anteprojeto do estatuto do DAFA.	---	---	30/12/1976
DOCUMENTOS	Indicativos para a assinatura da revista Opinião.	---	---	11/01/1977
DOCUMENTOS	Indicativos para a assinatura do jornal Manifesto.	---	---	12/01/1977
DOCUMENTOS	Comunicado sobre o encaminhamento de material de divulgação da Reunião Regional da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.	---	---	07/02/1977
DOCUMENTOS	Resposta da revista Pasquim após carta enviada pelo DAFA, solicitando o valor da assinatura.	---	---	07/02/1977
DOCUMENTOS	Solicitação enviada ao DAFA de um estudante da Faculdade de Arquitetura de Santos para o envio do livro "Sobre Arquitetura" de Lúcio Costa.	---	---	17/02/1977
DOCUMENTOS	Comunicado enviado pelo DAFA ao diretor da Faculdade de Arquitetura, Flávio Soares, sobre o desaparecimento de caixas de som instaladas nas dependências do Diretório.	---	---	24/02/1977
DOCUMENTOS	Solicitação enviada ao Diretor da FAU, Flávio Soares, para o não cancelamento do fornecimento de energia elétrica ao Diretório, nos finais de semana e feriados.	---	---	28/02/1977
DOCUMENTOS	Solicitação ao Diretor da FAU Flávio Soares do envio de materiais para uso do DAFA.	---	---	01/03/1977
DOCUMENTOS	Alerta ao DAFA sobre a eleição de representantes estudantis para os Departamentos da Universidade.	---	---	07/03/1977
DOCUMENTOS	Comunicado de alteração de conta bancária do Diretório, do Banco do Brasil para a Caixa Econômica.	---	---	07/03/1977
DOCUMENTOS	Carta enviada à editora Schema, solicitando exemplares da revista "O Arquiteto".	---	---	07/03/1977
DOCUMENTOS	Solicitação feita pelo DAFA do orçamento de certos artigos da Hering, a fim de imprimir desenhos em camisetas.	---	---	07/03/1977
DOCUMENTOS	Ao Banco do Brasil AS - Solicitação dos extratos da conta relativo ao ano de 1976.	---	---	07/03/1977
DOCUMENTOS	Solicitação de orçamento de camisetas para impressão.	---	---	07/03/1977
DOCUMENTOS	Solicitação de orçamento de camisetas para impressão.	---	---	07/03/1977
DOCUMENTOS	Convite enviado ao DAFA para participação da IV Semana de Estudos sobre Saúde Comunitária.	---	---	11/03/1977
DOCUMENTOS	Comunicado enviado ao DAFA doando uma bola de futebol.	---	---	14/03/1977
DOCUMENTOS	Envio ao DAFA de exemplares do jornal Arquitecto e exemplares do Boletim Arquitetura pelo SAERGS.	---	---	14/03/1977
DOCUMENTOS	À Agência Central do Banco do Brasil AS - solicitação de entrega de extrato bancário ao aluno Flávio José Piccinini.	---	---	14/03/1977
DOCUMENTOS	Encaminhamento de material de divulgação do concurso de Monografias "Silvio Romero" e solicitação de divulgação do mesmo.	---	---	15/03/1977
DOCUMENTOS	Solicitação de prestação de contas do DAFA, gestão 75/76, para a liberação e verba ao Diretório em questão.	---	---	16/03/1977
DOCUMENTOS	Divulgação de informações sobre a colônia de férias de Tramandaí.	---	---	16/03/1977
DOCUMENTOS	Solicitação ao diretor Flávio Soares de materiais para o DAFA.	---	---	21/03/1977
DOCUMENTOS	Aprovação do valor da taxa a ser cobrada aos alunos da FAU-UFRGS pelo DAFA.	---	---	23/03/1977
DOCUMENTOS	Ao Departamento de Arquitetura e Comissão de Ensino - Comunicado enviado por alunos ao departamento de arquitetura sobre os problemas relacionados a disciplina "Condicionamento II".	---	---	24/03/1977
DOCUMENTOS	Resposta, ao DAFA, sobre solicitação do envio de exemplares da revista Ciência e Cultura. Nesta é informado que os exemplares já são enviados à biblioteca.	---	---	24/03/1977
DOCUMENTOS	Convite ao sindicato para participação em mesa redonda sobre a desvinculação das disciplinas de projeto de urbanismo I e II do departamento de arquitetura.	---	---	28/03/1977
DOCUMENTOS	Comunicado da pró-reitoria sobre o envio de verba ao DAFA, no valor de Cr\$ 11.961,33 (1ª parcela).	---	---	11/04/1977
DOCUMENTOS	Informativo enviado pelo reitor da UFRGS sobre a oferta de exames laboratoriais gratuitos para estudantes isentos e servidores com remuneração de até Cr\$ 2.500. Aos demais, o pagamento ocorreria em acordo com valor estipulado pelo INSS.	---	---	13/04/1977
DOCUMENTOS	Encaminhamento do ofício 14/77 com a divulgação do Plano Assistencial de Análises Clínicas.	---	---	13/04/1977
DOCUMENTOS	Encaminhamento de lista de alunos contemplados pela bolsa-trabalho.	---	---	22/04/1977
DOCUMENTOS	Solicitação enviada pelo diretor Flávio Soares, ao DAFA, convocando um representante do diretório para compor a comissão de avaliação de ensino (CAE).	---	---	26/04/1977
DOCUMENTOS	Solicitação de divulgação da colônia de férias de Tramandaí.	---	---	02/05/1977
DOCUMENTOS	Informativos sobre a colônia de férias de Tramandaí.	---	---	02/05/1977
DOCUMENTOS	Solicitação feita pela ABEA- Associação Brasileira de escolas de Arquitetura - do envio de publicações e boletins do DAFA a esta instituição.	---	---	02/05/1977
DOCUMENTOS	Informativo enviado pelo DAFA sobre as péssimas condições da biblioteca, bem como a falta de importantes livros.	---	---	03/05/1977
DOCUMENTOS	Solicitação de representante do DAFA em reunião para tratar sobre os Primeiros Jogos Inter-Práticas Desportivas.	---	---	03/05/1977
DOCUMENTOS	Solicitação de auditório para a realização de debates.	---	---	04/05/1977
DOCUMENTOS	À comissão de Avaliação de ensino - informativo de que o aluno Darel Leguercio da Silva será o representante dos estudantes na comissão de avaliação de ensino.	---	---	09/05/1977
DOCUMENTOS	Solicitação do envio de exemplares da revista CJ Arquitetura, de forma gratuita, ao DAFA.	---	---	11/05/1977
DOCUMENTOS	Declaração de recebimento de material solicitado.	---	---	18/05/1977
DOCUMENTOS	Solicitação do auditório da Faculdade de Arquitetura para a realização de palestras. "Abertura"	---	---	18/05/1977
DOCUMENTOS	Termo de Compromisso	---	---	19/05/1977
DOCUMENTOS	Departamento de expressão gráfica - indicação da professora Nilda Mena Barreto para integrar a comissão de seleção de livros.	---	---	25/05/1977
DOCUMENTOS	Convite a participação do II Encontro Brasileiro de Jornalismo Estudantil.	---	---	25/05/1977
DOCUMENTOS	Encaminhamento de lista de alunos selecionados a receber a bolsa trabalho.	---	---	31/05/1977
DOCUMENTOS	Comunicado do Instituto Italiano de Cultura do Rio de Janeiro sobre concurso a ser organizado por esta instituição.	---	---	03/06/1977
DOCUMENTOS	Solicitação de divulgação da colônia de férias de Tramandaí.	---	---	14/06/1977
DOCUMENTOS	Solicitação para liberação da primeira parcela de verba destinada ao DAFA.	---	---	27/07/1977
DOCUMENTOS	Prestação de contas, no valor de Cr\$ 5.000,00, enviada a pró-Reitoria. Valor utilizado para a promoção de show.	---	---	29/07/1977
DOCUMENTOS	Orçamento apresentado pela empresa TEREMA, técnica representações de máquinas LTDA, para conserto a pedido do DAFA.	---	---	01/08/1977
DOCUMENTOS	À editora Civilização Brasileira - nomeação de responsável pela retirada de livros para a Feira do Livro a ser realizada pelo DAFA.	---	---	01/08/1977
DOCUMENTOS	Solicitação ao diretor da faculdade de arquitetura-UFRGS de materiais para o DAFA.	---	---	04/08/1977
DOCUMENTOS	Informativo enviado ao DAFA sobre o recebimento da segunda parcela de verba, no valor de Cr\$ 14.000,00.	---	---	04/08/1977
DOCUMENTOS	Comunicado com encaminhamento de ficha de inscrição para participação do III Festival Estadual Estudantil da Canção (III FEEC), a ser realizado na cidade Três de Maio.	---	---	08/08/1977
DOCUMENTOS	Convocação do representante do DAFA para retomada das atividades referentes à Comissão de Avaliação do Ensino.	---	---	11/08/1977
DOCUMENTOS	Solicitação de conserto de vidro do diretório acadêmico.	---	---	17/08/1977
DOCUMENTOS	Recibo do pagamento de aluguel do bar da arquitetura.	---	---	17/08/1977
DOCUMENTOS	Solicitação de empréstimo, ao IAB, de material audiovisual sobre a arquitetura gaúcha.	---	---	17/08/1977
DOCUMENTOS	Solicitação de utilização do auditório da Faculdade de Arquitetura para o evento "envernizagem", promovido pelo DAFA.	---	---	19/08/1977
DOCUMENTOS	Circular de encaminhamento da portaria 961/77 sobre as eleições para presidente ou diretoria dos diretórios acadêmicos.	---	---	25/08/1977

DOCUMENTO	Solicitação, ao DAFA, para divulgação do Programa de Saúde.	---	---	29/08/1977
DOCUMENTO	Solicitação de materiais para o DAFA.	---	---	04/09/1977
DOCUMENTO	Representatividade nos órgãos colegiados - Apresentação dos órgãos colegiados com representatividade estudantil.	---	---	08/09/1977
DOCUMENTO	Edital de convocação para eleições do DAFA.	---	---	12/09/1977
DOCUMENTO	Solicitação de reserva do diretório para atividades culturais.	---	---	12/09/1977
DOCUMENTO	Edital de convocação para eleições do DAFA.	---	---	19/09/1977
DOCUMENTO	Denúncia sobre a invasão, feita pela Polícia Federal, a gráfica onde estavam sendo feitos os posters para a sustentação financeira da semana de vigília e do II encontro nacional de estudantes.	---	---	21/09/1977
DOCUMENTO	Solicitação de divulgação de bolsa de estudos oferecida pelo Instituto Italiano de Cultura do Rio de Janeiro.	---	---	22/09/1977
DOCUMENTO	Convocação feita pelos estudantes para comparecimento em assembleia geral e paralização das atividades curriculares como resposta a repressão ao III ENE, cujo ato causou o desaparecimento de seis estudantes.	---	---	23/09/1977
DOCUMENTO	Comunicado sobre abertura de inscrições para inscrição de taxa de matrícula e bolsa de trabalho.	---	---	26/09/1977
DOCUMENTO	Solicitação de divulgação da apresentação final do trabalho da bolsista-arte Betsey Gerlinde Boelter.	---	---	26/09/1977
DOCUMENTO	Nota enviada pelo DAFA aos professores com pontos a serem discutidos em assembleia.	---	---	26/09/1977
DOCUMENTO	Convite ao DAFA para participação do Encontro Nacional do Ensino de Cinema e Encontro Nacional dos Cineastas.	---	---	28/09/1977
DOCUMENTO	Convite para participação do "concurso de ideias promovido pelo BNH com o objetivo de baratear a construção habitacional. Anexo edital do concurso.	---	---	12/10/1977
DOCUMENTO	Convite para participação de assembleia geral do DAEF.	---	---	14/10/1977
DOCUMENTO	Convocação para participação no concurso de monografias promovido pela Previdência e Assistência Social e divulgação do edital.	---	---	24/10/1977
DOCUMENTO	Convite para participação de conferência sobre o candolmê balaio.	---	---	31/10/1977
DOCUMENTO	Solicitação de envio à pró-reitoria do valor de taxa a ser cobrada pelo Diretório e benefícios a serem oferecidos.	---	---	07/11/1977
DOCUMENTO	Solicitação, ao DAFA, de envio à Pró-reitoria de informações sobre a taxa a ser cobrada aos associados do DAFA e benefícios a serem oferecidos.	---	---	07/11/1977
DOCUMENTO	Convocação feita pela pró-reitoria, enviada ao presidente do DAFA, para reunião a fim de tratar sobre o PRUNI, verba destinada aos Diretórios.	---	---	08/11/1977
DOCUMENTO	Termo de posse da nova diretoria do DAFA.	---	---	08/11/1977
DOCUMENTO	Convocação do Presidente do DAFA para reunião a ser realizada na Pró-Reitoria a fim de explicar o relacionamento da PRUNI com os Diretórios.	---	---	08/11/1977
DOCUMENTO	Convite e solicitação de divulgação do IV Simpósio estadual de Engenheiros e Arquitetos.	---	---	11/11/1977
DOCUMENTO	Solicitação de divulgação do IV Simpósio Estadual de Engenheiros e Arquitetos.	---	---	11/11/1977
DOCUMENTO	Solicitação de empréstimo do auditório da Faculdade de Arquitetura para apresentação do espetáculo "A Barra".	---	---	17/11/1977
DOCUMENTO	Resposta ao departamento de assuntos estudantis, informando o valor de taxa a ser cobrada aos alunos pelo DAFA.	---	---	25/11/1977
DOCUMENTO	Informações sobre os benefícios aos associados ao DAFA.	---	---	25/11/1977
DOCUMENTO	Solicitação ao departamento de assuntos estudantis de liberação de verba destinada ao DAFA.	---	---	09/12/1977
DOCUMENTO	Solicitação de liberação de verba para o DAFA.	---	---	09/12/1977
DOCUMENTO	Nota enviada ao presidente da OAB-RS, Dr. Justino Vasconcelos, tratando sobre a constituição de uma Comissão Permanente para a Defesa dos Direitos Humanos, com a presença de membros de Diretórios, grêmios estudantis, entidades representativas. A comissão surgiu após reunião de estudantes da Grande Porto Alegre em reunião geral na UFRGS, com concentração em frente à reitoria, com o objetivo de obter apoio do Reitor para a soltura de alunos e professores da UFRGS.	---	---	19/04/1977
ELEIÇÃO DCE/DAS	chapa 2 - Perspectiva, eleição DAUI.	---	---	sem data
ELEIÇÃO DCE/DAS	Hermes Rosa - Chapa 3.	---	---	sem data
ELEIÇÃO DCE/DAS	Chapa 2 - DCE UFRGS.	---	---	sem data
ELEIÇÃO DCE/DAS	Chapa 1 - DAUI-UFRGS.	---	---	sem data
ELEIÇÃO DCE/DAS	Chapa 3 - Hermes Rosa - DAFA.	---	---	sem data
ELEIÇÃO DCE/DAS	Chapa 1: Manifesto". Programa e intenções chapa 1 para as eleições do DCE.	---	---	sem data
ELEIÇÃO DCE/DAS	Unidade e liberdade, chapa 3, DAUI 77/78.	---	---	sem data
ELEIÇÃO DCE/DAS	Chapa 1 - construção, CEUE 77/78.	---	---	sem data
ELEIÇÃO DCE/DAS	Atuação, Chapa 1, consagrar, realizar, representar.	---	---	sem data
ELEIÇÃO DCE/DAS	Associação Alélica Acad-ênica - Programa chapa 1, 77/78.	---	---	sem data
ELEIÇÃO DCE/DAS	Proposição de Programa - Eleição DCE-UFRGS 73/74.	---	---	jun/73
ELEIÇÃO DCE/DAS	Chapa 28 mil - centros acadêmicos da USP.	---	---	ago/73
ELEIÇÃO DCE/DAS	Programa chapa 2 - DAFA 75/76.	---	---	1975/1976
ELEIÇÃO DCE/DAS	Chapa 1 DAECA - Nova etapa - gestão 75/76.	---	---	1975/1976
ELEIÇÃO DCE/DAS	Chapa 2, oposição, DAECA 75/76.	---	---	1975/1976
ELEIÇÃO DCE/DAS	Chapa 2, programa, CEUE 75/76.	---	---	1975/1976
ELEIÇÃO DCE/DAS	Se você pensa... Chapa 3 - Renovação - 75/76.	---	---	1975/1976
ELEIÇÃO DCE/DAS	Chapa 1 DCE 75/76.	---	---	1975/1976
ELEIÇÃO DCE/DAS	Chapa 2 - DCE - UFRGS 75/76.	---	---	1975/1976
ELEIÇÃO DCE/DAS	Vote Perspectiva - Chapa 2. Propostas chapa 2 para eleição do DCE/UFRGS, em 1977.	---	---	1977
ELEIÇÃO DCE/DAS	Pelea - Chapa 1, propostas chapa 1 para eleição do DCE/UFRGS, em 1977.	---	---	1977
ELEIÇÃO DCE/DAS	Participação. Propostas para eleição, em 1977, para diretório acadêmico.	---	---	1977
ELEIÇÃO DCE/DAS	Anos depois - eleições para DCE - 77/78 UFRGS.	---	---	1977/1978
ELEIÇÃO DCE/DAS	Programa Perspectiva - DABICO 77/78.	---	---	1977/1978
ELEIÇÃO DCE/DAS	Chapa 1 - Continuação gestão DAFA 77/78.	---	---	1977/1978
ENSINO REFORMA CURRICULAR	Contribuição do setor formação histórica para debates no cenário - 1ª fase (Proposição de discussão do grupo 3).	---	---	sem data
ENSINO REFORMA CURRICULAR	Documento sobre ensino I.	---	---	sem data
ENSINO REFORMA CURRICULAR	Boletim CONSAR.	---	---	sem data
ENSINO REFORMA CURRICULAR	Três partes e proposição para um tema de urbanismo.	---	---	sem data
ENSINO REFORMA CURRICULAR	Artigo publicado no Architects Year Book n.º 8.	---	---	sem data
ENSINO REFORMA CURRICULAR	Informativos da disciplina de Matemática para divisão do departamento de técnicas.	---	---	1965
ENSINO REFORMA CURRICULAR	Informativos das disciplinas de Resistência dos Materiais e Estabilidade das Construções para divisão do departamento de técnicas.	---	---	1965
ENSINO REFORMA CURRICULAR	Informativos da disciplina Materiais de Construção - Estudo do Solo para divisão do departamento de técnicas.	---	---	1965
ENSINO REFORMA CURRICULAR	Informativos da disciplina de Física Aplicada para divisão do departamento de técnicas.	---	---	10/10/1965
ENSINO REFORMA CURRICULAR	Informativos da disciplina de Sistemas Estruturais para divisão do departamento de técnicas.	---	---	11/10/1965
ENSINO REFORMA CURRICULAR	Informativos das disciplinas de Técnica da construção e Topografia para divisão do departamento de técnicas.	---	---	19/10/1965
ENSINO REFORMA CURRICULAR	Informativos da disciplina de Mecânica para divisão do departamento de técnicas.	---	---	19/10/1965
ENSINO REFORMA CURRICULAR	Informativos da disciplina de Concreto Armado para divisão do departamento de técnicas.	---	---	22/10/1965
ENSINO REFORMA CURRICULAR	Resposta dos professores responsáveis pelas cadeiras do departamento de Técnicas, sobre a circular 19.	---	---	25/10/1965
ENSINO REFORMA CURRICULAR	Resposta dos professores responsáveis pelas cadeiras do departamento de Técnicas, sobre a circular 19.	---	---	25/10/1965
ENSINO REFORMA CURRICULAR	Informativos do departamento de Cultura como resposta a circular 19.	---	---	27/10/1965
ENSINO REFORMA CURRICULAR	Informativos das disciplinas do departamento de Projeto como resposta a Circular nº19.	---	---	29/10/1965
ENSINO REFORMA CURRICULAR	Informativos das disciplinas do departamento de Projeto como resposta a Circular nº19, enviada pelo Professor e Diretor da Faculdade de Arquitetura, Werner Grundig.	---	---	29/10/1965
ENSINO REFORMA CURRICULAR	Informativos das disciplinas do departamento de Urbanismo em resposta a circular nº19.	---	---	04/11/1965
ENSINO REFORMA CURRICULAR	Informativos das disciplinas do departamento de Expressão e Representação ao Diretor da Faculdade de Arquitetura.	---	---	05/11/1965
ENSINO REFORMA CURRICULAR	Solicitação para divisão do departamento de técnicas.	---	---	01/06/1966
ENSINO REFORMA CURRICULAR	1ª Semana de Estudos.	---	---	dez/66
ENSINO REFORMA CURRICULAR	Relatório apresentado ao magnífico reitor da Universidade de Brasília, professor caio Benjamin Dias, pela comissão de reestruturação do Instituto Central de Artes e da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.	---	---	21/06/1968
ENSINO REFORMA CURRICULAR	Texto contestando a renovação didática proposta pelo conselho departamental.	---	---	07/08/1968
ENSINO REFORMA CURRICULAR	Nosso ensino é uma farsa.	---	---	12/08/1968
ENSINO REFORMA CURRICULAR	Seminário aberto é legal.	---	---	19/08/1968
ENSINO REFORMA CURRICULAR	Seminário de estudos para uma nova estrutura de ensino da Faculdade de Arquitetura da UFRGS.	---	---	06/09/1968
ENSINO REFORMA CURRICULAR	Seminário de estudos para uma nova estrutura de ensino da Faculdade de Arquitetura da UFRGS - Relatório Grupo Trabalho 1.	---	---	09 a 23/09/1968
ENSINO REFORMA CURRICULAR	Seminário de estudos para uma nova estrutura de ensino da Faculdade de Arquitetura da UFRGS - Relatório Grupo Trabalho 2.	---	---	09 a 23/09/1968
ENSINO REFORMA CURRICULAR	Seminário de estudos para uma nova estrutura de ensino da Faculdade de Arquitetura da UFRGS - Relatório Grupo Trabalho 3.	---	---	09 a 23/09/1968
ENSINO REFORMA CURRICULAR	Seminário de estudos para uma nova estrutura de ensino da Faculdade de Arquitetura da UFRGS - Relatório Grupo Trabalho 4.	---	---	09 a 23/09/1968
ENSINO REFORMA CURRICULAR	Seminário de estudos para uma nova estrutura de ensino da Faculdade de Arquitetura da UFRGS - Relatório Grupo Trabalho 5.	---	---	09 a 23/09/1968
ENSINO REFORMA CURRICULAR	Carta enviada à direção da "Folha da Tarde" pelo DAFA - crise da faculdade.	---	---	13/09/1968
ENSINO REFORMA CURRICULAR	Seminário de estudos para uma nova estrutura de ensino da faculdade de arquitetura UFRGS - 09 a 23 de setembro de 1968. Relatório Final.	---	---	20/09/1968
IMAGEM	Imagem sem discrição. Pessoas em um caminhão na Bahia.	---	---	sem data
IMAGEM	Imagem DAFA.	---	---	sem data
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITÁRIO	Os primeiros: quem participou, quem venceu/Última eliminatória, com show de Nei Lisboa.	---	---	sem data
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITÁRIO	3º Festival Universitário da Música Popular Brasileira.	---	---	sem data
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITÁRIO	Trago a viola afinada pra quem quiser cantar.	---	---	sem data
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITÁRIO	Uma proposta catóica foi a vencedora.	---	---	sem data
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITÁRIO	Hoje, segunda eliminatória e show do Canto Livre.	---	---	sem data
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITÁRIO	3º Festival Universitário da MPB/A volta, 13 anos depois.	---	---	sem data
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITÁRIO	Nota sobre a agressividade do público no Festival Universitário de Música Popular Brasileira.	---	---	sem data
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITÁRIO	Nota sobre o retorno do Festival Universitário de Música Popular Brasileira (III FUMPB).	---	---	sem data
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITÁRIO	O festival da nossa música.	---	---	sem data

MATERIA FESTIVAL UNIVERSITARIO	O som.	---	---	sem data
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITARIO	Uma história simples, a do vencedor do festival.	---	---	sem data
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITARIO	Por Causa Sua	---	---	sem data
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITARIO	1º festival universitário da música popular brasileira.	---	---	sem data
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITARIO	Nossa música é a notícia.	---	---	sem data
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITARIO	O triunfo.	---	---	sem data
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITARIO	Festival prossegue sem favoritas.	---	---	sem data
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITARIO	Está chegando o Festival Universitário da Música Popular Brasileira.	---	---	sem data
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITARIO	O palco é nosso.	---	---	sem data
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITARIO	1º festival universitário da música popular.	---	---	sem data
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITARIO	3º Festival Universitário da MPB.	---	---	sem data
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITARIO	As Brechas.	---	---	sem data
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITARIO	FUMPB.	---	---	29/04/1968
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITARIO	Raul Elwanger e sua música vigorosa.	---	---	05/06/1968
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITARIO	São as 12 músicas que abrem o Festival.	---	---	05/06/1968
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITARIO	A música de Curitiba.	---	---	06/06/1968
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITARIO	Paraná manda um jovem seresteiro.	---	---	06/06/1968
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITARIO	Pernambuco abre o Festival Universitário amanhã.	---	---	06/06/1968
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITARIO	Roda viva começa hoje na Reitoria.	---	---	07/06/1968
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITARIO	[De rodado] é música elaborada.	---	---	07/06/1968
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITARIO	Este é o garoto do assobio.	---	---	07/06/1968
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITARIO	É Hoje o Festival de Nossa Música Popular.	---	---	07/06/1968
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITARIO	Um assobio esquentou o festival.	---	---	08/06/1968
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITARIO	Festival Universitário de música.	---	---	08/06/1968
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITARIO	Paulinho Tapajós traz o sabor carioca.	---	---	10/06/1968
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITARIO	São os cariocas.	---	---	10/06/1968
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITARIO	Um caixiense e dois cariocas na grande noite.	---	---	10/06/1968
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITARIO	Festival explode pela 2ª vez.	---	---	11/06/1968
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITARIO	Segue Hoje o Festival da Música Popular.	---	---	11/06/1968
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITARIO	É o 'donô' da viola; fracasa começou erudita; Bete por ela mesma.	---	---	11/06/1968
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITARIO	Festival Universitário de Música - Aqui estão as 12 desta noite.	---	---	11/06/1968
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITARIO	Noite de um 'canto para dizer-te adeus.	---	---	12/06/1968
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITARIO	1º Festival Universitário da Música Popular Brasileira.	---	---	13/06/1968
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITARIO	Marselha e hino Soviético no festival.	---	---	14/06/1968
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITARIO	Finalistas do Festival.	---	---	16/06/1968
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITARIO	Amanhã a grande final.	---	---	17/06/1968
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITARIO	É hoje a Final do Festival de nossa Música Popular.	---	---	18/06/1968
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITARIO	Para muitos, o dia mais longo.	---	---	18/06/1968
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITARIO	Aqui, Laís e seu violão inspirado.	---	---	18/06/1968
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITARIO	Festival Universitário de Música - As Finalistas de hoje.	---	---	18/06/1968
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITARIO	Vitória gaúcha com 'Jogo de Viola'.	---	---	19/06/1968
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITARIO	Viola vencedora e A grande interprete.	---	---	19/06/1968
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITARIO	Cante Conosco as Músicas do Festival.	---	---	19/06/1968
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITARIO	Upa nequinhô e Do desafio nasce novo compositor.	---	---	20/06/1968
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITARIO	Euforia do Sucesso.	---	---	20/06/1968
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITARIO	João Alberto, de Pelotas, alcançou o primeiro lugar.	---	---	20/06/1968
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITARIO	Festival ou a música industrial.	---	---	21/06/1968
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITARIO	O fenômeno e do nacional ao local.	---	---	21/06/1968
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITARIO	Existe um samba gaúcho.	---	---	24/06/1968
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITARIO	Os caminhos do Festival.	---	---	1969
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITARIO	São as 12 mais desse festival.	---	---	1969
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITARIO	Festival Universitário terá finalíssima hoje.	---	---	1969
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITARIO	Festival Universitário Empolga.	---	---	1969
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITARIO	Festival: Grande Público Ontem.	---	---	1969
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITARIO	Novamente o Festival Universitário.	---	---	1969
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITARIO	É a música dos jovens.	---	---	07/07/1969
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITARIO	Festival Universitário da MPB Amanhã na Reitoria.	---	---	08/07/1969
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITARIO	Festival Universitário da MPB prossegue hoje.	---	---	11/07/1969
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITARIO	Festival Universitário da Música Popular Terá Seu Final Esta Noite.	---	---	18/07/1969
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITARIO	Festival: Por favor, sucesso.	---	---	21/07/1969
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITARIO	Compositor Gaúcho Venceu o Festival.	---	---	22/07/1969
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITARIO	Informativo do DA da Faculdade de Arquitetura da UFMG sobre a impossibilidade em se realizar o III ENEA.	---	---	12/06/1972
MATERIA FESTIVAL UNIVERSITARIO	Na UFRGS tem início esta noite o Festival Universitário e "Em 83 volta..."	---	---	1983
NOTA/INFORM/MATERIA	Estamos em greve - contra a repressão ao IINEE.	---	---	sem data
NOTA/INFORM/MATERIA	Política se faz em público e não em gabinete - DCE-UFRGS.	---	---	sem data
NOTA/INFORM/MATERIA	Oficina -edição extra.	---	---	sem data
NOTA/INFORM/MATERIA	Nova Proposta - Programa DCE - UFRGS.	---	---	sem data
NOTA/INFORM/MATERIA	Regimento do Diretório Central dos Estudantes da UFRGS.	---	---	sem data
NOTA/INFORM/MATERIA	Por um ensino livre e gratuito em todos os níveis.	---	---	sem data
NOTA/INFORM/MATERIA	Informação I.	---	---	sem data
NOTA/INFORM/MATERIA	Aos colegas da Faculdade de Arquitetura.	---	---	sem data
NOTA/INFORM/MATERIA	Nota da UFPE sobre a invasão do Diretório pela comissão de Investigação da Universidade a fim de averiguar questões relacionadas a carteirinha estudantil.	---	---	sem data
NOTA/INFORM/MATERIA	Informativo - DCE UFPE.	---	---	sem data
NOTA/INFORM/MATERIA	Assembleia geral dos estudantes - DCE/PUC. Convide para assembleia geral dos estudantes a ser realizada pelo DCE/PUC, pela garantia do IINEE, pelo livre debate, pela legitimidade da representação estudantil, contra o decreto 228, pela democratização do país.	---	---	sem data
NOTA/INFORM/MATERIA	Eleições do DCE/UFRGS: pela formação de uma chapa unitária. Texto favorável a união das quatro chapas concorrentes a gestão do DCE, uma vez que todas apresentam a defesa das mesmas lutas.	---	---	sem data
NOTA/INFORM/MATERIA	Repressão: característica principal do regime. Nota de Diretórios Centrais de Estudantes de diversas universidades e DAs sobre a repressão policial a estudantes.	---	---	sem data
NOTA/INFORM/MATERIA	Em São Paulo, estudantes promovem passeata e condenam prisões feitas. Divulgação de nota intitulada "Carta Aberta à população" e publicada pela Folha da Manhã, Porto Alegre, 06/05/1977, pelo Diretório Acadêmico Jackson de Figueiredo.	---	---	sem data
NOTA/INFORM/MATERIA	Carta aos amigos do Informação. Nota do Conselho Editorial do jornal "Informação", comunicando a impossibilidade do jornal continuar sendo editado.	---	---	sem data
NOTA/INFORM/MATERIA	Calouros 77. Publicação do Diretório Central dos Estudantes, DCE-UFBA sobre o início da vida universitária.	---	---	sem data
NOTA/INFORM/MATERIA	Estudantes e professores presos. Nota do DCE-UFRGS sobre a prisão de estudantes, professores e um jornalista, com o objetivo de divulgar o nome das vítimas, atentando pela integridade dos presos.	---	---	sem data
NOTA/INFORM/MATERIA	Eleição prévia para o DCE - unidade e liberdade	---	---	sem data
NOTA/INFORM/MATERIA	Calendário - IV Encontro Regional - Curitiba - DASTUFP.	---	---	sem data
NOTA/INFORM/MATERIA	Contribuição à discussão: campanha e o Encontro Nacional por Liberdades democráticas	---	---	sem data
NOTA/INFORM/MATERIA	Nota de apoio. Nota dos estudantes presentes na reunião Preparatória dos EREAs, em apoio as faculdades de arquitetura em luta e informativos da reunião preparatória dos encontros regionais de estudantes de arquitetura.	---	---	sem data
NOTA/INFORM/MATERIA	O santo Inquirido - DCE/nova proposta	---	---	sem data
NOTA/INFORM/MATERIA	Proposição para a União Nacional dos Estudantes - UNIVERSIDADE CRÍTICA.	---	---	21 e 22 de setembro
NOTA/INFORM/MATERIA	Divulgação do 4º Encontro de DCEs e Das - Universidade de Caxias do Sul.	---	---	07/08/1973
NOTA/INFORM/MATERIA	Orientação para a confecção e adaptação do regimento dos diretórios acadêmicos ao regimento geral da universidade.	---	---	28/08/1973
NOTA/INFORM/MATERIA	Carta Programa DCE-UFRGS 73/74.	---	---	1973/1974
NOTA/INFORM/MATERIA	Proibição na UFMG a distribuição do último gol a gol.	---	---	06/06/1974
NOTA/INFORM/MATERIA	Resposta ao Ilmo. Sr. Nestor Jost, após solicitação de que o DCE fosse "mensageiro de suas promessas a todos os estudantes da UFRGS".	---	---	09/11/1974
NOTA/INFORM/MATERIA	Boletim informativo - DCE UFRGS.	---	---	09/1975
NOTA/INFORM/MATERIA	Informação - CEUE.	---	---	10/09/1975
NOTA/INFORM/MATERIA	Carta Aberta - UNB.	---	---	14/10/1975
NOTA/INFORM/MATERIA	Voz - escola de engenharia civil.	---	---	15/12/1975
NOTA/INFORM/MATERIA	Arreio no ovo - jornal do DCE UFRGS, gestão 76/77.	I	I	set/76
NOTA/INFORM/MATERIA	Nota sobre reunião a ser realizada no dia 24/07/1977, na assembleia legislativa, para debater sobre o o jornal Informação.	---	---	1977
NOTA/INFORM/MATERIA	DA Centro I- Unisinos. Apresentação da nova gestão do DA Unisinos com crítica a pouca participação dos alunos na eleição, crítica a situação universitária, os agravamentos locais, além de apresentação da tarefa e prioridades.	---	---	1977
NOTA/INFORM/MATERIA	XI Agronomiades-RS. Boletim especial questionando a presença e/ou ausência do pensamento político nos eventos esportivos denominados agronomiades.	---	---	1977
NOTA/INFORM/MATERIA	Informativo: carteira de estudante. Nota enviada pelo DCE e alguns Diretórios da Universidade de Pernambuco, informando sobre a tentativa de retirar das entidades de representação dos estudantes todo o controle na tiragem das carteirinhas. Sendo assim, convocamos os estudantes a participarem de reunião geral para se discutir e decidir o problema enfrentado.	---	---	15/01/1977

NOTA/INFORM/MATERIA	Texto escrito por alguns diretórios acadêmicos da UFPE, reunidos em assembleia em frente à sede do DCE, posicionando-se contrários a invasão e intervenção do DCE/UFPE, bem como os atos de violência que atingiram aos estudantes.	---	---	17/02/1977
NOTA/INFORM/MATERIA	Programação cultural de férias - DCE Salvador - Relatório das atividades culturais desenvolvidas no período de férias pelo DCE.	---	---	10/03/1977
NOTA/INFORM/MATERIA	Declaração de luta. Convocação dos estudantes e população em geral para participarem do Dia Unitário de lutas, em prol da anistia Geral, por liberdades democráticas e libertação dos presos políticos.	---	---	13/05/1977
NOTA/INFORM/MATERIA	Não mandem flores - texto DCE sobre a renúncia do presidente desta entidade, colocando fim a posição política defendida, então denominada "Nova Proposta".	---	---	18/05/1977
NOTA/INFORM/MATERIA	Utopia e realidade. Nota contestando as críticas realizadas aos membros do DCE, cujo presidente havia recém renunciado ao cargo, e afirmação da permanência da "nova proposta, acusada de morte por alguns estudantes.	---	---	25/05/1977
NOTA/INFORM/MATERIA	Boletim DABICO.	---	---	1º semestre/1977
NOTA/INFORM/MATERIA	Informações gerais aos diretórios acadêmicos - PRUNI-UFGRS.	---	---	04/11/1977
NOTA/INFORM/MATERIA	Boletim-DCE-UFGRS, gestão 77/78. Convocação para reunião aberta do DCE-UFGRS para se discutir o "encaminhamento da luta pelo desatralamento do DCE".	5	1	1977/1978
NOTA/INFORM/MATERIA	Nota Oficial. Nota enviada aos estudantes, entidades estudantis, imprensa, parlamentares, instituições e órgãos de classe de todo país e população em geral, pelos diretórios acadêmicos e Diretórios Centrais da UFPE, comunicando decisões tomadas referente a carteira estudantil, pelos mesmos, em reunião geral.	---	---	ago/78
PANFLETO	Casa Pandolfo.	---	---	sem data
PANFLETO	Comitê pela anistia 1º de maio". Cartaz sobre o fim das prisões e torturas, pela anistia ampla e irrestrita, por uma constituinte livremente eleita e pelas liberdades democráticas.	---	---	sem data
PANFLETO	Com ciência - gestão 74/75.	---	---	1974/1975
PANFLETO	Curso prático de Super 8.	---	---	1977
PORTARIA /EDITAL/DECRETO	Concurso de habilitação.	---	---	1959
PORTARIA /EDITAL/DECRETO	Concurso de habilitação.	---	---	1960
PORTARIA /EDITAL/DECRETO	Decreto-Lei Nº 53 - de 18 de novembro de 1966.	---	---	18/11/1966
PORTARIA /EDITAL/DECRETO	Decreto-Lei nº 252 - Reestruturação das Universidades Brasileiras.	---	---	24/02/1967
PORTARIA /EDITAL/DECRETO	Estatuto da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.	---	---	10/06/1968
PORTARIA /EDITAL/DECRETO	Decreto nº 62.997.	---	---	16/07/1968
PORTARIA /EDITAL/DECRETO	Portaria Nº 10.	---	---	15/03/1973
PORTARIA /EDITAL/DECRETO	Decisão Nº 95/74.	---	---	1974
PORTARIA /EDITAL/DECRETO	Portaria Nº 211.	---	---	03/1975
PORTARIA /EDITAL/DECRETO	Portaria Nº 472 - Informativo enviado pela superintendência acadêmica com o nome dos representantes -Hermes e Nirce - do Departamento de Arquitetura.	---	---	22/05/1975
PORTARIA /EDITAL/DECRETO	Portaria Nº 472 - Informativo enviado pela superintendência acadêmica com o nome dos representantes - Gilberto, Cláudia, Telmo e Lea - do Departamento de Urbanismo.	---	---	22/05/1975
PORTARIA /EDITAL/DECRETO	Portaria Nº 779 - Permissão da Superintendência Acadêmica para realização de eleições para o Diretório Acadêmico.	---	---	25/08/1975
PORTARIA /EDITAL/DECRETO	Portaria nº 306 - portaria fixando normas complementares para eleição de representação estudantil junto aos departamentos das unidades Universitárias.	---	---	07/03/1977
PORTARIA /EDITAL/DECRETO	Portaria nº 306.	---	---	07/03/1977
PORTARIA /EDITAL/DECRETO	Portaria nº 961.	---	---	25/08/1977
PORTARIA /EDITAL/DECRETO	Portaria nº 994.	---	---	14/09/1977
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	O Catalisador - Órgão Oficial do Conselho de Representantes do CAEEM.	3	2	sem data
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Jornal do Grêmio FAU-USP.	2	1	sem data
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	A Trova.	2	1	sem data
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Ponte - DCE UCS.	---	---	sem data
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Jus Sprenand - CAAR.	1	1	sem data
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Jornal do Grêmio.	1	1	sem data
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Pois é, tchê - uma publicação do DAUI.	9	---	sem data
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Beija Flor na Mata Virgem - DAFA.	5	1	sem data
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Obra aberta 2 - DCE UFGRS.	---	---	sem data
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Construção - CEUE-UFGRS.	2	---	sem data
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Ponte.	---	---	sem data
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Ponte.	---	---	sem data
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Universitários - DCE e Das UFGRS.	---	---	sem data
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Boletim DEE.	2	2	sem data
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Construção 1.	1	---	sem data
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	As técnicas na formação do arquiteto .	10	---	sem data
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Hein?	---	---	sem data
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Pois é, tchê! DAUI. UNB: a ditadura na universidade.	15	---	sem data
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Nossa luta. Boletim informativo do Setor Jovem metropolitano do MDB.	---	---	sem data
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Polemica, DAUF.	7	---	sem data
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Ponte, jornal do DCE/UCS.	---	---	sem data
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Polemica - DAJF-FAFI-Ijuí/RS	2	1	sem data
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Polemica - DAJF-FAFI-Ijuí/RS	3	1	sem data
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Polemica - DAJF-FAFI-Ijuí/RS	6	---	sem data
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Viração - debate.	1	---	sem data
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Texto para discussão - Gleba.	4	---	sem data
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Regulamentação das Profissões do Engenheiro, do Arquiteto e do Engenheiro Agrônomo.	---	---	1966
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Debate I.	1	1	out/67
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Debate II.	---	---	out/67
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Caderno de Cultura/ Análise DEC-LEI 477 - DCE 70/71.	---	---	1970/1971
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Boletim DAFA.	3	---	gestão 68/69
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Puk Puk-Porto Alegre.	1	---	set/71
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Terceiro Mundo Diretório Acadêmico Evaristo da Veiga - Faculdade de Direito da Universidade Federal Fluminense.	---	---	03/1972
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Revista DLUCT.	---	---	26/04/1972
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Jornal de Arquitetura.	---	---	julho e agosto/1972
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	GFAU - Faculdade de arquitetura e urbanismo de Santos.	---	---	set/72
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Caderno de Poesias - DCE - UFGR.	---	---	1973
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Jornal do DCE - PUC. RS.	1	1	jan/73
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Jornaleco - DAECA.	---	---	ago/73
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Jornal do DAFA I.	---	---	ago/73
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Gol a Gol se pega com o pé e dibra.	---	---	nov/73
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Universitário - DCE-UFGRS.	2	---	ago/74
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	a ponte, quando o muro separa... USP.	---	---	set/74
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Sobrevivência.	5	---	set/74
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Universitário - DCE-UFGRS.	---	---	set/74
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Caderno CEUE - série cinema 1.	4	---	out/74
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Caderno CEUE - série ensino 1.	---	---	dez/74
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Obra Aberta Um - DCE UFGRS.	---	---	dez/74
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	O Bisturi - Centro Acadêmico Sarmento Leite - Faculdade de Medicina UFGRS.	1	---	mar/75
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Batucque 2 - Jornal do diretório acadêmico de artes e arquitetura.	---	---	mai/75
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Papo XX - O pensamento jovem.	2	1	14/05/1975
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Caderno CEUE - A questão sexual UFGRS.	---	---	jan/75
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Mudança - Os jovens na Política.	1	---	13/06/1975
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	3x4 - estudantes de comunicação UFGRS.	---	---	20/06/1975
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Universitário DCE-UFGRS.	2	---	ago/75
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Sair dessa maré.	2	---	out/75
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Olha só a pinta do pinto - DAUI/ufgrs.	8	2	out/75
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Presença - Diretório Acadêmico Jackson Figueiredo - DAJF - FAFI - Ijuí.	---	---	out/75
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Olha só a pinta do pinto - DAUI/ufgrs.	9	2	out/75
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Gol a gol se pega com o pé e dibra - DCE-UFMG.	17	---	09/10/1975
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	pois é, tchê - DAUI.	7	---	nov/75
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Gol a gol se pega com o pé e dibra - DCE UFMG.	---	---	17/11/1975
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Arquitetura/RS.	4	---	jan/76
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Mutirão - DCE UFGRS gestão 76/77.	1	1	set/76
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Arquitetura/RS - SAERGS E IAB/RS.	1	---	out/76
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Arquitetura/RS - SAERGS E IAB/RS.	2	---	02/11/1976
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Arquitetura/RS - SAERGS E IAB/RS.	---	---	03/12/1976
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Arreio no ovo - Jornal do DCE UFGRS - gestão nº 76/77.	1	1	1976/1977
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Presença - DA Jackson de Figueiredo - Gestão 76/77.	3	---	1976/1977
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Presença - DA Jackson de Figueiredo - Gestão 76/77.	3	---	1976/1977

PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Arquitetura/RS - Boletim IAB e SAERGS .	10	---	1977
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Jornal Tatu dos estudantes de arquitetura da Unisinos – gestão 77 - o jornal dos estudantes traz importante matéria questionando o porquê dos estudantes de arquitetura não podem ser políticos? Porque se discrimina e proíbe a política estudantil?	1	1	1977
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Grupo Borardt – calourada 77. Letras de músicas.	---	---	1977
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	LEIA – Edição Nacional – Boletim Informativo.	209	---	31/01/1977
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	O jornal – DCE UFRGS.	---	---	fev/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	O jornal – DCE e Diretórios do DCE-UFRGS	---	---	fev/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Disparada - DAFA-UFRGS.	1	---	mar/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Arquitetura/RS - Boletim SAERGS e IAB-RS.	6	---	mar/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Olha só a pinta do pinto! DAU, IFCH/letras-UFRGS	12	---	mar/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	O folhetim – Escola de Ciências econômicas UFBA. Periódico do curso de economia da UFBA.	3	1	mar/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Olha só a pinta do pinto! – DAU	13	---	abr/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Travessia, Faculdade de Direito-UFRGS. Texto convidado ao boicote às eleições.	4	---	abr/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Travessia, Faculdade de Direito-UFRGS. narrativa política com o título "a ilha desconhecida".	5	---	abr/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Ponte, jornal do DCE-UCS.	---	---	abr/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Jornal da Calourada.	1	---	abr/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Encarte Pinto. Encarte dos estudantes de ciências sociais sobre o movimento estudantil.	14	---	mai/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Olha só a pinta do pinto! DAU, IFCH/letras-UFRGS	14	---	mai/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Brasil – 13 anos de teatro: as bruxas mudaram de roupa - DAU/	---	---	mai/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Depois – DALC, Agronomia/UFRGS.	2	---	mai/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Cadernos CEUE. 2ª edição -UFRGS.	14	---	mai/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Luta Contínua. Boletim informativo do Setor jovem Metropolitano do MDB de Porto Alegre.	2	---	mai/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Olha só a pinta do pinto - Jornal DAU - UFRGS.	14	---	mai/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Pinto - Encarte ciências sociais - UFRGS.	14	---	05/1977
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Arquitetura/RS - Boletim IAB e SAERGS .	7	---	04/05/1977
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Olha só a pinta do pinto! DAU, IFCH/letras-UFRGS	---	---	jun/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Guia de publicações – DCE/UCS. “O pior alfabeto é aquele que aprendeu a ler e não lê!” Listagem de livros sobre filosofia, política, economia, história e atualidades da América Latina e Brasil, universidade, educação, cultura e pedagogia.	2	---	jun/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Ponto de partida	1	1	jun/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	A questão do espaço urbano - Edgar Albuquerque Graeff. IAB/RS.	---	---	jul/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Universitário – DCE 77/78 - Jornal aberto do DCE-UFRGS – Pelas liberdades.	---	---	jul/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Boletim 5 – ABEA.	2	---	jul/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Arquitetura/RS - Boletim IAB e SAERGS .	8	---	06-07/1977
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Boletim DCE Alternativa - PUC/RJ.	---	---	ago/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	O manifesto - UFRGS.	1	---	ago/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Quilombo dos Palmares, Ano III, N° 7- Diretório Central dos Estudantes PUC/RJ.	---	---	ago/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Unidade e Liberdade, UFRGS.	1	---	set/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Universitário – 09/1977. Jornal aberto do DCE -UFRGS. jornal do DCE-UFRGS com a temática liberdade.	---	---	set/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Depois – DALC, Agronomia/UFRGS.	3	---	set/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Revista Mercados.	23	4	setembro/outubro/1977
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Ponto de partida	3	1	out/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	O manifesto - UFRGS.	2	---	nov/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Refazendo – Plataforma para DCE-USP, gestão 77/78.	---	---	1977/1978
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Situação Nacional.	---	---	sem data
TEXTO	Manifesto aos estudantes da ufgrs - DCE-UFRGS.	---	---	sem data
TEXTO	A questão da Petrobrás – DCE PUC.	---	---	sem data
TEXTO	Modelo de análise dinâmica de uma zona urbana.	---	---	sem data
TEXTO	Sua opinião.	---	---	sem data
TEXTO	Resumo das três últimas reuniões da comissão.	---	---	sem data
TEXTO	Relatório dos representantes dos alunos na comissão de extinção da FAUSIC.	---	---	sem data
TEXTO	Estrutura organizativa – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de São José dos Campos.	---	---	sem data
TEXTO	Apaga a luz e faz de conta que estamos bêbados.	---	---	sem data
TEXTO	Indicações para o ensino da Arquitetura no Brasil.	---	---	sem data
TEXTO	Texto para discussão no Simpósio Nacional de Escolas de Arquitetura.	---	---	sem data
TEXTO	Documento de Síntese das conclusões do encontro de DCEs e Das do RS.	---	---	sem data
TEXTO	Declaração.	---	---	sem data
TEXTO	Documento/Relatório reunião sobre resoluções a respeito do ENEA.	---	---	sem data
TEXTO	O estudo pago e a distribuição de renda do Brasil.	---	---	sem data
TEXTO	O ensino de estrutura.	---	---	sem data
TEXTO	Balanco Crítico.	---	---	sem data
TEXTO	Beija-flor na mata virgem – DAFA 1.	---	---	sem data
TEXTO	Nuestra voz.	---	---	sem data
TEXTO	Fundação de direito público - texto com trechos esclarecendo termos jurídicos como autarquia, fundação de direito público e direito privado.	---	---	sem data
TEXTO	Contribuição à discussão: campanha e o encontro nacional por Liberdades Democráticas. Texto sobre a repressão da UNE e do movimento estudantil como um todo, após o golpe de 1964.	---	---	sem data
TEXTO	Lucidez e Coragem. Texto assinado por diversos diretórios, inclusive o DAFA, criticando a atuação do partido comunista dentro das universidades, impondo o pensamento progressista. Este texto apresenta uma nota escrita posteriormente, informando a falsidade de sua autoria. A nota estaria indicando que o DAFA não assinou ou foi favorável a opinião transmitida.	---	---	sem data
TEXTO	Corpo do salário e o salário do corpo, gestão 77/78 perspectiva. Texto para discussão escrito por Rodrigo Neves.	---	---	sem data
TEXTO	Reformar estruturas arcaicas e nocivas à Nação. Texto sobre o momento político e econômico brasileiro.	---	---	sem data
TEXTO	Perspectiva no IFCH/Letras.	---	---	sem data
TEXTO	VII Conferencia latinoamericana de escuelas y Facultades de Arquitectura.	---	---	mar/75
TEXTO	Documento – A universidade Brasileira e o Movimento Estudantil.	---	---	mar/75
TEXTO	Onze anos de teatro no Brasil.	---	---	24/06/1975
TEXTO	Pelo ensino livre e gratuito em todos os níveis- DCE UFRGS.	---	---	jul/75
TEXTO	A escalada da repressão e a violação dos direitos humanos.	---	---	set/75
TEXTO	Quem expulsar do país nosso bispo Pedro.	---	---	20/09/1975
TEXTO	Brasília, a terceira mais cara do mundo.	---	---	14/02/1976
TEXTO	As liberdades democráticas - DCE-UFRGS.	---	---	mai/76
TEXTO	Perspectiva Universitária - 63 - CEDAU.	---	---	15/07/1976
TEXTO	Situação atual do arquiteto perspectivas.	---	---	out/76
TEXTO	Críticos e propostas para a organização dos encontros nacionais de escolas de arquitetura.	---	---	11/07/1973
TEXTO	Ata final do Simpósio Nacional de Escolas de Arquitetura.	---	---	14/07/1973
TEXTO	Desenho industrial, tecnologia e subdesenvolvimento.	---	---	jan/74
TEXTO	Universitário - Ensino pago.	---	---	fev/74
TEXTO	O problema alimentar brasileiro - Texto 7.	---	---	abr/74
TEXTO	Notas sobre as relações existentes entre industrialização, urbanização e urbanismo – Caderno Estudantil 01.	---	---	jul/74
TEXTO	Contribuição ao debate – 1º Encontro Municipal de Núcleos - PT- Porto Alegre.	---	---	1981
TEXTO	Transe - Peça de teatro do grupo Teatro Novo.	---	---	ago/73
TEXTO	Cultura oficial e Cultura de Oposição.	---	---	nov/73
TEXTO	Normas para Construção e Instalação de Fossas Sépticas.	---	---	1963
TEXTO	Conceito e Orientação para a cadeira de Arquitetura no Brasil.	---	---	1964
TEXTO	Material sobre o VI Congresso Brasileiro de Arquitetos.	---	---	19-24.09/1966
TEXTO	Convênio entre UFRGS e a CEEF para estudos em modelo reduzido, referentes ao reaproveitamento hidrelétrico do Passo Real.	---	---	24946
TEXTO	Afirmações da Unesco.	2	julho/agosto	11/03/1969
TEXTO	Lutemos por mais verbas para a educação.	---	---	03/1977
TEXTO	A voz do dono – DCE-UFRGS. Texto do DCE-UFRGS em contestação a nota do DEE- Diretório Estadual dos Estudantes, em defesa de “uma concepção fascista de democracia” e a tentativa de “descaracterizar o movimento de oposição à ditadura”.	---	---	23/05/1977
TEXTO	Sobre o terceiro encontro nacional de estudantes. Texto sobre a união nacional dos estudantes, em luta pela liberdade.	---	---	08/06/1977

APÊNDICE 02: PESQUISA ACERVO DAFA – PUBLICAÇÕES

A partir da análise do material presente no acervo do Diretório Acadêmico da Faculdade de Arquitetura (DAFA) fica evidente que, na década de 1970, foi comum a troca de informações pelos diretórios acadêmicos da mesma universidade e de outras instituições. Foram encontrados, entre 1950-1977, 05 publicações feitas pelo DAFA (Disparada, Beija-flor na mata virgem, Jornal do DAFA, Boletim DAFA e Debate), 55 por outras entidades (Diretórios e Centros de Estudantes da UFRGS e demais Universidades, SAERGS, IAB-RS, entre outros), além de pelo menos 04 documentos, solicitando a troca de informações entre os mesmos (**As publicações do DAFA estão destacadas em cinza).

TABELA - PUBLICAÇÕES				
TEMA	TÍTULO	Nº	ANO	DATA
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	O Catalisador - Órgão Oficial do Conselho de Representantes do CAEEM.	3	2	sem data
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Jornal do Grêmio FAU-USP.	2	1	sem data
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	A Trova.	2	1	sem data
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Ponte - DCE UCS.	---	---	sem data
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Jus Sperneandi - CAAR.	1	1	sem data
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Jornal do Grêmio.	1	1	sem data
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Pois é, tchê – uma publicação do DAU.	9	---	sem data
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Beija Flor na Mata Virgem – DAFA.	5	1	sem data
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Obra aberta 2 – DCE UFRGS.	---	---	sem data
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Construção - CEUE-UFRGS.	2	---	sem data
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Ponte.	---	---	sem data
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Ponte.	---	---	sem data
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Ponte.	---	---	sem data
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Universitários - DCE e Das UFRGS.	---	---	sem data
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Boletim DEE.	2	2	sem data
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Construção 1.	1	---	sem data
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	As técnicas na formação do arquiteto .	10	---	sem data
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Hein?	---	---	sem data
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Pois é, tchê! DAU. UNB: a ditadura na universidade.	15	---	sem data
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Nossa luta. Boletim informativo do Setor Jovem metropolitano do MDB.	---	---	sem data
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Polêmica, DAJF.	7	---	sem data
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Ponte, jornal do DCE-UCS.	---	---	sem data
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Polemica – DAJF-FAFI-Ijuí/RS	2	1	sem data
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Polemica – DAJF-FAFI-Ijuí/RS	3	1	sem data
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Polemica – DAJF-FAFI-Ijuí/RS	6	---	sem data
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Viração – debate.	1	---	sem data
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Regulamentação das Profissões do Engenheiro, do Arquiteto e do Engenheiro Agrônomo.	---	---	1966
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Debate I.	1	1	out/67
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Debate II.	---	---	out/67
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Boletim DAFA.	3	---	gestão 68/69
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Caderno de Cultura/ Análise DEC-LEI 477 - DCE 70/71	---	---	1970/1971
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Puk Puk-Porto Alegre.	1	---	set/71
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Terceiro Mundo Diretório Acadêmico Evaristo da Veiga – Faculdade de Direito da Universidade Federal Fluminense.	---	---	03/1972
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Revista DLUCT.	---	---	26/04/1972
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Jornal de Arquitetura.	---	---	julho e agosto/1972
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	GFAU - Faculdade de arquitetura e urbanismo de Santos.	---	---	set/72
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Caderno de Poesias – DCE – UFRG.	---	---	1973
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Jornal do DCE - PUC, RS.	1	1	jan/73
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Jornaleco - DAECA.	---	---	ago/73
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Jornal do DAFA I.	---	---	ago/73
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Gol a Gol se pega com o pé e dibra.	---	---	nov/73
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Universitário - DCE-UFRGS.	2	---	ago/74
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	a ponte. quando o muro separa...USP.	---	---	set/74
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Sobrevivência.	5	---	set/74
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Universitário – DCE-UFRGS.	---	---	set/74
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Caderno CEUE – série cinema 1.	4	---	out/74
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Caderno CEUE – série ensino 1.	---	---	dez/74
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Obra Aberta Um – DCE UFRGS.	---	---	dez/74
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	O Bisturi - Centro Acadêmico Sarmento Leite – Faculdade de Medicina UFRGS.	1	---	mar/75
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Batque 2 - Jornal do diretório acadêmico de artes e arquitetura.	---	---	mai/75
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Papo XX – O pensamento jovem.	2	1	14/05/1975
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Caderno CEUE – A questão sexual UFRGS.	---	---	jun/75
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Mudança – Os jovens na Política.	1	---	13/06/1975
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	3x4 - estudantes de comunicação UFRGS.	---	---	20/06/1975
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Universitário DCE-UFRGS.	2	---	ago/75
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Sair dessa maré.	2	---	out/75

PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Olha só a pinta do pinto - DAIU/ufrgs.	8	2	out/75
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Presença - Diretório Acadêmico Jackson Figueiredo - DAJF - FAFI -Ijuí.	---	---	out/75
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Olha só a pinta do pinto - DAIU/UFRGS.	9	2	out/75
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Gol a gol se pega com o pé e dibra - DCE-UFGM.	17	---	09/10/1975
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	pois é, tché - DAIU.	7	---	nov/75
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Gol a gol se pega com o pé e dibra - DCE UFGM.	---	---	17/11/1975
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Arquitetura/RS.	4	---	jan/76
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Mutirão - DCE UFRGS gestão 76/77.	1	1	set/76
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Arquitetura/RS - SAERGS E IAB/RS.	1	---	out/76
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Arquitetura/RS - SAERGS E IAB/RS.	2	---	02/11/1976
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Arquitetura/RS - SAERGS E IAB/RS.	---	---	03/12/1976
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Arreio no ovo - Jornal do DCE-UFRGS - gestão n° 76-77.	1	1	1976/1977
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Presença - DA Jackson de Figueiredo - Gestão 76/77.	3	---	1976/1977
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Presença - DA Jackson de Figueiredo - , Gestão 76/77.	3	---	1976/1977
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	A firmando -CACH 77.	---	---	1977
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	TATU - jornal dos estudantes de arquitetura da Unisinos -gestão 77.	1	1	1977
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Arquitetura/RS - Boletim IAB e SAERGS .	10	---	1977
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Jornal Tatu dos estudantes de arquitetura da Unisinos - gestão 77 - o jornal dos estudantes traz importante matéria questionando o porquê dos estudantes de arquitetura não podem ser políticos? Porque se discrimina e proíbe a política estudantil?	1	1	1977
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Grupo Borandá - calourada 77. Letras de músicas.	---	---	1977
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	LEIA - Edição Nacional - Boletim Informativo.	209	---	31/01/1977
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	O jornal - DCE UFRGS.	---	---	fev/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	O jornal - DCE e Diretórios do DCE-UFRGS	---	---	fev/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Disparada - DAFA-UFRGS.	1	---	mar/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Arquitetura/RS - Boletim SAERGS e IAB-RS.	6	---	mar/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Olha só a pinta do pinto! DAIU, IFCH/letras-UFRGS	12	---	mar/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	O folhetim - Escola de Ciências econômicas UFBA. Periódico do curso de economia da UFBA.	3	1	mar/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Olha só a pinta do pinto! - DAIU	13	---	abr/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Travessia, Faculdade de Direito-UFRGS. Texto convidando ao boicote às eleições.	4	---	abr/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Travessia, Faculdade de Direito-UFRGS. narrativa política com o título "a ilha desconhecida".	5	---	abr/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Ponte, jornal do DCE-UCS.	---	---	abr/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Jornal da Calourada.	1	---	abr/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Encarte Pinto. Encarte dos estudantes de ciências sociais sobre o movimento estudantil.	14	---	mai/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Olha só a pinta do pinto! DAIU, IFCH/letras-UFRGS	14	---	mai/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Brasil - 13 anos de teatro: as bruxas mudaram de roupa - DAIU	---	---	mai/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Depois - DALC, Agronomia/UFRGS.	2	---	mai/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Cadernos CEUE, 2º edição -UFRGS.	14	---	mai/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Luta Contínua. Boletim informativo do Setor jovem Metropolitano do MDB de Porto Alegre.	2	---	mai/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Olha só a pinta do pinto - Jornal DAIU - UFRGS.	14	---	mai/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Pinto - Encarte ciências sociais - UFRGS.	14	---	05/1977
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Arquitetura/RS - Boletim IAB e SAERGS .	7	---	04/05/1977
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Olha só a pinta do pinto! DAIU, IFCH/letras-UFRGS	---	---	jun/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Perspectiva.	2	---	jun/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Guia de publicações - DCE/UCS. "O pior analfabeto é aquele que aprendeu a ler e não lê". Listagem de livros sobre filosofia, política, economia, história e atualidades da América Latina e Brasil, universidade, educação, cultura e pedagogia.	---	---	jun/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Ponto de partida	1	1	jun/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	A questão do espaço urbano - Edgar Albuquerque Graeff. IAB/RS.	---	---	jul/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Universitário - DCE 77/78 - Jornal aberto do DCE-UFRGS - Pelas liberdades.	---	---	jul/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Boletim 5 - ABEA.	2	---	jul/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Arquitetura/RS - Boletim IAB e SAERGS .	8	---	06-07/1977
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Boletim DCE Alternativa - PUC/RJ.	---	---	ago/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	O manifesto - UFRGS.	1	---	ago/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Quilombo dos Palmares, Ano III, Nº 7- Diretório Central dos Estudantes PUC/RJ.	---	---	ago/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Unidade e Liberdade, UFRGS.	1	---	set/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Universitário - 09/1977. Jornal aberto do DCE -UFRGS.	---	---	set/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Depois - DALC, Agronomia/UFRGS.	3	---	set/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Revista Mercados.	23	4	set./out./1977
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Ponto de partida	3	1	out/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	O manifesto - UFRGS.	2	---	nov/77
PUBLICAÇÃO (JORNAL/REVISTA/ENCARTE)	Refazendo - Plataforma para DCE-USP, gestão 77/78.	---	---	1977/1978

LISTA DE ANEXOS

- ANEXO 1: Mensagem dos intelectuais gaúchos à Stálin.
- ANEXO 2: P.U.F.A. “*Por uma faculdade de arquitetura*”;
- ANEXO 3: Revelada a lista de expurgos na URGs;
- ANEXO 4: Boletim DEE – Diretório Estadual dos Estudantes;
- ANEXO 5: Festival Universitário da Música Popular;
- ANEXO 6: Pesquisa acervo DAFA – Biblioteca DAFA;
- ANEXO 7: DECRETO-LEI N° 62.997 – DE 16 DE JULHO DE 1968.
- ANEXO 8: Apelo de artistas e intelectuais gaúchos pela paz;
- ANEXO 9: Informativo DAFA - “*Aos colegas da Faculdade de Arquitetura*”;

MENSAGEM DOS INTELLECTUAIS GAÚCHOS A STÁLIN

Camarada Stálin!

Hoje é dia de festa para toda a Humanidade. Em todos os recantos do mundo, milhões de pessoas erguem os semblantes satisfeitos e alegres e saúdam: Viva Stálin! Longa vida ao grande Stálin!

Neste dia, em que cumpres 71 anos, embandeira-se de glória a poderosa União Soviética, que construiste. Em tua honra, trôam os canhões da Nova China libertada. As Democracias Populares engalanam-se em festa e saúdam o grande Stálin, que as ajuda na construção do Socialismo. O heróico povo coreano e seus amigos, os voluntários chineses, avançam com mais vigor e rapidez contra o invasor ianque e oferecem suas vitórias em honra do grande Stálin. Os milhões de combatentes da Paz do mundo inteiro, mesmo os que, como nós, lutam em difíceis condições, — saudam o grande Stálin, campeão da Paz, chefe e guia da Humanidade Progressista.

Também nós, intelectuais do Rio Grande do Sul, temos a grande honra de saudar-te.

Saudemos o chefe do campo da Paz. Saudamos aquele que, «de alma firme e coração sereno», — como o herói de nossa lenda — conduz a Humanidade no caminho da paz. Saudamos o construtor do Socialismo, o grande discípulo e continuador de Marx, Engels e Lenin. Saudamos o orientador da mais formidável revolução cultural de nosso século. Saudamos o defensor da cultura, que conduziu os povos soviéticos à vitória sobre os bárbaros nazi-fascistas. Saudamos, em teus 71 anos, a história do movimento operário internacional no século XX.

Em nossa Pátria, já travamos o bom combate pela Paz e a liberdade de nosso povo. Guiados pelos teus sábios ensinamentos, temos a certeza de que levaremos nossa luta a bom termo. A vitória final será nossa, pois terçamos armas por uma causa justa: a causa da Paz, da Liberdade, do Progresso, a granda causa do Socialismo, a causa de Lenin e de Stálin.

Na grande luta do povo brasileiro, da qual participamos ativamente, desfraldamos as nossas bandeiras: a bandeira da Paz, da Independência Nacional, da Democracia Popular, a grande bandeira de Luiz Carlos Prestes. E é com estas bandeiras desfraldadas, que te enviamos, hoje, a nossa saudação:

Viva o Marechal Stálin, campeão da Paz, chefe e guia da Humanidade Progressista!

Longa vida ao grande Stálin!

Pôrto Alegre, 21 de Dezembro de 1950.

Carlos Scliar, pintor. Vasco Prado, escultor. Edith Hervé, poetisa, Lila Ripoll Guedes, poetisa. Laci Osório, poeta. Plinio Cabral, jornalista. Fernando Guedes, médico e crítico literário. J. Gonçalves Thomaz, jornalista. Beatriz Bandeira, poetisa. Irio Malafaia, pintor. Demetrio Ribeiro Neto, arquiteto. Mário Corrêa, arquiteto, Edgar Graeff, arquiteto. Ester Scliar, musicista. Ciro Martins, escritor. Raul Riff, jornalista. Ignez Soares de Carvalho, poetisa. Julio Teixeira, advogado. Juvenal Jacinto, escritor, Flamarion Silva, poeta. Leonor Cabral, escritora. Cezar Avila, médico. Vespasiano Corrêa, médico. Marino Rodrigues dos Santos, médico. Pinheiro Machado Neto, advogado. Eloar Guazéli, advogado. Acteon Valle Machado, advogado. Flavio Argolo, odontólogo. Rubens Vidal, jornalista. Rubens Belem, teatrologo. Glenio B ianchetti, pintor.

ANEXO 2: P.U.F.A. "POR UMA FACULDADE DE ARQUITETURA"

"Desejam uma faculdade os estudantes de arquitetura gaúchos" – Correio da Manhã, 12/07/1950.

"Solidariedade à causa dos estudantes gaúchos de Arquitetura" – Diário de Notícias, 17/05/1950.

"Apóia a UNE a criação da Faculdade de Arquitetura do Rio Grande do Sul" – Diário de Notícias, 11/06/1950.

2º Caderno

ENSINO

DESEJAM UMA FACULDADE OS ESTUDANTES DE ARQUI- TETURA GAÚCHOS

Afranlo Sanchez Loureiro, acadêmico do Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul, presentemente no Rio, como representante dos universitários gaúchos teve oportunidade de dizer-nos da luta que vêm mantendo os acadêmicos de arquitetura do seu Estado, a fim de conseguirem uma Faculdade própria.

Encontra-se, igualmente, nesta Capital o sr. Alexandre Martins da Rosa, Beitor da Universidade do Rio Grande, que veio

com o devido cuidado essa pretensão dos universitários, estes como protesto — irão à greve. Dela participarão os acadêmicos de arquitetura em todo o Brasil.

Protestam os gaúchos contra a emenda n. 54 ao projeto número 494-49 pois que essa emenda veio federalizar o curso já existente na Escola de Engenharia, extinguindo simplesmente o de Belas Artes, que é muito mais antigo, quando deveria fazer a fusão de ambos.



Academico Afranlo Loureiro

ao Rio tratar da federalização da referida universidade. Desejam os estudantes gaúchos fazer um apelo ao Congresso, especialmente à Comissão de Finanças, onde se encontra atualmente o projeto número 494/49, que trata da criação da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Rio Grande do Sul.

Resultará essa Faculdade da fusão de dois cursos já existentes, um no Instituto de Belas Artes, outro na Escola Politécnica de Porto Alegre. Salientam os estudantes que já o último Congresso de Ensino de Engenharia e Arquitetura, realizado em 1949, na Bahia, recomendou fossem os cursos de arquitetura privativos das Escolas e Faculdades de Arquitetura.

IRA O A' GREVE

Caso o governo, que agora examina a questão, não olhe

Apóia a UNE a criação da Faculdade de Arquitetura do Rio Grande do Sul

Comunicam-nos da UNE:

«Em face de informações divergentes recebidas pela União Nacional dos Estudantes da parte de representantes dos corpos discentes da Escola de Engenharia e do Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul sobre a fusão de seus respectivos Cursos de Arquitetura, a UNE solicitou à União Estadual de Estudantes daquele Estado novo pronunciamento quanto à sua posição no que diz respeito à criação da Faculdade de Arquitetura do Rio Grande do Sul.

Como resposta, aquela União Estadual, pela terceira vez, manifestou-nos seu inteiro apoio à emenda n. 17 ao projeto n. 494, era em tramitação no Senado, que cria a Faculdade de Arquitetura, com a fusão dos dois Cursos existentes em Porto Alegre.

A União Nacional dos Estudantes havia deixado de pronunciar-se em virtude daquela divergência de manifestações. Entretanto, já agora, com a resposta da União Estadual de Estudantes, sem se achar iludida em sua boa fé, reitera seu restrito apoio à União Nacional de Estudantes e, conseqüentemente, aos estudantes de Arquitetura do Instituto de Belas Artes, do Rio Grande do Sul na sua justa aspiração por uma Faculdade de Arquitetura.

A campanha dos estudantes pela criação da Faculdade de Arquitetura é coerente com o pronunciamento dos universitários em Congressos de Ensino de Engenharia e Arquitetura, em Congressos Estaduais e Nacionais de Estudantes.

A União Nacional dos Estudantes, desta maneira, cumpre seu dever como entidade máxima, amparando uma causa que já transpôs as fronteiras do Rio Grande para unir não só os estudantes de Arquitetura do país, mas também a classe universitária brasileira na luta pela criação da Faculdade de Arquitetura do Rio Grande do Sul. — a) José Frejat, presidente da UNE».

Solidariedade à causa dos estudantes gaúchos de Arquitetura

MANIFESTO DO DIRETORIO ACADEMICO DA ESCOLA NACIONAL DE ENGENHARIA

Solicitamos o Diretório Acadêmico da Escola Nacional de Engenharia, a publicação de seguinte manifesto:

«O presidente do Diretório Acadêmico da Escola Nacional de Engenharia, ouvida a Diretoria do D. A. e interpretando o pensamento dos alunos desta Escola vem a público declarar o seguinte:

1.º) — Considerando a situação existente em Porto Alegre, relativa à criação da Faculdade de Arquitetura, e a greve simbólica em que se encontram os alunos de Arquitetura do Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul, bem como os da Faculdade Nacional de Arquitetura;

2.º) — Considerando que é totalmente injustificável a existência de um Curso de Arquitetura, funcionando em uma Escola de Engenharia;

3.º) — Considerando que é de maior interesse de ensino, que os Cursos de Arquitetura do Instituto de Belas Artes e da Escola de Engenharia sejam unificados em uma Faculdade autônoma;

4.º) — Considerando que por deliberação do III Congresso de Ensino de Engenharia e Arquitetura, realizado na Bahia, assumimos, nós alunos, da Escola Nacional de Engenharia, o compromisso de nos batermos pela criação de Faculdades de Arquitetura;

5.º) — Considerando que na ocasião em que se federaliza a Universidade do Rio Grande do Sul, é de maior oportunidade a criação desta Faculdade

Resolve emprestar todo o apoio aos alunos que, no Rio Grande do Sul desejam a criação da Faculdade de Arquitetura na Universidade do Rio Grande do Sul ao mesmo tempo que escudado na sua tradição de 43 anos de luta pelo desenvolvimento cultural em nossa pátria, vem este Diretório Acadêmico, solicitar a aprovação, por parte do Congresso Nacional, da emenda que cria uma Faculdade de Arquitetura na Universidade do Rio Grande do Sul, apresentada pelos senadores gaúchos, ao projeto de federalização da Universidade do Rio Grande do Sul, certos de que assim agindo estamos cumprindo com nosso dever de cidadãos e de estudantes, que desejam, pelo maior engrandecimento da Universidade do Rio Grande do Sul ver a Universidade Gaúcha crescer e fortalecer-se pela existência de mais uma Escola, contribuindo, positivamente, desta forma, como fator ponderável no engrandecimento nacional. a) Fernando Petrucci Conceição, pres. de D. A. da E. N. E.»

ANEXO 3: REVELADA A LISTA DE EXPURGOS NA URGs

Matéria publicada no Diário de Notícias, Porto Alegre (16/09/1964, p. 03), divulgando a lista de professores expurgados na UFRGS. Segundo a reportagem, a Universidade gaúcha foi a mais atingida, com 15 professores, dentre os quais Demétrio Ribeiro, Enilda Ribeiro, Edgar Graeff, Nelson Souza e Edvaldo Pereira Paiva.

“A universidade do Rio Grande do Sul foi a mais atingida pelos elementos subversivos. Segundo as investigações nada menos de seis professores catedráticos e três instrutores do Ensino Superior serão aposentados. Estão neste caso os professores Hugolino Andrade Uflacker, Antônio Santos Flôres, Demétrio Ribeiro, Enilda Ribeiro, Edvaldo Pereira Paiva, Edgar Albuquerque Graeff, Luis Fernando Corôna, Nelson Souza e Luiz Carlos Pinheiro Machado. Um professor catedrático interino, Ernani Maria Fiori, foi exonerado e dois professores contratados serão dispensados: srs. Cláudio Francisco Acurso e Áppio Cláudio de Lima Antunes. Três professores catedráticos da Universidade do Rio Grande do Sul tiveram os direitos políticos suspensos. Foram os srs. Armando Temperani Pereira, Cibilis da Rocha Viana e Ajadil de Lemos”.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS
14 Páginas
1 Caderno
Edição de Hoje
Cr\$ 50,00

FUNDADO A 1.ª DE MARÇO DE 1925
ANO XL
PORTO ALEGRE, QUARTA-FEIRA, 16 DE SETEMBRO DE 1964
N.º 164

SCNAB AUTORIZA AUMENTO NO PREÇO DE ÓLEOS VEGETAIS EM 8 MUNICÍPIOS
(NOTICÁRIO NA PÁGINA 2)

REVELADA A LISTA DE EXPURGO NA URGs

Hoje FICÇÃO

Não foi até hoje comprovada uma só denúncia sobre torturas que teriam sofrido prisioneiros políticos. Talvez haja uma exceção geralmente admitida: o ex-sargento Gregório Bezerra parece haver sido severamente espancado em Pernambuco por um oficial, cujo irmão fora assassinado em 1935...

ca de rumores sobre maus tratos. Este jornal, honrando o seu passado, dispõe-se a publicar fatos delituosos que envolvam autoridades policiais ou militares desde que possa confirmar-se a autenticidade. O melhor serviço que se prestará à Revolução é, precisamente, fazer triunfar os altos princípios éticos.

RIO, 15 (Médical) — O ministro Flávio de Lacerda já encaminhou ao Presidente da República o resultado das investigações sumárias levadas a efeito em seis Universidades e em três Inspeorias Seccionais de Ensino Secundário. Nada foi exposto em relação ao pelotão lotado na Universidade Católica de Pelotas e nas Inspeorias Seccionais de Niterói, Macaé, e Três Corações.

Quanto à Faculdade de Direito de Curitiba, as conclusões das investigações arremataram a exoneração de dois catedráticos interinos, professores Benedito Santana da Silva Freire e José Antônio de Souza Bourlet.

Três professores catedráticos interinos da Universidade de Paraíba são fortemente incriminados nas investigações, que concluem pelas suas exonerações. Trata-se dos professores Francisco de Assis Lemos de Souza e Luiz Hugo Guimarães, da Faculdade de Ciências Econômicas da Paraíba e Agassiz de Amorim e Almeida, da Faculdade de Ciências Econômicas de Campinas Grande.

A Universidade do Rio Grande do Sul foi a mais atingida pelos elementos subversivos. Segundo as investigações nada menos de seis professores catedráticos e três instrutores do Ensino Superior serão aposentados. Estão neste caso os professores Hugolino Andrade Uflacker, Antônio Santos Flôres, Demétrio Ribeiro, Enilda Ribeiro, Edvaldo Pereira Paiva, Edgar Albuquerque Graeff, Luis Fernando Corôna, Nelson Souza e Luiz Carlos Pinheiro Machado. Um professor catedrático interino, Ernani Maria Fiori, foi exonerado e dois professores contratados serão dispensados: srs. Cláudio Francisco Acurso e Áppio Cláudio de Lima Antunes.

Três professores catedráticos da Universidade do Rio Grande do Sul tiveram os direitos políticos suspensos. Foram os srs. Armando Temperani Pereira, Cibilis da Rocha Viana e Ajadil de Lemos.

Na Escola Técnica de São Paulo, de conformidade com os resultados das investigações, serão aposentados sete professores: Miguel Costa Filho, Vilce Mímico, Pedro Gomes, Manoel Pereira Gonçalves Collette, Elbio de Paula, Otacilio Bello e Nelson Honório de Avellar.

ANEXO 4: BOLETIM DEE – DIRETÓRIO ESTADUAL DOS ESTUDANTES;

Boletim DEE, ano II, nº 2. (Acervo DAFA, caixa 1971 e 1972.)

<p>PARTICIPAR</p> <p>Participar. Talvez a palavra mais badalada e menos usada através dos séculos de civilização preconizantes. Participar e não dominar. Ter para si o direito soberano de decisão se a ele não compete. O poder de apenas contestar por contestar.</p> <p>Reprovar, espinafrar, esbrachinar o sistema, quando através do chama procura uma justificativa. Está seria uma atuação plástica-social, da angústia castratária do sistema.</p> <p>Serve ele muito bem para um universitário. Ávido de necessidade íntima de exteriorização, pois carregado dentro de si as realizações vizinas da contestação por contestação.</p> <p>A poucos dias liemos nos jornais a notícia de que um Reitor tentava a não participação dos universitários na Representação Acadêmica. Antes de opinarmos constatamos os fatos in loco. Espetáculo de anormalidades institucionais com a hipertrofia de seus próprios poderes.</p> <p>De quem é a culpa ?</p> <p>Do Reitor que vai aos jornais e pede a participação</p>	<p>de ocasião, somados a um número ainda maior de líderes ou melhor, seria dizer pseudo-líderes, interessados em sangue, para que possa gozar nas manchetes de jornal.</p> <p>Fabricante a solução seria simples. Apenas uma busca de líderes de fato, presos a situação de não arruados do estudante, interessados no castratário, interessados apenas em promotores espinafrados mitológicos e descarregar detritos emocionais. Procurar líderes, não anoricos, acravados do sistema, mas autênticos.</p> <p>Participar não significa fugir à luta, simplesmente dizer "Nós não vamos a votação do Reitor", como que com tal atitude as tivessem favorecendo a outros mandatórios (talvez mandatórios). Atitude digna dos covardes abulantes que infestam o movimento estudantil. Então que vão lá e votem contra, dizendo o que querem. Mas vão.</p> <p>Ora quase ia me esquecendo que não é isso que querem os pseudo-líderes. Querem contestar por contestar.</p> <p>Em suma, querem platéia para os seus atos de covardia.</p>
<p>ou do próprio universitário, envolvido pelas bestiais ovações de pseudo-líderes, mais interessados em esmigalhar o sistema do que participar como massa criadora.</p> <p>Não há dúvida quanto à culpa neste caso. São os próprios universitários.</p> <p>Dizem estes que sua participação é minoritária. Certo. Concordamos mas isso nos cheira a "povo no Poder", "Operários próprios patrões", faltando só a letra: "Universidade dirigida por Estudantes".</p> <p>Utopia, palavras góticas, ululantes, dignas de um conto de fadas escrito pelo diabo. Querem o poder total de decisão, sobre os rumos da Universidade. Querem ser dirigentes e dirigidos ao mesmo tempo, se para isso não estão preparados.</p> <p>Mas o que fazer ne muitas vezes somos barcados por um lado pelo comodismo de alguns Reitores que acham fácil fechar os Diretórios e por outro um número incontável de anoricos, verdadeiros aproveitadores</p>	<p>Muitos são as boas intenções. Muitos são os que por elas primam.</p> <p>Não basta. Dez bons universitários, carregados de boas intenções quando chega a hora do público, da histeria da platéia, basta um pseudo líder, com um pouco de carisma, e põe tudo água a baixo.</p> <p>Infelizmente a massa estudiantil torna-se muito volúvel a reivindicações picantes, muito justas, mas não consegue como força de conjunto visualizar a linha que serce os interesses justos dos interessados do terrorista.</p> <p>" NUNCA CAIA NA TRANSA DE SER UM SIMPLES BOI NA BOIADA "</p>

ANEXO 5: FESTIVAL UNIVERSITÁRIO DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA

Anúncio do I e II Festival Universitário da Música Popular Brasileira realizado pelo DAFA em 1968 e 1969; anúncio da Festa Pró Festival e notícia jornal ZH sobre o III Festival Universitário da Música Popular Brasileira realizado pelo DAFA em 1983. (Acervo DAFA, caixa 1960, 1966, 1967, 1968 e 1969.)



ANEXO 6: PESQUISA ACERVO DAFA – BIBLIOTECA DAFA

A necessidade dos alunos da Faculdade de Arquitetura/UFRGS manterem-se informados sobre a conjuntura política, econômica, cultural e social do país é evidenciada nas inúmeras solicitações de livros, revistas e textos para compor a biblioteca do Diretório Estudantil (DAFA); conjunto de materiais estes que, em parte, compreende o atual acervo do Diretório. Esta atitude tem por precedentes a desatualização da biblioteca da Faculdade, muito em decorrência da falta de verbas e censura instituída pelo regime militar, e o protagonismo dos estudantes na luta por um ensino de qualidade. Foram encontrados documentos solicitando a assinatura dos periódicos: Jornal Arquiteto, revista Veja, Cadernos Brasileiros de Arquitetura, Conjunta Arquiteto/CBA, revista Opinião, jornal Manifesto, revista Pasquim, O Arquiteto, Boletim Arquitetura, revista Ciência e Cultura, revista CJ Arquitetura, revista Pascal, Tecnologia e Desenvolvimento, revista Casa e Jardim, livros da editora Perspectiva, Realidade, Pato Donald e Placar.

Carta enviada à Fundação Getúlio Vargas (18/03/1975), solicitando o envio de publicações.

Porto Alegre, 18 de março de 1975

À Fundação Getúlio Vargas
Serviço de Publicações
Praia do Botafogo, 188 Caixa Postal 21.120 ZC - 05
Rio - GB

Prezados Senhores:

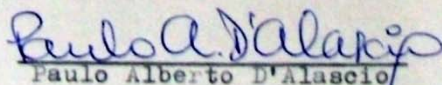
O DIRETÓRIO ACADÊMICO DESTA FACULDADE está organizando um Departamento de Incentivo à Pesquisa. A criação desse departamento é uma iniciativa dos estudantes desta escola a partir do interesse de buscar as melhores condições para que, dessa escola sejam formados profissionais que reúnam as melhores condições e habilitações para exercer a profissão de arquiteto.

Temos a certeza de que, com essa iniciativa estaremos contribuindo para que os estudantes desta escola tenham ao seu alcance, maiores possibilidades de assimilar uma riqueza maior de informações relativas à sua formação profissional específica e capacitando-se a atuar em nossa sociedade na busca das soluções mais adequadas para os nossos problemas sociais.

Buscamos, com a criação desse departamento, possibilitar novas opções para nossas colegas, quanto à disponibilidade de material para pesquisa, conteúdos informacionais para uma leitura mais esclarecida, etc.

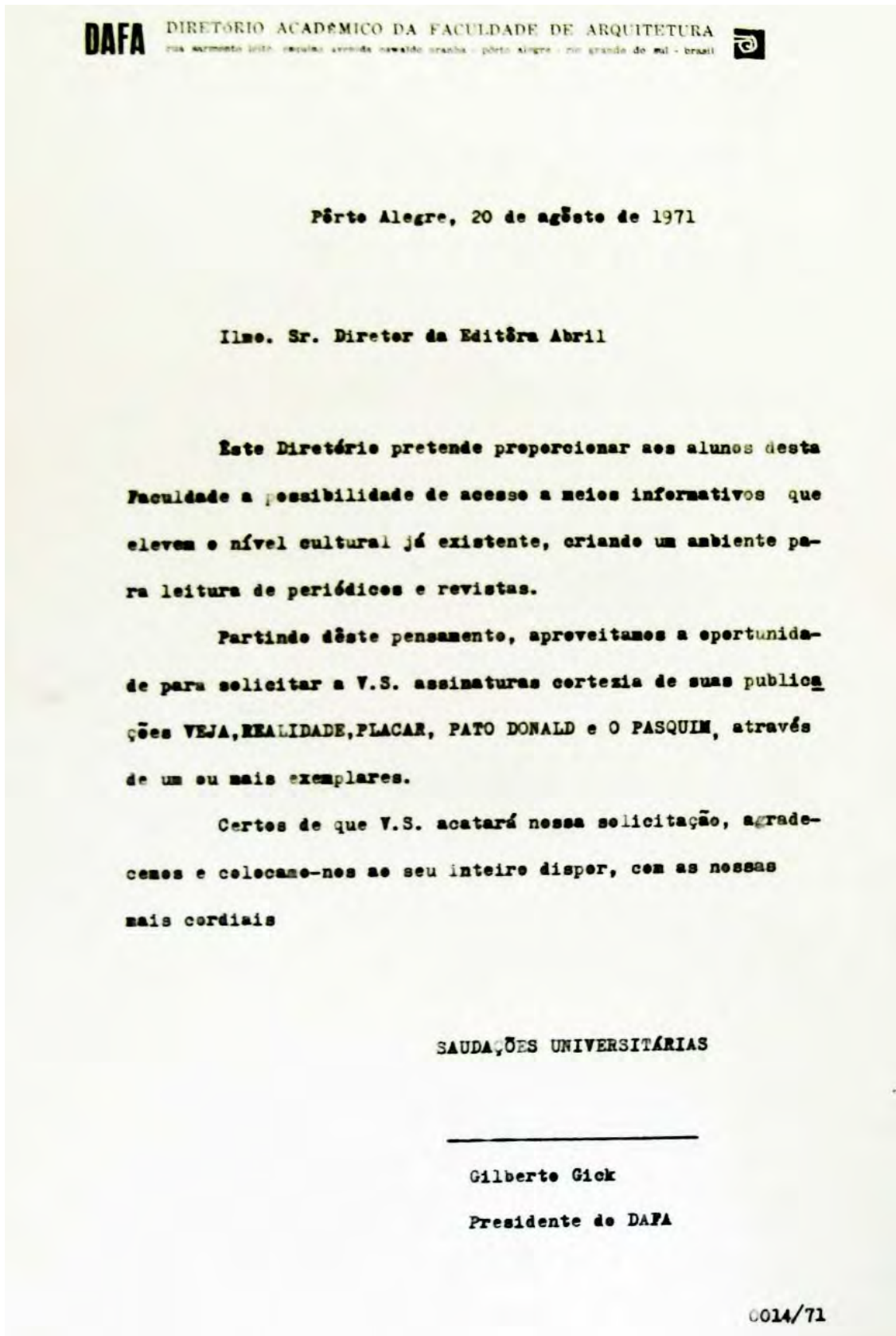
Desse modo, gostaríamos de contar com a colaboração dessa Instituição, no sentido de que, na medida do possível, nos remeterem algumas publicações. Toda e qualquer colaboração nos será muito positiva.

Sem outro motivo, agradecemos cordialmente.


Paulo Alberto D'Alascio
Presidente do D.A.F.A.

Hda/crt001/75

Carta enviada ao Diretor da Editora Abril (20/081971), solicitando assinatura cortesia das publicações: Veja, Realidade, Placar, Pato Donald e Pasquim.



Ofício enviado à Assembleia Legislativa (23/04/1975), solicitando assinatura cortesia da publicação Tecnologia e Desenvolvimento.

Ofício 003/75 Porto Alegre, 23 de abril de 1975

Ilmo Sr.
Dep. Hugo Mardini
Assembléia Legislativa

Vimos pelo presente, solicitar de V.Sa., saber da possibilidade de adquirir, por cortesia, algumas publicações editadas pelo Departamento que V.Sa. preside e das quais nosso maior interesse diz respeito à publicação **TECNOLOGIA E DESENVOLVIMENTO**.

O Diretório Acadêmico, que representamos, - está tentando criar uma biblioteca especializada em temas e assuntos ligados diretamente com nossa formação profis - sional, no sentido de dar a nossos colegas, maiores possi - bilidades de adquirir uma informação mais consistente. Ce - mo as dificuldades em adquirir material desse tipo, para pesquisa, são muito grandes, contamos com a gentileza dos senhores.

O estudante portador desse ofício, está de - vidamente credenciado por este Diretório para gestionar junto a V.Sa., a colaboração que estamos solicitando.

Sem outro motivo, subscrevemo-nos,
atenciosamente.

Housser Drey de Almeida

1º vice-pres. Depart. Cultural
Diretório Acadêmico da Fac. Arquitetura

Ofício enviado à Direção da Faculdade de Arquitetura UFRGS (22/05/1975), solicitando seis exemplares do livro Sobre Arquitetura, do Lúcio Costa.

DAFA DIRETÓRIO ACADÊMICO DA FACULDADE DE ARQUITETURA
na sarmento leito, esquina avenida osvaldo aranha — porto alegre — rio grande do sul — brasil



Ofício nº 019/75 Porto Alegre, 22 de maio de 1975

À Direção da
Faculdade de Arquitetura da UFRGS
assunto: solicitação de publicações

Senhor Diretor:

Vimos pelo presente, gestionar junto a V.Sa. a possibilidade de que a Direção dessa Faculdade, cedesse em caráter gratuito, cinco volumes da publicação SOBRE ARQUITETURA, de Lúcio Costa, no sentido de enriquecer o acervo bibliográfico de uma biblioteca específica que o CENTRO DE PESQUISAS está organizando para os alunos dessa Faculdade. Este Diretório Acadêmico ficaria agradecido se essa concessão pudesse ser obtida, uma vez que as dificuldades materiais enfrentadas para se adquirir esses elementos de leitura e pesquisa são muito grandes.

Certos de contar com a compreensão de V.Sa. na medida em que isso for possível, subscrevemo-nos atenciosamente.

Homero Diaz de Almeida

Homero Diaz de Almeida

1º Vice-pres. Depto. Cultural - DAFA

Ilmo. Sr. prof.
Flávio Figueira Soares
M.D. Diretor da Faculdade de Arquitetura da UFRGS

Circular enviada ao DAFA pelo Diretório Acadêmico Oito de Setembro (10/11/1972), solicitando o intercâmbio entre as faculdades, através da permuta de jornais, revistas e publicações.

DIRETORIO ACADÊMICO OITO DE SETEMBRO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
TRINDADE - FLORIANÓPOLIS - SC.

Circular-nº 03/72

Colegas

Tendo em vista um maior relacionamento entre nossos Diretórios, estamos-lhes remetendo esta circular, para um possível intercâmbio entre nossas Faculdades.

Este intercâmbio se faria com permuta de jornais, revistas, publicações do Diretório ou da Faculdade, como: cursos, conferências, etc... ou então trocas de idéias por carta ou pessoalmente, quando se fizer necessário.

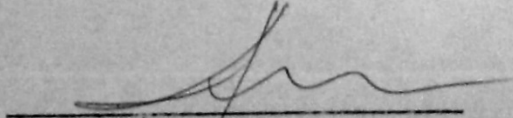
Para isto pediríamos que incluisse dentro de vossa agenda nosso Endereço:

DIRETORIO ACADÊMICO OITO DE SETEMBRO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CIDADE UNIVERSITÁRIA - TRINDADE
88000 - FLORIANÓPOLIS - SC.

Solicitaríamos que acusasse o recebimento desta; sendo para o momento isto, nossas,

SAUDAÇÕES UNIVERSITÁRIAS




Acyr Osmar de Oliveira
Presidente

Florianópolis, 10 de Novembro de 1972

Ofício enviado ao Diretor da FAU-UFRGS (03/05/1977), solicitando aumento da verba para manutenção da biblioteca da Faculdade.

DAFA

DIRETÓRIO ACADÊMICO DA FACULDADE DE ARQUITETURA

rua Sarmento Leite, nº 100 - escola estadual Anchieta - porto alegre - rio grande do sul - brasil



Qualidade do material de consulta:

Considerando que a maioria dos livros está obsoleta ou em número bastante reduzido, nos resta poucas oportunidades de informação dos movimentos de vanguarda, seja em áreas técnicas ou teóricas.

Em vista desses fatos solicitamos seja destinada maior verba para manutenção da biblioteca, ou seja, sua constante atualização. Para melhor aproveitamento dessa verba propomos que:

Haça nas bibliotecas uma lista permanente de sugestões bibliográficas, para uso de alunos e professores.

Seja criada uma comissão para estudo destas sugestões e seleção dos livros a serem adquiridos. Para tanto propomos que os professores participem desta "comissão de seleção de livros" que seria constituída da seguinte forma:

Departamento de Expressão Gráfica: um representante.

Departamento de Arquitetura: um representante.


Departamento de Urbanismo: um representante.

Representação Discente.

Todos os representantes seriam escolhidos pelo Diretório e pelos professores.

Aguardamos uma resposta e encaminhamento de soluções.

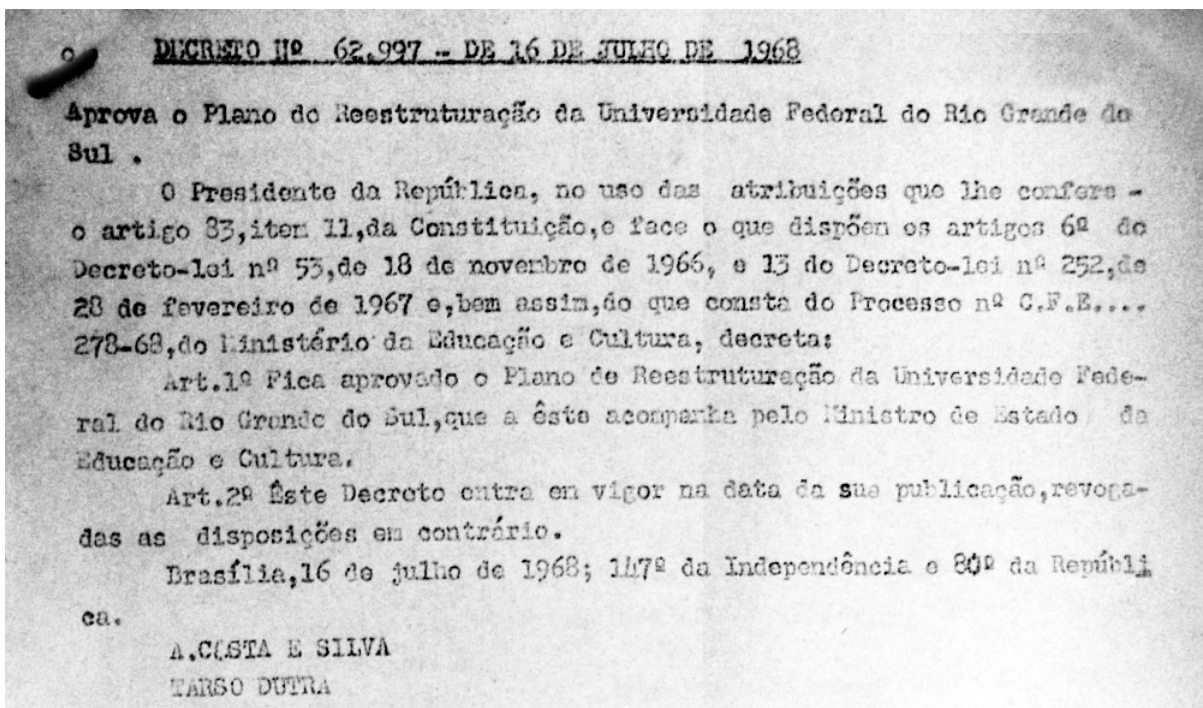
Subscrevemo-nos atenciosamente


Ligia Maria Chiarelli

Porto Alegre, 03 de maio de 1977.

ANEXO 7: DECRETO-LEI Nº 62.997 – DE 16 DE JULHO DE 1968.

Fonte: Acervo Diretório Acadêmico da Faculdade de Arquitetura – DAFA (caixa:1960, 1966, 1967, 1968 e 1968)



ANEXO 8: APELO DE ARTISTAS E INTELLECTUAIS GAÚCHOS PELA PAZ

Demetrio Ribeiro, Edgar Graeff, Enilda Ribeiro e Nelson Souza assinaram mensagem dos artistas e intelectuais do Rio Grande do Sul em defesa do patrimônio Cultural e Artístico de toda a humanidade. (Horizonte, Ano I, nº 9, set. 1951.

APÊLO DE ARTISTAS E INTELLECTUAIS GAUCHOS PELA PAZ

UM GRUPO de artistas e intelectuais rio-grandenses, atendendo ao apêlo dos artistas francêses e italianos, para a defesa do patrimônio cultural e artístico de tôda a humanidade, ameaçado de destruição pela guerra, reuniu-se para tornar pública a necessidade de ampliar sua ação, no sentido de trazer a essa campanha todos quantos desejarem defender as condições necessárias às obras de criação.

As guerras têm destruido os mais ricos patrimônios dos povos por elas atingidos.

Hoje, ameaçados por uma guerra total, não só nossos patrimônios estão sujeitos á destruição, como desaparecem as condições favoráveis á criação.

Conscios de que todos os artistas e intelectuais devem dar aos povos obras que incentivem a defesa intransigente da paz, certos de que êsse desejo é compartilhado por todos, considera que êste apêlo deve ser o primeiro passo para a organização de uma ampla comissão que tomará a si o encargo de promover conferências, exposições, exhibição de filmes e concêrtos que contribuam para a campanha ora lançada.

Deverá também a comissão promover intercâmbio com os movimentos semelhantes de outros países.

Os signatários do presente apêlo dirigem-se a todos os artistas e intelectuais do Rio Grande do Sul, no sentido de que se filiem ao movimento, formando comissões em todas as cidades do interior e fazendo-se representar nas reuniões a serem realizadas, proximamente, na cidade de Pôrto Alegre.

Dorotêia Pinto da Silva — Escultora
Bertha Scliar — Atriz de Cinema
Enilda Ribeiro — Arquiteta
Demetrio Ribeiro — Arquiteto
Nelson Souza — Estudante de Arquitetura
Carlos Scliar — Pintor
Heitor Saldanha — Poeta
Salomão Scliar — Cineasta
Carlos Alberto Petrucci — Pintor
Carlos Antonio Mancuso — Pintor
Wilbur Olmedo — Ceramista
Walmor Chagas — Ator teatral
Edgar Koetz — Pintor
Clara Contil — Pintora
Vasco Prado — Escultor

Luiza Prado — Ceramista
Glenio Bianchetti — Pintor
Glauro Rodrigues — Pintor
Danubio Vilamil Gonçalves — Pintor
Lila Ripoll Guedes — Poetisa
Flamarion Silva — Poeta
Fernando Guedes — Crítico
Juvenal Jacinto — Jornalista
Lacy Osório — Poeta
Beatriz Bandeira — Poetisa
Edgar Graeff — Arquiteto
Edith Herve — Poetisa
Inês Soares de Carvalho — Poetisa
Plinio Cabral — Escritor
Manoel Luis — Jornalista

ANEXO 9: INFORMATIVO DAFA –
“AOS COLEGAS DA FACULDADE DE ARQUITETURA”.

Informativo DAFA, 1969. (Acervo DAFA, caixa 1971 e 1972.)

AOS COLEGAS DA FACULDADE DE ARQUITETURA

Nós, do Gabinete Executivo do Diretório Acadêmico da Faculdade de Arquitetura da UFRGS, informamos que:

1) Em vista da renúncia do Presidente do DAFA, ficam a nosso cargo as tarefas administrativas do DAFA, até a normalização da situação por ocasião da eleição da Assembléia de Representantes, já convocada, que, conforme estatutos do DAFA, elegerá o presidente-substituto.

2) Ao aceitarmos o encargo, vemos a seguinte situação:

a) o Diretório encontra-se em completa desorganização, não obstante a importância que sempre teve e que tem;

b) existe uma tendência derrotista e liquidacionista entre os colegas que negam a possibilidade do Diretório de cumprir seu papel, qual seja o de lutar pelos interesses do estudante de arquitetura em todos os níveis, devido à situação política da Universidade (Decreto 477, censura em geral, etc.)

3) Aceitamos o encargo por considerar que:

a) o Diretório se encontra desorganizado por falta de uma atitude correta em face de uma situação adversa; isto é: ao encontrar obstáculos, não se lutou para superá-los, ao contrário, se os aceitou e se recuou diante deles;

b) não acreditamos no capitulacionismo como alternativa, e provam isso todos os Diretórios que perseveraram na luta (não obstante terem sido atingidos pelo 477) aqui e no resto do país;

c) acreditamos que o D.A., como entidade representativa dos estudantes, deve e pode continuar atuando como tal, não obstante as limitações que vem progressivamente sofrendo através da Reforma Universitária.

Num momento em que a situação cultural é imposta de uma maneira crescentemente alienante, torna-se necessária a atuação dos estudantes no sentido de desenvolver e lutar por uma cultura verdadeiramente nossa.

Num momento em que 60% da população brasileira tem menos de 21 anos de idade, e que essa parcela da população recebe uma formação cultural alienada da realidade; no momento em que a alienação é a alternativa que se lhes oferece; estando a maioria absoluta da população brasileira marginalizada; nesse momento torna-se necessário que todos aqueles que têm consciência desse estado de coisas e que estão do lado da imensa maioria da população brasileira, participem e criem um processo sócio-cultural realmente brasileiro.

Dentro do exposto, reafirmamos que há muito trabalho a ser feito no DAFA e que somente com a participação de todos conseguiremos nossos objetivos.

O GABINETE EXECUTIVO